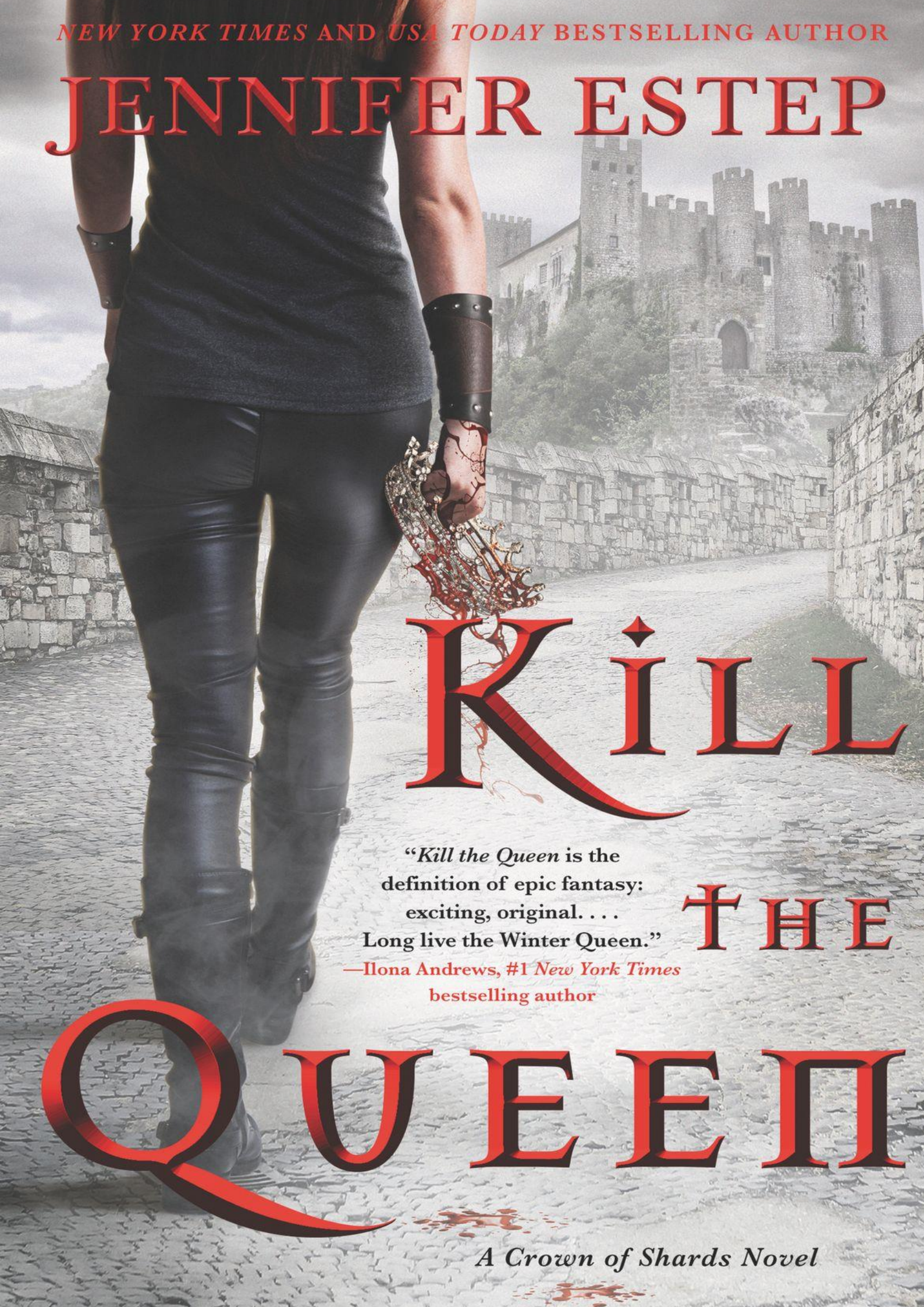

NEW YORK TIMES AND USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
JENNIFER ESTEP
KILL
THE
QUEEN
"Kill the Queen is the definition of epic fantasy: exciting, original. . . . Long live the Winter Queen."
—Ilona Andrews, #1 New York Times bestselling author
A Crown of Shards Novel

Em um reino onde o poder da magia determina o valor da pessoa, a óbvia falta de habilidade de Lady Everleigh a relega às sombras da corte real de Bellona, um reino mergulhado na tradição dos gladiadores. Décima sétima na linha do trono, Evie nada mais é do que um acessório cerimonial, esquecido e quase sempre dispensado.

Mas as forças das trevas estão trabalhando dentro do palácio. Quando sua prima Vasilia, a princesa da coroa, assassina sua mãe, a rainha, e assume o trono à força, Evie também é atacada, junto com o resto da família real. Felizmente para Evie, sua imunidade secreta à magia a ajuda a escapar do massacre.

Forçada a se esconder para sobreviver, ela se envolve com uma tropa de gladiadores. Embora usem seus talentos para divertir e entreter as massas, os gladiadores são na verdade guerreiros altamente treinados, hábeis na arte da guerra, especialmente Lucas Sullivan, um mago poderoso com segredos próprios. Incerta de seu futuro – ou se terá um – Evie começa a treinar com a tropa até que possa decidir seu próximo passo.

Mas quando a sanguinária Vasilia exerce seu poder, levando Bellona à beira da guerra, o destino de Evie se torna claro: ela deve se tornar uma gladiadora formidável… E matar a rainha.

KILL THE QUEEN



A CROWN OF SHARDS NOVEL

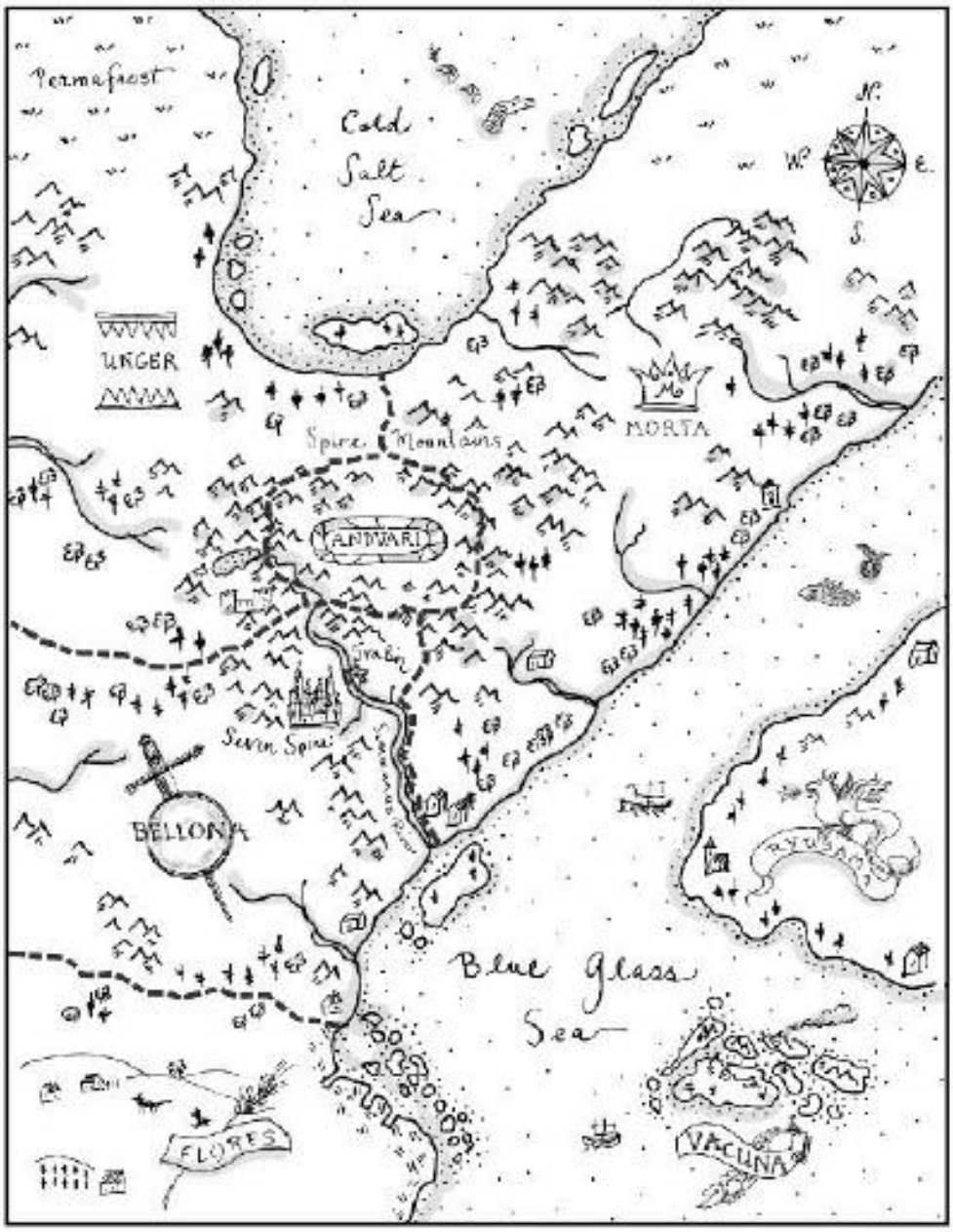
JENNIFER ESTEP

Rainhas Summer são belas e justas,
Com lindas fitas e flores no cabelo.

Rainhas Winter são frias e duras,
Com coroas foscas feitas de fragmentos de gelo.

- Rima de conto de fadas de Bononan

MAPA


Permafrost
Cold
Salt
Sea
N.
W.
E.
S.
UNGER
MORTA
Spire Mountains
ANTWARI
Severn Spire
BELLONA
RYUMARA
Blue Glass
Sea
FLORES
VACUNA

Parte 01

O MASSACRE REAL



Capítulo 01

O dia do massacre real começou como qualquer outro.

Comigo fazendo algo completamente, totalmente inútil.

— Por que *eu* tenho que fazer a torta? — resmunguei.

Olhei para a farinha, o açúcar e a manteiga alinhados na mesa, junto com xícaras e colheres, uma faca, um rolo de macarrão e tigelas cheias de cranberries doces e maçãs crocantes.

Isobel acenou com a mão para tudo. — É um sinal de respeito um membro da família real fazer a tradicional torta de boas-vindas para o embaixador de Andvarian. Lord Hans solicitou cranberry e apple para o almoço de hoje.

— Você é a mestre cozinheira, não eu — resmunguei novamente. — Você deveria fazer a torta. Sua magia fará com que pareça e tenha um gosto incrível.

Mestres eram aqueles cuja magia os deixava trabalhar com objetos ou elementos específicos, como metal, vidro e madeira, para criar coisas surpreendentes. O poder de Isobel ajudava a criar sobremesas incríveis com farinha comum, açúcar e manteiga, e era por isso que ela era padeira chefe no palácio Seven Spire por mais de vinte anos.

Ela colocou as mãos nos quadris. — Posso ser uma mestre cozinheira, mas os Andvarians têm sentidos sintonizados. Eles saberiam se eu fizesse a torta em vez de você. Eles podem farejar as intenções de cada pessoa que

cuida da comida, mesmo que seja apenas o servente que serve o vinho. Está uma das razões pelas quais eles não podem ser envenenados.

Eu bufei. — Isso é apenas um conto de fadas antigo iniciado pelos próprios Andvarians para impedir que as pessoas tentem envenená-los. Eles não têm sentidos melhores do que qualquer outro. Apenas simplórios como eu tem esse tipo de magia. — Eu bati no meu nariz. — Posso ter um olfato melhorado, mas nem sempre consigo farejar as intenções das pessoas.

Isobel franziu a testa. — Você sabe que eu não gosto dessa palavra, especialmente quando ela é aplicada a você.

Ao contrário dos mestres, que eram procurados e elogiados por suas habilidades impressionantes, os simplórios não eram, simplesmente porque nossa magia não nos deixava criar nada. A maioria dos simplórios só tinha uma pequena centelha de poder, uma minúscula cintilação que melhorava algo sobre eles, como meu nariz supersensível. Algo que mal se qualificava como magia, especialmente quando comparada com os merengues, bolos açucarados, e outras iguarias que Isobel preparava. Quando se tratava de magia, os simplórios eram considerados muito mais fracos e de longe, muito inferiores aos mestres, magos e metamorfos. Assim como os *simplórios*.

Dei de ombros. — Nós duas sabemos que sou definitivamente uma simplória em todos os sentidos da palavra.

Isobel estremeceu, mas não discordou.

— Além disso, Lorde Hans tem a constituição de uma gárgula. Eu o vi comendo rabanetes como se fossem tão doces quanto aquelas maçãs. Ora, eu poderia derramar um copo alto e gelado de veneno de verme e não lhe daria muito mais do que uma dor de estômago. E uma bem insignificante.

Os lábios de Isobel se contorceram, mas ela deu um olhar severo, tentando me manter na linha. Sempre uma batalha perdida. Eu era bastante incorrigível assim.

— Independentemente, você precisa fazer a torta, Lady Everleigh. Você era a única que estava, ah, acessível.

— Oh, realmente? — arqueei uma sobrancelha, e Isobel afastou seu olhar castanho escuro do meu.

Acessível? Bem, essa era uma boa maneira de dizer que era mais uma vez para eu ganhar meu sustento como Lady Everleigh Saffira Winter Blair. Um bocado de nomes extravagantes que significavam muito pouco no grandioso esquema das coisas, mas eles, e a linhagem que os acompanhava, eram bons o suficiente para minha prima, a Rainha Cordelia Alexandra Summer Blair, fazer com que eu agisse como um macaco treinado sempre que um chamado de presença real era necessário. Como desperdiçar uma manhã assando uma torta para algum embaixador estrangeiro que provavelmente não comeria nada.

Isobel estremeceu novamente, fazendo com que as linhas se aprofundassem em sua pele bronzeada, então alisou o seu cabelo preto grisalho do jeito que ela sempre fazia quando tinha más notícias. — Receio que não seja apenas uma torta. Lorde Hans pediu treze delas. É a sobremesa favorita dele. A neta do rei de Andvarian adora também. Ela também faz parte da comitiva do embaixador. Eu acredito que o nome dela é Gemma.

Olhei para as pilhas de formas de torta meio escondidas atrás das tigelas de maçãs. Raiva picou meu coração por eu sempre ser a escolhida para essas tarefas, mas a picada aguda foi rapidamente substituída pela aceitação fria e entorpecente.

Tal era a vida em Seven Spire.

Essa era a *minha* vida no palácio de qualquer maneira, desde que eu cheguei aqui depois que meus pais foram assassinados quinze anos atrás. Esperava-se que eu fosse aonde me mandassem, e fizesse o que pedissem, tudo enquanto usava um sorriso radiante e pronunciava superficialidades floridas sobre o quanto eu era grata pela generosidade escassa e miserável de todos. Os órfãos não podiam ter escolhas, ambições ou, mais especialmente, opiniões. Eu aprendi isso há muito tempo, mas era a única coisa que eu nunca conseguia aceitar, não importa quantos protocolos sem sentido, sutilezas vazias e trabalho educado que era esperado reiterar, regurgitar e executar sob comando.

— Eu esqueci os flocos de laranja. — A voz de Isobel era suave e simpática. — Deixe-me pegar esses e depois nós vamos começar, Evie.

Além dos meus pais, Isobel era a única pessoa que já me chamara de Evie, embora só fizesse quando ninguém mais podia ouvir. Mais protocolo idiota. Ela também era uma das poucas pessoas que era gentil comigo não porque ela tinha que ser, mas porque simplesmente queria ser. Quando eu era mais jovem, passei incontáveis horas nesta cozinha, sentada no canto, lendo livros e vendo-a transformar montes de farinha e quilos de açúcar em exibições deslumbrantes de delícias de confeitaria.

Isobel se referiu a mim como seu testador de sabor, já que meu senso de olfato sempre me deixava dizer como um bolo ficou bom antes de dar uma única mordida, mas isso era apenas uma desculpa para ela me esgueirar. Ela era a coisa mais próxima de uma mãe que eu tive desde que a minha morreu, mas ela ainda precisava fazer o seu dever. E hoje, esse dever incluía fazer eu preparar tortas.

Isobel colocou uma mão quente e reconfortante no meu braço e deu um aperto suave. Então se apressou até uma das copas cheias de xaropes, especiarias e outros temperos.

Nossa estação de fabricação de tortas ficava no canto de trás, longe das outras estações de preparação, bem como o calor competitivo dos fornos e a geada dos resfriadores de metal que revestiam as paredes opostas. Era pouco depois das oito horas, e uma multidão atordoante de pessoas atravessou a cozinha. Jovens pajens entregando pedidos de café da manhã. Jovens servidores carregando bandejas. Cozinheiros mestres quebrando ovos e fritando salsichas defumadas.

Todos usavam botas pretas e leggings, além de túnicas escarlate de manga comprida enfeitadas com fio dourado, de acordo com as cores da Rainha Cordelia. Eu usava a mesma coisa, junto com um avental preto, e me misturava perfeitamente com os trabalhadores.

Então, novamente, eu *era* um deles – em todos os aspectos que realmente importavam.

A maioria dos funcionários da cozinha me ignorou. Eles há muito tempo perceberam que eu era apenas mais uma engrenagem nas rodas do palácio, que eu aparecia, cumpria meu dever e ganhava o meu sustento, o mesmo que eles. Além disso, eles estavam muito mais interessados em

compartilhar as primeiras fofocas do dia, como quem estava dormindo, quem pediu mochana extra para ajudar a ressaca, e quem foi visto escapando desse ou daquele quarto de um lorde casado ou lady.

Alguns dos trabalhadores mais novos me observaram, imaginando se eu poderia lançar um ataque por estar na estação de torta, mas minha expressão permaneceu em branco. Nunca revelo minhas emoções verdadeiras, nem mesmo como um pestanejar, não aqui. Você nunca sabia quem poderia estar assistindo ou o que poderiam fazer com a informação.

A vida no palácio era cruel, com todo mundo sempre procurando uma vantagem sobre seus amigos e inimigos também. Negócios, favores políticos, casamentos arranjados, até algo tão pequeno quanto ter que se sentar à mesa da rainha durante o almoço de hoje. Era tudo um perpétuo campo de batalha, com pessoas subindo e descendo diariamente, bem como esfaqueando outras nas costas para avançar ainda mais suas próprias posições. Da cozinha para a sala do trono, o palácio inteiro era uma enorme arena, só que todos aqui lutavam com palavras contundentes, rumores venenosos e ameaças frias, em vez de espadas, escudos e adagas como os gladiadores de verdade faziam.

Minha posição, magia e riqueza podem ser insignificantes – mais parecidas com inexistentes – comparadas a outras, mas eu ainda era uma Blair, ainda um membro da família real, e fui alvo de mais de um esquema. Pelo menos, até as pessoas perceberem que eu não tinha poder para ajudá-las de alguma forma. Ainda assim, eu não podia mostrar qualquer fraqueza. Não confiar em pessoas, especialmente com meus sentimentos, era uma lição que aprendi do jeito difícil quando eu tinha doze anos, durante o meu primeiro mês no palácio. Era talvez a única coisa, aquela habilidade útil, que dominei completamente.

Ainda assim, os olhares curiosos dos trabalhadores fizeram aquela raiva aguda e ardente surgir em mim novamente. Ameaçou romper minha fachada calma, então eu enrolei minhas mãos ao redor da borda da mesa e foquei na sensação da pedra fria sob as minhas mãos. Granito sólido e resistente, suave e desgastado pelo uso na cozinha.

Desgastado, assim como eu.

Isobel voltou com uma jarra cheia do que pareciam flocos de neve de laranjas cristalizadas. Apesar de estar bem tampado, eu ainda podia sentir o cheiro doce de frutas cítricas lá dentro.

Ela colocou o pote na mesa com os outros suprimentos. — Quando você estiver pronta, Lady Everleigh.

Essa era a maneira suave e sutil de Isobel me dizer que Evie havia partido e que era hora de Everleigh cumprir seu dever.

Mais raiva picou meu coração que eu não poderia ter algo tão simples como um apelido de alguém que eu amava. Por um louco momento, eu pensei em arrancar meu avental e sair da cozinha. Mas Auster, o capitão da guarda da rainha, me localizaria, me daria um longo e severo sermão sobre como minhas ações refletiam mal em Cordelia, e me escoltaria de volta para cá. O que seria muito mais humilhante e demorado do que fazer as malditas tortas agora.

Eu servia ao capricho da rainha, assim como todo mundo. E hoje a rainha queria que eu fizesse treze tortas.

— Dança, macaco, dança — murmurei.

Então suspirei e peguei uma tigela para começar a misturar os ingredientes.

* * *

Duas horas depois, derramei o último recheio de maçã e cranberry na massa de torta e depois peguei os flocos de laranja.

— Você sendo uma mestre cozinheira ou não, o segredo é não exagerar na laranja — instruiu Isobel, da mesma forma que ela fizera nas tortas anteriores. — A maioria das pessoas polvilha os flocos como se fosse sal comum. Mas coloque muita laranja, e isso é tudo que você vai provar. Então vá ao redor da torta uma vez, batendo levemente no pote três vezes com o dedo indicador. Essa é a quantia perfeita.

Fiz o que ela disse, observando os minúsculos e delicados grânulos se fundirem ao recheio de frutas dando um aroma perfumado de flocos de neve. Então respirei fundo, deixando o ar rolar na minha língua e saboreando todo

o perfume. A crosta amanteigada, a fruta açucarada, o toque de laranja que ondulava por tudo. Deliciosos aromas que borbulham e se tornam ainda mais pronunciados, perfumados e intensos quando esta torta e as outras assassem.

Apesar da minha própria visão condescendente da minha magia de simplória, meu olfato melhorado era uma das razões pelas quais eu sempre gravitava em direção a Isobel e à cozinha. Todos os aromas doces aqui tornavam a amarga realidade da minha vida um pouco mais fácil de suportar.

— Perfeito! Essa é minha garota. — Isobel sorriu para mim e eu sorri para ela.

Ela arrumou algumas tiras de crosta no topo do recheio, criando um belo padrão de treliça, depois deslizou a torta no forno. Isobel teve pena e me ajudou a fazer as tortas, embora ela tivesse insistido que eu preparasse o recheio de maçã e cranberry, flocos de laranja e tudo mais, alegando que era a parte mais importante.

Eu frequentemente ajudava Isobel, já que gostava de passar tempo com ela, e a cozinha era um refúgio bem-vindo de outras seções menos amigáveis do palácio. Ela lentamente me transformou em uma cozinheira decente, apesar de eu não ser uma mestra. Mas depois de fazer tantas tortas seguidas, eu tinha todos os ingredientes, medições e movimentos memorizados, e sentia que poderia prepará-las em meu sono agora. Assim como podia me curvar, fazer reverências, dançar e ter um bate-papo educado e informal em vários idiomas. E aquelas eram apenas algumas das muitas habilidades triviais que eu aprendi como a substituta real não oficial.

Enquanto a Rainha Cordelia e o resto dos meus primos Blair lidavam com embaixadores e afins, eu participava de todas as funções que eles não podiam, devido a sua tão importante e excessivamente agenda lotada.

Café da manhã de recitais, almoços de caridade, chás da tarde. Fui a todos aqueles e mais a cada semana, tanto aqui no palácio quanto na cidade. Na maioria das vezes, não era tão ruim. Normalmente, tudo que eu deveria fazer era sorrir, acenar com a cabeça e apertar as mãos, além de agradecer às pessoas pelo tempo, admirando sua música, obras de arte, ou bens, e dando discursos curtos e excepcionalmente vagos sobre quão decepcionada a Rainha

Cordelia estava por não poder participar. No mínimo, eu quase sempre tenho uma refeição grátis no processo.

Mas até isso poderia ser perigoso. Alguns meses atrás, quando o terceiro primo do rei de Vacuna visitou as ilhas do sul, eu participei de uma festa tradicional – uma que envolvia comer o fígado cru de um javali recém-morto.

Sob o olhar atento e a direção cuidadosa do primo do rei, eu abri a lateral do javali e vasculhei todos os tipos de coisas viscosas e macias, deixadas para a imaginação. O fedor de sangue e tripas quase me derrubou, mas encontrei o fígado, retirei e comi a menor fatia que foi considerada educada. Então, enquanto o primo do rei e o resto de sua comitiva foram entusiasticamente cortar e grelhar o resto do javali, eu escorreguei e vomitei no vaso dourado de caquizeiro que eles trouxeram para a rainha como um sinal de amizade. Era o recipiente mais próximo, e mudei a sujeira ao redor do vaso para esconder o que eu fiz. O primo do rei ficou muito desapontado pela árvore ter morrido alguns dias depois.

Dada a minha magia, aromas e lembranças eram muitas vezes entrelaçados em minha mente, e pensar no fígado fez meu nariz se contorcer. De repente, os cheiros doces e sedutores das tortas tornaram-se azedos e podres. Então eu juntei as tigelas sujas, colheres e xícaras de medição, joguei-as na pia mais próxima, e tirei meu avental.

— Aqui. — Isobel empurrou um saco de papel vermelho em minhas mãos. — Algumas tortas de ameixa. Para você e aquele velho rabugento na masmorra.

— Lançando calúnias na reputação de Alvis de novo?

Ela bufou. — Elas não são calúnias se são verdadeiras. E ele é o homem mais rabugento que eu já conheci.

Sorri abertamente. — E Alvis chamaria você daquela velha animada da cozinha.

Isobel bufou novamente. — Melhor animada do que rabugenta...

Sussurros surgiram pela sala, interrompendo-a. Ao longe, saltos bateram no chão, como trovão sinalizando uma tempestade que se aproximava. Todos pararam de fofocar e se concentraram em seu trabalho,

concentrando-se como nunca se concentraram antes. Toda a conversa cessou e a cozinha ficou mortalmente silenciosa, exceto pelos *thwack-thwack-thwacks* de facas cortando alimentos e *tick-tick-ticks* dos temporizadores contando os minutos restantes para as tortas assarem.

Uma mulher de quarenta e poucos anos apareceu na entrada da cozinha. Ela também usava uma túnica escarlate, mas a dela exibia o cume do sol nascente da Rainha Cordelia costurada em fios dourados sobre o coração. Sua túnica também foi adaptada para caber sua forma forte e esbelta, juntamente com suas leggings pretas e saltos pretos baixos que adornavam seus pés, em vez de botas mais sensatas. Tudo sobre ela era elegante e afiado ao mesmo tempo, desde o coque loiro até as maças do rosto angulares e a ponta do nariz. Ela teria sido muito bonita, se não fosse pelo franzir dos lábios, como se estivesse perpetuamente descontente com todos ao seu redor.

Maeven, a administradora da cozinha, examinou o lugar, seu olhar se movendo de um trabalhador e estação de cozinha para o próximo. Depois de vários segundos de escrutínio silencioso, ela estalou os dedos para os três guardas que estavam de pé atrás dela, segurando caixas de madeira cheias de garrafas. — Por que vocês estão aí parados? Coloque-as no chão e vão buscar as outras na adega. Eu quero o resto do champanhe para o almoço imediatamente.

Os guardas abaixaram as caixas e se retiraram apressadamente.

Maeven estalou os dedos para alguns dos jovens servidores. — Vocês três. Vá ajudá-los.

Ela não levantou sua voz suave e sedosa, mas os três servidores ainda se encolheram e se afastaram, quase tropeçando em seus próprios pés com pressa. Maeven dirigia a cozinha há mais de um ano, desde que o administrador anterior se aposentou, e os trabalhadores aprenderam rapidamente que o dela era um punho de ferro no seu melhor e mais delicado dia.

— O embaixador Andvarian é um dignitário importante e quero que tudo seja perfeito para o almoço — falou Maeven. — Entendido?

Os trabalhadores abaixaram a cabeça, evitando seu olhar. Maeven assentiu, satisfeita por ter intimidado todos em contínua obediência. Ela

olhou ao redor da cozinha novamente e me notou de pé com Isobel. Seu olhar cortou para as caixas de champanhe, mas ela colocou um sorriso no rosto e aproximou-se de nós.

— Chegando. — Isobel recuou, pegou um pano de prato molhado e começou a limpar a farinha da mesa, deixando-me para enfrentar sozinha a administradora da cozinha.

— Covarde — sussurrei.

Isobel sorriu e continuou trabalhando.

Maeven parou na minha frente. De perto, ela era ainda mais bonita, especialmente seus profundos e escuros olhos de ametista. — Lady Everleigh. Não percebi que você estava... visitando a cozinha.

Visitando? Essa era a maneira de Maeven dizer que esse era o território dela, não meu, e que enquanto minha presença era tolerada, nunca seria verdadeiramente bem-vinda. Como se eu precisasse de outro lembrete da minha posição humilde.

Colei meu sorriso suave e benigno de sempre no meu rosto, combinando com sua suposta polidez. — Sim, eu tive que fazer as tortas para o embaixador Andvarian. É tradição.

— Oh, sim, as tortas.

O olhar de Maeven passou por mim e seus lábios se enrugaram novamente. Nem uma partícula de farinha, açúcar ou qualquer outra coisa marcava sua túnica, mas o mesmo não podia ser dito de mim. Grânulos de açúcar se agarravam aos meus dedos como areia pegajosa enquanto manchas de farinha riscavam minhas roupas como listras de tinta calcária. Além disso, vários fios do meu cabelo negro escaparam da trança e caíram pelos lados do meu rosto. Soprei um dos fios para fora do caminho, mas é claro que caiu novamente.

O rosto de Maeven se abriu, como se algum outro pensamento muito mais agradável a tivesse distraído da minha aparência desleixada. Ela acenou com a mão para as caixas. — Posso te oferecer um pouco de champanhe? Eu adoraria obter uma opinião real sobre isso. Além disso, você está sempre... provando coisas para Isobel.

Pode ter soado como um pedido inocente, mas a suspeita me encheu. Maeven nunca me pediu para provar qualquer coisa. Além disso, que tipo de pessoa ela achava que eu era? Eram apenas dez horas. Até o primo Horatio, o bêbado da família Blair, não beberia champanhe a essa hora. Ele esperaria até às onze pelo menos.

— Você é a especialista. Tenho certeza de que o champanhe que você escolheu será ótimo. Mas muito obrigada pela oferta.

Desapontamento brilhou em seus olhos, mas ela sorriu para mim novamente. Bem, tanto quanto ela sorria qualquer um. — Eu vou guardar um copo para você.

— Isso é adorável.

Os guardas e os servidores voltaram com mais caixas. Maeven inclinou a cabeça para mim, em seguida, caminhou até eles, seus calcanhares apunhalando no chão. Ela pegou uma das garrafas e examinou o rótulo.

Ela assentiu satisfeita, depois soltou mais ordens.

— O que foi aquilo? — murmurei para Isobel, que havia acabado de limpar a mesa.

Ela olhou para a outra mulher. — Eu não sei, mas não gosto disso. Você deveria ir agora, enquanto ela está distraída.

— Posso cuidar de mim mesma, mesmo contra exigentes administradores de cozinha.

Em vez de sorrir da minha piada, Isobel franziu a testa. — Há algo não muito certo sobre essa mulher. Talvez porque ela é de Morta. Eu nunca gostei de Mortans. Sempre invadindo, sempre tentando conquistar mais terras que não lhes pertencem.

— Só porque ela é de outro reino não faz dela automaticamente má.

— Não — disse Isobel. — Mas isso não faz dela uma amiga também.

— Tenha cuidado com esse tom mal-humorado. — provoquei. — Você está começando a soar como Alvis.

Ela bufou. — Eu teria que dizer algo muito pior e por muito mais tempo para soar como Alvis.

— Sim, você teria. Mas você sabe como ele fica mal quando estou atrasada. Eu vou te ver no almoço, ok? Guarde para mim um pedaço de torta.

— Claro. Você merece, Evie.

Pisquei para ela, então saí da cozinha. Meu caminho sinuoso pelos pajens, servidores e mestres cozinheiros me levou para perto de onde Maeven examinava aquelas garrafas. Nossos olhares se encontraram e ela inclinou a cabeça para mim novamente. Eu retornei o gesto, então passei por ela.

Cheguei às portas de vaivém que levavam para fora da cozinha. Comecei a empurrá-las, mas alguma coisa me fez parar e olhar para trás por cima do meu ombro. Maeven ainda estava me observando, seus dedos enrolados em volta de uma garrafa de champanhe. Suas unhas escuras e pintadas eram da mesma cor dos olhos e pareciam garras de ametista tentando atravessar o vidro verde.

Maeven sorriu para mim uma última vez, depois se virou e recolocou a garrafa na caixa com as outras. Três sorrisos em uma manhã, nenhum dos quais chegou perto de alcançar ou aquecer seus olhos. Isobel estava certa. Definitivamente não era uma amiga.

Mas isso não era novidade em Seven Spire.



Capítulo 02

Meus deveres, reais ou não, não estavam terminados para o dia. Então eu deixei meu desconforto com Maeven para trás na cozinha e caminhei pelos corredores espaçosos que compunham as áreas comuns no primeiro andar de Seven Spire.

O palácio era a joia da coroa de Svalin, a capital do reino de Bellona. Seven Spire era originalmente uma mina, onde os trabalhadores tinham cinzelado tearstone, fluorestone, e mais da montanha. Mas graças a Ophelia Ruby Winter Blair, uma mestra de pedra que foi um dos meus ancestrais, a mina transformara-se numa maravilha de mármore, granito e tearstone. Ao longo dos anos, o palácio foi ampliado e expandido, até agora era praticamente uma montanha e uma cidade em si mesmo.

Seven Spire me lembrava de um dos elaborados bolos de Isobel. Uma base larga e resistente, com escadas de pedra e elevadores de metal subindo tanto por dentro como por fora, como cordões de gelo e fitas de açúcar endurecido. O palácio subia em espiral pelo lado da montanha, com varandas e terraços adornando cada nível, antes de afilar em uma série de sete torres de pedra altas que pareciam perfurar o próprio céu. Daí o nome Seven Spire.

Eu parei em uma das janelas. Lá embaixo, o rio Summanus brilhava como um tapete espumoso de safiras e diamantes que caíram das Montanhas Spire circundantes. Sete pontes de paralelepípedos se projetavam do palácio, atravessavam o rio e conduziam à cidade. Do outro lado da água, edifícios de

todas as formas e tamanhos estendiam-se, a maioria coberto com pequenas versões metálicas das torres do palácio. Eu adorava a vista à noite, quando as luzes da cidade refletiam as espirais, fazendo-os brilhar como ouro, prata e bronze em uma árvore de natal.

Um barco de roda de pás branco com o nome *Delta Queen* pintado na lateral se arrastava ao longo do rio, aproximando-se lentamente de uma arena enorme, redonda e abobadada perto da borda da cidade. Eu olhei, mas não consegui distinguir os símbolos das bandeiras brancas que voavam em cima das torres da cúpula que me diziam qual grupo de gladiadores chamava aquela arena de casa.

As tropas de gladiadores eram toda a fúria em Andvari, Unger, Morta e os outros reinos. Pergunte a qualquer um e eles orgulhosamente diriam a você quem era seu gladiador favorito, quais tropas arraigavam nas várias ligas e campeonatos, e que gladiadores e tropas eles desprezavam totalmente.

Mas as tropas de gladiadores tinham uma popularidade especialmente frenética e um significado especial aqui em Bellona. Era uma vez, Bryn Bellona Winter Blair foi uma gladiadora humilde que subiu através das fileiras para unir as regiões díspares em um reino, o qual foi chamado Bellona em sua honra. Bryn também havia expulsado os invasores Mortan e derrotado o rei Mortan em um combate um contra um, no verdadeiro estilo de gladiador. Ela foi coroada a primeira rainha de Bellona por sua força, bravura e astúcia, tanto dentro como fora do círculo de gladiadores.

As histórias sobre Bryn eram algumas das minhas favoritas. Quando eu era mais jovem, tentei ser tão forte, corajosa e feroz quanto ela, embora a vida no palácio tivesse me tornado rapidamente fria, amarga e cansada em vez disso.

Eu nunca fui a um dos shows de gladiadores, mas ouvi falar muito sobre eles. Parte circo, parte esporte de espectador, parte de combate. A maioria das lutas era bem calma, com os gladiadores apenas tirando o primeiro sangue ou lutando contra gárgulas, strixes e outras criaturas. Mas de vez em quando, um jogo de círculo preto era anunciado, seja entre duas tropas rivais ou às vezes até entre dois gladiadores do mesmo grupo, para o

deleite das massas, que pagaria muito para ver os guerreiros batalharem até a morte.

O barco de roda de pás passou pela arena abobadada e desapareceu de vista, então eu segui em frente.

A luz do sol entrava pelas janelas e refletia os fios de ouro, prata e bronze que percorriam as tapeçarias que cobriam as paredes de granito cinza escuro. O chão era feito da mesma pedra, embora tivesse sido polida até um brilho alto e liso. Suportes de madeira cobertos com caixas de vidro alinhavam-se nas paredes, cada uma ostentando alguma estátua histórica, espada ou outro tesouro. As joias nos artefatos queimavam tão brilhantemente quanto olhos de uma gárgula à luz do sol.

Mas as coisas mais impressionantes dentro do palácio eram as colunas.

Elas costumavam ser os suportes para os antigos túneis de mineração, embora sempre parecessem mais os ossos de uma grande criatura mitológica para mim. Algumas das colunas eram esbeltas o suficiente para eu envolver meus braços, mas a maioria eram monólitos maciços, e eles eram grossos quanto sete homens de pé ombro a ombro. Se eles eram estreitos ou largos, curtos ou altos, todas as colunas eram cobertas com figuras que celebravam a história de Bellona.

Gladiadores segurando espadas e escudos. Lanças que disparavam do chão ou caíam do teto como se estivessem se aproximando dos alvos. Gárgulas de pedra estendendo suas asas e apontando os chifres grossos e curvos em suas cabeças para as strixes, enormes pássaros semelhantes a falcão com penas metálicas, bicos e garras afiadas. Caladriuses pairando acima de todos, seus minúsculos corpos de coruja escondendo seu verdadeiro poder.

Todas as colunas eram feitas de tearstone, o que era incomum na medida em que podia mudar de cor, a partir de uma luz, brilhante cinza estrelado para um escuro e profundo azul da meia-noite, dependendo da luz solar e outros fatores. A cor inconstante da tearstone trazia os gladiadores e criaturas à vida, fazendo parecer que eles circulavam em torno das colunas em uma batalha contínua pela vitória e pela supremacia. Colunas semelhantes também adornava o exterior do palácio, apoiando a estrutura.

Eu tinha apenas doze anos quando cheguei aqui da propriedade dos meus pais no norte, e fiquei apavorada com as figuras bruxuleantes, apesar do brilho constante das luzes de fluorestone embutidas nas paredes. Eu não percebi naquela época que as colunas eram apenas colunas – e que eram as pessoas dentro do palácio quem poderia realmente me machucar.

Em um dia normal, todos estariam por aí, conduzindo seus negócios. Servos carregando alimentos e bebidas para reuniões dos administradores do palácio, contadores e senadores distritais encarregados de administrar tudo, desde Seven Spire até a cidade de Svalin e o resto de Bellona. Guardas patrulhando os corredores. E nobres, é claro, senhores e senhoras com dinheiro, poder, privilégio e acesso, tentando obter melhores favores e negociar acordos melhores com qualquer mordomo, contador, senador ou nobre que eles estavam alvejando.

Mas era sábado, o que significava que o trabalho da semana estava concluído e o único evento programado era o almoço. Então os corredores estavam vazios, exceto por alguns guardas e servos fazendo suas rondas, embora a área fosse encher mais tarde.

Desci vários degraus até chegar ao nível mais baixo do palácio, enterrado no fundo do leito rochoso da montanha. A masmorra, como Isobel chamava. Neste subterrâneo profundo, eu estava mais perto do rio do que do céu, e o ar parecia frio e enevoado. Os fluorestones agrupados nos cantos do teto criavam mais sombras do que baniam, mas não me importei com o silêncio sombrio, ou o estranho eco das minhas botas nas lajes. A quietude fria era um alívio bem-vindo depois do calor, comoção e tensão da cozinha.

Parei em frente a uma porta de cacos de vitrais azuis, pretos e prateados, os quais se juntavam como peças de quebra-cabeça para criar uma floresta congelada. Admirei a cena artística, então bati os nós dos dedos na porta, girei a maçaneta e entrei.

A porta se abriu em uma oficina que tinha a forma de uma estrela de oito pontas. Uma mesa coberta com cortadores de metal, alicates e pilhas de panos suaves de polimento ocupava o centro da sala circular, enquanto corredores estreitos e curtos levavam a oito pequenos recantos de espaço adicional. Ao contrário do corredor sombrio do lado de fora, várias fileiras de

fluorestones estavam embutidas no teto baixo, todas em chamas de luz, como se alguém tivesse posto pequenos sóis no granito escuro.

A luz inundou toda a oficina, incluindo os oito recantos com suas vitrines cheias de pedras e metais preciosos enfiados nos cantos. Cada vitrine estava classificada por cor, a partir do primeiro guardando apenas os diamantes mais claros e mais brancos e armações de prata até as últimas pedras de ônix da meia-noite e barras mais negras de ferro frio. Rosas, amarelos, vermelhos, verdes, roxos, azuis. Gemas e metais em todas essas cores brilhavam e cintilavam nas outras vitrines, fazendo parecer que eu havia entrado em um arco-íris de joias.

Um homem estava empoleirado em um banquinho na mesa, a cabeça baixa, mirando a lâmpada de fluorestone presa a sua testa em seu mais recente projeto. Cabelo ondulado e salpicado de branco em torno da faixa de couro que ancorava a luz em sua cabeça, e sua pele era quase da mesma cor que as lascas de ônix polido espalhadas sobre o tecido branco perto do seu cotovelo.

O homem não levantou a cabeça nem deu uma saudação. Alvis não era bom em educação ou protocolo. Em vez disso, ele olhou através da grande lupa autônoma em cima da mesa e usou a pinça na mão para tirar um dos fragmentos de ônix do tecido. Então se curvou e jogou o fragmento no espaço apropriado da peça na frente dele.

Só quando ouvi o barulho suave da gema deslizando no lugar eu me afastei da porta, me aproximei e coloquei o saco de tortas de ameixa que Isobel me dera sobre a mesa. Então me inclinei sobre seu ombro e olhei através da lupa.

Um broche em forma de rosa cintilando com pétalas de diamante rosa, folhas de esmeraldas e espinhos de ônix estava posicionado em uma bandeja de trabalho acolchoada. A lupa me permitiu ver todos os detalhes requintados em um foco super nítido, desde os diamantes em forma de coração até as lascas finas como agulha de ônix e a delicada filigrana gravada na armação de ouro.

— Design agradável — murmurei. — Apesar de todos esses diamantes rosa serem um pouco demais. Eu teria usado os velhos e simples rubis.

— E quantas vezes eu te disse que não somos pagos para pensar? — resmungou Alvis. — Somos pagos para projetar o que o cliente quer, até as pedras de cores berrantes.

Ele pegou outro pedaço de ônix e o jogou no próximo espaço aberto. Ele esperou a gema se encaixar no lugar, em seguida, estendeu a mão e acenou sobre a peça. O cheiro de magia surgiu sobre o broche e pequenas pontas de ouro enrolaram para segurar os estilhaços de ônix no lugar.

Alvis era um mestre de metal que estava em Seven Spire por mais de trinta anos. Originalmente de Andvari, ele decidiu há muito tempo que preferia usar sua magia para moldar as joias preciosas e metais que seus conterrâneos tiravam de suas minas ao invés de tirá-las do chão ele mesmo. Então ele deixou sua terra natal e conseguiu uma designação em Seven Spire como joalheiro real, fazendo peças para os nobres, senadores e qualquer outra pessoa que pudesse pagar por elas.

Conheci Alvis cerca de um mês depois de eu ter ido ao palácio, depois que testes rigorosos determinaram que eu era uma simplória com apenas um senso de olfato melhorado e nenhuma outra magia. É claro que isso não era verdade, de modo algum, mas o assassinato dos meus pais me ensinou a manter meu outro poder para mim, para que ninguém tentasse usá-lo – e a mim – para seus próprios fins maléficos.

Desde que eu era uma órfã sem família próxima, dinheiro ou poder, eu fui obrigada a aprender um ofício para ajudar a compensar o custo da minha educação e manutenção reais. Daí meu aprendizado com Alvis. Você não precisava de magia para lapidar joias ou torcer metal, e Alvis era notório por trocar de aprendizes como as damas trocavam vestidos de baile. Algumas horas de trabalho era tudo o que levava para afastar meninos e meninas soluçando de sua oficina, jurando nunca mais voltar.

Alvis não gostava de ter outro aprendiz impingido a ele, especialmente não uma garota real que continuou tendo que sair para assistir a uma função boba após a outra. Ele não disse uma única palavra para mim durante os primeiros três meses em que trabalhei aqui. Ele apenas grunhiu e apontou para qualquer joia, metal ou ferramenta que ele queria que eu buscasse. Eu estava tão desolada com a morte dos meus pais, e a cruel traição que veio em

seguida, que não me importei com seu comportamento rabugento. Seu mau humor silencioso combinava perfeitamente com meu humor sombrio.

Ainda assim, estar em torno de todas as joias resplandecentes e cintilantes de metal ajudou a me tirar de meu desgosto, e fiquei curiosa o suficiente para começar a brincar com as gemas e configurações, tentando moldá-los em algo bonito do jeito que Alvis sempre fazia. Claro, ele rosnou para eu parar, mas eu era tão teimosa quanto ele, e o desgastei, importunando-o com perguntas e fazendo uma bagunça das coisas até que ele finalmente decidiu que seria muito melhor me ensinar tudo o que sabia.

Eu nunca seria uma verdadeira mestra como Alvis, e minhas peças eram imitações pálidas das dele, mas gostei do trabalho. Escolher as joias certas e o metal e depois dobrar, torcer e moldar em algo novo me acalmou. Eu senti como se estivesse trazendo um pouco de beleza para a vida de alguém, pequena bugiganga que os lembraria de um momento especial e lhes traria prazer nos próximos anos. Isto me deu uma sensação de realização e me fez sentir útil de uma forma que ser a substituta da realeza em todos aqueles recitais, almoços e chás entediantes não fez.

Além disso, eu gostava do dinheiro.

Eu poderia ser prima da rainha, mas ainda deveria pagar pelo meu modesto quarto e alimentação, e ser a aprendiz de joalheiro real pagava muito bem. Além disso, Alvis me deixou manter todo o dinheiro que ganhei por qualquer peça que eu encomendasse, fizesse e vendesse, menos os custos de fornecimento. Graças a influência de Isobel e meu próprio trabalho duro, eu tinha bons negócios com o pessoal da cozinha. Mesmo alguns dos mais pobres, er, nobres menores, começaram a pedir peças minhas.

Dado o meu aprendizado, eu estava bem familiarizada com estilo e frivolidade, e vi mais do que um nobre enviado para fora do palácio em desgraça após esbanjar sua riqueza. Minhas finanças eram uma das poucas coisas que eu poderia controlar, e eu guardava cada centavo que podia, adicionando-os à minha conta no banco real. Meu plano era pegar todos esses centavos, voltar para a propriedade da minha família e restaurar a sua antiga glória, além de abrir a minha pequena joalheria. Eu estava economizando para esse objetivo por anos, e estava quase pronta para torná-lo uma realidade.

Tudo o que eu precisava fazer era conseguir a permissão da rainha para sair, algo que eu estava tentando garantir nos últimos três meses. Mesmo que eu fizesse vinte e oito anos no final deste ano, ela ainda era minha guardiã oficial. Mas é claro que a rainha estava ocupada, e eu ainda precisava achar um horário em sua agenda. Talvez eu pudesse falar com ela no almoço.

Eu estava esperando que Alvis e Isobel viessem comigo. Winterwind, a propriedade da minha família, ficava a poucos quilômetros de Andvari e não tão longe de Unger. Eu queria cuidar deles como eles cuidaram de mim, e seria um bom lugar para eles viverem seus anos dourados. Além disso, seus constantes ataques verbais ajudariam a mantê-los jovens e vigorosos. Certamente fez isso durante os anos que estiveram no palácio.

Alvis colocou as últimas lascas de ônix no lugar, depois passou a mão sobre o broche novamente. Desta vez, o cheiro de sua magia passou pela oficina, muito mais forte do que antes, queimando meu nariz com a sua intensidade súbita e aguçada.

A maioria das pessoas – ou pelo menos suas emoções – cheirava a comida. Raiva apimentada, tensão a vinagre, alho culpa. Mas não Alvis. Ele cheirava a metal, misturado com pedra esmagada e um forte toque de magia, como se ele tivesse trabalhado com tanto ouro e prata que suas essências se infiltraram em sua pele.

Alvis baixou a mão e o cheiro de sua magia desapareceu. Espiei através da lupa novamente. As pontas de ouro se enrolaram no lugar, terminando o design, e os diamantes rosa iluminaram um por um, cada gema brilhando muito mais intensamente do que a anterior.

Alvis não só era um mestre que podia dobrar e moldar metal, mas também podia infundir sua magia nas pedras. A maioria das joias podia absorver magia, mas elas refletiam de maneiras diferentes, adicionando e aumentando o poder e as habilidades de seus usuários. Rubis irradiavam força, esmeraldas aumento de velocidade e afins.

Os diamantes cor-de-rosa refletiam a beleza. O broche de rosa era adorável por si só, mas graças a magia agora pulsando através dos diamantes, faria seu portador parecer mais bonito também. Uma magia sutil e um pequeno glamour, mas que os clientes de Alvis pagavam generosamente.

— Muito bom — disseeu quando os diamantes diminuíram a sua cor normal. — Eles absorveram um pouco do seu poder. Esse glamour deve durar mais de um ano, mesmo que o cliente use o broche todos os dias.

— Você deveria saber — respondeu ele. — Você escolheu essas pedras na semana passada.

A maioria das pessoas zombava da minha magia simplória, mas Alvis nunca fez, porque era bastante útil ao escolher quais gemas colocar em quais partes. Alvis pode ser um mestre de metalstone, mas tudo que eu precisava fazer era cheirar uma bandeja de joias, e minha magia simplória me diria quais pedras já tinham faíscas de magia dentro delas, contra aquelas que tinham pouca ou nenhuma faísca. Joias com mais faíscas inatas tinham mais potencial e iria absorver, armazenar e refletir de volta muito mais magia, deixando Alvis fabricar peças mais poderosas – e cobrar preços muito mais altos por elas.

— E eu fiz um excelente trabalho, como sempre.

Alvis afastou meu autoelogio arrogante, mas os cantos de sua boca se levantaram em um sorrisinho. Então ele olhou para mim e seu rosto se enrugou em sua expressão habitual. — O que você tem feito? Rolando em farinha?

Olhei para as manchas brancas que cobriam minha túnica. — Algo parecido.

— Um pajem desceu antes de você. A rainha quer uma pedra de memória de opala no almoço de hoje. — Ele balançou a cabeça. — Não sei por que ela iria querer gravar aquele buraco de víboras.

— Essas víboras são minhas primas.

Ele bufou. — E eles morderiam, envenenariam e matariam se pudessem, tudo para agradar mais Cordelia.

Ele não estava errado. A vida no palácio sempre foi cruel, especialmente entre os Blairs.

— O pajem disse por que Cordelia queria a pedra da memória?

— Não. — Alvis encolheu os ombros. — Mas provavelmente tem algo a ver com os rumores de que ela planeja anunciar o noivado de Vasilia com o príncipe Andvarian.

Meu estômago torceu com a menção da princesa, mas a teoria de Alvis fazia sentido. Havia boatos há meses de que a Rainha Cordelia queria fortalecer as relações entre Bellona e Andvari e um casamento real seria a melhor maneira de fazer isso. Alvis não foi o primeiro a especular que a principal razão para a visita dos Andvarians era anunciar formalmente o noivado – algo que Vasilia se opunha veementemente. A princesa da coroa pensava que Bellona deveria negociar com Morta, não ajuda a proteger Andvari do outro reino maior. Ela propôs vários novos acordos comerciais com Morta, todos os quais vetados pela rainha, e as relações entre filha e mãe estavam frias há meses.

Alvis apontou para a mesa no canto que eu usava. — Preparei a pedra. Eu tenho trabalho a fazer, então você também terá de levá-lo para o almoço.

— Você não vem? Pensei que Cordelia pessoalmente te convidou.

Ele bufou novamente. — Não, foi Vasilia, o que significa que ela provavelmente quer outra joia para sua mais nova espada ou punhal. Um pouco de bugiganga para torná-la ainda mais poderosa do que já é. Eu ficarei aqui. Se ela quer tanto sua nova bugiganga, ela pode vir me pedir ela mesma.

Meu estômago revirou novamente, mas não respondi. Palavras não mudariam nada. Não quando se tratava do meu relacionamento tenso com Vasilia – e como ela me traíra.

Alvis entregou o broche de rosa para mim. — Aqui. Leve isso para a sua mesa e tire-o do meu caminho enquanto eu limpo.

Meus dedos se enrolaram ao redor do broche. Eu não só podia sentir o cheiro da magia nas joias, mas também podia realmente *sentir* isso, e o poder queimava como uma brasa na minha mão. Mais importante, eu podia sentir meu próprio poder frio e duro se elevando em resposta, querendo apagar toda aquela magia quente e pulsante.

Alvis me observou, seus olhos castanhos se estreitando com interesse. Este era outro dos seus testes. Eu não sabia por que, mas ele estava sempre procurando por um sinal, sempre procurando o menor indício de que eu era mais do que aparentava ser.

Então, novamente, ele era o único que até mesmo suspeitava que eu era imune à magia.

Um relâmpago mágico, garras de um morcego, velocidade de um simplório, broche de um mestre de metalstone. Tudo isso poderia me machucar, terrivelmente, mas não causavam tanto dano quanto deveriam. E eu podia superar todos eles se eu realmente quisesse, se estivesse realmente desesperada o suficiente para liberar minha própria magia em resposta. Dependendo de quem era inerentemente mais poderoso, ou o mago me assaria viva com seu relâmpago, ou minha imunidade sufocaria seu poder, afogando-o no nada. Embora, felizmente, eu não tivesse que usar minha imunidade assim em anos.

Quando eu era mais jovem, antes de aprender a controlar minha imunidade, tudo que eu precisava fazer era tocar um anel ou um colar, e extinguiria toda a magia dentro das joias. No início, Alvis não foi capaz de descobrir por que isso estava acontecendo, mas ele lentamente começou a suspeitar, e começou a me dar esses pequenos testes.

Eu amava e respeitava Alvis, mas nunca disse a ele sobre o meu poder. Nunca contei a ninguém sobre isso, nem mesmo a Isobel. A única pessoa que eu já havia sido tentada a dizer era Vasilia, e agradeço aos Deuses que mantive minha boca fechada.

Tão fácil quanto teria sido para eu envolver meus dedos ao redor do broche, liberar meu poder, e extinguir a magia dos diamantes rosa, eu afastei minha imunidade, caminhei e coloquei o broche na minha mesa.

Desapontamento brilhou nos olhos de Alvis, mas ele começou a preparar as coisas para o próximo projeto.

Olhei para a pedra da memória na minha mesa. Era uma opala lisa e suave do tamanho da minha palma, descansando em cima de um saco de veludo preto. A gema cheirava a magia e faíscas de azul, vermelho, verde e púrpura brilhavam através da superfície leitosa, como fogos de artifício explodindo uma e outra vez.

Pedras da memória faziam exatamente o que seu nome implicava – elas capturavam e guardavam memórias. Tudo que eu deveria fazer era colocar a pedra em uma posição estratégica e tocá-la três vezes, e ela gravaria tudo no almoço. Pessoas, conversas, até as decorações. Então, quando o evento terminasse, eu bateria na pedra mais três vezes para parar a sua magia, e a

rainha teria uma perfeita gravação das festividades do dia, que ela podia ver batendo na pedra a qualquer momento.

Larguei a opala na bolsa de veludo preto e coloquei no bolso da minha calça. Então notei uma caixa de veludo preto amarrada com uma fita azul no canto da minha mesa. Peguei a caixa e sacudi, mas o veludo me impediu de ouvir o que estava dentro.

— O que é isso? Outra nova peça para um cliente?

— Mais ou menos. — Alvis mexeu com suas ferramentas. — É para você. Considere isso como um presente de aniversário antecipado.

— Meu aniversário não é até o solstício de inverno. Além disso, você não acredita em presentes de aniversário.

Alvis sempre disse que o aniversário de uma pessoa era apenas mais um dia, embora sempre encontrasse uma desculpa para dar um mimo no meu, fosse um novo conjunto de cortadores de metal, algumas pedras preciosas para o meu mais recente design, ou um saco de chocolates que ele alegou não querer.

— Bem, eu terminei cedo, então você está recebendo-o agora. Não fique apenas olhando — resmungou. — Vá em frente, abra.

Eu desfiz a fita, coloquei de lado e lentamente abri a caixa, aproveitando a surpresa por tanto tempo que possível.

Uma pulseira impressionante estava dentro do veludo preto.

A faixa larga era feita de fios de prata torcidos juntos para se assemelharem a espinhos, os quais envolviam e protegiam a coroa elegante no centro do design. Em vez de ser uma gema única, a coroa era feita de sete pedaços de tearstone encaixados, fazendo com que brilhasse mais do que uma gema jamais poderia. A pulseira era requintada, mas o que era ainda mais impressionante era toda a magia que pulsava por ela.

Como outras joias, a tearstone podia absorver e refletir a magia, mas também tinha a propriedade única de oferecer proteção contra a magia – desviando-a como um escudo. Joias de tearstone que absorviam a magia eram muitas vezes de cor cinza claro, enquanto as peças que desviavam magia eram geralmente azul meia-noite, como os da minha pulseira.

Cada fragmento da coroa estava cheio de um poder frio e duro que era semelhante à minha própria imunidade. Eu não sabia porque Alvis fez a pulseira, já que eu não tinha nada a temer no palácio – pelo menos, não quando se trata de perigo físico – mas fiquei comovida pelo gesto.

— É linda — sussurrei. — Deve ter levado meses para fazer isso.

Alvis deu de ombros, mas seus lábios se contraíram novamente, como se segurasse outro sorriso. — Bem, não olhe apenas para isso. Coloque-o.

Deslizei a pulseira no meu pulso e fechei o fecho. Ela se encaixava perfeitamente, e os fragmentos de tearstone brilharam um azul profundo e vibrante.

— Eu sei que os fragmentos são um dos seus projetos de assinatura, mas por que uma coroa feita deles? — perguntei, passando o dedo pelas joias. — Eu nunca vi você fazer isso.

Alvis encolheu os ombros. — Eu fiz uma coroa de cacos antes, embora não por muito tempo. Eu só uso para peças especiais.

Olhei para ele, sentindo que havia algo que ele não estava me dizendo, mas ele mexia em suas ferramentas novamente, e o conjunto teimoso de sua boca me disse que ele não revelaria mais nada. Ainda assim, amor e gratidão fluíram através de mim, e avançando, o envolvi em um abraço apertado. Se tivesse tido a força eu teria levantado-o e girado, mas ele era muito baixo e robusto para eu fazer isso.

— Obrigada! — Eu o abracei ainda mais apertado. — Muito obrigada!

Alvis desajeitadamente me deu um tapinha nas costas. — Tudo bem — resmungou. — Eu tenho trabalho a fazer, e você tem um almoço para assistir, lembra?

Eu o abracei de novo, então recuei. Alvis olhou para mim, aquele pequeno meio sorriso ainda em seus lábios. Eu me inclinei e beijei-o na bochecha.

— Bah! — Ele acenou com a mão. — Isso é o suficiente.

— Eu sei. Você não acredita em afeto também. — Eu sorri. — Acho que é sorte para nós dois que eu acredito.

Eu me inclinei e beijei sua outra bochecha.

— Bah! — Alvis acenou com a mão para mim novamente, mas seus lábios estavam lentamente subindo. Se não fosse cuidadoso, ele deixaria escapar um sorriso de verdade.

Sorri ainda mais para ele e ele realmente sorriu para mim. Então seu olhar castanho caiu para a pulseira, e seu sorriso desapareceu, como se algo sobre a peça o incomodasse, embora fosse ele quem fez isso.

— Algo está errado? Você não quer que eu use a pulseira? Não vai exatamente combinar com a minha túnica de cozinha — brinquei.

Ele balançou a cabeça. — Não seja boba. Claro que quero que você use.

— Mas?

Ele hesitou. — Somente… seja cuidadosa.

— Sobre o quê?

— Não sei exatamente. Parece que há muitas pessoas novas no palácio ultimamente. Você sabe como me sinto sobre novas pessoas.

— Você não gosta delas.

Alvis assentiu. — Você não pode confiar em novas pessoas.

Eu poderia ter apontado que ele não gostava de ninguém, nem mesmo de mim na maioria dos dias, e que só porque ele não conhecia alguém não queria dizer que eles estavam tramando alguma coisa sinistra, mas segurei minha língua. Ele me deu um presente tão lindo, e eu não queria estragar o momento. Além disso, ele estava certo. Eu tinha um almoço para assistir e minha liberdade e futuro para garantir.

— Vá em frente — disse ele. — Antes de eu mudar de ideia e fazer você ficar aqui e trabalhar.

Levantei minha mão e dei uma saudação. — Sim, senhor.

Alvis me deu um olhar de reprovação, mas seus lábios estavam se contorcendo como se tentasse esconder outro sorriso. Rindo, dei-lhe outra saudação e saí do ateliê.



Capítulo 03

Eu me arrastei até o primeiro andar, que estava muito mais movimentado do que antes. Maeven deve ter acendido um fogo sob o pessoal da cozinha porque os criados andavam de um lado para o outro, carregando tudo, desde toalhas de mesa a pratos de queijos e cestas de frutas frescas. O firme *thud-thud-thud-thud* de seus passos era como uma batida baixa e ritmada, acentuada pelo barulho de pratos sacudindo juntos.

Olhei um par de servos carregando caixas cheias de garrafas. Quanto champanhe Maeven achava que seria consumido no almoço? Talvez estivesse apenas sendo cautelosa em ter tanto disso à mão. Se Cordelia fosse anunciar o noivado de Vasilia, então haveria vários brindes desejando felicidades ao casal, parabenizando cada reino por uma nova aliança, e assim por diante. De qualquer maneira, eu me aproximei da parede, afastando-me dos empregados apressados.

Mas isso me colocou no caminho de outras pessoas – os guardas do palácio.

Normalmente, um guarda estava posicionado em cada extremidade das áreas comuns, com mais alguns vagando de uma seção do palácio para a próxima. Apenas para ter certeza de que os desacordos políticos, lordes bêbados, e garotas rivais não saíam do controle. Mas mesmo essas coisas eram poucas e distantes entre si e quase sempre rapidamente resolvidas.

Mas hoje, os guardas estavam posicionados a cada poucos metros. Um, dois, três... Eu contei mais de uma dúzia somente neste corredor. O capitão Auster deve ter trazido segurança extra para o almoço. Uma ocorrência bastante comum, dada a importância dos dignitários de Andvarian, e uma que normalmente não me incomoda. Mas eu estava no palácio há muito tempo e conhecia cada um dos guardas, junto com suas rotas e deveres.

Eu não reconheci nenhuma dessas pessoas.

Todos os guardas estavam vestindo o uniforme padrão de um peitoral de ouro liso sobre uma túnica vermelha de manga curta com leggings e botas pretas, e cada um deles tinha uma espada presa ao cinto preto. Nada incomum lá. Mas quanto mais eu estudava os guardas, mais eu notava algo muito incomum sobre eles.

Todos cheiravam a magia.

Um servo carregando uma bandeja de taças de champanhe apressou-se, empurrando-me para mais perto de dois guardas que estavam ao longo da parede. Eu respirei fundo, provando os aromas no ar. Dezenas de perfumes e colônias colidiam, suas notas florais e picantes lutando pelo domínio, junto com uma corrente de suor azedo e nervoso.

Eu esperava os perfumes e colônias, dadas todas as pessoas que mudaram para Seven Spire diariamente, mas o suor foi uma surpresa. Normalmente, esse perfume só permeava o palácio quando havia negócios a serem feitos, fortunas a serem ganhas e perdidas, e inimigos a serem abatidos.

Eu tomei outra respiração, meu nariz se contorcendo enquanto separava todos os aromas. O áspero e metálico toque de magia rodou pelo corredor novamente, emanando dos dois guardas.

Olhei para os homens, mas não vi marcas de metamorfose em seus pescoços, e nenhum raio ou fogo faiscava na ponta dos dedos para indicar que eles tinham algum poder mágico. E obviamente não eram mestres, já que não estavam trabalhando ou exercendo algum elemento específico. Eles poderiam ser simplórios como eu, mas os simplórios geralmente só cheiravam a magia quando usavam ativamente seu poder, e esses dois estavam apenas de pé contra a parede.

Claro, sua postura era mais rígida que o normal, e o suor brilhava em suas testas, apesar do ar frio. Mas estavam tão tensos e nervosos que estavam literalmente suando a magia de seus poros.

Com o que eles estavam tão preocupados?

Os dois guardas perceberam que eu estava olhando e inclinaram a cabeça para mim. Os assentimentos educados aumentaram minha preocupação. Eu ainda estava usando uma túnica de cozinha, então deveria ter sido invisível para eles. Capitão Auster não pagava a seus homens para serem educados com os servos. Então, por que reconhecer minha presença?

Abri minha boca para perguntar seus nomes, mas um grupo de servos correndo atrás de mim me obrigou a passar pelos guardas ou correr o risco de ser atropelada. Não foi até chegar ao final do corredor que fui capaz de sair do caminho dos servos, parar e olhar para trás.

Um terceiro homem juntara-se aos outros dois – Nox, guarda pessoal da princesa Vasilia.

Ao contrário dos outros guardas em suas túnicas vermelhas, Nox usava uma que era fúcsia brilhante e vívida, enfeitada com fios de ouro, de acordo com as cores de Vasilia, embora ele nunca se incomodasse em usar um peitoral ou qualquer outra armadura. Ele era muito bonito, alto e musculoso, com ombros largos, cabelos dourados, olhos violeta e pele bronzeada, e mais de uma criada lhe lançou um olhar de admiração.

Nox havia chegado a Seven Spire cerca de nove meses atrás, com um grupo de visitantes nobres de Mortan. Vasilia havia se interessado por ele imediatamente, e o convencera a permanecer como seu próprio guarda, apesar do fato de ser um nobre menor por seu próprio direito. Desde então, rumores voaram velozes e furiosos de que os dois estavam dormindo juntos, apesar de Nox flertar com todas as mulheres que encontrava, até eu, de vez em quando.

Sexo era tanto uma arma no palácio quanto espadas no círculo de gladiadores. Para alguns, era a arma preferida deles, empunhada com astúcia fria. Mais do que um jovem ingênuo, homem e mulher, chegara ao palácio apenas para sair algumas semanas depois em pobreza, desgraça, lágrimas e desgosto depois de ser fodido – literalmente e fisicamente – por algum lorde ou lady mais experiente.

Eu não gostava do Nox. Não porque ele era Mortan, como Isobel teria insistido, mas porque ele sabia exatamente quão bonito ele era e usava isso para sua vantagem. Ele estava sempre ofuscando os servos com sorrisos astutos e palavras bonitas para conseguir o que queria, se era os melhores cortes de carne no jantar, um garrafa de vinho caro da adega, ou lençóis de seda fina para sua cama. Mas seu sorriso sempre era apenas um pouco brilhante demais, e sua risada era sempre um pouco saudável demais para ser genuína. Ele me lembrava de uma cobra coral deitada na grama, esperando para atacar a alma inocente que teve o azar de pisar nela.

Ele era um par perfeito para Vasilia neste sentido.

Nox falou com os guardas, que acenaram para ele, bem como para os criados que se apressavam. Talvez o capitão Auster ainda não tivesse colocado esses guardas em forma, e eles não perceberam que deveriam observar as pessoas, em vez de cumprimentá-las.

De qualquer forma, eu não poderia fazer nada sobre Nox ou os guardas, então eu afastei meu desconforto, deixei o corredor, e dirigi-me aos meus aposentos no sétimo andar.

Ao contrário da crença popular, uma pessoa que mora em um andar mais alto não tem absolutamente nada a ver com sua posição, riqueza, título ou magia. Significava apenas que eu necessitava escalar mais de uma dúzia de malditas escadas toda vez que eu queria ir ao meu quarto. Oh, eu poderia ter tomado um dos elevadores de metal, mas eles estavam sempre muito lentos e lotados.

Quinze minutos depois, cheguei a uma porta escondida no canto de trás desse andar. Muito parecido com a oficina de Alvis na masmorra, esta área estava deserta, e nenhum sussurro quebrava o silêncio. Ninguém nunca vinha a este recanto escondido, a menos que estivessem procurando por mim, mas mesmo isso era uma ocorrência rara. Geralmente o capitão Auster era quem vinha me chamar, para me lembrar severamente do meu dever real nas raras ocasiões em que eu faltava em um chá tedioso.

Como ninguém nunca vinha até aqui, eu nunca me preocupei em trancar a porta, então eu abri e entrei. Ao contrário dos outros membros da família real com seus apartamentos espaçosos nos andares mais baixos, meus

aposentos eram surpreendentemente pequenos. Uma mesa velha e rangente com algumas cadeiras incompatíveis ficava na frente do quarto, com a minha cama encostada na parede do fundo. No canto, um armário de madeira se erguia sobre a penteadeira ao lado. Uma porta colocada na parede oposta dava em um banheiro que mal era grande o suficiente para a banheira branca de porcelana, o vaso sanitário e a pia interna.

Como não recebia nenhum visitante, não me preocupava em manter meu quarto limpo. Infantil, eu sei, mas era o único gesto de rebelião que eu poderia me safar consistentemente. Pilhas de livros foram empilhadas em uma das cadeiras, as diferentes cores, formas e tamanhos quase fazendo parecer que uma pessoa estava sentada lá. Mais livros cobriam a mesa, juntamente com pedras preciosas, pedaços de metal e pinças. Uma lupa como a da oficina de Alvis ficava em um lado da mesa, enquanto um farol de fluorestone estava preso nas costas da cadeira vazia.

Ainda havia mais livros empilhados de três e quatro dúzias no chão, e caminhei através do labirinto de papel. A maioria dos volumes eram pesquisas para uma ou outra função, e fitas pendiam para fora das páginas, marcando as passagens que eram mais pertinentes. Eu poderia desprezar ser a substituta real, mas eu me orgulhava de estar sempre preparada e sempre fazer um bom trabalho. Isso significava aprender tudo o que pudesse sobre as pessoas, política e objetos em cada chá, recital e exposição de arte que eu frequentava.

Eu me sentei na penteadeira, deslizando para o lado a pilha mais nova de livros que eu pegara emprestado da biblioteca do palácio. Uma caixa de música de madeira em forma de rosto de um ogro estava empoleirada no volume superior, embora eu ainda pudesse ler o título do livro que brilhava em folha de prata *Passo a Passo: Danças Tradicionais de Unger.*

Além de fazer tortas para o embaixador de Andvarian, também estava agendado para eu realizar o Tanzen Freund, uma dança de amizade, para a embaixadora ungeriana quando ela visitasse na próxima semana. A dança era muito mais complicada que as tortas, e muito mais importante, já que as relações entre Bellona e Unger estavam tensas há anos.

Planejei passar uma rara manhã preguiçosa na cama, ouvindo a caixa de música, lendo o livro, e revendo passos intrincados da dança. Pelo menos, até Isobel bater na minha porta e contar sobre as minhas novas tarefas de última hora.

Uma vez que a caixa de música e os livros estavam fora do caminho, estudei meu reflexo no espelho. Alvis estava certo. Eu parecia ter estado rolando na farinha. Manchas brancas cobriam minha túnica e manchavam minhas bochechas como maquiagem que eu havia me esquecido de misturar. Não admira que os estranhos guardas assentiram para mim. Eles provavelmente sentiram pena de mim, a serva sem noção andando com farinha por todo o rosto.

Suspirei e deixei meu olhar cair do espelho para um retrato emoldurado prateado apoiado no canto da mesa. A pintura mostrava uma linda mulher com cabelos negros sentada ao lado de um homem bonito com cabelos castanhos escuros ondulados. Minha mãe, Leighton Larimar Winter Blair, e meu pai, Jarl Sancus.

Os dois estavam sentados em frente à lareira em nossa casa. Eu havia me escondido atrás do mestre pintor e fiz caretas, tentando levá-los a rir e quebrar suas poses. Eu ainda podia ver o riso silencioso brilhando em seus olhos e no leve levantar de seus lábios. O retrato foi pintado poucas semanas antes de seus assassinatos, e era um dos poucos lembretes que eu tinha deles.

Meu coração apertou, mas olhei para o retrato, estudando os rostos dos meus pais, mesmo que eu tivesse os memorizados há muito tempo. Todos me disseram que eu era parecida com a minha mãe, desde que eu tinha cabelos negros e olhos azul-acinzentados.

Todos os Blairs tinham olhos azul-acinzentados. Olhos lacrimogêneos, algumas pessoas os chamavam, assim chamados por causa das tearstone que os Blairs extraíram de Seven Spire e das montanhas ao redor. Algumas histórias diziam que a família real havia cavado tanta pedra de tearstone que ela tornou nossos olhos da mesma cor azul-acinzentados da pedra.

Meus olhos e feições não eram tão bonitos quanto os da minha mãe. Ainda assim, tentei parecer o máximo possível com ela, até mesmo trançando meus longos cabelos no mesmo estilo elaborado de seu retrato.

Uma série de sinos soou, avisando a todos que havia apenas uma hora até o almoço ao meio-dia. Eu não podia ir ao evento coberta de farinha. A Rainha Cordelia prestava pouca atenção em mim, mas até ela notaria isso.

O retrato dos meus pais estava um pouco torto, então eu endireitei o quadro, alinhando-o com a borda da mesa.

— Pronto — sussurrei.

Parecia quase como se seus olhos brilhassem e seus sorrisos aumentassem, embora fosse apenas um desejo da minha parte. Eu não era uma mágica do tempo, então nunca tive vislumbres do passado ou visões do futuro.

Olhei para os rostos de meus pais por alguns segundos a mais, então fiquei de pé para me preparar para o almoço. A dor no meu coração permaneceu, no entanto, do jeito que sempre acontecia.

O jeito que sempre seria.

* * *

Fui ao banheiro e lavei a farinha do rosto, depois tirei minhas roupas sujas e substituí-as por botas pretas, leggings e uma túnica azul meia-noite de manga comprida com fio de prata – as cores da linha de inverno da família Blair. Também peguei a bolsa de veludo preto com a pedra da memória de Alvis e coloquei no bolso.

Chequei meu reflexo no espelho do banheiro. Mais mechas do meu cabelo preto escaparam da trança e se enrolaram como minúsculos chifres de gárgulas por toda a minha cabeça, então eu molhei meu cabelo e alisei.

Também passei bálsamo de baga em meus lábios, mas não me incomodei com mais maquiagem. A maioria das minhas primas eram muito bonitas, com servos e mestres costureiros para ajudá-las a aproveitar ao máximo sua boa aparência. Eu nunca poderia competir com elas, especialmente com Vasilia e Madelena, as duas princesas, então eu nem tentava mais.

Comecei a sair do banheiro quando meu olhar caiu no bracelete deitado na pia. Eu hesitei, perguntando se eu deveria usá-lo no almoço. Era

uma peça simples e elegante, comparada os cordões de pérolas e cascatas de diamantes das minhas primas, mas aprendi há muito tempo que alguém estava sempre pronto, disposto e ansioso para tirar o pouco que eu tinha. Não porque precisassem ou quisessem, mas apenas porque podiam, só porque aquele tipo de mesquinhez divertia-os.

Mas foi um presente tão adorável e atencioso, e eu não queria abandoná-lo menos de uma hora após Alvis ter me dado isso. Um ajuste então. Coloquei a pulseira no meu pulso, mas puxei minha manga para baixo de modo que o tecido cobrisse a joia.

Depois disso, saí do meu quarto e voltei para o andar de baixo. Quando cheguei ao primeiro andar, os corredores estavam vazios, até mesmo de guardas. Todos já devem ter ido ao almoço, que estava sendo realizado no gramado real. Entrei no corredor que me levaria ao gramado quando uma voz maliciosa me chamou.

— Everleigh, uma palavra, por favor.

Suspirei. E o dia estava indo tão bem.

Coloquei um sorriso no rosto e me virei. Um homem caminhou em minha direção, suas botas batendo de forma constante e irritante. Em vez do habitual escarlate, sua túnica de manga comprida era preta, embora fosse adornada com várias fileiras de fios de ouro, assim como suas leggings pretas. Seu cabelo preto e bigode estavam escovados e enrolados, e suas botas negras eram polidas e brilhantes como um espelho.

Felton, o secretário pessoal da rainha, parou na minha frente e endireitou-se em toda a sua altura, que era pouco mais de um metro e meio, apesar dos saltos ridiculamente altos das botas. Nunca entendi como ele conseguia andar naquelas coisas, mas eu nunca o vi usar qualquer outra coisa. Um pequeno livro vermelho pendia de seus dedos como se fosse uma espada que ele estava prestes a levantar e derrubar em cima da cabeça de alguém – minha cabeça.

Além de agendar a vida da rainha, Felton também designava todos os meus chamados deveres reais, incluindo assar aquelas tortas malditas esta manhã. Apesar de todos os meus outros parentes reais que viviam no palácio, Felton sempre me convocava primeiro. Ele sabia que eu não tinha autoridade

para dizer não a ele, então ele sempre me escolheu para as tarefas mais sem sentido, menores e repugnantes, como comer aquele fígado cru. Como todo mundo no Seven Spire, Felton gostava de ter o poder que tinha e o bastardo tinha grande prazer em me humilhar sempre que possível.

Bem, isso mudaria. Assim que eu tivesse a permissão da rainha, deixaria Seven Spire, e eu nunca teria que ver o odioso pequeno sapo novamente, muito menos engolir meu orgulho e raiva e obedecer às suas ordens.

Felton nem sequer se dignou a olhar para mim quando abriu o livro, tirou a caneta dourada, e fez uma pequena marca em uma das páginas. Mesmo com suas botas ridículas, eu ainda era mais ou menos quinze centímetros mais alta, inclinei-me e discretamente esquadrinhei a página.

Felton tinha uma lista de nomes, provavelmente de todos que compareceram ao almoço, e todos tinham marcas de checado ao lado deles, como o meu nome tinha agora. Fiquei surpresa que ele me deu uma marca de checagem, em vez de um X grande e preto. Normalmente, ele teria me marcado como atrasada apenas pelo prazer insignificante de me deixar em apuros com a rainha.

— Sua reunião com o embaixador ungeriano na semana que vem foi cancelada — disse Felton em uma voz distraída, ainda se concentrando na lista de nomes.

— O quê?

Levou a Cordelia e seus assessores meses de negociações para que os Ungers concordassem em viajar para Bellona, e seria uma viagem histórica de boa vontade, já que nenhum embaixador ungeriano havia visitado Seven Spire nos trinta anos que Cordelia foi rainha.

Então, por que a reunião foi cancelada? Todo o objetivo da viagem do embaixador era apoiar um tratado entre Unger, Andvari e Bellona, prometendo ajudar se os Mortans atacassem qualquer um dos três reinos. As ramificações políticas da viagem não acontecer eram enormes, como se fosse uma pedra caindo em um lago e fazendo ondas até o litoral oposto.

Então outro pensamento me ocorreu. — Mas e a dança?

Felton virou para a próxima página em seu livro, que também continha uma lista de nomes, e passou a caneta pelo papel, verificando novamente suas marcas. — Que dança?

A raiva disparou através de mim, mas mantive o meu nível de voz. — O Tanzen Freund. A tradicional dança da amizade ungerian. O que passei os últimos três meses aprendendo pela sua insistência.

Felton ficou particularmente satisfeito quando me informou que eu deveria aprender a dança, e mais ainda, quando ele me apresentou a minha tutora, Lady Xenia, uma mulher ungeriana que se casou com um lorde Bellonan e mudou-se para Svalin há mais de vinte anos. O marido de Xenia morreu muito tempo atrás, e ela passava seus dias dirigindo uma escola de etiqueta, ensinando a realeza, nobres e outras crianças ricas coisas como etiqueta, idiomas e danças. Tudo o que precisava saber para se casar por dinheiro, atrair um patrocinador, e confraternizar na sociedade de Bellonan e nos outros reinos.

Eu gostava de falar a língua e dos costumes ungerianos, mas Lady Xenia rapidamente se tornara a ruína da minha existência. Ela era um capataz severo que fazia Alvis parecer tão caloroso e fofo quanto um filhote de gárgula em comparação.

Depois houve a dança em si. O Tanzen Freund era um assunto intricado e complexo que era executado descalço e não tinha uma, nem duas, mas treze seções separadas. Para piorar as coisas, Xenia gostava muito de me cutucar com sua bengala sempre que eu fazia a menor coisa errada, fosse um passo, um arco ou mesmo um floreio com a mão. E eu errava com bastante frequência, considerando quantos malditos passos eram. Eu ainda tinha hematomas nos braços, pernas e pés da nossa última sessão há três dias.

— É só uma dança — disse Felton. — Nada importante.

Minhas mãos se fecharam em punhos. Ah, não. Apenas meu tempo, energia e esforço. Nada importante. Mas eu me forcei a manter meu tom de voz novamente. — Quem cancelou a reunião?

— Vasilia, claro.

E assim, toda a minha raiva, indignação e resistência se romperam, como um tijolo esmagado em pedaços por uma marreta. Eu não podia

convocar outra palavra de protesto. Não havia sentido. Nada que eu pudesse dizer mudaria as coisas. Não com Felton, e especialmente com Vasilia. A princesa da coroa sempre conseguia o que queria. Vasilia sempre vencia, especialmente quando se tratava de me machucar, assim como ela fazia desde que éramos crianças.

Ainda assim, uma vez que minha surpresa desapareceu, eu fiz uma careta. A viagem foi ideia de Cordelia. Se alguém deveria cancelar qualquer coisa, deveria ser a rainha.

— Você pode informar Xenia do cancelamento durante o almoço — continuou Felton.

Não só ele casualmente dispensou todos os meus meses de trabalho duro, mas ele também me faria dar a má notícia para Xenia, que provavelmente me cutucaria com sua bengala por desperdiçar seu tempo também. Formidável. Apenas muito bom.

Felton colocou a caneta no livro e fechou-o. Ele nem olhou na minha direção quanto passou por mim. — Bem, venha então, Everleigh. Não queremos que você esteja mais atrasada do que já está. Então, novamente, a pontualidade nunca foi uma das suas virtudes. Não que você realmente tenha alguma virtude para começar. — Ele entregou os insultos sem quebrar o passo, o que era impressionante, mesmo para ele.

Um sentimento doentio e vazio se espalhou pelo meu corpo. O mesmo sentimento que eu experimentei incontáveis vezes. O mesmo sentimento de derrota e vazio que sempre tive quando Vasilia ganhava, e eu perdia.

Amaldiçoada se eu fizesse, amaldiçoada se eu não fizesse. Mas isso era dever para você, e eu tinha tão pouca escolha neste assunto quanto em todos os outros no palácio. Então eu suspirei e me arrastei atrás de Felton.



Capítulo 04

Felton abriu uma das portas duplas de vidro no final do corredor. Ele não se incomodou em segurá-la para mim antes de se afastar, e é claro que se fechou antes que eu pudesse segurá-la. Suspirei de novo, abri a porta e o segui.

O gramado real era uma das maiores áreas comuns, uma mistura de pedra e grama que se estendia por milhares de metros antes de um muro isolar dos penhascos deste lado da montanha e da queda de duzentos metros para o rio Summanus abaixo. Árvores imponentes pontilhavam o gramado, embora galhos estivessem marrons e nus por causa do inverno. Os canteiros estavam marrons e nus também, exceto por algumas flores mais fortes, como as violetas de gelo e os amores-perfeitos da neve que floresciam o ano todo.

Caminhos de paralelepípedos atravessavam a grama, muitos deles alinhados com bancos de ferro onde as pessoas podiam sentar e apreciar a vista da cidade. O gramado era um dos meus lugares favoritos, e eu inclinei meu rosto para o sol, absorvendo o calor surpreendente do final do dia de janeiro.

O gramado real era usado para todos os tipos de eventos, incluindo recitais de dança, concertos e até mesmo observação de estrelas. Se houvesse uma multidão grande o suficiente, arquibancadas de madeira seriam erguidas na grama, transformando o gramado em uma arena improvisada. O almoço de hoje estava no lado pequeno, com menos de duzentos convidados,

incluindo os Andvarians, junto com a família real Blair e alguns nobres notáveis. Um grande baile foi planejado para a próxima semana para celebrar apropriadamente a visita dos Andvarians e deixá-los misturar e conviver com a sociedade de Bellonan.

De acordo com a pequena escala do almoço, a configuração era simples. Mesas redondas cobertas de toalhas escarlate cobriam o gramado, todas dispostas em frente a uma mesa longa e retangular onde os membros centrais da família real se sentariam – a Rainha Cordelia, a Princesa herdeira Vasilia, a Princesa mais nova Madelena e o marido de Madelena, Lorde Durante.

Outra mesa retangular e comprida estava em um ângulo em relação àquela primeira, indicando onde o embaixador e sua comitiva se sentariam. Minhas tortas, douradas e perfeitas, estavam empoleiradas na extremidade dessa mesa. Isobel estava posicionada lá, distribuindo pedaços de torta.

Felton correu até a rainha Cordelia, que estava em pé no meio do gramado. A rainha usava um vestido escarlate enfeitado com fios dourados, e uma coroa de ouro cravejada de rosas feitas de rubis circulava sua cabeça. Apesar dos reflexos de cinza em seus cabelos dourados, Cordelia era uma figura impressionante, com um ar imponente e autoritário, como se fosse um pouco mais alta do que todos os outros, apesar de seu pequeno tamanho. Eu a achara intimidante quando criança. Agora eu só sinto pena dela.

Por mais que eu odiasse realizar meus chamados deveres reais, para Cordelia era mil vezes pior. Tudo o que eu tinha que fazer era sorrir, acenar e aprender as danças. A rainha tomava decisões que impactavam pessoas em toda Bellona e além. Suas escolhas determinavam quem tinha sucesso e quem falhava, quem florescia e quem fracassava, quem vivia e quem morria, um fardo muito, muito mais pesado no coração do que o peso daquela coroa em sua cabeça.

Um homem de cinquenta e poucos anos vestindo uma túnica escarlate de manga curta com um peitoral dourado com o símbolo do sol nascente estampado sobre o coração estava a um metro de distância de Cordelia. O sol e a textura emplumada do peitoral marcava sua importância e faziam

sobressair dos outros guardas com sua armadura mais simples. Capitão Auster, guarda pessoal da rainha.

Com seus cabelos grisalhos curtos, pele bronzeada e olhos castanhos, Auster parecia tão severo quanto Cordelia, especialmente dado o seu nariz torto e irregular, que obviamente foi quebrado várias vezes, apesar dos esforços de vários mestres de ossos para colocá-lo no lugar. Ao contrário de todos os outros, Auster não estava rindo, conversando, comendo ou bebendo. Em vez disso, seu olhar agudo examinava todos e sua mão descansava na espada presa ao cinto, pronto para soltar a lâmina a qualquer momento.

Lorde Hans, o embaixador de Andvarian, estava ao lado da rainha. Ele era um homem mais velho e bonito com cabelos grisalhos curtos, olhos castanhos escuros e pele de ébano, e sua fina jaqueta cinza estava coberta de medalhas e fitas, denotando seu antigo serviço como general do exército. Ele estava contando alguma história e continuava acenando com a mão para pontuar suas palavras rudes e espalhafatosas. Na outra mão, ele segurava um prato vazio e um garfo, como se já tivesse comido um pedaço de uma das minhas tortas. Ele deve ter gostado, já que apenas algumas migalhas cobriam o prato.

A Princesa Madelena riu da história de Hans, assim como seu marido, Lord Durante, que tinha o braço envolto em torno de sua cintura. Madelena usava um vestido rosa que destacava seu cabelo dourado, olhos azul-acinzentados e a curva arredondada de seu estômago. Ela estava grávida de seis meses e parecia ficar maior e mais bonita a cada dia, enquanto a túnica verde de Durante acentuava seu cabelo castanho escuro, olhos e pele. Apesar de serem casados há mais de dois anos, o casal era conhecido por ser completamente, repugnantemente apaixonados, e passaram mais tempo escondendo olhares de adoração um para o outro do que ouvindo o embaixador.

O último membro do seu grupo era Frederich, um príncipe Andvariano que era o terceiro na fila para o trono. Com seus cabelos castanhos e olhos azuis, ele era uma figura elegante em sua jaqueta cinza, embora faltassem as medalhas e fitas que adornavam a roupa de Lord Hans.

Um criado vagueava com uma bandeja de champanhe e peguei um copo para ver por que Maeven estava fazendo tanto barulho sobre isso. Comecei a tomar um gole, mas um aroma fétido e sulfúrico subiu das bolhas efervescentes. Meu nariz enrugou. Nunca ouvi falar de champanhe ruim, mas esse certamente era, embora você não soubesse, desde que todo mundo estava embriagado. Talvez seja apenas eu. Tentei novamente tomar um gole, mas não pude ignorar o aroma repugnante. Coloquei o copo na bandeja de um criado e deixei-o levá-lo embora. Foi quando percebi que alguém me encarava.

Maeven.

Seu cabelo loiro estava preso no seu coque de sempre, mas ela trocou a roupa da cozinha por um vestido púrpura escuro, juntamente com brincos de ametista e um anel combinando. Ela parecia muito mais como uma lady do que a administradora de cozinha que ela era.

Os olhos de Maeven se encontraram com os meus. Seu rosto permaneceu em branco, e eu não sabia dizer o que ela estava pensando. Então seu olhar cortou para o servo que levou meu champanhe. Talvez estivesse se perguntando por que eu não bebi. Outro servo veio e sussurrou algo em seu ouvido e ela se virou para responder.

Servos estavam vindo e passando pelas portas atrás de mim, fluindo com bandejas de champanhe, juntamente com frutas frescas, biscoitos e queijos, então eu saí do caminho deles e examinei o resto da multidão, muitos dos quais eram meus primos.

A mãe da rainha Cordelia, Carnelia Blair, era a mais velha de nove irmãos, inclusive minha avó Coralie, a terceira a nascer e irmã mais nova. Então todos os filhos desses nove irmãos eram primos em primeiro grau, incluindo a Rainha Cordelia e Lady Leighton, minha mãe. Essa primeira geração de crianças se multiplicou em muitas, muitas mais, cerca de cinquenta primos, inclusive eu. Esse total chegou a cerca de setenta e cinco primos, contando todos os filhos bastardos. Atualmente eu estava em décimo sétimo na fila para o trono. Logo seria o décimo oitavo, depois que Madelena tivesse seu bebê em poucos meses.

Genevieve, Owen, Bria, Finn…

Carmen, Sam, Fiona, Jasper…

Meus primos estavam amontoados em suas panelinhas habituais e estavam de olho em Cordelia, procurando a menor abertura para obter algum tempo com ela. Dado os grupos de pessoas entre nós, eu não seria capaz de chegar perto da rainha, muito menos falar com ela sobre deixar Seven Spire.

Eu ainda precisava encontrar um lugar para colocar a pedra da memória de Alvis para gravar o almoço, então me movi ao longo das bordas da multidão, procurando o local com a melhor vista onde eu poderia discretamente deixar a pedra.

Alguns dos meus primos mais novos, incluindo Gwendolyn, Logan, Lila, Devon, Rory e Ian, acenaram e falaram saudações quando passei por eles, e voltei. Mas na maior parte, ninguém prestou atenção em mim enquanto eu vagava pela multidão. O que era bom, pois me permitia escutar todos os tipos de fofocas, as quais eu arquivei para uso futuro.

— ...fazer malabarismos com três amantes de uma só vez deve ser exaustivo...

— ...Não posso acreditar que ela teve a ousadia de usar o mesmo vestido que eu...

— ...Serilda Swanson voltou para a capital. Sua tropa de gladiadores se mudou para aquela nova arena ao longo do rio na semana passada. O primeiro show deles é hoje à noite.

Meus ouvidos se animaram naquele último detalhe. Uma nova tropa de gladiadores era sempre digna de nota, mas esta era particularmente interessante.

Serilda Swanson era uma lenda em Bellona. Ela costumava ser a guarda pessoal da rainha, sob comando do Capitão Auster, mas se envolveu em algum escândalo que levou à sua demissão cerca de quinze anos atrás. Mas em vez de fugir silenciosamente à noite, Serilda abraçou completamente e até aumentou seu escândalo levando vários dos guardas mais confiáveis da rainha com ela. Ela ainda esfregou no nariz de Cordelia usando os mesmos guardas para começar sua própria tropa de gladiadores. Agora, em vez de proteger a rainha, Serilda treinava gladiadores para entreter as massas e encher seus bolsos com coroas de ouro. Todos no palácio ou aplaudiram sua genialidade ou a odiaram por isso. Às vezes ambos.

Serilda ainda estava no Seven Spire quando vim aqui pela primeira vez, então eu tinha algumas lembranças sombrias dela. O que eu mais lembrava era quantas armas ela sempre carregava. Ela uma vez puxou todas elas para mim e colocou-as sobre a mesa na oficina de Alvis como as peças de um quebra-cabeça. Fiz uma pausa, esperando que eu pudesse ouvir mais sobre ela, mas a conversa mudou para outro tópico, então eu segui em frente também.

Todos ficaram olhando da rainha Cordelia para as portas, como se estivessem esperando alguém mais importante chegar. Foi quando notei quem estava desaparecido – Vasilia.

Curioso. Eu desprezava Vasilia, mas ela cumpria seu dever, assim como eu, e não era como se ela estivesse um minuto atrasada. Talvez ela fosse pular o almoço em protesto. Ela não queria que Cordelia se encontrasse com Lorde Hans, e certamente não queria ser noiva do Príncipe Frederico. Mas Vasilia era a princesa da coroa, e era seu dever fazer o que era melhor para Bellona. Isso significava uma aliança permanente com os Andvarianos – uma que seria ligada por sangue.

Um casamento real entre Vasilia e Frederich asseguraria que os dois reinos estivessem unidos por anos e gerações vindouras, especialmente contra a crescente ameaça dos Mortans. Apesar do meu ódio por ela, eu não podia culpar Vasilia por querer escolher seu próprio marido. É verdade que Madelena tinha um casamento amoroso, mas Durante veio da família real Floresiana, e seu casamento foi politicamente motivado tanto quanto qualquer outra coisa.

Mas eu ainda precisava encontrar um lugar para a pedra da memória, então afastei esses pensamentos, terminei meu circuito do gramado, e me dirigi para a mesa Andvariana, parando a poucos metros de onde Isobel ainda servia pedaços de torta. Esta mesa tinha a melhor visão do evento, então eu peguei a bolsa de veludo preto do meu bolso, abri os cordões e tirei a pedra da memória.

Coloquei a pedra na mesa em frente a um vaso de cristal cheio de amores-perfeitos de neve azul, em seguida, bati meu dedo três vezes. Os pedaços de azul, vermelho, verde e roxo brilhavam na superfície leitosa, e a

opala começou a brilhar com uma luz fraca, embora você tivesse que apertar os olhos para vê-la, dado o brilho do sol.

Eu havia acabado de deslizar a bolsa de veludo preto para o meu bolso quando uma bengala tocou meu braço, forte o suficiente para me empurrar para frente e me fazer bater contra a mesa. Estremeci e resisti à vontade de massagear a dor. Isso só faria com que ela me cutucasse de novo, ainda mais forte do que antes. Engessei um sorriso no rosto e me virei.

Uma mulher estava na minha frente. Ela era alguns centímetros mais alta do que eu, com olhos âmbar e cabelos ruivos acobreados na altura dos ombros que se enrolavam ao redor do rosto em ondas soltas. Sua túnica verde escura e leggings pretas destacavam seu corpo forte e flexível. Ela se inclinava em uma bengala de prata, embora não precisasse disso, apesar das rugas que sulcavam seu rosto de sessenta e poucos anos. Seu perfume de peônia tomou conta de mim, junto com o aroma mais fraco de pêlo molhado.

— Lady Xenia. — Inclinei minha cabeça, em seguida executei a perfeita reverência de Bellonan antes de me endireitar.

Xenia olhou para mim, assim como o rosto de ogro rosnando em seu pescoço.

As marcas de morph sempre me lembraram de tatuagens, se as tatuagens pudessem se mover, pensar, viver coisas. O rosto de ogro no pescoço de Xenia era do tamanho da minha palma. Enquanto eu olhava para ele, os olhos no rosto se abriram, duas fendas brilhantes de tinta âmbar líquida piscando contra a pele de bronze de Xenia. Os olhos do ogro se fixaram em mim, me dando um olhar de medição, como se estivesse pensando qual seria meu gosto se ele ficasse com fome e quisesse um lanche antes do almoço começar.

Todos os morphs tinham algum tipo de tatuagem – marca – em seus corpos que mostravam em qual monstro ou criatura eles poderiam se transformar, mas os ogros eram mais poderosos e muito mais assustadores do que a maioria, com dentes pontiagudos suficientes para dar pesadelos a qualquer um. A marca de metamorfose de Xenia ainda tinha um fio de cabelo acobreado que se enrolava em torno do rosto do ogro, assim como o cabelo real da sua cabeça.

Eu não sabia se a marca era parte da Xenia, ou se Xenia era parte da marca, e eu não seria estúpida o suficiente para perguntar. Mas olhei para o ogro, deixando claro que eu não tinha medo dele. Fui ferida por coisas muito piores que os ogros, e eu tinha as cicatrizes no meu coração para provar isso.

O ogro piscou, e seus lábios se voltaram para o que parecia um sorriso, apesar dos dentes afiados que a expressão revelava. Era de longe a aparência mais amigável que o ogro já me mostrara em todos os meses que eu estive trabalhando com Lady Xenia. Por alguma razão, aprovou-me hoje. Fantástico.

— O que é esse absurdo sobre a viagem do embaixador ungeriano ser cancelada? — perguntou Xenia em um tom agudo.

Lady Xenia pode instruir seus alunos na arte do bate-papo educado em sua escola de etiqueta, mas ela mesma não seguia isso. Isobel a ouviu também, e ela olhou para Xenia enquanto cortava a última torta.

Eu me concentrei em Xenia novamente. — Não sei por que a viagem foi cancelada. Felton só me contou sobre isso alguns minutos atrás. Como você descobriu? Ele me disse para te contar.

Ela bateu com o dedo indicador na bengala de prata, que estava encimada por uma cabeça de ogro que tinha uma estranha semelhança com a marca de metamorfose em seu pescoço. — Não preciso que Felton me diga o que está acontecendo. Eu tenho minhas próprias fontes.

Claro que ela tinha. Muitas vezes me perguntei se Lady Xenia era uma espiã. Pessoas de todos os reinos deste continente e os mais além sempre estavam indo e vindo de sua escola, e ela sempre parecia saber sobre as coisas no momento em que elas aconteciam, se não antes.

— Sinto muito. — Tentei ser diplomática, desde que era o esperado. — Eu sei que você colocou muito tempo e esforço em me ensinar o Tanzen Freund...

Ela bufou. — Talvez seja melhor que a viagem do embaixador tenha sido cancelada. Pelo menos ele não terá que observar você tropeçar na dança e se envergonhar, assim como eu.

Xenia nunca foi gentil, mas isso foi duro, até mesmo para ela. A raiva surgiu através de mim, especialmente desde que as palavras dela não eram verdadeiras. Pelo menos, não mais. Sim, eu tropecei durante semanas, mas

ao longo do mês passado, eu havia lentamente dominado, e realizei a dança perfeitamente durante a nossa sessão de prática no início desta semana. Ela não encontrou um único motivo para me esfaquear com a bengala. Não em relação a dança, embora ainda tivesse me cutucado algumas vezes, me dizendo para não ficar muito confiante.

— Bem, talvez se você fosse uma professora melhor e mais interessada em me ajudar a aprender a dança em vez de incessantemente me esfaquear com sua maldita bengala eu poderia não ter tropeçado tanto.

As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse detê-las, e Isobel respirou assustada, chocada por elas, junto com o meu tom gelado. A coisa educada, a coisa certa, teria sido se curvar minha cabeça e pedir desculpas. Mas levantei meu queixo e cruzei meus braços sobre o peito. Eu não sentia vontade de me desculpar. Não quando ela descartou tão casualmente todo o meu trabalho duro. Eu poderia ser capaz de fugir de Felton, mas eu não respondia a Lady Xenia.

Ela piscou com minhas palavras. O mesmo aconteceu com o ogro no pescoço dela. Eu nunca falei tão duramente com nenhum dos eles, mas ela se recuperou rapidamente. — Eu sou uma excelente professora.

— O que você sempre diz? Ah, sim. Que um aluno é tão bom quanto seu professor. Então, se houver alguma culpa aqui, está em você, Lady Xenia. — Eu arqueei uma sobrancelha. — Você superestima sua excelência.

Seus dedos apertaram em torno da cabeça de ogro prateada em sua bengala como se quisesse levantá-la e me bater com isso. Mas depois de um momento, seus lábios se transformaram em um sorriso de má vontade, e o ogro no pescoço dela sorriu para mim também. — Eu subestimei você, Lady Everleigh. Parece que você realmente tem um pouco de mordida em você depois de tudo.

Ela inclinou a cabeça para mim, em seguida, recuou para a multidão, apunhalando sua bengala na grama a cada poucos passos.

Agora eu pisquei surpresa. — O que acabou de acontecer? Ela me deu um... elogio?

— Eu acho que sim — disse Isobel. — Bom para você, Evie, por se defender. Você deveria fazer isso mais frequentemente.

Ela se aproximou e me entregou o último pedaço de torta. Então ela voltou para o final da mesa, recolheu as formas vazias e as empilhou numa bandeja para levar para a cozinha.

Eu também estava orgulhosa de mim mesma e a torta era minha recompensa. Eu inalei, apreciando o doce aroma do recheio de frutas saindo da sobremesa ainda quente. Cheirava ainda melhor agora do que naquela manhã, e meu estômago roncou em antecipação.

Peguei o garfo, pronta para aproveitar os frutos do meu trabalho, quando senti um puxão na manga. eu olhei para baixo para encontrar uma menina com tranças marrons e olhos azuis na minha frente. Eu nunca a vi, embora seu vestido cinza combinasse com a túnica do embaixador, me dizendo que ela fazia parte da comitiva Andvarian. Provavelmente a neta de alguém, já que ela parecia ter doze anos.

— Posso comer um pedaço de torta? — perguntou ela com uma voz suave. — Por favor? Esta é a minha favorita.

Esta deve ser Gemma, a neta do rei Andvariano. Eu olhei para Isobel, mas ela havia empilhado todas as formas de torta, e não sobrou uma única migalha de crosta. Meu estômago roncou em protesto e suspirei. Eu poderia ter sido malvada com Xenia, mas nunca seria tão rude com um visitante. Além disso, a garota havia dito *por favor*. Isso a tornava mais educada e muito mais digna da minha torta do que qualquer outra pessoa aqui.

— Você é Gemma?

Seus olhos se arregalaram, surpresa que eu soubesse o nome dela, mas ela assentiu.

— Claro que você pode ter minha torta, querida.

Entreguei meu prato para ela. Um sorriso tímido se espalhou pelo rosto dela e ela fez uma desajeitada reverência de Bellonan. Educada, e seguiu o protocolo adequado. Eu gostava dela. Inclinei minha cabeça em retorno, como era o costume, então pisquei para ela.

Gemma deu uma risadinha, pegou o prato, sentou-se a uma mesa próxima e colocou a sobremesa na boca.

Se eu não podia ter nenhuma torta, eu tentaria outra taça de champanhe. Esperava que esta não cheirasse tão horrível como a primeira.

Comecei a acenar para um dos servos quando as portas do palácio se abriram e uma mulher entrou. Nenhuma trombeta soou, e ninguém a anunciou, mas todos os olhos ainda se voltaram em sua direção, e um silêncio caiu sobre o gramado.

Vasilia finalmente chegou.



Capítulo 05

Princesa Vasilia Victoria Summer Blair adiantou-se, depois parou em um espaço aberto no gramado para que todos pudessem admirá-la adequadamente.

Vasilia era de tirar o fôlego, ainda mais que Madelena. Seu cabelo solto e ondulado brilhava como ouro enquanto deslizava em cascata por seus ombros, seus olhos eram de um azul claro com o mais leve tom de cinza, como o céu em um dia de verão. Maquiagem discreta destacava suas sobrancelhas delicadas, maçãs do rosto perfeitas e lábios em forma de coração. Ao contrário de Cordelia e Madelena em seus vestidos, Vasilia usava suas botas pretas habituais e leggings pretas apertadas, junto a uma brilhante túnica fúcsia, a qual apresentava seu brasão, uma espada cercada por uma coroa de louros, costurada em fios dourados sobre o coração. Uma tiara de ouro cravejada de diamantes rosa, também em forma de louros, brilhava em sua cabeça.

Vasilia era muito mais do que apenas um rostinho bonito. Ela também era um dos melhores guerreiros em Bellona e poderia derrubar oponentes duas vezes o seu tamanho com a espada e a adaga pendurada em seu cinto de couro preto. Era igualmente boa com outras armas, tudo desde arcos a cajados e lanças. E depois havia sua magia. Vasilia era uma maga poderosa, capaz de convocar um raio com um simples pensamento, e era tão mortal com isso quanto era com todo o resto.

A princesa da coroa sorriu e assentiu, reconhecendo todos os olhares de admiração e inveja. Ela deixou todos olharem para ela por alguns segundos a mais, então começou a se mover de um grupo de pessoas para o outro, todas os quais se aproximaram, ávidos por seu tempo e atenção.

Talvez tenha sido a nossa história de gladiadores, mas há um ditado em Seven Spire, que se espalhou em todo o reino e no resto do continente – os habitantes de Bellon são muito bons em jogar por muito tempo.

Às vezes na arena, você matava seu oponente em um instante. Mas outras vezes, na maioria das vezes, você precisava esperar, traçar e planejar. Você necessitava cortar seu inimigo uma fatia pequena e rasa de cada vez. Jogar por muito tempo significava ser paciente, infligir as feridas que você podia ao longo do caminho e esperar pelo momento perfeito para atacar e finalmente acabar com seu inimigo.

Todos os membros da família real e nobres se destacavam no jogo longo, assim como os servos e guardas. Eles sabiam que ser gentil com a princesa da coroa agora poderia ajudar a obter certos favores concedidos a eles quando ela for rainha.

Nox seguiu atrás de Vasilia, pairando em seu cotovelo e se engajando em suas conversas, como se ele fosse seu consorte, em vez de apenas o guarda que ela estava atualmente fodendo. Sussurros subiram do outro lado do gramado e todos olharam de Nox para Frederich e voltaram, perguntando-se como o príncipe reagiria à presença do outro homem.

Frederich deve ter ouvido os rumores sobre Nox e Vasilia, porque ele franziu a testa, assim como Lorde Hans, ao lado deles, os lábios da rainha Cordelia estavam fechados em uma linha fina e apertada, o que indicava que ela estava silenciosamente furiosa. Não só por Vasilia jogar Nox na cara de Frederich, mas também porque Vasilia estava circulando ao redor, em vez de cumprimentar os Andvarianos primeiro.

As portas se abriram novamente. Desta vez, em vez de servos ou algum outro membro da família real que chegou tarde, mais guardas entraram no gramado. Comecei a ignorá-los, mas depois percebi que não reconhecia nenhum dos guardas, assim como não reconheci aqueles que patrulhavam os corredores mais cedo.

Parece que há muitas pessoas novas no palácio ultimamente. A voz de Alvis sussurrou em minha mente. Ele certamente estava certo sobre isso.

A risada de Vasilia ondulou na brisa e o som leve e estridente fez meu coração apertar forte com uma mistura de raiva, constrangimento e resignação. Eu quase podia me sentir encolhendo, embora ela não estivesse em qualquer lugar perto de mim.

Nem sempre foi assim. Uma vez, eu considerei Vasilia como minha melhor amiga, uma luz calorosa e reconfortante no escuro rescaldo dos assassinatos de meus pais. Não percebi naquela época que aquele calor, conforto e luz vinham com um preço – um que eu nunca poderia pagar.

Vasilia passou de um grupo para o outro, sorrindo, rindo e absorvendo toda a adoração. Eventualmente, ela se libertou da multidão, e pensei que ela poderia finalmente se dignar a cumprimentar Cordelia, Hans, e Frederich, mas Felton caminhou até ela. Ele abriu seu livro vermelho, e ela assentiu para o que quer ele estava mostrando a ela no livro.

Vasilia deve ter percebido meu olhar, porque levantou a cabeça e estreitou os olhos. Eu olhei para ela, imaginando se ela me favoreceria com um sorriso também. Um criado carregando uma bandeja de champanhe caminhou na minha frente e Vasilia acompanhou seus movimentos enquanto ele distribuía os copos, e todos começaram a beber o líquido.

Ela não me notou. Nem por um segundo. Claro que não. Eu não fui digna do seu tempo ou atenção em quinze anos agora. Minhas bochechas arderam e me senti ainda menor e mais insignificante do que antes. Eu teria pegado uma taça de champanhe e bebido minhas mágoas, mas os servos já haviam servido todas, deixando-me sem sorte, assim como eu estivera com a torta. História da minha vida.

A Rainha Cordelia já fora ignorada o suficiente, e bateu um garfo contra a taça, fazendo as notas cristalinas ressoarem pelo gramado. Ela entregou o garfo a um empregado, que escorregou para o fundo com os outros. Todos no gramado se viraram para ela.

Até Vasilia encarou a mãe, com as mãos entrelaçadas na frente dela, já que não se incomodara em pegar qualquer champanhe.

— Quero dar as boas-vindas aos nossos distintos convidados de Andvari, mas especialmente ao Lord Hans e ao Príncipe Frederich — falou Cordelia. — Eles nos honram com sua presença e especialmente com a sua amizade.

Ela levantou a taça em um brinde aos dois homens, que retornaram o gesto, assim como o resto dos Andvarians espalhados pela multidão. Até mesmo Gemma, a garota que havia comido minha torta, levantou uma taça, embora a dela contivesse cidra de maçã.

— Hoje, iniciamos uma nova era entre nossos reinos — continuou Cordelia. — Durante séculos, Bellona e Andvari se uniram em amizade e comércio. É minha intenção que nós iremos logo nos unir em matrimônio também.

O príncipe Frederico sorriu e inclinou a cabeça para a rainha. Todo mundo olhou para Vasilia, imaginando como ela aceitaria o pronunciamento da rainha, mas ela acenou para a mãe, depois sorriu para o Príncipe, desempenhando seu papel perfeitamente.

Cordelia ergueu o copo novamente. — Pela amizade!

Todos ecoaram suas palavras, depois levantaram as taças e beberam metade do champanhe, como era o costume de Bellonan.

Enquanto todo mundo estava distraído, Cordelia olhou para Vasilia e fez um movimento de inclinação firme com a cabeça. A princesa recebeu a mensagem alta e clara, e ela se moveu através da multidão até que estava de pé ao lado do príncipe Frederich.

Lorde Hans sorria para eles. Cordelia olhou para a filha, mas a aquiescência de Vasilia deve tê-la satisfeito, porque ela olhou para a multidão novamente.

— Além de nossa longa amizade, hoje também celebramos vários novos acordos comerciais com Andvari...

A rainha se lançou em seu discurso, falando sobre como estava feliz que o embaixador estava ali, que honra era hospedar o príncipe e todas as outras sutilezas esperadas. Eu desliguei as palavras dela, desde que ouvi variações disso centenas de vezes em outros eventos. A essa altura, eu apenas queria que o discurso dela *terminasse* de maneira que pudéssemos nos sentar

e eu poderia finalmente comer alguma coisa. Mas a visita de um embaixador e de um príncipe não era pouca coisa, e a rainha preparou muitas palavras, a fim de marcar corretamente a ocasião.

Meu estômago roncou em protesto, e olhei para as portas, me perguntando se o pessoal da cozinha voltaria com outra rodada de frutas, biscoitos e queijos para nos fazer passar pelo discurso da rainha. Mas os servos estavam agrupados perto da beira do gramado, segurando suas bandejas vazias, como se tivessem sido avisados para ficarem parados pelos guardas que os flanqueavam.

Pela primeira vez, notei quantos guardas estavam aqui. Dezenas deles rodeavam o gramado e cada um tinha a mão na espada. Estranho que eles estivessem tão alertas em um evento tão rotineiro.

Não fui a única que notou os guardas extras. O Capitão Auster também o fez, e ele se aproximou mais da rainha, seus dedos enrolando em volta do cabo da espada. A preocupação aumentou no meu estômago, mas eu a afastei. Nós estávamos no meio do gramado real. Não havia absolutamente nada a temer aqui, além de comentários maliciosos e parentes traiçoeiros.

— Um brinde! — exclamou Cordelia, encerrando seu discurso. — À novos começos!

Todos levantaram as taças novamente e beberam o resto do champanhe, como era o costume.

Vasilia claramente limpou a garganta e entrou no espaço aberto em frente a rainha. Cordelia franziu a testa, obviamente se perguntando se ela encenaria algum tipo de protesto, mas Vasilia assentiu para Hans e Frederich, então se virou e acenou para a multidão também, como se estivesse feliz por muitas pessoas estarem aqui para testemunhar seu noivado.

— Como minha mãe disse, estamos muito satisfeitos que todos vocês puderam presenciar esse dia especial conosco — disse Vasilia em sua voz adorável e cadenciada. — Não é sempre que tantos Blairs, tantos membros da minha extensa família, estão reunidos em um só lugar, juntamente com convidados tão ilustres, e estou muito honrada por cada um de vocês poder estar aqui...

Ela estava dizendo todas as coisas certas, expressando todos os sentimentos certos, mas suas palavras fizeram meu estômago revirar com medo. Passei os últimos quinze anos observando Vasilia, analisando cada palavra, gesto e expressão, e reconheci a nota fria, plana e distante em sua voz. Era a mesma que ela usou quando traíra a nossa amizade.

Olhei ao redor para ver se alguém notou o anel oco em seu discurso, mas todo mundo estava balançando a cabeça e sorrindo, pendurados em cada palavra dela.

Exceto Felton e Nox.

Eles estavam perto da muralha do palácio, bem atrás dos guardas que rodeavam o gramado. Curioso. Geralmente, os dois estavam na frente e no centro, com Felton pairando em volta da rainha e Nox fazendo o mesmo com Vasilia. Eu fiz uma careta. Algo estava acontecendo, algo muito mais sério e preocupante do que as panelinhas usuais, a política e as disputas internas.

Olhei para o Capitão Auster, que estava ao lado da rainha, com a mão ainda na espada. Ele também examinava a multidão, e quanto mais ele olhava em volta, mais seus olhos se estreitavam, como se tivesse o mesmo pressentimento ruim que eu. Sua preocupação óbvia aumentou minha própria preocupação.

— Por muito tempo, nossos reinos se debateram com coisas pequenas e mesquinhas — continuou Vasilia. — Bem, eu não digo mais nada. Em breve, estaremos todos unidos, como minha mãe disse.

Vasilia olhou para Lorde Hans, que piscou para ela, aparentemente satisfeito com as palavras dela. Então ela virou para o Príncipe Frederich e deu-lhe um pequeno sorriso, os cantos dos lábios curvados, como se ela se divertisse com algum segredo que só ela conhecia.

Aqueles nós de preocupação no meu estômago dobraram, triplicaram, em tamanho, então se arrastaram para o meu peito, envolvendo o meu coração e o estrangulando. Eu conhecia *esse* sorriso. Era o mesmo que Vasilia sempre me dava logo antes de ser particularmente cruel. O sorriso que deslumbrava, enganava e fazia você se aproximar mais de seu calor, luz e beleza, de modo que ela pudesse finalmente, completamente, eviscerar você.

— Oh, sim. — A voz de Vasilia aumentou como um trovão. — Hoje é um novo começo para todos nós. Iniciando para você, Príncipe Frederich.

Seus olhos brilharam com uma luz negra e perversa, e seus lábios se curvaram ainda mais. De alguma forma, eu sabia exatamente o que estava por vir, embora fosse impensável.

Antes que eu pudesse gritar uma advertência, Vasilia arrancou a adaga adornada de joias do cinto, ergueu-a e a enterrou no coração do Príncipe Frederich.



Capítulo 06

O choque foi como um cobertor frio e molhado caindo sobre o gramado e apagando o calor, a luz e normalidade do dia. Todos piscaram e piscaram, mas ninguém conseguia acreditar no que havia acontecido. Que a princesa, coroa de Bellona, acabara de atacar – assassinar – o príncipe Andvariano.

O sorriso de Vasilia aumentou e ela olhou para Frederich enquanto arrancava a adaga do peito dele. A boca do príncipe se abriu, mas apenas um pequeno suspiro estrangulado escapou de seus lábios. Seus olhos reviraram e ele caiu como uma pedra, morto antes mesmo de atingir a grama.

Lorde Hans gritou e se lançou para frente, mas Vasilia se virou friamente, executou um movimento perfeito de rotação e cortou a adaga em seu estômago.

Hans gritou e tropeçou em uma mesa, enviando os pratos, taças e garfos voando pelo ar. Seu rosto se contorceu de dor e choque, mas ele rosnou, apertou a mão sobre o sangue e tripas derramando-se do estômago e afastou-se da mesa. Ele cambaleou em direção a Vasilia, ainda determinado a atacá-la.

Os outros Andvarians saíram do choque. Eles também gritaram com raiva, puxaram suas espadas, e empurraram através da multidão, tentando alcançar Hans.

Vasilia observou-os vir junto com Hans, que ainda cambaleava na direção dela. Ela soltou um riso pequeno e satisfeito, depois levantou a mão e pegou sua magia.

Um raio branco saiu de seus dedos e bateu no peito de lorde Hans.

Por um momento, o embaixador se assemelhava a uma pedra fluorestone – esse pilar de luz branca brilhante. Então a magia lavou seu corpo, cozinhando suas entranhas abertas, junto com o resto dele. Ele gritou novamente e cambaleou para trás, mas Vasilia não teve misericórdia.

Ela nunca teve *qualquer* misericórdia.

Ela atacou Hans uma segunda vez com seu poder. Então uma terceira e depois uma quarta. Ou talvez fosse tudo um fluxo contínuo de raios. Mas sua magia era tão mortal quanto seu punhal, e segundos depois, Lorde Hans caiu no chão, seu corpo morto reduzido a uma casca queimada.

O cheiro quente e cáustico da magia de Vasilia encheu meu nariz, junto com o cheiro de carne queimada de Hans. Meu estômago revirou, mas eu estava chocada demais para vomitar.

Pessoas gritavam, berravam e se viravam desesperadas para se afastar do raio de Vasilia, antes dela cozinhá-las até a morte também. Eu não estava perto de Vasilia, mas ainda recuei até chegar à mesa atrás de mim. Mesmo os Andvarians pararam, não sabendo o que fazer agora que ambos os seus líderes estavam mortos.

Mais uma vez, aquele silêncio chocado desceu sobre o gramado e todos ficaram congelados no lugar, exceto pela Rainha Cordelia. Ela caminhou para frente, passando pelo capitão Auster, que desembainhara a espada e entrou na frente dela no momento em que Vasilia atacou Frederich.

— Vasilia! — gritou ela. — Pare com essa loucura de uma vez!

Cordelia levantou a mão e pegou seu próprio poder, já que ela era uma maga de fogo e uma das poucas que conseguia ficar frente a frente com o raio de Vasilia. Sua mão deveria ter explodido em chamas, mas apenas algumas faíscas incandescentes cintilavam nas pontas dos dedos. Cordelia franziu a testa e apertou a mão, como se não entendesse por que sua magia não estava acendendo instantaneamente como de costume.

— Qual é o problema, mãe? — falou Vasilia em uma voz leve e zombeteira. — Parece que você não pode convocar uma única faísca de poder. Por sorte, eu não tenho esse problema.

Ela balançou a mão e mais relâmpagos chiaram nas pontas dos dedos. As pessoas sugaram respirações irregulares e recuaram mais alguns passos.

— O que você fez? — exigiu Cordelia.

— Nada demais. Apenas recuei e assisti enquanto você e todos os outros engoliam seu champanhe como de costume. — Vasilia bateu com o dedo nos lábios. — Bem, eu suponho que não foi como de costume, já que o champanhe de todos tem wormroot misturado com todas aquelas bolhas douradas.

Os olhos de Cordelia se arregalaram e suspiros horrorizados soaram. Todo mundo olhou para as taças em suas mãos, expressões doentias torcendo seus rostos.

Wormroot era um veneno particularmente ameaçador. Primeiro, extinguia a magia de uma pessoa, do mutt mais fraco para o mago mais forte. Então, quando a magia da pessoa se foi, o veneno começava a trabalhar em seus órgãos internos, reduzindo-os a mingau, até que os olhos, nariz, boca e até mesmo unhas sangrassem. Meu pai foi envenenado com wormroot, e era uma maneira realmente horrível de morrer.

Eu teria bebido o champanhe também, se não fosse pelo mau cheiro. Apenas não percebi que eu estava cheirando veneno. Eu deveria ter notado, no entanto. Deveria ter feito alguma coisa, deveria ter avisado as pessoas que algo estava errado, mas não fiz, e agora todo mundo ia morrer. Meu estômago revirou novamente, mas engoli a bile quente e amarga que subia pela minha garganta.

A maioria dos meus primos ainda segurava as taças, com medo enchendo os olhos, esperando que o veneno começasse a trabalhar. Alguns desesperadamente estalaram os dedos, tentando invocar o seu poder mágico, mas tudo que poderiam produzir eram faíscas fracas, assim como Cordelia.

Madelena parecia particularmente doente, e deixando a taça cair, apertou as duas mãos na barriga inchada, como se isso protegesse o bebê que crescia dentro. Ela estava tomando cidra de maçã, assim como as crianças.

Madelena deve ter pensado que Vasilia havia envenenado sua taça também, porque soltou um gemido suave e balançou em seus pés. Ela teria caído se Durante não tivesse estabilizado-a.

Vasilia revirou os olhos. — Oh, não se preocupe, Maddie. Eu não te envenenei e não dei muito wormroot aos nossos primos também. Apenas o suficiente para impedir que todos usassem sua magia. Eu queria fazer as honras finais de acabar com você.

O capitão Auster entrou novamente na frente da rainha e levantou a espada. — Você não fará isso — rosnou. — Guardas! Comigo! Agora!

Todos os guardas extraíram sua arma, mas apenas cerca de uma dúzia deles atendeu ao comando de Auster e flanquearam ele e a rainha. Os olhos de Auster se estreitaram enquanto estudava o resto dos guardas, que mantiveram suas posições na borda do gramado, o sol brilhando nas lâminas em suas mãos.

Eu reconheci os homens de pé com Auster, mas nenhum dos outros. Meu coração afundou. Alvis estava certo sobre todas as novas pessoas no palácio. E mais uma vez, percebi que os estranhos guardas cheiravam a magia. Qualquer poder que tivessem, eles estavam se preparando para soltá-lo.

Nox se afastou de seu lugar ao longo do muro, atravessou o círculo de guardas e caminhou até ficar ao lado de Vasilia. — Desculpe, meu velho. Mas como você pode ver, eu substituí seus homens com alguns dos meus. —Ele usou sua espada para disparar uma saudação zombeteira a Auster.

Os lábios do capitão pressionaram juntos, mas ele apertou sua arma, pronto para defender sua Rainha até seu último suspiro.

Cordelia colocou a mão em seu ombro e sacudiu a cabeça. Então a rainha se esquivou de sua guarda e enfrentou Vasilia novamente.

— Por que você está fazendo isso? — perguntou ela.

Os olhos de Vasilia brilharam com uma luz fria. — Porque estou cansada de ser a princesinha perfeita e receber ordens de você. Estou cansada de você ignorar minhas sugestões e reduzir minhas propostas a cada passo.

— Você quer dizer impor novos impostos sobre bens de Floresian? Minas anexas na terra de Andvarian? Enviar tropas para a fronteira

ungeriana? — Cordelia sacudiu a cabeça. — Suas *propostas* não fariam nada além de nos mergulhar na guerra.

— Minhas propostas nos *fortaleceriam* novamente — assobiou Vasilia. — Uma força a ser considerada, apenas como Morta é. Algo sobre o qual você não sabe nada, especialmente desde que você tentou me comprometer com um homem fraco e sem personalidade, sem poder real em seu nome. — Ela bateu a ponta de sua bota no corpo de Frederich. — Não posso acreditar que você esperava que eu me casasse com ele. Terceiro na fila para o trono Andvarian. Que maldito insulto. Realmente, mãe. Você poderia ter feito muito melhor.

Os Andvarians rosnaram e ergueram suas espadas, e eu quase podia ver as rodas girando em suas mentes enquanto debatiam como poderiam vingar seu príncipe caído e embaixador. Alguns deles até avançaram, como se estivessem pensando em atacar Vasilia.

Ela deu-lhes um olhar entediado, em seguida, sacudiu os dedos, atirando algumas pequenas rajadas de relâmpago neles. A magia atingiu o chão, queimando a grama a seus pés, e os Andvarians gritaram e recuaram.

Vasilia olhou para os Andvarians um momento a mais, certificando-se de que estavam adequadamente intimidados, assim como todos os outros. Então se voltou para a mãe.

— O que você pensou que fosse acontecer? Que eu ia me apaixonar loucamente e começar a ter bebês como Madelena? Que eu esqueceria de me tornar rainha? Por favor. Você deveria saber melhor. A única razão para sugerir um casamento tão ridículo era que você poderia me enviar para Andvari e se livrar de mim. — Vasilia inclinou a cabeça, estudando sua mãe da mesma maneira que as outras pessoas poderiam examinar um inseto que vão esmagar embaixo de sua bota. — Ou talvez você estivesse planejando que eu fosse assassinada em Andvari e me eliminasse completamente.

— Esse era absolutamente o meu plano. — A voz de Cordelia era tão fria quanto a de Vasilia.

Arfadas chocadas percorreram a multidão, incluindo uma da minha boca. Ela estava planejando assassinar sua própria filha? Mas minha surpresa durou apenas um instante. Apesar da minha antipatia por ela,

Cordelia era uma boa rainha, pois sempre fazia o que era melhor para Bellona e as políticas de Vasilia não fariam nada além de nos lançar na guerra, como Cordelia dissera.

A rainha olhou para todos no gramado. Os Andvarians restantes, seus primos reais, os nobres, os servos, os poucos guardas leais. Por um momento, ela se concentrou em mim e algo como remorso acendeu em seus olhos. Então ela olhou para a filha novamente.

— Você, minha querida, é uma cadela faminta por poder que não tem consideração por ninguém além de si mesma.

Vasilia riu. — Você acha que isso é um insulto? Considero um bom elogio.

— Claro que você faria. Mas a verdade é que matar você seria uma misericórdia para todas as pessoas de Bellona e além. — Cordelia sorriu, mas era uma expressão sombria e resignada. — Meu único arrependimento é que eu esperei muito para fazer isso. Eu continuei esperando que você mudasse, mesmo sabendo que no fundo você nunca faria. Sentimento bobo, da minha parte, segurando minha mão.

Há quanto tempo Cordelia planejava a morte de Vasilia? E quem a ajudaria a matar sua própria filha?

— Eu deveria ter feito isso meses atrás — continuou. — Assim que seus dois novos amigos Mortan chegaram a Seven Spire.

Cordelia olhou para Nox e depois para Maeven. O que a administradora da cozinha tinha a ver com isso? A resposta veio a mim um momento depois. Maeven envenenara o champanhe. Eu me perguntava por que ela queria que eu provasse antes. Um teste, muito provavelmente, para se certificar de que o veneno funcionava – e provavelmente teria. Eu posso ser imune à magia, mas eu não sabia se poderia sobreviver a uma barriga cheia de wormroot.

Cordelia olhou entre Nox e Maeven e, pela primeira vez, percebi semelhança entre eles. O mesmo cabelo dourado, os mesmos olhos de ametista, as mesmas maçãs do rosto afiadas e angulosas. Os dois estavam relacionados. Eu tinha certeza disso. Eu não tinha a sensação de que eles eram mãe e filho, no entanto. Talvez tia e sobrinho? Primos?

Maeven estava em Seven Spire há mais de um ano, e Nox há cerca de nove meses. Além do relacionamento escandaloso de Nox com Vasilia, ambos trabalharam como todos os outros. Por quanto tempo eles estavam planejando isso? Quantas pessoas estavam envolvidas? A conspiração foi apoiada pela família real de Mortan?

Minha mente girou com perguntas, mas nenhuma resposta estava à vista. Apenas morte para a rainha e todos os outros.

— Eu esperava que você voltasse a si. — Cordelia se concentrou em Vasilia novamente. — Que você faria o seu dever e colocaria Bellona em primeiro lugar, acima das suas próprias ambições. Que idiota eu fui por pensar que você faria algo tão abnegado.

Vasilia revirou os olhos novamente. — Estou tão cansada de você me alertar sobre o *dever* o tempo todo. Mas principalmente, estou cansada de esperar quando *eu* deveria ser rainha.

— A Rainha Vasilia teria uma coroa adorável. — Nox segurou a mão de Vasilia e galantemente pressionou um beijo em seus dedos, mesmo que estivessem cobertos com o sangue do Príncipe Frederich e do Lorde Hans. Depois atirou para Cordelia uma piscadela picante.

As narinas da rainha se dilataram de raiva. — Não sei o que ele te prometeu, mas você não pode confiar ele.

Vasilia soltou uma risada divertida. — Claro que não confio nele. Assim como ele não confia em mim. Mas quem precisa de confiança quando você tem um objetivo comum?

— E o que seria isso? — perguntou Cordelia.

Vasilia sorriu novamente para a mãe e, por uma vez, a expressão foi bastante genuína. — Por que ser rainha de um único reino quando posso governar um império inteiro?

Murmúrios ondularam no meio da multidão. Cordelia olhou de sua filha para os dois Andvarians mortos para Nox, e finalmente para Maeven, que ainda estava em silêncio no fundo. Compreensão brilhou em seus olhos, e ela balançou a cabeça.

— Você nunca será rainha de nenhum *império*. — Cordelia cuspiu as palavras. — Os Mortans usarão você para obter nossa terra, nossos recursos,

nossa magia. E então, quando estiverem prontos, eles tirarão Bellona de você. Eles cortarão sua garganta, queimarão seu corpo e triturarão seus ossos em pó, como fazem com todos. E a parte triste é que você nem perceberá o que está acontecendo até que seja tarde demais.

A princesa acenou com a mão, descartando as preocupações da mãe. — Você deveria saber até agora que ninguém tira nada de mim... nunca.

Vasilia recolocou a adaga na bainha do cinto e sacou a espada. Nox levantou sua arma também, assim como todos os guardas vira-casaca. O capitão Auster se aproximou da rainha, assim como os poucos guardas restantes que ainda eram leais a ele.

Um estranho silêncio desceu sobre o gramado. Então, com um pensamento, uma respiração, um rugido de som e movimento, todos entraram em ação.



Capítulo 07

Vasilia e Nox avançaram, atacando as pessoas mais próximas a eles.

— Guardas! — rugiu o capitão Auster. — Comigo! Comigo! Protejam a rainha!

Apesar do fato de estarem terrivelmente em desvantagem, os guardas formaram um círculo apertado e protetor em torno de Cordelia.

— Retirar! — rugiu Auster novamente. — Retirar!

Ele estava tentando tirar a rainha do centro do gramado e voltar para dentro do palácio, onde poderia protegê-la melhor, ou até mesmo levá-la à segurança por completo. Mas não havia lugar para eles irem. Os guardas vira-casaca formaram um círculo ao redor do gramado, prendendo todos dentro de suas fileiras como animais em um matadouro. Os vira-casaca avançaram, suas espadas relampejando como relâmpagos à luz do sol. Apenas em vez de golpear a terra, esses raios tinham alvos muito mais sinistros – todas as pessoas reunidas aqui.

Gritos e exclamações rasgaram o ar, junto com sangue – muito sangue. Em um instante, o aroma acobreado encheu o ar. O cheiro repugnante deslizou pela minha garganta e me fez querer vomitar novamente. Sangue respingava por toda parte como uma chuva lateral, encharcando tudo em seu caminho. Mesas, cadeiras, pratos, pessoas. Um par de gotas atingiu minha bochecha, e assobiei com o calor súbito e ardente deles, batendo a mão no meu rosto como se fossem abelhas que eu pudesse enxotar.

Vários magos, incluindo meus primos Blair e os Andvarians, tentaram convocar seu poder para que pudessem revidar, mas o wormroot fizera o seu trabalho, e eles obtiveram os mesmos resultados lamentáveis de Cordelia – somente as faíscas e nenhum chiado. A magia deles era tão fraca que eu não conseguia nem sentir o cheiro sob o espesso e forte aroma de todo o sangue.

Alguns dos metamorfos tentaram mudar para suas formas maiores e mais fortes, mas o wormroot havia amortecido sua magia também, e eles estavam presos em suas formas humanas mais fracas.

A única pessoa que mudou com sucesso foi Lady Xenia, dado os rugidos altos que saíam de sua garganta. Ela não deve ter bebido o champanhe. Eu não conseguia ver o rosto dela no meio da multidão, embora visse as longas e pontiagudas garras negras na ponta dos seus dedos enquanto ela abria garganta de um vira-casaca que a atacou.

Com a magia fora de alcance, as pessoas eram forçadas a confiar em sua própria força física, velocidade e habilidades de luta, e eles tentaram forçar seu caminho através do círculo de guardas. Mas foi aí que a segunda fase sinistra do wormroot entrou em ação, e várias pessoas pararam, incluindo os Andvarians, segurando seus estômagos, dobrando e vomitando o champanhe que beberam, junto com bocados de sangue. Sua doença súbita tornou mais fácil para os vira-casacas avançar e acabar com eles.

Os guardas cortaram cada pessoa com eficiência impiedosa. Servos, nobres, realeza. Homens, mulheres, até as crianças. Ninguém foi poupado enquanto os traidores cortavam e retalhavam o caminho através da multidão. Os guardas eram particularmente cruéis quando se tratava dos meus primos Blair, apunhalando-os uma e outra vez e depois cortando suas gargantas para garantir. E os guardas tinham muita magia para ajudá-los com sua fúria assassina. A maioria deles eram simplórios, com força ou velocidade extra, com alguns magos e metamorfos.

Todos eram igualmente brutais e implacáveis.

Através da massa de corpos em movimento, gritando e lutando, vi Maeven ainda em pé perto da parede do palácio, um sorrisinho satisfeito em seus lábios. Felton estava ao lado dela, olhando para o caos com uma expressão calma, segurando seu livro vermelho. Pensei na lista que vi no livro

de Felton, nas páginas com todas aquelas marcas de verificação. Ele estava acompanhando os Blairs e outros convidados e certificando-se de que todos estavam aqui antes de Vasilia fechar sua armadilha.

Vasilia planejara isso com muito cuidado. Não só ela, Nox, Maeven e Felton iam matar a rainha, mas também iriam assassinar cada pessoa aqui com até mesmo uma gota de sangue Blair. Eles eliminariam qualquer um que pudesse sobreviver milagrosamente ao massacre, se levantar e potencialmente desafiar Vasilia pelo trono de Bellona mais tarde.

Incluindo eu.

Um guarda passou a espada pelo homem à sua frente, depois soltou a arma e investiu contra mim, a próxima pessoa em seu caminho. O pânico me encheu, e recuei, batendo contra a mesa novamente. Minha mão bateu em algo liso e duro – o vaso de cristal de amores-perfeitos de neve que eu admirei mais cedo. Uma determinação fria surgiu em mim, congelando o meu pânico, e peguei o vaso, meus dedos enrolando ao redor do topo.

O guarda me atacou, e me vi pensando na coisa mais estranha – todas aquelas lições de dança recentes com Lady Xenia. Eu não sabia o motivo, mas eu quase podia ouvir a música tocando em minha mente, e escutei a estranha batida fantasma. O guarda levantou a espada enquanto a música na minha cabeça inchava a um crescendo rugido.

Mova-se, Everleigh! Agora!

A voz de Xenia estalou na minha cabeça, o jeito que ela me atacou durante aquelas lições, e girei para o lado, fora do caminho da espada cortante do guarda, como se evitasse um golpe forte da bengala de Xenia.

O guarda passou por mim, batendo sua arma na mesa em vez do meu peito. A lâmina ficou presa na madeira e ele amaldiçoou, tentando arrancá-la.

Antes que pudesse liberar a arma, eu levantei e bati o vaso na parte de trás de sua cabeça.

O cristal quebrou e o guarda gritou. De alguma forma, acabei com um longo pedaço de caco na minha mão, que eu acertei nas costas do guarda. Ele gritou de novo, mas não parei. Arranquei o estilhaço e, em seguida, esfaqueei-o nas costas repetidas vezes até que ele finalmente parou de gritar e caiu sobre a mesa.

Soltei o fragmento ensanguentado e cambaleei para longe, respirando com dificuldade. A cabeça do guarda estava na mesa, sua boca aberta em um grito silencioso. Eu o matei. Eu realmente o matei.

Fazia muito, muito tempo desde que eu matara alguém.

— Evie! Evie!

Eu me virei. Isobel estava correndo em minha direção, fazendo o melhor que podia para evitar os guardas em enxame. Nossos olhares se encontraram, e vi o medo e pânico em seus olhos.

Mais determinação surgiu em mim. Eu precisava protegê-la. Eu não ia perdê-la para uma trama de assassinato da mesma maneira que perdi meus pais.

Empurrei o guarda morto, levantei e segurei sua espada, que ainda estava presa na mesa. Tive que apoiar meu pé contra a madeira, mas soltei a arma. Cambaleei para trás, segurando a espada, e algo escorregou da mesa e caiu na grama aos meus pés.

A pedra da memória.

A opala estava brilhando com uma luz branca suave, me dizendo que ainda estava gravando. Vasilia assassinando o Príncipe Frederich e o Lorde Hans, seu confronto com Cordelia, os guardas atacando a todos. A pedra registrara tudo. Eu precisava levá-la comigo.

Larguei a espada, tirei o saco de veludo preto do bolso e fiquei de joelhos. Bati na opala três vezes para parar a gravação, então a coloquei na bolsa e puxei os cordões para fechar. Minhas mãos tremiam, mas enrolei as cordas em volta do meu pulso e as amarrei para que eu não perdesse o saco. Então peguei a espada novamente e levantei.

— Evie! — gritou Isobel. — Evie, olhe para trás!

Dois guardas perceberam que eu havia matado o amigo deles e ambos me atacaram. Eu não era uma ótima guerreira como Vasilia, mas o Capitão Auster tinha gasto um bom tempo me treinando por anos – ou pelo menos tentando me treinar. Tentei desesperadamente lembrar apenas uma daquelas lições, mas ouvi aquela música fantasma em minha mente novamente, e deixei isso me levar.

O que quer que fosse, funcionou.

Evitei o primeiro guarda, virei ao redor, e cortei minha espada em suas costas. Ele gritou e caiu no chão. Eu me aproximei e chutei a cara dele, fazendo sua cabeça recuar. Então, enquanto ele ainda estava atordoado, eu enfiei minha espada em seu peito. O guarda gorgolejou uma vez, depois ficou imóvel.

— Evie! Evie, cuidado! — gritou Isobel pela terceira vez.

O segundo guarda se virou e se lançou para mim. Mesmo quando me virei para ele, sabia que não seria rápida o suficiente para evitar o golpe. Fiz uma careta e me preparei para morrer...

No último instante, Isobel correu e agarrou o braço do guarda, impedindo-o de me matar.

— Saia do caminho! — resmungou o guarda.

Ele a afastou, depois se adiantou e enfiou a espada no peito dela. O guarda deve ter alguma magia simplória que lhe deu força extra, porque ele empurrou a espada tão profundamente no corpo dela que saiu pelas costas. Isobel ficou pendurada em sua lâmina, os olhos arregalados, ofegando, como uma borboleta presa no lugar.

— Isobel! — gritei. — Isobel!

Eu me movi em torno dela e ataquei com minha própria espada. A lâmina ficou presa no pescoço do guarda e o sangue irrompeu como uma fonte da ferida. Ele gritou e caiu no chão, perdendo o controle da sua espada e levando a minha com ele também. Isobel cambaleou para trás, a espada do guarda ainda enterrada em seu corpo, e caiu na grama.

Minhas pernas se dobraram e caí de joelhos ao lado dela. Só levei um segundo para pegar a mão dela, embora parecesse muito, muito mais tempo. Eu não era mestre dos ossos, mas até eu sabia que não havia nada que pudesse fazer. Não dada a espada ainda presa em seu peito e todo o sangue que já havia encharcado a grama debaixo de seu corpo.

Isobel ofegou por ar enquanto lágrimas de dor correram pelo seu rosto. Sua cabeça pendeu para o lado e seu olhar fixou o meu. — Há... minha... menina... — murmurou. — Há... minha... Evie...

Seus olhos se aqueceram, seu rosto suavizou e seus lábios se curvaram em um pequeno sorriso. Então ela estremeceu em um suspiro, seu peito afundou e sua mão escorregou da minha.

— Isobel! — gritei. — Isobel!

Mas ela se foi – morta.

Mesmo que não tenha sido útil, apertei os ombros de Isobel e gritei o nome dela várias e várias vezes, embora o caos contínuo da luta afogasse meus gritos roucos e de coração partido.

Um guarda passou correndo por mim, perseguindo um dos servos, e sua perna bateu no meu ombro e me derrubou sobre Isobel. Por um momento, senti o aroma dela – açúcar misturado com canela – aquele que sempre me fez sentir tão calorosa, bem-vinda e segura. Então o sangue dela jorrou sobre minhas mãos, quente e pegajoso, abafando aquele cheiro doce e substituindo-o pelo acobreado fedor de morte fresca. Meu coração apertou com força, lágrimas escorreram pelas minhas bochechas e bile subiu na minha garganta de novo…

Um gemido agudo soou e minha cabeça se virou para a direita. Gemma, a garota Andvariana, havia se escondido debaixo de uma mesa próxima, uma das poucas que ainda estavam em pé. Ela estava encolhida de joelhos, tentando fazer-se o menor possível, embora seus olhos azuis estivessem arregalados de medo e choque.

Os guardas vira-casaca ainda não haviam notado a garota, mas logo eles notariam, e então eles a matariam também, a menos que eu a salvasse.

Eu não consegui proteger Isobel, e não tinha ilusões de que poderia ser melhor com Gemma, mas eu precisava tentar. Isso é o que Isobel teria desejado. Ela teria querido que eu me esforçasse para salvar esta menina perdida, assim como ela fez comigo quando cheguei a Seven Spire.

E percebi que eu poderia fazer isso, graças a Lady Xenia.

Xenia soltou outro berro alto, pegou um guarda, girou-o e o atirou contra um bando de homens vindo até ela, derrubando todos no chão. Isso criou uma abertura no círculo de guardas, e Xenia avançou, arremessando suas garras sobre o estômago de outro guarda, e ampliando a lacuna entre os

traidores. Algumas pessoas aproveitaram e passaram correndo por ela, correndo para as portas do palácio.

Mas eles não contavam com Maeven.

Ela levantou a mão, e um relâmpago roxo brilhou na ponta dos dedos. Eu podia sentir o cheiro de sua magia por todo o gramado. Uma maga. Ela era uma bruxa e uma muito forte. Claro que era. Porque isso não poderia piorar.

— Cuidado! — gritei, mas não adiantou.

Maeven jogou o raio nas portas, afastando as pessoas delas. Todos se esconderam atrás das mesas e cadeiras viradas, e ela continuou jogando um raio atrás do outro, sorrindo o tempo todo, como um gato brincando com um covil inteiro de ratos.

Ela estava tão ocupada tentando matar as pessoas que não percebeu que o relâmpago havia quebrado as portas de vidro, criando uma abertura irregular. Tudo o que eu deveria fazer era distrair Maeven por tempo suficiente para Gemma escapar. Aquela vadia pode ser mais mágica, mas essa simplória sabia mais do que um truque, e eu podia lidar com um pequeno raio.

Mas primeiro, eu necessitava levar Gemma até as portas. Eu ainda estava esparramada em cima de Isobel, e me levantei. — Perdoe-me — sussurrei, embora ela estivesse muito além de qualquer tipo de audição agora.

Então me abaixei, agarrei a espada ainda presa em seu peito e a soltei. Isobel caiu ao chão, e tive que lembrar que eu não estava machucando-a, que ela estava morta, e que eu estaria também se não me mexesse. Mais lágrimas escorreram pelo meu rosto, mas cerrei meus dentes e me afastei dela.

Mantendo-me abaixada, corri até Gemma, agarrei seu braço e a puxei de debaixo da mesa. Ela gritou e começou a se afastar, mas dei-lhe uma pequena sacudida, tentando tirá-la de seu pânico. Depois de um momento, ela percebeu que eu não era um dos guardas e que não estava tentando machucá-la.

— Você conhece Alvis? — gritei sobre o caos. — O mestre de Andvarian? Você sabe onde fica a oficina dele?

Os Andvarians visitavam Alvis sempre que vinham a Seven Spire, e eu esperava que Gemma tivesse ido a sua oficina nas masmorras. Seus olhos

eram tão largos que pensei que eles poderiam estourar de seu rosto e rolar como bolinhas de gude, mas ela finalmente assentiu.

Apontei a abertura no vidro para ela. — Então você passa por aquelas portas e corre até a oficina dele o mais rápido que puder. Não se atreva a parar por nada. Você diz a ele o que está acontecendo e que Evie disse para ele sair do palácio. Você entendeu?

Eu não consegui salvar Isobel, mas talvez pudesse ajudar Alvis. Era um tiro no escuro na melhor das hipóteses, mas era a única esperança de fuga da garota, e a de Alvis também.

Mais lágrimas rolaram pelas bochechas de Gemma, mas ela assentiu novamente.

— Essa é uma garota corajosa. Aqui vamos nós. Um, dois, três, vai!

Agarrei a mão dela e nós corremos em direção às portas quebradas. Mas assim que começamos a correr, eu percebi que não iríamos conseguir fazer isso. Um dos guardas, um simplório com alguma magia de velocidade, estava se aproximando de nós. Juntas, Gemma e eu éramos muito lentas e alvos demais para alcançar as portas. Mas ela poderia ser capaz de fazer isso – se eu o ferisse.

Então eu a empurrei para frente, coloquei meu ombro para baixo e desviei para a direita, batendo no guarda e derrubando-o o mais longe dela que pude. Gemma parou e olhou por cima do ombro, mas acenei para ela.

— Não pare! Continue! — gritei.

Seus lábios se apertaram em uma linha sombria e determinada, e ela avançou na minha direção, como se fosse vir em meu socorro. Mas ela nunca teve a chance. Xenia agarrou a menina pela cintura e pegou-a.

Meus olhos se arregalaram. Eu havia estudado o rosto de ogro em seu pescoço dezenas de vezes, mas nunca vi a verdadeira metamorfose de Xenia, e era realmente aterrorizante.

Lady Xenia havia crescido para mais de dois metros de altura, e os músculos de seus braços e pernas estavam inchados contra suas roupas, forçando o tecido. Garras negras e longas inclinavam seus dedos, cada um gotejando sangue. Mais sangue cobria seu rosto, incluindo todos e cada um dos dentes pontiagudos que agora enchiam sua boca. Seus olhos âmbares

queimavam como tochas, e seu cabelo acobreado brilhava com uma luz vermelho escuro, enquanto os fios chicoteavam ao redor de seu rosto, quase como se fossem cobras se contorcendo em volta da cabeça dela.

Nossos olhares se encontraram, e afastando minha surpresa, eu acenei para ela.

— Vai! Salve a garota!

Eu não sabia se ela me ouviu, mas Xenia se afastou, correndo para as portas quebradas.

Comecei a segui-la, mas o guarda que eu havia derrubado se levantou, avançou e bateu seu punho no meu rosto. A dor explodiu no meu maxilar e estrelas brancas piscaram nos meus olhos, mas eu pisquei-as e concentrei-me em Xenia, que ainda corria em direção às portas.

Maeven jogou um raio na metamorfa. A magia cortou o ombro de Xenia, girando-a e fazendo-a gritar como um animal ferido. Ela cambaleou, quase derrubando a garota, mas aumentou o aperto e continuou correndo, e atravessou o pequeno buraco no vidro que restava nas portas e no palácio. Ela e Gemma desapareceram de vista.

Maeven estalou os dedos para os guardas mais próximos. — Ninguém escapa! — sussurrou ela. — Atrás delas! Agora!

Um par de guardas se afastou da parte principal da batalha e se dirigiu nessa direção, disparando através da abertura atrás de Xenia e Gemma.

Eu esperava que as duas fossem para a segurança. Esperava que elas pudessem alcançar Alvis e avisá-lo. Mas fiz tudo o que pude por eles, e agora era hora de tentar me salvar.

Pisquei longe a última das estrelas e enfrentei o guarda. Ele se aproximou de mim novamente, mas sua bota escorregou em um pedaço de grama ensanguentada. Antes que pudesse recuperar o equilíbrio, eu avancei e enterrei minha espada no estômago dele. Seus olhos se arregalaram e ele gritou de dor. Empurrei a espada em um pouco mais profundo, depois a retirei.

Ele caiu no chão e eu me virei para as portas novamente. Talvez se eu tivesse sorte eu poderia esgueirar-me atrás dos guardas que foram atrás de Xenia e Gemma e os matar...

— Não! — gritou uma voz profunda e familiar. — Não! Fique longe dela!

Eu me virei. Vasilia segurava a espada e avançava sobre Durante, que estava em pé na frente de Madelena, protegendo sua esposa grávida com seu próprio corpo, e segurando a haste de uma taça de champanhe quebrada como se fosse algum tipo de arma. Eu hesitei, dividida entre correr em direção a porta e qualquer segurança que poderia estar além e tentar salvá-los. Madelena nunca foi particularmente gentil comigo, mas ela nunca foi cruel também. E o bebê dela era inocente de tudo.

Eu amaldiçoei e corri naquela direção, correndo em volta das pessoas em pânico que ainda estavam vivas, esquivando-me dos guardas vira-casaca que tentavam me atacar, e pulando sobre os corpos ensanguentados, vidros quebrados, e mesas rachadas que cobriam o gramado. Mas eu estava muito longe e não ia alcançá-los a tempo. Mesmo se eu fizesse, Vasilia poderia facilmente me cortar com sua espada. Ainda assim, eu precisava tentar. Vasilia pode não ter consciência, mas eu tinha, e não seria capaz de viver comigo mesma se eu não tentasse pelo menos.

Durante atacou com sua taça quebrada, mas Vasilia evitou o golpe desajeitado, levantou a mão e desencadeou seu raio. Durante gritou, seu corpo convulsionou, e o fedor de carne queimada encheu o ar novamente. Alguns segundos depois, Durante caiu no chão, fumaça saindo de seu corpo carbonizado. Seu peito convulsionou mais algumas vezes, e então ele ficou imóvel, o olhar fixo em sua esposa, como se ainda estivesse tentando protegê-la, mesmo na morte.

Madelena colocou as mãos sobre o estômago e recuou. — Por favor, Vasilia — implorou ela, lágrimas escorrendo pelo seu rosto. — Você não precisa fazer isso. Não sou uma ameaça para você. Eu nunca fui.

— Eu sei — disse Vasilia. — Mas não me importo.

Ela agarrou a espada, avançou e esfaqueou a irmã no coração. Madelena nem teve tempo de gritar antes que Vasilia girasse a espada ainda mais fundo, depois a retirasse. Madelena caiu no chão, uma mão esticada na direção do marido e a outra enrolada sobre seu estômago, ainda tentando proteger seu bebê não nascido, embora estivesse tão morto quanto ela.

Vasilia sorriu com satisfação, virou-se e voltou à luta, usando sua espada e seu raio para matar todos em seu caminho.

Meus passos diminuíram e parei no meio do gramado, olhando para Madelena e balançando de um lado para o outro, enquanto o caos se espalhava ao meu redor. Algo molhado picou minhas bochechas, e percebi que mais lágrimas escorriam pelo meu rosto. Eu sempre soube que Vasilia era cruel, mas nunca pensei que ela seria tão insensível a ponto de matar a própria irmã grávida.

Que tipo de pesadelo era esse? E como eu poderia escapar disso? Eu queria voltar no tempo e voltar a esta manhã, quando a pior coisa do meu mundo era fazer tortas.

Mas os gritos, berros e ataques violentos continuaram, e eu sabia que nunca poderia escapar disso. Mesmo que de alguma forma sobrevivesse ao massacre, eu nunca esqueceria *isso*...

— Recuar! Recuar! — soou a voz do Capitão Auster. — Protejam a rainha!

Minha cabeça estalou naquela direção. Auster conseguira tirar Cordelia da zona de matança no centro do gramado, e ele manobrou os poucos homens que restavam do seu lado para o muro de pedra que dava para os penhascos e o rio abaixo. Auster dirigiu-se para a esquerda, na direção das portas quebradas pelas quais Lady Xenia havia passado, mas Nox e vários guardas avançaram para bloquear o caminho.

Auster e seus homens estavam mais perto das portas do que eu estava agora, e corri através da confusão, tentando alcançá-los, e balançando minha espada em cada vira-casaca que chegou perto de mim. Não porque eu pensei que os guardas restantes me protegeriam – a rainha era e deveria ser sua principal prioridade – mas porque eles eram os únicos que permaneciam de pé.

Todo mundo estava morto ou morrendo.

Eu provavelmente acabaria desse jeito também, mas eu não conseguiria alcançar as portas sozinha, e Auster e seus homens pelo menos me dariam uma chance de lutar. E se eu fosse morrer, então eu queria morrer protegendo a rainha, o mesmo que eles. Eu queria fazer o meu dever real uma

última vez, talvez a única vez que isso importaria, que realmente ajudaria alguém.

Mas mais uma vez, eu cheguei tarde demais.

Auster estava ocupado lutando com Nox e dois vira-casacas, então ele não viu Vasilia correr e acertar a espada no estômago do guarda que estava mais próximo da rainha. Esse homem gritou e tombou no chão, dando a Vasilia um caminho limpo para sua mãe.

Cordelia se inclinou e se atrapalhou com a espada do morto, mas Vasilia chutou a lâmina para longe da mão dela. Cordelia levantou e se afastou da filha, mas não havia nenhum lugar para ir, e ela bateu no muro um segundo depois.

Vasilia sabia que tinha sua mãe presa e parou, outro sorriso encheu seu rosto enquanto ela girava a espada ao redor de sua mão. A cadela estava saboreando o momento.

Cordelia levantou o queixo e endireitou os ombros. Então inclinou a cabeça, parabenizando a filha por sua vitória traiçoeira, e levantou os braços para os lados, aceitando seu destino.

— Tentando morrer com um pouco de dignidade? — zombou Vasilia. — Você já deveria saber que não existe tal coisa.

— Você vai descobrir isso por si mesma em breve, quando seus amigos Mortan te traírem — disse Cordelia. — Meu único arrependimento é que não estarei viva para ver isso.

Ela olhou para a filha, com o rosto frio como gelo, e estendeu os braços, abraçando a morte à sua frente.

Raiva acendeu nos olhos de Vasilia, e ela puxou a espada para trás e depois a balançou para frente, determinada a matar sua mãe.

— Não! — gritei. — Não! Pare!

Meus gritos surpreenderam Vasilia, e ela não colocou toda a força de seu corpo atrás do golpe, mas ainda fez muito dano. Sua espada acertou a lateral da rainha, e Cordelia gritou e cambaleou para trás. Ela bateu na parede atrás dela novamente e quicou, suas pernas se dobraram e seu corpo caiu no chão.

Vasilia se virou para mim, mas bati meu ombro no dela, derrubando-a no chão e longe da rainha. Eu avancei e caí de joelhos ao lado de Cordelia. Ela estava de costas contra a parede, com as pernas dobradas sob o corpo. Ela tinha a mão presa ao seu lado, mas o sangue ainda jorrava entre os dedos.

— Levante-se! — falei. — Você tem que se levantar! Você tem que se mexer!

Estendi a mão para agarrar o braço dela e puxá-la, mas Cordelia pegou minha mão. Ela piscou várias vezes, como se estivesse tendo problemas para se concentrar em mim através da dor de sua horrível ferida, mas ela finalmente conseguiu.

— Everleigh — murmurou ela, surpresa piscando em seus olhos azul-acinzentados. — É claro que é você. A pequena garota órfã que ninguém queria. Primeiro seus pais e agora eu. Você é surpreendentemente boa em sobreviver a assassinatos.

Minha boca abriu, mas eu não sabia o que dizer. Por que ela falava dos meus pais? Porque agora? Sua mente já se foi?

Os lábios de Cordelia se curvaram em um sorriso, e ela realmente riu, como se encontrasse algo sobre toda essa situação muito divertida. Mas seu riso logo se transformou em uma tosse torturante e sangue borbulhou de sua boca e escorreu pelo queixo. Seu olhar passou por mim e ela olhou para os corpos cobrindo o gramado como folhas mortas e quebradiças. Tristeza surgiu em seu olhar, e uma única lágrima escapou do canto do olho, mas ela se concentrou em mim novamente.

— Rainhas Summer são finas e justas, com lindas fitas e flores no cabelo. Rainhas Winter são frias e duras, com coroas foscas feitas de fragmentos de gelo — murmurou em voz baixa e urgente.

Levei um momento para reconhecer a frase como uma antiga rima de contos de fadas, que minha mãe costumava cantar para me fazer dormir. — Por que você diria isso? Do que você está falando?

— Porque você é a última que sobrou. A última rainha Winter. Você tem que viver — disse Cordelia asperamente. — Você tem que sobreviver, não importa o que você tem que fazer, não importa quem você tem que enganar e ferir e matar, não importa qual seja o custo para o seu coração e alma. Você

me ouve, Everleigh? Você tem que viver. Você tem que proteger Bellona. Prometa-me que você fará isso.

Vasilia sacudiu o torpor e voltou a se levantar. Atrás dela, mais e mais vira-casacas avançavam em nossa posição. Eu não sairia do gramado viva, mas não havia necessidade de fazer a morte da rainha mais dolorosa do que já era.

— Eu prometo — disse eu. — Prometo proteger Bellona até o meu último suspiro.

Um sorriso atravessou o rosto de Cordelia e ela assentiu. Então estendendo a mão, ela enfiou os dedos meu cabelo solto e emaranhado, e puxou meu rosto, tão perto que seus olhos azul-acinzentados encheram minha visão. Olhos de tearstone, olhos de Blair, assim como os meus.

— Encontre Serilda Swanson — sussurrou em voz baixa, que só eu podia ouvir. — Ela irá ... proteger você, ajudar você, treinar você. Diga a ela... que você é a última rainha Winter. Ela entenderá. E diga a ela... diga a ela... que eu estava... errada... e que... eu sinto muito... por *tudo*...

Cordelia respirou fundo, como se fosse dizer algo mais, mas sua respiração escapou em um sopro suave de ar que beijou minha bochecha. Seus dedos se soltaram do meu cabelo e sua cabeça pendeu para o lado, seu olhar fixo em algo muito além de mim.

Meu coração doeu e mais lágrimas correram pelo meu rosto, mas não me incomodei em dizer o nome dela ou sacudir seus ombros como fiz com Isobel. Não havia utilidade.

A rainha estava morta.



Capítulo 08

Eu não sabia quanto tempo olhei para Cordelia. Parecia uma eternidade, embora provavelmente não fosse mais do que alguns segundos. Estendi a mão e gentilmente fechei seus olhos. Estudei o rosto dela, memorizando-o, junto com suas últimas palavras enigmáticas. Eu não sabia por que. Não era como se eu tivesse tempo para decifrar o significado delas.

Eu estaria me juntando a ela na morte em breve.

Passos se arrastaram pela grama atrás de mim. Soltei a minha espada quando estava tentando ajudar Cordelia, mas não me preocupei em pegá-la, já que agora eu estava encurralada contra o muro. Em vez disso, eu respirei fundo, fiquei de pé e me virei, determinada a encontrar minha morte com a mesma dignidade que a rainha.

Vasilia ficou na minha frente, a espada pendendo da mão dela. Seu olhar azul-acinzentado, aquele que era tão parecido com o meu, varreu-me, absorvendo meu cabelo desgrenhado e selvagem, os cortes e contusões no meu rosto e mãos, as manchas de grama em minhas roupas, e o sangue que me cobria da cabeça aos pés, como se eu tivesse mergulhado em tinta enferrujada.

— Bem, bem, bem, se não é Everleigh — disse Vasilia, uma nota zombeteira em sua voz. — Você me surpreendeu, prima. Eu não teria pensado que você sobreviveria tanto tempo.

— E eu não teria pensado que você teria abatido todo mundo. Mas eu deveria saber melhor. Você sempre foi uma cadela traiçoeira, mesmo quando éramos crianças.

Ela sorriu, como se minhas palavras de ódio a divertissem. Ela sempre foi capaz de sorrir, não importa como eu tentasse superá-la, não importa o quanto eu tentasse machucá-la da mesma maneira que ela me machucou. Minhas mãos cerraram em punhos, e eu queria bater nela repetidamente até que ela estivesse sangrando, quebrada e morta como todo mundo. Mas ela me mataria com sua espada antes de eu conseguir um dar único soco, então eu me forcei a ficar parada.

Felton pairava atrás dela, junto com os guardas vira-casaca. Mais guardas cercaram Auster, que ainda estava de pé, embora tivesse sido desarmado, e Nox tinha sua espada pressionada contra a garganta do capitão. Maeven ficou de lado, sozinha, com os braços cruzados sobre o peito olhando para mim com uma expressão pensativa.

Eu espiei por eles, meu olhar varrendo o gramado. Parecia que uma tromba d'água havia subido do rio, arqueado sobre o muro de pedra e caído sobre a área. Mesas quebradas e cadeiras estilhaçadas saíam da grama em ângulos estranhos, muitas delas marcando os pontos onde os mortos jaziam.

Meu olhar descansou na forma curvada de Madelena, depois foi para o corpo de Isobel. Eu queria cair de joelhos e gritar e gritar, mas eu não podia fazer isso. Eu não faria isso. Vasilia e os outros me matariam, mas eu não ia implorar, e eles não me veriam chorar...

Thwack-thwack-thwack

Aquele som estranho, junto com alguns gemidos e lamentos suaves, me tirou dos meus pensamentos sombrios. Algumas pessoas ainda estavam vivas e os vira-casacas se moviam de uma pessoa para outra, esfaqueando-os até que estavam mortos.

Os pedidos fracos e choramingos dos feridos, e os grunhidos retumbantes e implacáveis das espadas dos guardas acertando carne e osso eram quase mais do que eu podia suportar. Mas eu assisti enquanto o que restava da família real de Blair – *minha* família – foi abatido.

Não demorou muito.

Vasilia olhou para mim o tempo todo, sorrindo pelo horror, desgosto e raiva que demonstrava no meu rosto. Eu nunca me senti tão fraca e indefesa, e totalmente inútil.

Naquele momento, eu fiz um voto silencioso para mim mesma. Se de alguma forma eu sobrevivesse a isso, eu *nunca* seria fraca, desamparada e inútil novamente. Eu *nunca* deixaria ninguém me fazer sentir assim novamente. E especialmente *nunca* deixaria ninguém ferir as pessoas com quem eu me importava novamente.

Uma promessa fácil e vazia de fazer, já que todos com quem eu me importava já foram massacrados, e eu também seria daqui a pouco.

Quando terminaram, e todos os outros estavam mortos, Vasilia apunhalou sua espada no corpo de Cordelia, ainda caído contra o muro. — Eu vi sua ceninha com minha mãe. Quão emocionante. Não percebi que vocês duas eram tão próximas.

Soltei uma risada severa. — Sua mãe teve tão pouca utilidade e consideração por mim quanto você.

— Mas você ainda tentou salvá-la. Por quê?

— Não sei — rosnei. — Talvez tenha algo a ver com todas essas lições de história sobre ser uma Blair e sempre cumprir meu dever com a rainha e o país.

Vasilia sacudiu a cabeça. — Pobre, boba e idiota Everleigh. Ainda tentando ser uma boa menina. Ainda tentando ganhar a aprovação de todos. Ainda tentando me vencer. Você já deveria saber que eu sempre ganho... *sempre*.

Meus punhos cerraram ainda mais, mas ela estava certa. Ela ganhou e todos os outros perderam.

Vasilia olhou para minhas mãos, e a diversão brilhou em seu olhar, junto com um pouco de curiosidade. — O que é isso no seu pulso?

Eu olhei para baixo. Em algum momento durante o massacre, a metade inferior da manga da minha túnica foi rasgada, revelando meu braço direito do cotovelo até o meu pulso. Minha pulseira de prata ainda circulava meu pulso, embora o sangue revestisse a coroa no centro do desenho,

escurecendo as lascas azuis de tearstone. Era uma coisa boa que Alvis me deu a pulseira hoje.

Eu não estaria viva para apreciá-la amanhã.

Mas a pulseira não era a única coisa no meu pulso. A bolsa de veludo preto estava pendurada à direita ao lado dela. Os cordões da bolsa se enrolaram nos espinhos da pulseira e, juntos, os dois pareciam tão apertados quanto um nó cavando em minha pele.

— O que há na bolsa? — perguntou Vasilia.

Eu não respondi. Ela ia me matar em breve, abrir a bolsa e ver a pedra da memória. Fazê-la ter esse pequeno problema era a última pequena satisfação que eu jamais teria.

Vasilia esperou, mas quando não respondi, ela deu de ombros, como se isso não importasse. E não importava, não realmente, nem um pouco. Porque ela ganhou e eu ia morrer.

Ela voltou sua atenção para Auster, que estava sendo vigiado, com a espada de Nox ainda em sua garganta.

— E você, capitão — disse ela. — Não posso imaginar o quão horrivelmente você deve se sentir, sabendo que você tinha um trabalho, proteger sua rainha, e ver o quão espetacularmente você falhou nisso.

Raiva manchou as bochechas de Auster com um vermelho brilhante, e seus olhos brilharam de dor e raiva, mas ele não podia negar a verdade de suas palavras mais do que eu era capaz.

— Veja bem, o Capitão Auster ajudou os assassinos Andvarianos a matar a rainha que ele jurou proteger. Que traição. — Vasilia estalou a língua em simulada simpatia.

Auster respirou fundo e o horror encheu seu rosto. Choque me sacudiu também, seguido de compreensão doentia.

Vasilia pode ser cruel, mas ela também era inteligente, e faria de Auster um bode expiatório. Era plausível o suficiente, dado o acesso de Auster à rainha, aos guardas e ao palácio, e conquistaria a simpatia para Vasilia de todos os cantos de Bellona. E desde que ela matou o resto dos nossos primos, não havia mais ninguém para desafiá-la pelo trono. Oh, alguns Blairs sempre

estavam espalhados em suas propriedades pelo campo, mas ninguém com magia suficiente para enfrentar Vasilia e ganhar.

— Por que você traiu sua rainha, Auster? Aquele ouro de Andvarian realmente valeu a pena? Foi por isso que você ajudou os assassinos? — Vasilia continuou girando suas mentiras. — Felton descobriu suas contas bancárias secretas tarde demais para salvar minha mãe, embora ele tenha me avisado a tempo.

Felton sorriu e balançou seu livro vermelho para o capitão. A raiva substituiu o choque de Auster, e ele olhou para o secretário da rainha.

Vasilia sacudiu a cabeça. — Eu consegui escapar de seus assassinos, e então, com meus guardas leais derrotei os traidores Andvarianos e capturei você, mas não antes de você ter assassinado todos os outros. Mas os traidores sempre pagam pelos seus pecados, Auster. E uma boa execução pública será a recompensa perfeita pelos seus crimes.

Auster voltou seu olhar raivoso para Vasilia. — Sua mãe estava certa — rosnou. — Tudo o que você quer é nos mergulhar na guerra.

Minha mente girou com suas palavras. Culpar Auster pelo assassinato da rainha já era ruim o suficiente. Mas alegar que ele estava trabalhando com os Andvarians, e que o embaixador e o príncipe orquestraram o massacre, teria ramificações potencialmente catastróficas para Bellona e Andvari.

Isso significava guerra.

Olhei para Maeven, que permaneceu quieta através do envaidecimento de Vasilia. De alguma forma, eu sabia que ela foi a arquiteta final disso. Mas para quem ela trabalhava? Morta? Relações com Morta especialmente a família real, sempre foi tensa, desde que Bryn Blair derrotou seu rei e expulsou os invasores Mortan de Bellona séculos atrás.

Mas isso era muito, muito mais do que apenas colocar Vasilia no trono. Morta usaria a morte da rainha para fazer Bellona invadir Andvari. E isso era apenas o começo. As ramificações estendiam-se continuamente, como uma teia se entrelaçando, cada fio mais escuro e mais sinistro do que o último, uma teia negra e venenosa que poderia destruir Bellona e Andvari e deixar Morta conquistar todo o continente.

Maeven olhou para mim, depois seu olhar caiu para o bracelete no meu pulso. Ela franziu a testa, como se algo sobre a pulseira de prata a incomodasse. — Ela é uma Winter, não é?

— E daí? — disse Vasilia.

— Então a mate e acabe com isso — estalou Maeven. — Esse foi o nosso acordo. Nós te ajudamos a matar a rainha, e você elimina a linha Winter da família Blair… para sempre.

Dois tipos de magia percorriam a família Blair – Summer e Winter, em homenagem a Bryn Blair, quem tinha os poderes de ambos, mago e mestre. Aqueles com magia dos Summer eram muitas vezes poderosos magos, como Cordelia com seu fogo e Vasilia com seu raio. Aqueles com magia dos Winter poderiam ser magos também, como minha mãe com seu controle sobre gelo e neve, mas eles eram mais frequentemente mestres, como aqueles que construíram o Seven Spire. Graças a minha mãe, eu era considerada uma Winter, apesar da minha aparente falta de magia.

Eu podia entender porque Maeven queria eliminar os Blairs, para que ninguém pudesse desafiar Vasilia pelo trono. Mas a linha Summer era amplamente considerada a mais poderosa. Então por que eliminar a linha Winter especificamente?

Pensei nas palavras de Cordelia, sobre como eu era uma rainha Winter. Achei que ela só estava balbuciando, que estava com muita dor para pensar claramente. Mas e se houvesse mais do que isso? Embora eu não pudesse imaginar o que mais poderia ser.

— Mate-a agora, ou eu mesmo farei. — Maeven ergueu a mão e uma bola de raio roxo crepitou a vida em sua palma.

Vasilia bufou. — Bem. Eu ia fazer de qualquer maneira.

Minha prima se aproximou para ficar a cerca de um metro e meio de distância. Todos ficaram tensos. Felton, Nox, os guardas vira-casaca, e especialmente Maeven.

— Everleigh — raspou Auster, quebrando o silêncio. — Eu sinto muito. Sinto muito. Por tudo isso. Eu falhei no meu dever de proteger você, a rainha e todos os outros.

Eu me forcei a sorrir para ele. — Está tudo bem, Auster. Você fez o seu melhor. Ninguém poderia ter lutado mais. Você cumpriu seu dever e honrou sua rainha hoje.

Uma expressão ferida encheu seu rosto e lágrimas brilhavam em seus olhos. Auster assentiu para mim e eu assenti. Então olhei para Vasilia novamente.

Ela levantou a mão, um raio branco acendendo nas pontas dos dedos. O poder duro e frio da minha própria imunidade surgiu em resposta, como sempre acontecia quando eu estava perto de qualquer magia.

Pela primeira vez desde que meus pais morreram, eu não recuei na minha imunidade ou ignorei ou a sufoquei. Em vez disso, eu alcancei meu poder, agarrando e arrebatando e segurando-o de uma forma que eu nunca fiz. Puxei para cima e para cima até que eu quase podia sentir a força invisível dele crepitando ao longo da minha pele, da mesma forma que o relâmpago de Vasilia estava na ponta dos dedos dela. Eu não sabia que bem faria, desde que eu duvidava que minha imunidade fosse mais forte que o relâmpago dela, mas eu lutaria até o amargo fim.

Vasilia sorriu para mim, saboreando o momento. O triunfo presunçoso e sarcástico em seu rosto fez uma fúria gelada se espalhar pelo meu corpo, e minha resolução endureceu, junto com minha magia.

— A rainha está morta — desdenhou Vasilia. — Vida longa à rainha.

Então ela recuou e lançou seu raio em mim.

O raio me atingiu no peito, levantando-me, tirando-me de meus pés, e me jogando do outro lado do muro.



Capítulo 09

Por um momento, fiquei suspensa no ar e pude ver o gramado inteiro.

Os escombros. O sangue. Os corpos. Todos pareciam pequenos e distantes, como se eu estivesse olhando através da janela da casa de bonecas de uma criança, para as pessoas pequenas e móveis dentro.

Então outro relâmpago riscou os dedos de Vasilia, disparou pelo ar e bateu no meu peito.

E comecei a cair.

Minha visão panorâmica do gramado desapareceu e a última coisa que vi foi o rosto zombeteiro de Vasilia antes que o raio enchesse minha visão, transformando tudo em um branco brilhante e fantasmagórico. O raio dançou sobre o meu corpo, tentando me queimar viva. Eu gritei e bati minhas mãos no meu peito, mesmo que isso não fizesse bem. Eu tomei outra respiração para gritar, e o cheiro quente e cáustico da magia de Vasilia encheu meu nariz. Por alguma razão, o fedor cortou meu pânico e parei de gritar, cerrei meus dentes, e empurrei o raio com o meu próprio poder.

Imaginei minha imunidade como um punho frio, envolvendo meu corpo e apertando, apertando com força, estrangulando cada centelha do relâmpago de Vasilia. Nos últimos quinze anos, eu escondi meu poder da mesma forma que eu fiz com os meus sentimentos, mas eu não precisava mais fazer isso. Ninguém estava assistindo, e eu queria manter minha promessa para Cordelia. Eu queria viver. Então, pela primeira vez desde que meus pais

morreram, eu abracei totalmente o meu poder, essa pequena peculiaridade que me permitia destruir a magia de outras pessoas.

E *funcionou*.

Minha imunidade sufocou o relâmpago de Vasilia como um balde de água encharcando uma chama de vela. As pontadas agudas de energia desapareceram, embora a fumaça subisse do meu corpo onde sua magia queimou minhas roupas. Minha visão clareou. Eu pisquei o mundo de volta ao foco e imediatamente desejei não ter feito.

Porque eu ainda ia morrer.

O raio de Vasilia me derrubou para longe dos penhascos afiados e irregulares deste lado do palácio, então eu não cairia de ponta a ponta nas rochas e quebraria todos os ossos do meu corpo. Em vez disso, eu ia atingir o rio muito abaixo, o que provavelmente ainda quebraria todos os ossos do meu corpo.

O mundo girou e girou em um borrão louco e desarticulado de nuvens brancas, pedras cinzentas e água azul. Se eu quisesse alguma esperança de sobreviver, eu não poderia atingir a água de cabeça, então consegui me virar no ar, de modo que meus pés estavam apontando para baixo, mesmo quando a superfície ondulante se apressou a me encontrar...

WHOOSH!

Eu bati na água e tudo ficou frio, molhado e escuro.

* * *

Tudo estava frio, molhado e escuro.

Fiquei na frente de uma janela, vendo a chuva cair no palácio. Um pouco de neve caía, mas a chuva a lavou antes que pudesse se prender a qualquer coisa. Na casa em Winterwind, a propriedade da minha família nas montanhas do norte, teria sido somente a neve, e os flocos gordos e fofos teriam transformado a floresta verde em um país das maravilhas geladas. Aqui, a chuva reinava, transformando tudo em um negro frio, úmido e miserável.

Eu sentia falta da neve. Das montanhas. Minha casa. Meus pais. Tudo que eu perdi.

Fazia mais de um mês desde que meus pais foram assassinados. Desde então, eu fui passada de um primo e propriedade para a seguinte. Ninguém me manteve por mais de uns poucos dias. Esta prima já tinha dois filhos. Aquele nunca quis filhos. Este era muito ocupado com seus compromissos sociais para se preocupar com seus próprios filhos, muito menos uma prima distante órfã.

Eu me mudei de parente para parente, viajando para o sul o tempo todo, até que acabei na capital de Svalin. Agora eu estava em Seven Spire, esperando alguém me dizer para onde ir em seguida. Não vi a Rainha Cordelia ainda, e não tinha ideia de quando ou mesmo se iria acontecer. Afinal, ela tinha coisas muito mais urgentes para se preocupar do que uma garotinha. Eu me perguntei se ela me aceitaria e me faria parte de sua família. Provavelmente não. Ninguém mais queria. Mas talvez ela pelo menos pedisse a outra pessoa para fazer isso por ela.

— Hmm-hmm-hmm… hmm-hmm-hmm…

O som leve e feliz pegou meu ouvido, quebrando o respingo constante da chuva contra o vidro, e uma garota caminhava no corredor em minha direção. Ela era bem bonita, com longos cachos dourados e um vestido de seda rosa que saltava e balançava a cada passo. Ela parecia um raio de sol neste dia sombrio.

Eu esperava que a menina passasse por mim, mas para minha surpresa, ela parou, como se estivesse procurando por mim.

— Olá! — Ela chiou. — Meu nome é Vasilia. Eu sou a princesa da coroa.

Claro que ela era a princesa da coroa com um vestido assim, sem mencionar a tiara de diamante que brilhava como um anel de estrelas rosa em sua cabeça. De repente eu estava ciente de quão simples era o meu próprio vestido azul, bem como o fato de que ele era oito centímetros curto demais. Este fora um descartado por uma das minhas primas mais novas. Todas as minhas roupas estavam na minha casa – uma casa que foi destruída quando meus pais foram assassinados.

Cerrei meus dentes e fiz uma reverência. — Perdoe-me, Alteza. Eu sou nova aqui, e não sabia...

Vasilia se adiantou, agarrou meu braço e me levantou. — Não há necessidade desse absurdo. Você pode me chamar de Vasilia. Afinal, nossas avós eram irmãs, então isso faz de nós primas em segundo grau. Isso nos torna família.

Ela tinha uma ideia muito diferente de família do que nossos outros primos. Eles não podiam esperar para me passar para outra pessoa. Mas eu não confiava em ninguém, não depois do que aconteceu com os meus pais, então respirei fundo, sentindo o cheiro dela. Curiosidade de canela. Bem, isso era melhor do que o leite azedo da relutância que senti de todos os outros.

— Você é Everleigh, certo?

Eu assenti.

— Excelente. Venha comigo.

Antes que eu pudesse protestar, Vasilia agarrou minha mão e me puxou pelo corredor. Alguns minutos depois, ela abriu uma porta grande e me levou para dentro de uma enorme sala.

Ela soltou minha mão e pulou ao redor. — Esta é a minha sala de jogos.

Sala de jogos? Era mais como um cofre do tesouro. Todos os brinquedos imagináveis alinhavam-se nas prateleiras do chão ao teto, ocupando duas das paredes. Bonecas, bolas, aros, jogos, quebra-cabeças, espadas de madeira e escudos. E ainda mais brinquedos espreitavam dos baús espalhados aqui e ali. E eles não eram apenas meros brinquedos. Eram obras de arte, dourados e cravejados de joias.

Como se os brinquedos não fossem maravilhosos o suficiente, um assento acolchoado com livros espalhados nas almofadas percorria o comprimento da janela que ocupavam a parede do fundo. Meu coração doeu. Eu tinha um assento assim no meu próprio quarto em casa.

Vasilia agarrou minha mão e me levou até uma mesa com tampo de vidro com quatro cadeiras. Bonecas estavam apoiadas em dois dos assentos. Uma delas era a sua princesa típica com vestido roxo de babados, enquanto a outra era um ogro metamorfa com um rosto assustador e dentes saindo de

sua boca. Um diorama de uma arena em miniatura estava em cima da mesa, completo com duas figuras minúsculas com espadas, como se as bonecas estivessem assistindo a uma luta de gladiadores.

Vasilia sentou em uma das cadeiras vazias e me puxou para baixo, de modo que eu estava sentada próxima a ela. Um fino conjunto de chá foi preparado, junto com pratos de comida de verdade – sanduíches sem casca com fatias de pepino, cranberries polvilhados em açúcar em pó, e chocolate escuros na forma da tiara de Vasilia.

Eu olhei para a comida. Meu estômago roncou, um som embaraçosamente alto que lembrou quanto tempo fazia desde que eu havia comido.

— Coitadinha — sussurrou Vasilia. — Está com fome? Aqui, tome chocolate quente.

Ela pegou um bule de chá e despejou o chocolate na minha xícara. Eu estava com tanta fome que tomei tudo. O líquido quente e fumegante queimou minha língua, mas o rico chocolate amargo lentamente me aqueceu de dentro para fora, e me senti mais calma, mais forte e mais parecida comigo do que eu fui em semanas.

Vasilia sorriu. — Pronto. Não é melhor assim?

— Sim. Obrigada.

Ela deu um tapinha na minha mão, seus olhos azul-acinzentados brilhando em seu rosto bonito. — Sabe o que, Everleigh? Você e eu vamos ser melhores amigas.

Pela primeira vez desde que meus pais morreram, alguém estava me tratando como uma pessoa de verdade, em vez de uma peça de mobília indesejada para ser transportada para um novo local. Alguém queria estar perto de mim. Alguém queria cuidar de mim. Alguém queria ser meu *amigo*.

Pela primeira vez em semanas, meu coração doeu de gratidão em vez de tristeza. Lágrimas picaram meus olhos, mas eu as pisquei. Eu não começaria a chorar como um bebê.

Vasilia não pareceu notar minhas emoções turbulentas enquanto se servia de chocolate quente, em seguida, encheu minha xícara. Ela pegou sua xícara e gesticulou para eu fazer o mesmo.

— Assim... amigas? — disse ela, sorrindo para mim novamente.

Apesar de tudo que aconteceu, eu me vi sorrindo para ela. — Amigas.

Seu sorriso aguçou, e nós tilintamos nossas xícaras juntas...

* * *

Por um momento, eu ainda podia sentir o cheiro quente e rico do chocolate quente. Mas foi apenas um sonho, apenas uma lembrança, uma que se fragmentou em cacos quando algo frio e úmido atingiu meu rosto, me acordando.

Meus olhos se abriram e eu respirei fundo, sem saber onde estava ou o que estava acontecendo. Em seguida, outra onda caiu sobre mim, me encharcando da cabeça aos pés, e percebi que estava no Rio Summanus.

Meu braço direito estava espalhado sobre uma árvore morta que havia caído da margem do rio na água. Um emaranhado de espinhos cercava a árvore, e eles se encaixaram no que sobrou da manga da minha túnica e minha pele por baixo, me fisgando como um peixe. Os espinhos também pegaram a minha pulseira de prata e a bolsa de veludo preto, ambas ainda enroladas no meu pulso, tão firmemente que meus dedos ficaram dormente.

Não me lembro de nada depois de bater na água, mas a corrente deve ter me varrido rio abaixo e para esta árvore. Os espinhos que apunhalavam minhas roupas e pele eram provavelmente a única razão pela qual o rio não me chupou e acabou me afogando.

Deitei ali, recuperando o fôlego, sentindo a água empurrando minhas costas, tentando me arrastar ainda mais abaixo no rio. Então, quando me senti forte o suficiente, levantei a cabeça e me endireitei. Para minha surpresa, meus pés tocaram o fundo, e pude me levantar, já que a água só atingia até o meu peito.

Levei vários minutos para tirar os espinhos da minha túnica e pele, mas consegui, embora tivesse arranhões longos e ardentes. Eu também consegui desemaranhar a pulseira e a bolsa dos espinhos.

A água baixou para águas rasas, antes de dar lugar a lama e pedras, e passei por tudo isso até chegar à costa gramada.

Suor deslizou pelo meu rosto, misturando-se com a água, e minha respiração veio em suspiros irregulares. Por um longo tempo, tudo que eu podia fazer era sentar lá, sugando gole após gole de ar, não acreditando que eu continuava viva. Que o raio de Vasilia, a queda dos penhascos e o passeio selvagem pelo rio não me mataram. Mas, eventualmente, meu medo e pânico desapareceram, e olhei ao redor, tentando descobrir onde eu estava.

Madeiras cercavam os dois lados do rio, as árvores e galhos bloqueavam todo o resto. Nenhum barco ou pessoa estavam à vista, nenhuma voz soava e nada se movia, exceto o rio que passava correndo. Tudo que eu podia sentir era o cheiro de água e lama, me dizendo que eu estava completamente sozinha.

Mas eu ainda podia ver o Seven Spire à distância.

O palácio se projetava para o lado da montanha como sempre, embora quanto mais eu olhasse para ele, mais as varandas, degraus, e especialmente os gladiadores e as criaturas nas colunas maciças pareciam mover-se, contorcer-se e torcer-se em formas grotescas. Eu senti como se estivesse olhando para o escuro, a boca escancarada de algum monstro horrível que estava prestes a se libertar da montanha e me devorar, junto com tudo mais.

Memórias do massacre surgiram em minha mente. Os gritos rasgando o ar. O sólido ruídos de espadas atingindo ossos. O fedor repugnante de sangue cobrindo tudo. Isobel, Madelena, Cordelia e todos os outros, quebrados, espancados, feridos e mortos no gramado.

Estremeci e afastei meu olhar do palácio. Eu não aguentava olhar para isso agora, muito menos pensar no que aconteceu.

Não sei quanto tempo eu fiquei sentada ali, meus braços em volta dos meus joelhos, me abraçando em uma bola pequena, e balançando para frente e para trás, como se isso pudesse me proteger de minhas memórias ou qualquer outra coisa. Mas meu choque recuou lentamente, e percebi como estava frio e úmido, para não mencionar o jeito que meu estômago continuava roncando, exigindo comida. Gostasse ou não, eu sobrevivi, e não podia sentar aqui e fingir que o resto do mundo não existia, não importava o quanto eu quisesse.

Mas onde eu poderia ir? Meus primos estavam mortos e eu não tinha amigos. Eu senti que tinha doze anos de idade novamente. Pela segunda vez na minha vida, tudo o que eu amava fora arrancado. Isobel, Alvis, todas as minhas esperanças, sonhos e planos para o futuro. Eles foram embora, e desta vez, ninguém me ajudaria.

Mesmo que eu conhecesse alguém que pudesse me aceitar, eu não podia confiar neles para não me trair a Vasilia. Afinal de contas, que melhor maneira de ganhar o favor da nova rainha do que entregando-me para ela? Até onde Vasilia sabia, sua prima Everleigh estava morta e precisava continuar assim se eu quisesse ter alguma esperança de sobreviver por qualquer período de tempo.

Eu não podia contar a ninguém quem eu era, o que significava que eu não conseguiria acessar minhas contas bancárias. Sem contas significava nenhuma poupança, e sem dinheiro. Minhas roupas estavam arruinadas, e as únicas coisas que eu tinha de valor eram minha pulseira de prata e a bolsa de veludo preto no meu pulso...

Meus olhos se arregalaram, e eu me atrapalhei com a bolsa, desembaraçando os cordões e deslizando do meu pulso. Abri as cordas e depois inclinei a bolsa de cabeça para baixo.

A pedra da memória caiu na minha mão com um sussurro.

Eu segurei a pedra, examinando-a, mas a opala estava lisa, inteira e intacta, e eu podia sentir a magia pulsando dentro dela. A pedra registrou cada segundo do massacre, até eu a pegar da grama.

Era a prova dos crimes de Vasilia, o que o tornava poderoso, valioso e extremamente perigoso. Favores, chantagem, outro golpe. A pedra da memória poderia ser usada para tudo isso e muito mais. Se alguém – alguém – soubesse sobre a pedra, eles me matariam por isso.

Fiquei tentada a jogar a opala no rio e deixar a água afogá-la da mesma maneira que Vasilia tentou me afogar. Eu fui tão longe até o ponto de levantar minha mão. Mas soltei um suspiro, abaixei minha mão, e soltei a pedra da memória de volta em sua bolsa de veludo preto. Eu não sabia o que faria com isso, mas não conseguia me livrar disso também.

Coloquei a bolsa no chão, então abri o fecho da minha pulseira. Examinei da mesma maneira que eu fiz com a pedra da memória, mas a pulseira também sobreviveu ilesa. Nem mesmo um arranhão estragou a prata, e os pedaços de tearstone estavam todos intactos e azuis como sempre, desde que o rio lavara todo o sangue deles.

Olhar para ela fez meu coração doer novamente, então eu deixei a pulseira cair na bolsa também, e puxei os cordões, escondendo-a e a pedra da memória. Comecei a amarrar as cordas ao meu pulso, mas pensei melhor, levantei minha túnica e deslizei as cordas através de um dos elos do meu cinto antes de amarrá-las. Então puxei minha túnica no lugar, escondendo a bolsa.

Mas isso ainda não resolveu o problema de onde eu deveria ir, e olhei para o Seven Spire novamente, como se todos aqueles gladiadores lutando entre si nas colunas me dessem alguma inspiração brilhante...

Serilda Swanson voltou para a capital. Sua tropa de gladiadores se mudou para essa nova arena ao longo do rio na semana passada.

Essa fofoca que ouvi durante o almoço apareceu em minha mente, junto com a voz de Cordelia.

Encontre Serilda Swanson. Ela irá... proteger você, ajudar você, treinar você. Diga a ela... que você é a última rainha Winter. Ela entenderá.

Eu ainda não tinha ideia do que Cordelia queria dizer sobre eu ser uma rainha Winter ou porque ela achava que aquilo era tão importante, e eu não podia confiar em Serilda Swanson mais do que em qualquer outra pessoa. Mas eu não conseguia pensar em uma ideia melhor. Pelo menos, eu sabia onde estava Serilda e o que ela fazia para viver.

Todos os outros que eu conhecia estavam mortos.

Meu coração apertou de novo, mas me forcei a continuar pensando, e cheguei a duas tristes conclusões inevitáveis – eu não podia ficar sentada aqui para sempre e não tinha mais para onde ir. Além disso, uma tropa de gladiadores seria grande, cheia e o último lugar que alguém procuraria por mim, com a pequena chance de que alguém percebesse que eu ainda estava viva.

Então eu suspirei, me levantei e comecei a andar, voltando para a cidade.

Parte 02

O CISNE NEGRO



Capítulo 10

Não fui tão longe no rio como eu pensava, e cheguei à cidade no momento em que o sol estava se pondo atrás do palácio. As torres imponentes pareciam punhais apunhalando o sol, com raios vermelhos sangue escorrendo por toda parte. Meus lábios se curvaram de desgosto, mas continuei andando, finalmente chegando às favelas nos arredores da cidade.

Saí das árvores e fui para uma estrada de terra batida que se dividia em uma dúzia de direções diferentes. Escolhi o caminho que ficava mais próximo do rio e continuei.

Bellona era um reino próspero, com sua mineração, madeira e outras indústrias, mas nem todos compartilhavam a riqueza. Barracos feitos de madeira podre amarrados com cordas igualmente podres como dentes tortos, encimados por frágeis telhados de zinco que brilhavam como obturações na boca da miséria.

Através das portas abertas, vi mulheres alimentando fogos e mexendo panelas de ensopados borbulhantes dentro dos minúsculos e apertados cômodos. Crianças com os pés descalços e rostos sujos perseguiram um ao outro através do labirinto de cabanas, amarelinhas sobre tábuas quebradas, vidros quebrados e outras coisas. Alguns cachorros magros e sarnentos latiam e beliscavam seus calcanhares, juntando-se à diversão, enquanto gatos igualmente magros e desalinhados empoleiravam nos telhados, piscando sonolentos e absorvendo o sol da tarde.

Esta não foi a primeira vez que estive nas favelas. Vasilia e o resto dos meus primos Blair não teriam vindo aqui nem mortos, então eu fui a representante real em mais de uma cozinha de sopa e outra instituição de caridade. Vir aqui sempre fez meus próprios problemas parecerem tão insignificantes. A tristeza encheu meu coração que as pessoas viviam assim, que meu povo vivia assim, mas eu não poderia ajudá-los. Eu estava tão cansada, machucada e ferida que mal podia me ajudar agora.

Circulei um barraco e passei por um grupo de homens amontoados em volta de uma fogueira, passando uma garrafa marrom de um lado para outro. Eles me encararam, seus olhares se aguçaram com interesse predatório e continuei apressada. Tristeza ou não, eu precisava ter cuidado. Eu poderia ter apenas minhas roupas rasgadas e botas enlameadas, mas isso ainda era o suficiente para me tornar um alvo.

Quanto mais perto eu chegava da cidade propriamente dita, mais agradáveis ficavam os barracos, com paredes mais retas e menos espaços entre as tábuas. Algumas eram caiadas de branco, e algumas ostentavam pequenas torres de metal nos cantos, como se estivessem tentando imitar as casas maiores à distância.

Linhas de arame estendiam-se de um barraco a outro, e as roupas nelas balançavam como bandeiras na brisa. As mulheres conversavam umas com as outras tirando a roupa molhada e checando para ver se outras roupas secaram. Passei por elas e deslizei para trás de um dos barracos. Então parei e espiei pela esquina, observando as mulheres. Pareceu demorar uma eternidade, embora não pudesse ter sido mais do que alguns minutos, mas as mulheres se despediram, recolheram suas cestas com roupas, e desapareceram dentro de suas casas.

Quando eu tinha certeza de que todas entraram, eu corri e peguei uma túnica azul e um par de leggings pretas de um dos fios. Abaixei minha cabeça, enrolei as roupas debaixo do meu braço e segui em frente. Meu coração batia forte e eu esperava que alguém gritasse para que eu parasse, mas nenhum grito soou.

Eu odiava roubar, especialmente de pessoas que tinham tão pouco, mas eu não tinha escolha. Minhas próprias roupas estavam arruinadas, e eu

não ousava falar com ninguém por nada. Eu não queria que ninguém lembrasse de mim, a mulher encharcada que veio do rio abaixo no dia do massacre real. Oh, duvidava que alguém me conectasse com o que aconteceu e percebesse que eu havia sobrevivido, mas não era um risco que eu estava disposta a tomar.

Quando eu estava a uma distância segura, parei atrás de um dos barracos, tirei minhas roupas e coloquei as roubadas. Elas ainda estavam úmids e não se encaixavam bem, mas os mendigos não podiam escolher, e eu estava mais baixo do que o mais baixo mendigo agora. Amarrei o saco com a pedra da memória e minha pulseira em um dos elos do cinto nas minhas novas leggings, certificando-me de que minha nova túnica cobrisse a protuberância, e vesti minhas botas enlameadas. Então eu empurrei minhas roupas arruinadas sob uma pilha de madeira e corri para longe.

Eventualmente, a sujeira compacta deu lugar a ruas de paralelepípedos, e os barracos foram substituídos por pequenas casas feitas de madeira que realmente se encaixavam. As ruas se abriram em grandes praças com fontes borbulhando no centro e carrinhos de madeira vendendo de tudo, desde frutas e vegetais até pães frescos. Nuvens de vapor se enroscavam, trazendo o delicioso aroma do pão com elas. Meu estômago roncou de novo, mas não ousei roubar nem mesmo uma maçã dos carrinhos. A última coisa que eu precisava era que os guardas da cidade me prendessem por roubar.

Eu não estava familiarizada com esta parte de Svalin, e tudo que eu sabia era que a tropa de gladiadores de Serilda Swanson estava localizada na arena perto do rio, mas era mais fácil de encontrar do que eu esperava. Eu apenas segui a multidão.

— Show grátis! Show gratuito hoje à noite! — gritou um menino em uma das esquinas da rua, balançando uma pilha de folhetos. — Em frente a nova arena Cisne Negro!

Cisne Negro? Esse deve ser o nome de Serilda para sua tropa. Todos eles tinham nomes e brasões coloridos, tudo para ajudá-los a vender túnicas, bandeiras, joias, réplicas de armas e muito mais para seus fãs. Nunca estive

em um show de gladiadores, mas eu ainda ouvi os nomes – os Cavaleiros Escarlates, os Espinhos Azuis, as Víboras Coral e dezenas de outras.

O garoto empurrou um panfleto na minha mão. O folheto dizia as mesmas coisas que ele disse, mas meu olhar focou no símbolo no topo – vários fragmentos encaixados para formar um elegante cisne negro com um olho azul e um bico combinando.

Quanto mais eu olhava para o brasão, mais familiar parecia. Tracei meu dedo sobre o símbolo e lembrei-me de outra coisa sobre Serilda. Quando foi guarda pessoal da rainha, ela era chamada de Cisne Negro porque era muito graciosa em batalha e trouxe a morte para muitos dos inimigos de Cordelia.

— Veja gladiadores batalhando pela glória de seus aplausos! — gritou o menino. — Show grátis! Comida grátis! Na arena Cisne Negro!

Comida grátis? Meu estômago roncou novamente. Só isso já era razão suficiente para continuar.

Eu dobrei o panfleto, coloquei no bolso e me dirigi para a arena. Pessoas de todas as formas, tamanhos, e as posições andavam pelas ruas, todos, de pobres, vagabundos sujos a mineiros de macacões azuis revestidos com pó cinza de fluorestone para lordes e ladys em trajes caros, vistosos e elegantes.

Todo mundo adorara um show gratuito.

Várias pessoas olharam curiosas para mim. No começo, eu me perguntava por que, mas então eu peguei um vislumbre do meu reflexo em uma das janelas da loja. Um hematoma em forma de punho escureceu minha bochecha direita de onde o guarda vira-casaca me deu um soco, e vários outros cortes e hematomas também pontilharam meu rosto. Fiz uma careta, abaixei a cabeça e segui em frente.

Eventualmente, a rua se abriu em outra praça. Mais vendedores e carroças ladeavam a área, vendendo de tudo, desde roupas a bandeiras e colares de medalhão de prata, todos bordados, embelezado ou estampado com o brasão do cisne negro. Até a fonte de pedra no centro da praça tinha a forma de um grande cisne negro com jatos de água subindo e descendo ao redor. O bico azul do cisne parecia tão afiado como uma flecha, enquanto seus dois

olhos de fluorestone queimavam um azul brilhante e firme, dando um olhar feroz e combativo, como se estivesse prestes a se levantar da água e atacar qualquer um que chegasse próximo dele.

Um muro de pedra de três metros delimitava a praça da arena abobadada, e eu entrei na fila, indo em direção ao portão de ferro aberto. Uma garota do outro lado estava distribuindo sacolas de cornucópia de um carrinho de madeira. Meu estômago roncou novamente, e peguei as duas últimas sacolas do carrinho.

— Hey! — gritou ela. — Você só deveria ter um!

Eu a ignorei e continuei, já colocando minha mão em um dos sacos de papel e depois a cornucópia na minha boca. O sabor rico e amanteigado da massa de milho, coberto com caramelo pegajoso, explodiu na minha língua, junto com amêndoas torradas, sementes de girassol crocantes e pedaços de maçãs doces e secas.

A cornucópia nunca foi o meu favorito, mas isso estava fantástico. Eu estava com tanta fome que a colocaria inteira dentro da minha boca, depois a segunda, mas me forcei a apenas mastigar apenas alguns pedaços de cada vez, tentando fazê-la durar o maior tempo possível.

A fila de pessoas na minha frente desacelerou, dando-me bastante tempo para mordiscar minha comida e olhar em volta. A enorme arena com sua cúpula redonda ocupava grande parte do espaço atrás do muro, mas as tropas de gladiadores não tinham apenas arenas. Ah, não. Eles tinham *compostos* inteiros dedicados ao seu treinamento, alimentação, moradia e tudo mais que foi colocado em seus shows.

Vários edifícios se encontravam ao redor da arena. Um refeitório, quartel para os gladiadores e outros trabalhadores, estábulos para as gárgulas, strixes e outras criaturas usadas nos shows. O complexo Cisne Negro era uma cidade em si, como era Seven Spire.

Olhei para o palácio à distância. O sol se pôs mais de uma hora atrás, e escuridão camuflou a montanha. As luzes queimavam nas janelas do palácio, mas pouco fizeram para afastar a escuridão, embora as torres de tearstones brilhavam com uma luz suave e prateada, graças à lua e às estrelas acima.

Eu me perguntei o que Vasilia estava fazendo agora. Provavelmente ainda desfrutando de seu maldito triunfo sobre sua mãe e o resto dos Blairs. Eu me perguntei o que ela fizera com o corpo de Cordelia, Madelena, Isobel e todos os outros. Meu estômago revirou e quase vomitei a cornucópia. Forcei a bílis, afastei o olhar do palácio e me arrastei para frente.

Não havia como retroceder.

Quando cheguei na arena, todos os bons lugares da frente foram ocupados, e tive que subir até o topo das arquibancadas de pedra. Não me importei muito, pois isso me deu uma visão panorâmica da arena inteira.

Um muro de pedra cercava as arquibancadas do chão da arena. Abaixo, três enormes círculos de madeira, cada um com apenas trinta centímetros de altura, estavam na terra batida. Os dois círculos externos eram brancos, mas o do centro estava pintado de um vermelho vivo e brilhante, indicando que a luta de hoje seria apenas pelo primeiro sangue. Claro. Você precisava pagar muito dinheiro para ver os gladiadores batalharem até a morte. Serilda Swanson não era boba. O show gratuito de hoje era só um gostinho, só uma provocação de coisas mais sangrentas, mais mortais por vir.

Mas a ação não estava apenas no chão. Cabos grossos cruzaram o ar aberto acima dos círculos e conectavam-se a plataformas de pedra que se projetavam das paredes da arena. Alguns dos cabos e plataformas eram razoavelmente baixos, apenas a uns três metros do chão, mas outros eram muito mais altos, seis, quinze e até trinta metros de altura.

Examinei a multidão e percebi que um grande camarote foi construído no meio das arquibancadas. Nós, pessoas comuns, estávamos sentados em lajes duras de pedra, mas cadeiras almofadadas forravam o camarote, junto com carrinhos cheios de comida e bebidas. Deve ser onde Serilda Swanson se sentava e recebia convidados ricos e importantes. Eu olhei para o camarote, mas ninguém se aproximou. Talvez Serilda fosse participar do show, em vez de assistir do alto.

Eu estava entre as últimas pessoas a se sentar e, alguns minutos depois, os fluorestones brancos embutidos no teto lentamente diminuíram, e um silêncio caiu sobre a multidão.

Hora de começar.

Um holofote solitário acendeu e focou no círculo vermelho no centro da arena, e um homem vestindo um fraque apertado, curto e vermelho com botões prateados, entrou na luz. Suas leggings eram pretas e suas botas pretas foram polidas até alto brilho. Seu cabelo preto brilhava sob os holofotes, assim como seus olhos negros e pele morena clara. Uma marca de metamorfose espiava acima do colarinho em sua camisa branca de babados, embora a essa distância, eu não pudesse dizer em que criatura ele poderia se transformar.

— Senhores e senhoras, altos e baixos — gritou ele em voz profunda e retumbante. — Bem-vindo a arena de Cisne Negro. Meu nome é Cho Yamato e estamos aqui para entretê-lo.

A multidão rugiu e Cho fez um elaborado floreio com a mão e curvou-se. Os holofotes se apagaram, mergulhando tudo na escuridão. Então, um momento depois, todos os fluorestones acenderam, e uma explosão de som, cor e magia irrompeu na arena. Acrobatas caíram de um círculo para outro enquanto caminhantes de arame corriam pelos cabos acima.

Magos convocaram fogo e gelo em suas mãos, fazendo malabarismos, como bolas e facas, bem como os jogando de um lado ao outro. Metamorfos mudaram para suas outras formas, usando suas garras afiadas para escalar as paredes e fazer outros truques incríveis. Os artistas estavam vestidos com trajes de lantejoulas brilhantes, e muitos de seus rostos estavam adornados com cristais e pintura cintilantes, adicionando à atmosfera deslumbrante. Apesar de tudo o que aconteceu, eu disse oohed e aahed junto com todos os outros.

A primeira parte do show durou cerca de trinta minutos, com cada façanha, truque e tombo mais deslumbrante e mortalmente desafiadores do que o anterior. Então os acrobatas, caminhantes de arame, magos e metamorfos se despediram e as luzes diminuíram. Um minuto depois, os fluorestones voltaram à vida novamente.

E os gladiadores apareceram.

Eles entraram em uma extremidade da arena e andaram para frente, indo devagar para que todos pudessem dar uma boa e longa olhada neles. Eles estavam vestidos com camisas justas e sem mangas, kilts até os joelhos

e sandálias com tiras que iam até os tornozelos. Um cisne negro com um olho e bico azul estavam estampados no peito de todo mundo, mas o resto de suas camisas, junto com seus kilts e sandálias era feito de couro cinza claro. A cor clara deve facilitar a visão dos gladiadores sangrando, e era por isso que a multidão estava realmente aqui. A dura realidade me fez parar de aplaudir.

Jovens, velhos, homens, mulheres, baixos, altos, gordos, magros. Todas as idades, sexos e tamanhos foram representados nas fileiras da tropa, juntamente com magos, metamorfos, simplórios e até mesmo alguns mortais sem magia. Alguns dos gladiadores carregavam espadas, enquanto outros seguravam lanças, mas cada um tinha um escudo de prata com o símbolo de cisne negro amarrado ao antebraço.

Os gladiadores começaram a bater suas espadas e lanças contra seus escudos, criando uma batida baixa e retumbante. Quanto mais caminhavam para a arena, mais fortes e mais rápidos eles batiam suas armas contra os escudos, e quanto mais rápido, mais alto o som se tornava. A multidão levantou-se, aplaudindo descontroladamente.

Os gladiadores alcançaram o círculo vermelho e se espalharam, formando fileiras. Todo mundo entrou na fila, exceto por uma mulher que ficou na frente dos outros. Ela parecia ter mais ou menos a minha idade – mais ou menos vinte e sete anos – mas ela era um par de centímetros mais alta e carregava uma maça cravejada que era tão grande quanto a minha cabeça. Seu longo cabelo loiro estava preso em tranças elaboradas, mostrando a marca de metamorfose em seu pescoço, embora estivesse longe demais para eu saber exatamente que tipo de marca era. Um ogro, se eu tivesse que adivinhar, como Xenia.

As luzes se apagaram pela terceira vez, e quando elas acenderam novamente, outra mulher estava de pé no centro do círculo vermelho. Ao contrário dos gladiadores em seus couros de luta cinza, esta mulher estava vestindo uma túnica branca de manga comprida e leggings combinando, embora suas botas até o joelho fossem pretas e brilhantes. Linhas finas de fio preto subiram por seus braços antes de engrossar e se espalhar em seu peito para criar a imagem de um cisne negro nadando em uma piscina emoldurada por flores e videiras.

Serilda Swanson finalmente apareceu.

Serilda sorriu e acenou para a multidão, que aplaudiu ainda mais alto. Então, lentamente, todo mundo se acalmou e sentou-se novamente. Eu me inclinei, estudando tudo sobre ela, de seu cabelo loiro para sua postura confiante até a maneira que sua mão inconscientemente flexionou sobre a espada que pendia de seu cinto de couro preto.

— Como vocês provavelmente adivinharam, eu sou Serilda Swanson — disse ela. — Bem-vindos a minha arena não tão humilde.

O riso percorreu a multidão.

— Como este é o nosso primeiro show, eu queria cumprimentar todos vocês — continuou Serilda. — Já faz muitos anos desde que estive em Bellona, mas agora que estou em casa, eu pretendo ficar. E lhe trazer as melhores e mais sangrentas lutas de gladiadores que seus corações negros desejam!

Ela socou o punho no ar para pontuar suas palavras, e a multidão aplaudiu novamente. Serilda sorriu e assentiu, aceitando o elogio deles, embora tenha levantado a mão, pedindo silêncio.

Serilda se virou para a mulher alta e loira com a maça cravejada. — Hoje à noite, para o seu entretenimento, a única, Paloma, a Poderosa!

Serilda deixou o círculo e Paloma se adiantou, levantando a maça sobre a cabeça. Ela deveria ser bastante popular, desde que a multidão rugiu para ela ainda mais alto do que fizeram para Serilda. Uma vez que os aplausos cessaram, Paloma virou para os outros gladiadores e abaixou a maça.

Os gladiadores se espalharam, brandindo suas espadas, golpeando com suas lanças e bloqueando golpes com seus escudos. Não lutando, mas se aquecendo para as batalhas que estão por vir. A multidão adorou, e eu também. Tudo era apenas uma dança elaborada, como a que Xenia me ensinou.

Eventualmente, os aquecimentos terminaram, e os gladiadores voltaram para as fileiras anteriores, exceto por Paloma, que manteve sua posição no centro do ringue. Paloma fez um gesto e um dos gladiadores deu um passo à frente, ergueu a espada e atacou-a.

E a luta estava começando.

Paloma esperou até que o homem estivesse quase ao alcance, então suavemente girou para o lado, fora do caminho de seu ataque. Em algum momento durante o aquecimento, ela trocou sua maça por uma espada, e acertou a arma nas costas do homem.

Eu podia sentir o fedor de cobre de seu sangue todo o caminho até aqui no topo das arquibancadas.

O homem gritou, tropeçou para a frente e caiu no chão. A multidão respirou fundo, perguntando se ela poderia tê-lo matado, mas o homem lentamente se ajoelhou e depois voltou a ficar de pé. Ela não parecia tê-lo machucado muito.

Paloma acenou para o homem, e ele acenou antes de mancar para fora do ringue, provavelmente para conseguir ser curado por um mestre dos ossos. Paloma gesticulou para os outros gladiadores em pé na frente dela.

— Próximo! — gritou ela.

Outro gladiador deixou as fileiras para atacá-la, embora ela tenha lidado com o segundo homem tão facilmente quanto fez com o primeiro.

Nos quinze minutos seguintes, Paloma despachou um gladiador atrás do outro, retirando o primeiro sangue todas as vezes, e afirmando-se como campeã da tropa. Ela poderia facilmente ter matado oponentes, especialmente se tivesse mudado para sua forma maior e mais forte de metamorfo como os outros gladiadores fizeram, mas tive a impressão de que ela estava se segurando para não matar alguém acidentalmente. Poderosa, de fato.

Finalmente, Paloma se afastou, e os gladiadores restantes começaram a lutar entre si, dois de cada vez, até o primeiro sangue ser tirado.

Magos de fogo e raio. Dentes e garras de metamorfos. Força e velocidade dos simplórios. Maestria dos mortais de armas e táticas.

Os gladiadores lutaram entre si com uma mistura cativante e horripilante de magia, armas e habilidades. Cortes cruéis, socos punitivos e bloqueios brutais soaram numa violenta sinfonia, e sangue respingava por toda parte, até que a sujeira brilhava como um tapete de rubis empoeirados.

A multidão adorava cada momento, aplaudindo os vencedores, gemendo com os perdedores e ansiosamente apostando nos resultados dos jogos. O dinheiro mudou de mãos ao meu redor, coroas de ouro, prata e de

bronze tilintando como uma versão mais suave e mais lucrativa das espadas, lanças e escudos dos gladiadores colidindo juntos.

Uma hora depois, todos os gladiadores lutaram pelo menos uma vez e emergiram felizes e vitoriosos, ou ensanguentados e derrotados. Então Cho, o mestre do ringue, reapareceu.

— Lembre-se de voltar ao nosso próximo show — gritou ele. — Boa noite!

Ele se curvou e as luzes se apagaram. Quando elas voltaram a acender, todos que participaram do show, desde os acrobatas, os caminhantes de arame e até os gladiadores, estavam de pé no centro da arena, e se curvaram. Todos se levantaram para aplaudir e dar a todos os artistas uma última rodada de aplausos calorosos.

E então as pessoas começaram a sair.

Algumas pessoas se apressaram até o muro que separava as arquibancadas da arena, esticando seus panfletos, bandeiras, túnicas e mais através das lacunas nos portões de ferro, e implorando aos gladiadores para virem e assinar seus itens. Mas a maioria das pessoas se dirigiu para a saída, e encontrei-me fazendo uma pergunta preocupante.

O que eu ia fazer agora?

* * *

Como eu estava no topo das arquibancadas, tive que esperar que as pessoas abaixo saíssem do caminho. Isso me deu alguns minutos para descobrir o que fazer.

Eu estava tão focada em chegar à arena que não pensei no que aconteceria depois do término do show. O pânico acendeu no meu estômago, mas ignorei. Eu cheguei até aqui. Eu descobriria alguma coisa... mesmo que eu não soubesse o que era essa coisa agora.

Olhei para o chão da arena, mas não vi Serilda Swanson com os artistas. Ela saíra depois de ter apresentado os gladiadores, o que significava que ela poderia estar em qualquer lugar no complexo por enquanto. Eu precisava encontrá-la e contar a ela... o que exatamente? Que Vasilia matou

a rainha e o restante da família real? Que eu era a única Blair que sobreviveu ao massacre? Que eu era uma rainha Winter, o que quer que isso significasse?

Cordelia havia dito que eu podia confiar em Serilda, mas como eu poderia confiar na rainha quando ela estivera tão errada sobre sua própria filha? Minha cabeça doía. Eu não sabia o que fazer e estava ficando sem tempo para descobrir.

As pessoas abaixo de mim desceram os degraus da escada, e eu não tinha escolha a não ser segui-las e sair com todos os outros.

Graças a todas as pessoas que estavam dentro, a arena estava quente, mas o vento do inverno estava amargamente frio. Estremeci. Eu congelaria até a morte se não encontrasse abrigo para a noite.

A multidão caminhou em direção ao portão aberto e à praça além, mas não os segui. Ir na praça não me ajudaria. Se eu deixasse o complexo Cisne Negro, não havia como dizer quando eu talvez conseguisse voltar a entrar, e eu estaria muito mais segura aqui do que nas ruas da cidade.

Isso me deixava com apenas uma opção.

Eu precisava encontrar um lugar para me esconder.

Escorreguei para longe da multidão e entrei nas sombras ao lado de um carrinho de compras que já havia fechado para a noite. Então eu examinei o que eu podia ver do composto.

A multidão lotava a rua larga que ia da arena até o portão principal, mas os artistas estavam descendo e indo em direção ao refeitório, que estava do lado oposto da rua. Vários gladiadores estavam mancando para outro prédio, provavelmente indo até o mestre de ossos para curar seus ferimentos. Luzes queimavam nas janelas de um terceiro edifício, o quartel que eu havia notado anteriormente, e eu podia ver as gladiadoras femininas através do vidro, abaixando suas espadas e escudos.

Eu não podia entrar em nenhum desses prédios, mas outras estruturas mais para trás no complexo ainda estavam escuras. Eu teria que dar uma chance a um deles. Então eu deixei as sombras e cruzei para o lado oposto da rua onde o refeitório e outros edifícios ficavam. Andei em um ritmo constante com a cabeça erguida, como se tivesse todo o direito de estar aqui e soubesse exatamente para onde ia.

A fachada confiante me ajudou a navegar por mais de uma traiçoeira festa do palácio.

Ninguém me chamou, e rapidamente me movi mais profundamente no complexo. Os edifícios aqui atrás eram menores e pareciam mais casas, em vez de áreas comuns. Provavelmente residências particulares para os trabalhadores seniores e suas famílias.

Evitei as casas com varais, brinquedos nos pátios e panelas de barro com ervas na porta da frente.

As pessoas só deixavam as coisas do lado de fora se soubessem que estavam voltando para pegá-las.

Finalmente, encontrei uma casa perto da parte de trás do complexo. Nenhum objeto pessoal estava espalhado do lado de fora, e nenhuma luz estava acesa lá dentro. Talvez ninguém tenha morado aqui ainda, desde que a tropa veio recentemente para a cidade. A essa altura, eu havia ficado sem lugares para olhar, junto com a energia para continuar procurando.

Isso teria que servir.

Ainda mantendo meu passo confiante, me aproximei e agarrei a maçaneta da porta da frente...

E quase gritei com o choque intenso que recebi.

Relâmpagos azuis crepitaram ao redor da maçaneta no segundo em que toquei, e o cheiro de magia encheu o ar. Não o cheiro quente e cáustico da magia de Vasilia ou de Maeven, mas um aroma mais frio e limpo. Verdade seja dita, era um perfume agradável, embora eu não estivesse em um clima indugente agora. Olhei para a maçaneta e sacudi o choque agudo da minha mão. Maldito mago por prender sua porta com relâmpago.

Bem, eu poderia consertar isso.

Não vim até aqui para ser derrotada por uma mera porta e um pouco de magia, então eu cerrei meus dentes e envolvi minha mão ao redor da maçaneta novamente. E assim como fiz no palácio, eu peguei minha imunidade e imaginei meu poder estrangulando o raio.

Foi muito mais doloroso do que eu esperava. Oh, não foi tão intenso como o raio de Vasilia havia sido, mas levar choque várias vezes também não

era agradável. O mago revestira a maçaneta com uma quantidade saudável de seu poder, criando um bloqueio muito eficaz.

Talvez eu devesse ter ido a outro lugar. Arrombar a casa de um mago não era a ideia mais inteligente, mas eu podia ouvir as pessoas falando na rua atrás de mim, suas vozes cada vez mais altas e mais próximas.

Os outros artistas estavam voltando para casa e eu poderia ser descoberta a qualquer momento. Eu apenas precisava esperar que o mago dormisse em outro lugar esta noite.

Era agora ou nunca, então eu envolvi minha mão ainda mais apertada em torno da maçaneta e alcancei ainda mais a minha imunidade. O suor deslizou pelo meu rosto, e minha mão tremeu com a tensão, mas eu segurei... e segurei... e segurei...

O raio se dissolveu em uma chuva de faíscas azuis.

Soltei um suspiro e descansei minha testa na porta. Levou alguns segundos para que minha mão realmente se movesse novamente, mas virei a maçaneta e a porta se abriu. Antes que pudesse mudar de ideia, eu entrei, fechei e tranquei a porta.

Fluorestones acenderam no teto, queimando com luz branca suave, quase me fazendo gritar novamente. Eu congelei, imaginando se o mago poderia estar em casa, afinal, mas ninguém apareceu para me explodir com relâmpago, então me senti segura o suficiente para continuar.

Uma porta aberta à minha esquerda levava a um banheiro, mas o resto da casa era uma grande área. Metade dela era a sala de estar do mago. Uma mesa de cozinha com duas cadeiras, uma cama, uma mesa de cabeceira cheia de livros, um armário cheio de roupas, uma escrivaninha coberta de papéis, canetas e mapas.

O mobiliário de mogno escuro era surpreendentemente caro, e notei com certo ciúme que ele tinha lençóis mais bonitos em sua cama do que eu no meu no palácio. Eu até vi o que parecia ser um espelho autônomo Cardea no canto, que o deixaria ver e se comunicar com as pessoas em outras cidades e reinos. O mago deve ser bastante poderoso e importante para a tropa para desfrutar desse nível de luxo. Ou talvez ele tenha vindo de uma família rica.

Armas encheram a outra metade da sala. Espadas, escudos e lanças foram empilhadas em prateleiras de madeira como garrafas de vinho, enquanto pedras de afiar, panos de polimento, e outros suprimentos estavam empoleirados em prateleiras do chão ao teto. O mago devia estar envolvido no treinamento dos gladiadores.

Eu estava tão exausta que estava prestes a desmaiar, então me arrastei para a frente, procurando um lugar para dormir. Olhei para a cama com saudade, mas resisti à vontade de me arrastar embaixo daqueles lençóis finos. Apesar do meu desespero, isso teria sido rude.

Mas roubei uma jaqueta azul royal e um travesseiro extra do armário.

Levei os dois itens até o canto mais afastado da sala, me abaixei no chão e me encostei entre uma prateleira de espadas e uma prateleira de suprimentos. Dessa posição, eu estava fora da vista da porta da frente e de grande parte do resto da casa, então talvez o mago não me notasse caso voltasse esta noite. De qualquer forma, eu estava prestes a cair, então eu teria que me arriscar.

Além disso, se ele me encontrasse e me matasse, pelo menos tudo isso acabaria.

Encolhi os ombros para o casaco, que era tão bom quanto tudo o que o mago possuía. Era muito grande para mim, mas o tecido era macio e suave como seda contra a minha pele, mesmo que fosse tão quente quanto velo e muito mais pesado. E o travesseiro? Uma nuvem de conforto atrás da minha cabeça. Eu suspirei e movi mais fundo no meu esconderijo. Ele até tinha travesseiros melhores do que eu.

Ou melhor, do que eu tive.

Caminhar de volta para a cidade, chegar à arena, e ver o show de gladiadores foi distração o suficiente para empurrar o massacre para o fundo da minha mente. Mas agora que eu estava sozinha e relativamente segura, as memórias borbulharam de volta à superfície. O choque da traição de Vasilia. A morte de Isobel. As últimas palavras de Cordelia. Tudo isso encharcado de sangue, gritos e morte.

Tanta morte.

Um soluço subiu pela minha garganta, mas eu segurei, embora não conseguisse impedir que as lágrimas vazassem em meus olhos. E fiquei ali sentada, chorando em silêncio por um longo, longo tempo.



Capítulo 11

Eu não chorei para dormir desde que meus pais foram assassinados e Vasilia me traiu quando criança, mas foi o que aconteceu. Pensei que poderia sonhar com o massacre, mas caí na escuridão, e não vi ou ouvi nada pelo resto da noite.

A ponta afiada de uma espada beijando minha garganta me acordou na manhã seguinte.

No começo, pensei que alguma aranha estava rastejando em mim e fazendo cócegas na minha pele com suas pequenas pernas. Tentei afastá-la repetidamente, mas continuava voltando. Lentamente, percebi que uma aranha não era tão dura e afiada, e que alguém mais estava aqui. Alguém que cheirava frio, fresco e limpo, assim como a magia que havia revestido a porta da frente, junto com uma forte corrente de raiva quente e apimentada.

Abri os olhos e olhei para cima para encontrar o mago da casa pairando sobre mim.

Ele usava uma camisa preta sob medida que se estendia através de seu peito firme e musculoso, junto com leggings e botas pretas. Um longo casaco cinza escuro com botões prateados pendia de seus ombros largos. Isto lembrou-me do uniforme que o Lorde Hans usara no almoço.

O mago parecia ter trinta e poucos anos, com maçãs do rosto afiadas, nariz reto e mandíbula forte. Seu cabelo castanho escuro curto brilhava sob os fluorestones, e seus olhos eram azuis claros, brilhantes e penetrantes – o

mesmo azul da magia que me chocou na noite passada. Ele era bem bonito, com um ar poderoso e autoritário que o tornava ainda mais atraente. Um líder natural, e não apenas por causa de seu poder mágico. Eu respirei fundo, sentindo seu cheiro novamente. Ele até cheirava bem, como gelo picado misturado com baunilha e uma pitada de especiaria.

— E um bom dia para você também — disse eu lentamente. — Você cumprimenta todos os seus convidados desse jeito?

— Você não é uma convidada — rosnou ele. — Caso você tenha perdido, essa é a parte em que você começa a implorar por sua vida.

Eu ri.

Depois de tudo o que aconteceu ontem, a ameaça desse homem através de sua espada não me incomodou.

— Bem, vá em frente então — disse eu. — Embora seja uma vergonha arruinar esse casaco com meu sangue. É de seda Andvarian? É requintada. Sem mencionar o travesseiro. Floresian, certo?

Eu não sabia por que disse isso. Talvez os horrores de ontem tivessem adulterado meu cérebro. Ou talvez eu estivesse simplesmente cansada de segurar minha língua. De sempre ter que fazer e dizer a coisa educada, a coisa boa, em vez do que eu realmente pensava e sentia. E o que toda essa gentileza e educação me deu? *Nada* – absolutamente nada, além de lembranças de morte em minha mente, gritos ecoando em meus ouvidos e cheiro de sangue no meu nariz.

Então, não, eu não me esconderia, e certamente não imploraria por nada, nem mesmo pela minha própria vida miserável. Não, de agora em diante, eu iria fazer e dizer exatamente o que eu queria, quando eu queria e maldita fosse as consequências. Era o primeiro passo para cumprir a promessa que eu fiz a mim mesma de nunca ser fraca e desamparada novamente.

— Quem é você? — rosnou ele novamente. — Como você chegou aqui?

— A porta estava aberta.

Não era uma mentira total. A porta estava aberta... depois que eu apagara todo o raio nela.

Os olhos do mago se estreitaram, e ele cavou a ponta de sua espada um pouco mais na minha garganta. Não o suficiente para cortar a pele, mas quase. Eu resisti ao desejo de recuar e afundar mais no travesseiro apoiado atrás da minha cabeça.

— Essa porta nunca, nunca está aberta — disse ele em uma voz suave e mortal. — Então, como você entrou aqui? O que você quer?

— Bem, eu, por exemplo, gostaria de ter uma conversa civilizada em vez de todas essas ameaças vagas que você continua fazendo.

Ele virou a ponta da espada um pouquinho, como se fosse um prego que ele estava prestes a martelar na minha garganta.

— Minhas ameaças são tudo menos vagas.

— Talvez vaga fosse a palavra errada. Que tal *inexistente*?

Ele piscou surpreso. — Inexistente?

Dei de ombros. Bem, tanto quanto pude com sua espada ainda na minha garganta. — Se você realmente quisesse me matar, teria feito isso enquanto eu dormia. Não me acordado de maneira tão dramática.

Ele não disse nada. Ele não podia argumentar com minha lógica.

— Então, por que você não me deixa em paz e podemos ter uma conversa normal como dois adultos.

Meu olhar se fechou com o dele, e cuidadosamente estendi a mão e toquei meu dedo em sua espada. Ele tensionou, mas me deixou lentamente empurrar a lâmina para longe da minha garganta. Depois de um momento, ele recuou, embora tenha mantido sua arma levantada, pronta para me esfaquear se eu fizesse algo que ele não gostasse.

Saí do espaço apertado e para o meio do chão, mas então percebi quão frias, pesadas e dormentes minhas pernas estavam.

— Bem? — exigiu o mago. — O que você está esperando? Você é quem queria conversar, então levante-se.

— Hum, isso é um pouco embaraçoso, mas minhas pernas estão dormentes.

Uma luz fria e maligna brilhou em seus olhos. — Mesmo? Bem, deixe-me ajudar com isso.

Ele levantou a mão e um raio azul estalou na ponta dos dedos. Antes que eu pudesse me mover ou reagir, ele se adiantou.

E então o bastardo me chocou.

Gritei quando a magia dele bateu nas minhas pernas. Em um instante, meus membros foram do frios, pesados e dormentes a quente, contraindo-se e queimando. Comecei a sufocar seu poder com minha imunidade, mas pensei melhor e cerrei os dentes. Posso não estar mais em Seven Spire, mas eu não podia deixar alguém saber sobre a minha imunidade, especialmente não algum mago.

Eu esperava que ele continuasse me dando choque, mas depois de cerca de quinze segundos, ele soltou sua magia, e o raio em sua mão desapareceu.

— Como é isso, alteza? — zombou. — Suas pernas estão um pouco mais animadas agora?

Levei um momento para abrir meu maxilar. — Ah, sim. Muito obrigada por isso.

Um sorriso fraco apareceu no rosto dele. Isso o fez parecer ainda mais bonito. Desgraçado. — De nada. Agora levante-se.

Minhas pernas pareciam pegar fogo, mas eu estendi a mão, agarrei uma das estantes de armas, e me puxei. Então o mago e eu nos encaramos.

Além da espada ainda apertada em sua mão, um punhal brilhava em uma fenda em seu cinto de couro preto, e eu tinha a impressão de que ele poderia manejar ambas as armas tão facilmente quanto fez com sua magia. Mas talvez a coisa mais curiosa fosse o fato de não usar o emblema do cisne negro. Sem brasão de qualquer espécie adornando suas roupas. Estranho. Você pensaria que o mago usaria o símbolo da sua trupe.

Seu olhar gelado me varreu. Uma vez que determinou que eu não tinha armas, ele se concentrou no meu rosto novamente. Levei minha mão a minha bochecha, imaginando o que ele estava olhando e estremeci quando meus dedos tocaram a contusão inchada. Oh, aquilo.

— Eu vou perguntar novamente — disse ele. — O que você quer?

— Quero falar com Serilda Swanson. É ela quem administra as coisas por aqui, certo?

Um olhar especulativo encheu seus olhos, e outro sorriso fraco apareceu no rosto. Bonito e presunçoso. Uma combinação perigosa.

— Você quer falar com Serilda? — Ele demorou. — Fico feliz em organizar isso, alteza.

O mago agarrou meu braço. Um aperto firme, mas não apertado o suficiente para machucar. Parecia que ele tinha um pouco de modos afinal, apesar de me chocar profundamente. Eu ainda estava de jaqueta, e antes que ele pudesse me arrastar para longe, eu me inclinei, peguei o travesseiro do chão, e enfiei-o debaixo do meu outro braço.

— O que você está fazendo? — retrucou.

Dei de ombros. — Eu deveria ter algo para dormir no chão. Além disso, você realmente o quer de volta depois de eu ter babado a noite toda?

Ele abriu a boca para argumentar, mas, mais uma vez, nenhuma palavra saiu. Ele suspirou e balançou a cabeça, admitindo a derrota.

* * *

O mago me arrastou para fora da casa e para a rua. O sol estava alto, mas ainda era cedo, e apenas algumas pessoas se moviam pelo complexo. Dois homens estavam sentados em um banco do lado de fora do refeitório, bebendo mochana. Os ricos aromas fumegavam no meu nariz.

— Quem você tem aí, Sullivan? — perguntou um dos homens. — Outro fugitivo?

Os dois riram baixinho. Deve ser algum tipo de piada interna. Embora eu supusesse que eu era uma fugitiva, apesar do fato de ser muito velha para esse tipo de coisa.

— Algo assim — murmurou ele, e me moveu passando por eles.

— Sullivan? — disse eu. — Então o misterioso mago tem um nome.

— Sim — retrucou. — Meu nome é Lucas Sullivan. Não que isso seja da sua conta.

— Sullivan é um pouco formal, não acha? Especialmente depois que eu passei a noite babando no seu travesseiro. Vou te chamar de Sully. Eu acho que é apropriado nesta fase do nosso relacionamento. — Eu estava

desfrutando de toda essa coisa de falar-o-que-está-na-minha-mente, especialmente quando se tratava de alfinetá-lo. Além disso, as palavras eram a única maneira que eu poderia feri-lo.

Suas narinas se alargaram e sua mandíbula se apertou. Não era fã de apelidos. — Eu não me importaria com isso, alteza. Você não ficará aqui por tempo suficiente para me chamar de qualquer coisa.

— Veremos.

Continuamos andando. Eventualmente, nós saímos da rua e entramos em um caminho que levava ao redor do refeitório e em uma série de jardins ligados com árvores altas, flores de inverno, bancos de ferro forjado preto, e postes de luz de fluorestone. Sullivan marchou comigo através dos jardins e através de uma ponte de pedra que se arqueava sobre um riacho que desaparecia nas árvores.

O caminho levava a uma mansão de três andares cercada por mais árvores e flores, junto com um portão de ferro. Torreões de pedra cobertas com torres prateadas ficavam nos quatro cantos da casa. Serilda Swanson deveria viver aqui, já que era muito melhor e maior que as outras casas.

A arena, os outros edifícios, os jardins e agora esta casa senhorial. Comandar uma tropa de gladiadores pagava muito melhor do que eu percebi. De que outra forma poderia Serilda ter colocado as mãos em uma propriedade tão grande na cidade? Muito menos ter construído tudo isso?

Sullivan bateu na porta da frente, mas não esperou por uma resposta antes de abri-la e me arrastar para dentro. Lâmpadas de vidro manchado, espelhos dourados e móveis de mogno escuro enchiam os aposentos. Oh, sim. Serilda se saiu muito bem desde que deixou a guarda da rainha.

Sullivan me arrastou com força para uma biblioteca que ocupava a parte de trás da mansão. O mobiliário aqui era tão elegante quanto todo o resto, com um lustre de cristal pendurado no teto, estantes de livros cobrindo duas das paredes e uma grande escrivaninha de mogno no centro. Mas a coisa mais proeminente era a flâmula branca que apresentava um cisne negro com um olho e bico azul que adornava a parede dos fundos.

Uma impressionante coleção de armas adornava o restante daquela parede. Espadas, maças, adagas, machados, lanças e escudos brilhavam na

luz do sol matinal que entrava pelas janelas. Cada objeto caracterizado com uma variedade de joias, e estava polido até um alto brilho.

Comecei a olhar além das armas quando notei um conjunto separado escondido no canto – uma espada, um punhal e um escudo. Ao contrário das outras armas, com seus rubis do tamanho de um punho, esmeraldas e mais, este conjunto ostentava apenas algumas pequenas joias, embora eu estivesse longe demais para dizer exatamente quais eram as pedras preciosas.

Vários perfumes deliciosos fizeram cócegas no meu nariz e olhei para a direita. Bandejas de prata empilhadas com ovos mexidos, bacon com crosta de pimenta preta e tortas de frutas fritas empoleiradas em uma mesa, junto com garrafas de mochana, chocolate quente, chás e sucos. Meu estômago roncou, me lembrando de que não comi nada desde aqueles dois sacos de cornucópia na noite passada. Mas a minha fome roendo era a menor das minhas preocupações, então me concentrei nas pessoas na biblioteca.

Cho Yamato, o mestre de cerimônias, estava de pé ao lado da mesa, examinando o café da manhã com um olhar crítico. Paloma, a gladiadora, estava sentada em uma cadeira em frente à mesa, ao lado de outra mulher gladiadora, com cabelos ruivos e olhos castanhos claros. Emilie, uma simplória com magia de velocidade. Eu me lembrei dela do show. Ela foi uma das poucas pessoas que realmente desafiaram Paloma e fez a outra mulher trabalhar pela sua vitória.

E finalmente, havia Serilda Swanson, que estava sentada em uma cadeira branca atrás da mesa.

Ela estava vestindo uma túnica branca com o mesmo design de cisne de fio preto que usava noite passada. Estava registrando números em um livro, e vários sacos de coroas de ouro, prata e bronze forravam a mesa. Eu respirei fundo, sentindo o cheiro dela. Afiado, duro e metálico, como coldiron misturado com sangue. Um perfume de guerreiro.

Sullivan me empurrou para frente e eu parei em cima de um tapete branco que eu já havia arruinado com minhas botas enlameadas.

Serilda não levantou os olhos do livro. — Sim?

— Eu a encontrei dormindo em minha casa — rosnou Sullivan.

— Eu não sabia que ter uma mulher em sua cama era uma ocorrência tão incomum, Lucas.

Escondi um sorriso. Parecia que eu não era a única que gostava de alfinetar o mago.

Sullivan apontou o dedo para mim. — É, quando eu chego em casa hoje de manhã e a vejo roncando no canto.

— Eu geralmente não ronco — disse eu. — Deve ter sido o seu bom travesseiro Floresiano.

O olho direito de Sullivan se contraiu. O mesmo aconteceu com os dedos da mão direita, como se ele quisesse me dar um choque com seu raio novamente.

Meu gracejo finalmente fez Serilda olhar para mim. Seu cabelo loiro curto estava penteado para trás, uma sombra esfumaçada realçava seus olhos azuis escuros e o brilho vermelho cobria seus lábios. Ela era muito bonita – exceto pela cicatriz em forma de sol perto do canto do olho direito.

Eu vi mais de uma briga entre nobres damas, então reconheci a marca pelo que era.

Alguém dera um soco em Serilda e seu anel deixou uma impressão duradoura. Ainda assim, qualquer mestre de ossos poderia ter consertado, então por que ter uma cicatriz como essa? Especialmente no rosto, onde todos poderiam ver?

Claro que eu não sabia a resposta, então estudei o resto dela. Os primeiros botões da túnica estavam desfeitos, revelando um pequeno pingente de cisne negro que descansava no oco de sua garganta. Os fragmentos azeviches que compunham o corpo do cisne brilhavam a cada respiração que ela dava, assim como o olho e bico de tearstone azul, fazendo parecer que o cisne flutuava em cima do pulso constante batendo em sua garganta. Azeviche era outra joia que desviava a magia, embora não tão bem quanto a tearstone.

Interessante. Eu teria pensado que uma guerreira famosa como Serilda teria usado rubis para aumentar sua força, ou esmeraldas para aumentar sua velocidade.

Mas a coisa mais impressionante sobre seu pingente era o fato de que Alvis o fizera.

Os fragmentos de joias. O design simples e elegante. A delicada corrente de prata. Reconheci o trabalho dele imediatamente. Meu coração acelerou, mas afastei minha esperança com uma fria razão. Serilda foi guarda pessoal da Cordelia por anos. Ela poderia ter conseguido aquele pingente – e o seu cisne combinando – de Alvis a qualquer momento. Não significava nada, não realmente, e certamente não indicava que eu pudesse confiar nela.

Cho também olhou para mim, e Paloma e Emilie se mexeram em seus lugares para que pudessem me ver também. Eu mexi nos meus pés e tentei não fazer uma careta por como eu estava suja e desgrenhada.

— E como exatamente ela entrou em sua casa? — murmurou Serilda. — Pensei que você mantinha todas as portas e janelas trancadas com sua magia.

— Eu faço — rosnou Sullivan. — Não sei como ela entrou. Pensei que você poderia querer questioná-la antes de jogá-la fora.

Não é exatamente uma recepção calorosa. Mordi meu lábio, debatendo o que fazer. Cordelia me disse que eu poderia confiar em Serilda, mas agora, eu não confiava em ninguém. Não depois de assistir Vasilia, Nox, Felton e Maeven abater o resto da realeza. Pelo que eu sabia, Vasilia também podia ter Serilda no bolso.

— Por que eu iria querer questioná-la? Ela não invadiu a minha casa. — Serilda acenou com a mão. — Leve-a para o portão da frente e jogue-a fora se você estiver inclinado. Apenas certifique-se de que ela não volte.

Eu deveria ter percebido que algo assim aconteceria, mas eu não sabia como parar.

O pânico cresceu em mim. Se Sullivan me expulsasse do complexo, eu não sabia o que faria ou aonde iria.

Eu me movi em direção à mesa. — Não, você não pode fazer isso...

Antes que eu pudesse dar outro passo, Paloma saiu de sua cadeira, agarrou meu braço, girou seu corpo contra o meu, e me jogou por cima do ombro. Eu caí de costas no chão e uma onda fresca de dor atravessou meu corpo machucado. Também perdi o controle do travesseiro que foi colocado embaixo do meu braço, e ele rolou de ponta a ponta no chão antes de parar silenciosamente.

Sullivan sorriu novamente enquanto Emilie sorria, ambos aproveitando meu sofrimento. Serilda fez outra anotação em seu livro enquanto Cho pegava uma torta frita de um dos pratos. O repentino drama o entediava.

Paloma se inclinou sobre mim. Não só ela era uma gladiadora habilidosa, mas era também muito bonita, com o cabelo loiro trançado e a linda pele bronzeada. Eu me concentrei na marca de metamorfose no pescoço dela – no rosto de ogro rosnando com os mesmos olhos dourados de âmbar que a própria Paloma tinha. O ogro me lembrou do pescoço de Lady Xenia, até a mecha de cabelos loiros que se enrolavam em volta do rosto. Ambos, Paloma e o ogro, me olhavam com uma expressão plana.

Por mais que eu gostasse de ficar parada até que a dor diminuísse, seria um sinal de fraqueza, então eu me forcei a me virar de joelhos e me levantar. Talvez eu tenha vacilei um pouco – eu poderia ter tremido um pouco – mas levantei meu queixo e encarei todos novamente.

— Você não pode me expulsar — disse eu.

Serilda arqueou uma sobrancelha. — Paloma acabou de provar que ela pode expulsá-la facilmente.

— Você não entende.

Serilda revirou os olhos, pousou a caneta e recostou-se na cadeira. — Deixe-me adivinhar. Você veio para o show da noite passada, escondeu-se no complexo, e agora você quer se juntar à tropa.

— Sim! Exatamente! Eu quero me juntar à tropa.

Eles riram de mim.

Sullivan, Emilie, Cho, Paloma, até o ogro no pescoço de Paloma abriu os lábios e riu silenciosamente. Quanto mais eles riam, mais irritada fiquei. Foi como voltar ao palácio e ouvir Vasilia e suas amigas relatarem o quanto tudo era pequeno, gasto e insignificante sobre mim em comparação a elas.

A única que não riu foi Serilda, que me observou atentamente, seu olhar azul vendo meus punhos cerrados e postura rígida. Mas ainda mais do que isso, eu senti que ela olhava além do meu rosto machucado e falsa bravata e realmente via dentro mim, e eu precisava me impedir de tremer em seu

escrutínio intenso. Ela acenou com a mão e os outros pararam de rir. Ela olhou para mim outro momento, depois acenou com a mão novamente.

— Tudo bem, então. Me conte sua história de vida, garota, como é.

Eu me arrepiei. Eu não era uma *garota* desde que meus pais morreram, mas engoli minha raiva. Esta era minha chance de convencê-la a me deixar ficar. Minha mente girou, tentando descobrir como dizer a ela o que havia acontecido com Isobel, Cordelia e Vasilia sem revelar minha verdadeira identidade.

— Eu não tenho o dia todo — retrucou Serilda. — Agora ou nunca.

— Minha... mãe adotiva faleceu recentemente, assim como a nossa... senhora, a mulher que ambos servíamos. A nova senhora não era como... como a antiga havia sido. — Não era exatamente uma mentira. Apenas suprimi alguns detalhes pertinentes. Nomes, datas, lugares, assassinatos.

— Então essa nova senhora é aquela que te deu esse golpe desagradável? — perguntou Serilda.

— Não, não exatamente. Ela disse aos... homens para me dar.

— Então você fugiu de casa, veio aqui, e agora você quer se juntar à tropa para que possa se vingar dela. — Serilda terminou com uma voz entediada.

Vingança? Claro que eu queria vingar-me de Vasilia, mas também sabia que nunca conseguiria. Ela era a maldita rainha agora com dinheiro, magia e recursos praticamente ilimitados. Eu não poderia nem chegar perto dela, muito menos realmente machucá-la, nem mesmo se eu tivesse um exército à minha disposição.

Serilda balançou a cabeça e uma pequena gargalhada escapou de seus lábios. De alguma forma, esse pequeno e suave som era muito mais zombeteiro do que todas as outras gargalhadas juntas.

— O que é tão engraçado? — rosnei.

— Você sabe quantas pessoas me contaram essa mesma história? Alguém foi injusto, e eles querem aprender a lutar, tornar-se um grande gladiador e ganhar inúmeras riquezas, junto com a adoração do público, tudo para que eles possam se vingar do inimigo. — Serilda riu novamente. — É tudo tão ridículo que poderia muito bem ser um conto de fadas, ou uma

história nos jornais baratos que as crianças vendem nas esquinas todas as manhãs. A única coisa que tornaria ainda mais clichê é se você alegasse ser uma princesa perdida, desesperada para se tornar uma guerreira, então você poderia reclamar seu reino dos malfeitores.

O rosto presunçoso e triunfante de Vasilia passou diante dos meus olhos. Isso era exatamente o que eu queria, e era absolutamente ridículo, como Serilda dissera.

— Não sou uma maldita *princesa*. — Eu cuspi a palavra. — Mas, sim, quero me tornar uma gladiadora. Não para me vingar, mas por mim mesma. Para que ninguém possa fazer o que minha... senhora fez comigo. Para que ninguém possa me machucar como ela fez.

Os olhos de Serilda se estreitaram, embora seu olhar fosse tão brilhante e azul quanto o olho do cisne no estandarte na parede atrás dela. Mais uma vez, tive a sensação de que ela podia ver muito mais do que eu queria. — E por que eu deveria te dar uma chance em vez de outra pessoa?

Uma pequena abertura, mas eu me apeguei a ela. — Porque eu farei o que você quiser.

Ela arqueou a sobrancelha novamente. — Qualquer coisa?

Levantei meu queixo. — Qualquer coisa.

— Eu quase acho que você fala sério.

Dei a ela um sorriso curto. — Se há uma coisa que você nunca deve questionar, é minha decisão. Minha nova senhora... me humilhou. Nada que você poderia fazer seria pior do que o que ela me fez passar. *Nada*.

— Isso parece um desafio.

Dei de ombros. — Chame do que você quiser.

Ela ficou olhando para mim, e encontrei seu olhar com o meu firme. Sullivan, Emilie, Paloma, e Cho olharam entre nós.

Serilda se inclinou e juntou as mãos na mesa. — Bem, você obviamente não tem habilidades de luta, dada a facilidade com que Paloma te derrubou. Então, o que você pode fazer? — Ela examinou meu rosto, pescoço e mãos. — Você é uma metamorfa? Maga? Mestre? Simplória?

— Simplória.

— Com quais habilidades?

Suspirei, sabendo que eles iriam rir de mim novamente. — Tenho um senso de olfato melhorado.

E eles riram, longo, forte e alto.

— Então você não pode lutar, e não tem nenhuma magia de verdade — disse Serilda, quando a risada de todos finalmente morreu. — Isso faz você oficialmente inútil.

Talvez fosse a nota fraca e desdenhosa em sua voz, ou o fato de que todos no palácio me trataram assim por tanto tempo, ou a dura verdade que eu havia pensado de mim desse jeito mais de uma vez, mas minhas mãos cerraram em punhos apertados. — Eu não sou inútil.

— Então o que você *pode* fazer? — perguntou ela. — O que você pode fazer melhor do que qualquer outra pessoa aqui?

Abri minha boca, mas nada saiu. Eu não tinha uma resposta. Oh, havia muitas coisas que eu poderia fazer melhor do que qualquer outra pessoa aqui. Dançar, fazer uma reverência, envolver-me em conversas educadas e vazias sobre arte, música e livros. Mas eu não poderia dizer isso a Serilda, muito menos onde eu aprendi todas essas habilidades. Além disso, ela estava certa. Elas eram completamente inúteis aqui.

Sullivan, Emilie e Paloma ainda me observavam, esperando para ver o que eu diria. Assim como a marca de metamorfose no pescoço de Paloma. O ogro estava franzindo a testa como se sentisse pena de mim, me dizendo em quantos problemas eu estava e como precisava encontrar uma resposta – qualquer resposta.

— Bem? — estalou Serilda. — O que você pode fazer?

Desesperada, olhei para Cho a tempo de vê-lo afundar os dentes em uma torta de frutas. Ele fez uma careta, como se tivesse um gosto ruim, e colocou o prato com os outros.

— Eu posso fazer tortas.

As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse detê-las, mas não eram mentiras. Eu poderia fazer tortas, graças a todas as horas que passei com Isobel na cozinha.

— Tortas? Mesmo? Essa é sua grande habilidade? — disse Serilda. — Qualquer um pode fazer uma mera torta.

Dei um passo à frente. Paloma começou a andar em minha direção, mas levantei a mão e ela parou. Eu me certifiquei de que ela não iria me virar por cima do ombro novamente, então olhei para Serilda.

— Não apenas *meras* tortas. As mais deliciosas tortas que você já provou. Crostas amanteigadas. Recheios de frutas doces. Musses deliciosos. Nozes temperadas que farão sua língua formigar com prazer. — Eu ouvi mais do que um discurso exuberante e florido no palácio, e fiz minhas descrições tão ricas e convidativas quanto, bem, pudim em uma massa de torta.

O silêncio desceu sobre a biblioteca e me perguntei se exagerara demais.

— Essas soam como o meu tipo de tortas. — Para minha surpresa, foi Cho quem falou.

Serilda bufou. — Não a encoraje.

Cho se aproximou e sentou-se no canto da mesa. Ele parecia estar em seus quarenta anos, o mesmo que Serilda, e era alguns centímetros mais alto que eu, com um corpo esguio e magro. Ele estendeu a mão e coçou seu pescoço, chamando minha atenção para a marca de metamorfose ali – o rosto de um dragão feito de escamas vermelhas. Cho pode não ser tão grande e forte quanto Sullivan, mas à sua maneira, ele era igualmente perigoso.

— Me conte mais sobre essas tortas. Qual é o sabor da sua especialidade?

— Cranberry e maçã. — Foi o primeiro sabor que pensei, desde que eu fizera muitas delas ontem.

Seus olhos negros brilharam, assim como os do dragão em seu pescoço. — Essa é a minha favorita.

Serilda suspirou. — Esqueça isso, Cho. Já temos um padeiro que pode fazer tortas.

— Não, nós não temos. Kiko ficou em Andvari com seu amante, lembra? — Ele apontou o dedo para os pratos de café da manhã. — Não sei quem fez essas, mas elas definitivamente *não* são tortas. Eu não alimentaria nem as gárgulas com essas coisas azedas e encharcadas.

— Bem, eu não sinto vontade de aceitar mais pessoas perdidas, especialmente não para apaziguar sua gula — retrucou Serilda.

Abri minha boca para protestar que eu não era uma perdida, mas Paloma balançou a cabeça, me avisando para continuar quieta.

Serilda olhou para Cho, que sorriu para ela, assim como o dragão em seu pescoço. Depois de vários momentos, Serilda revirou os olhos novamente e deu um aceno de cabeça afiado.

— Um teste? — perguntou Cho, uma nota ansiosa em sua voz.

Ela suspirou. — Um teste.

Cho bateu palmas e levantou da mesa. — Excelente! Vamos fazer agora.

Serilda assentiu para Sullivan, que se aproximou de mim. Eu me inclinei e peguei meu travesseiro roubado do chão antes que ele agarrasse meu braço novamente.

— O que está acontecendo? — perguntei, pensando que eles me expulsariam depois de tudo.

Serilda se levantou e me deu um sorriso fraco. — Vamos ver se suas tortas são realmente boas.



Capítulo 12

Serilda saiu da biblioteca, seguida por Cho, Paloma e Emilie.

— Espero que suas tortas sejam tão boas quanto você pensa, alteza — disse Sullivan. — Cho não gosta de ficar desapontado. E nem o dragão dele.

Eu recebi a mensagem alta e clara. Se Cho não gostasse da torta, seu dragão interior sairia e comeria meus ossos.

Sullivan me levou para fora da mansão, e nós seguimos os outros através dos jardins e para o refeitório. Sullivan abriu uma das portas e me empurrou para dentro.

O edifício foi dividido em duas seções. A frente era um espaço amplo e aberto para refeições, com mesas retangulares de madeira e cadeiras no centro. Outras mesas menores correram ao longo de ambas as paredes, todas cobertas de pratos com ovos, bacon, pão quente e muito mais. Uma divisória de madeira que tinha cerca de um metro de altura separava a área de jantar da cozinha no fundo.

Dezenas de pessoas estavam sentadas nas mesas, comendo o café da manhã antes de começar o dia de trabalho. Eles estavam vestidos com túnicas regulares, leggings e botas, em vez dos trajes reluzentes e maquiagem glamourosa que usaram durante o show. Todo mundo olhou curiosamente para o nosso grupo, mas voltaram para sua comida e conversas.

Nós caminhamos pelo refeitório, atravessamos uma porta giratória na divisória de madeira, e entramos na cozinha. Estações de preparação no

centro, fornos ao longo de uma parede, geladeiras de metal contra a outra, pias cheias de pratos sujos no fundo, trabalhadores correndo por toda parte. Meu coração doeu. Era tão parecida com a cozinha do palácio que eu quase esperava que Isobel aparecesse com um sorriso no rosto e um prato de biscoitos na mão.

Mas Isobel estava morta e eu também estaria se não me concentrasse.

Um homem parado em uma das estações de preparação avistou Serilda. Ele era alto, com um corpo largo e grosso, cabelo preto curto e encaracolado, olhos castanhos escuros e pele de ébano. Ele vestia uma túnica branca de manga comprida como os outros trabalhadores, mas o brasão do cisne costurado em linha preta sobre seu coração marcava-o como o administrador da cozinha. Dado a faca excepcionalmente grande em sua mão, e o sabor picante de magia que emanava dele, ele também era um cozinheiro.

Ele terminou de cortar uma cebola, depois limpou as mãos em um pano e se aproximou de nós. — Serilda. O que está acontecendo?

— Theroux, esta mulher diz que pode fazer tortas — disse Cho com uma voz ansiosa. — Tortas de Cranberry e maçã.

Os lábios de Theroux se apertaram. Ele parecia estar bem familiarizado e infeliz com o amor de Cho por torta, assim como Serilda. O olhar de Theroux passou por mim do jeito que todo mundo fizera. Neste ponto, eu estava acostumada ao constante escrutínio e julgamentos silenciosos.

— Você poderia precisar de um novo padeiro agora que Kiko se foi — disse Cho em um tom sarcástico. — Especialmente desde que tortas e bolos não são suas especialidades.

Theroux o encarou, mas não perturbou o outro homem.

— Vamos ver o que ela pode fazer — disse Serilda. — Então vamos falar sobre se ela pode ficar.

Theroux também não gostava disso, mas ela era a chefe, então ele acenou para ela e torceu o dedo para mim. Sullivan soltou meu braço. Coloquei meu travesseiro em seu peito, e ele instintivamente agarrou.

— Seja gentil, e segure isso para mim, Sully.

Seus olhos se estreitaram, mas dei a ele um sorriso animado, então segui Theroux até a parte de trás da cozinha. Theroux apontou para uma das

pias e arregacei as mangas e lavei as mãos. Meu cabelo estava uma bagunça, meio dentro e meio fora da trança original, mas eu não tinha tempo para consertar, então molhei e alisei-o para longe do meu rosto.

Enquanto me limpava, Theroux se moveu pela cozinha, retirando manteiga, farinha e mais ingredientes, junto com tigelas, um rolo, e medidor, xícaras e colheres. Ele colocou tudo em fileira em uma bancada vazia. Os outros trabalhadores da cozinha nos observaram, mas logo voltaram para suas tarefas.

Theroux estalou os dedos para mim. Eu ericei com a convocação, mas me aproximei e olhei para os ingredientes e utensílios. Ontem eu estava fazendo exatamente a mesma coisa com Isobel. Se ao menos eu pudesse voltar e mudar o que havia acontecido com ela e todos os outros. Lágrimas quentes picaram meus olhos, mas eu os fechei antes que as gotas traiçoeiras pudessem escapar.

Eu não podia permitir que ninguém visse minhas lágrimas.

— Sempre que você estiver pronta, alteza — disse Sullivan com uma voz maliciosa.

Minhas mãos enrolaram ao redor do balcão. A pedra era lisa e gasta, assim como a do Palácio. Mas eu não estava mais no palácio, e eu precisava fazer a melhor torta que já fiz, ou seria expulsa do complexo, no mínimo, e possivelmente me tornaria comida de dragão, no pior. Então eu empurrei minha dor, tristeza e desgosto para longe e pensei em Isobel e tudo o que ela me ensinou. Assim, soltei um suspiro, abri os olhos e peguei a manteiga para começar a fazer a massa.

Paloma e Emilie saíram da cozinha, mas Cho, Serilda e Sullivan ficaram e me observaram trabalhar.

Cho com entusiasmo óbvio, e Serilda e Sullivan com suspeita aberta. Isso me lembrou do tempo, há algumas semanas, quando eu construíra casas de gengibre para as crianças de vários senadores de Bellona que viajaram até o palácio para celebrar a temporada de natal. Eu supus que deveria estar grata que minha audiência hoje não estava tentando fugir com todas as varas de hortelã, doce de floresta negra, e bengalas doces de cereja como fizeram as crianças.

Ignorei meus observadores e misturei os ingredientes para a massa. Assim que ficou pronta, eu abri a massa, cortei-a em um grande círculo e coloquei sobre uma forma de metal. Theroux, em particular, estudava cada movimento que eu fazia, avaliando minha técnica.

Segurei um dos restos de massa. — Quer provar?

Ele cruzou os braços sobre o peito e me deu outro olhar fixo. Dei de ombros e coloquei o pedaço na minha boca. Eu estava com tanta fome que não me importei que a massa estava crua. Eu teria comido o resto da massa se eu não precisasse dela para o padrão de treliça no topo.

Quando terminei com a massa, peguei uma faca, cortei as maçãs bem finas e coloquei-as em uma tigela com os cranberries, juntamente com canela, açúcar e muito mais. Eu misturei tudo, em seguida, despejei o recheio na crosta. Então olhei para as garrafas de açúcares aromatizados, especiarias e aromatizantes no balcão, prontos para dar a torta seu toque final. Finalmente, me voltei para Theroux.

— Onde estão os flocos de laranja?

Cho olhou para mim. — Do que você está falando?

— Você não pode fazer uma boa torta de cranberry e maçã sem flocos de laranja. — Eu me virei para Theroux novamente.

— Não me diga que você não tem nenhum. Porque, eu pensaria que um bom administrador de cozinha como você teria todos os temperos apropriados à mão.

Os olhos escuros de Theroux se estreitaram, e Cho, Sullivan e Serilda olharam entre nós dois. Todos reconheceram minhas palavras como o insulto que eram. As línguas sempre foram mais afiadas do que navalhas em Seven Spire, e eu empunhava as minhas tão bem quanto qualquer um. Além disso, eu aprendi muito tempo atrás que só porque alguém me via como uma decoração inútil não significava que eu devesse agir como uma, e que as pessoas respeitavam seus inimigos muito mais do que aqueles que eles achavam que podiam passar por cima.

Cho riu e deu um tapinha nas costas de Theroux. — Ela tem você lá, meu amigo.

Theroux deu ao outro homem um olhar irritado, mas foi até um dos armários e voltou com uma garrafa de flocos de laranja, que ele colocou na minha mão.

Tirei a rolha da garrafa. O doce aroma da fruta cítrica me deu um soco no nariz e me fez pensar em Isobel novamente, mas forcei as memórias para longe. Eu me inclinei e dei a volta na torta cuidadosamente polvilhando os flocos de laranja sobre ela. Uma, duas, três batidas na garrafa, como Isobel me ensinou. Os cristais de laranja pousaram em cima do delicioso recheio de frutas e lentamente se fundiram na mistura.

— É isso? — perguntou Theroux, uma nota desafiadora em sua voz. — Isso é tudo o que você vai usar?

Tampei a garrafa e entreguei para ele. — Sim.

Arrumei as últimas tiras de massa no topo da torta, criando um belo padrão de treliça, depois a deslizei em um dos fornos quentes e defini um temporizador que estava apoiado no balcão.

Eu esperava que os outros se afastassem para suas tarefas, trabalho ou o que quer que fizessem durante o dia, mas Cho, Sullivan e Serilda ficaram na cozinha, alternando entre observar a mim e a torta assando no forno. Eu não queria ficar parada e ser encarada, então peguei as tigelas sujas e os utensílios e me afastei do balcão.

Sullivan entrou na minha frente. — Onde você pensa que vai?

Levantei as tigelas. — Onde parece que eu vou? Até as pias para lavar a louça. A menos, claro, que *você* queira lavá-las para mim, Sully.

Ele olhou para mim, mas saiu do meu caminho. Despejei as tigelas em uma das pias e liguei a água quente.

Theroux me observou por alguns momentos antes de dar ordens ao resto da equipe e voltar para sua própria estação de preparação. Cho começou a conversar com Sullivan sobre os méritos da torta de cranberry e maçã versus a simples torta de maçã, embora o mago apenas grunhisse em resposta. Serilda encostou um ombro contra a parede e olhou para mim, um olhar especulativo em seu rosto, como se eu a tivesse surpreendido. Olhei para ela por um momento, deixando-a saber que seu escrutínio silencioso não me incomodava, então lavei os pratos.

Eu acabara de secar a última colher quando o temporizador tocou. Coloquei um par de luvas em minhas mãos, tirei a torta do forno e coloquei a forma quente no balcão.

A crosta era um marrom dourado perfeito, e o recheio de frutas borbulhava como lava rubi entre as lacunas nas tiras de treliça. Eu respirei fundo, provando os aromas no ar. A crosta amanteigada, a fruta açucarada, a sugestão de laranja que ondulava por tudo. Os aromas eram os mesmos que foram na cozinha do palácio, e esta torta seria tão boa quanto as outras. Eu sorri, ainda mais tristeza surgiu em mim. Isobel teria ficado tão orgulhosa de mim.

— Isso parece incrível! — Cho estendeu a mão para a torta, mas eu bati na mão dele.

— Você tem que deixar esfriar primeiro, ou o recheio de frutas vai escorrer por toda parte. E você não quer queimar a sua língua.

Ele franziu a testa, assim como a marca de metamorfose em seu pescoço. Eu me perguntei se eu poderia acabar sendo comida de dragão afinal de contas, mas sua carranca derreteu em um sorriso tímido. Até o dragão dele sorriu para mim, e me vi sorrindo para os dois.

Quando a torta esfriara, cortei o primeiro pedaço e entreguei a Cho, que enfiou o garfo nele. Ele mastigou, provando os sabores, depois engoliu. Todos olharam para ele, mas Cho os ignorou e colocou outro pedaço de torta na boca.

— Mmm... — murmurou. — Tão bom. Ela fica, Serilda. Ela definitivamente fica!

Suspirei de alívio. Eles ainda poderiam me expulsar do complexo, mas pelo menos eu não acabaria sendo comida.

Serilda revirou os olhos. — Vamos ver o que o resto de nós pensa primeiro.

Distribuí pedaços para ela, Theroux e Sullivan. Os dois homens gostaram imediatamente.

— Está boa. — A voz de Theroux era muito menos hostil do que antes. — Não tão boa quanto de um cozinheiro mestre, mas está perto. — Ele olhou para mim. — O que mais você pode fazer?

Dei de ombros. — Bolos, biscoitos, doces.

— Bolos *e* biscoitos *e* doces? — Cho suspirou e agarrou seu prato vazio ao peito. Não sei se aguento a emoção.

Serilda ignorou sua teatralidade. — Lucas?

Sullivan quase acabara com o pedaço de torta e deu uma última mordida com um olhar culpado. Ele encolheu os ombros. — Vai servir.

Raiva jorrou através de mim. Ele amara a maldita torta, dada a rapidez com que a comera. Estava apenas sendo difícil, porque eu o irritara antes, e ele ainda estava segurando meu travesseiro sob o braço dele.

— O que você acha, Serilda? — perguntou Theroux.

Ela finalmente deu uma mordida. Por um momento, seus olhos brilharam, mas depois engoliu, colocou o prato no balcão, e empurrou-o para longe. Meu coração afundou. Ela não gostou.

— Acho que é a melhor torta que eu tive em muito, muito tempo.

Suas palavras me surpreenderam, especialmente porque não combinavam com sua expressão. Seus olhos escureceram, seus lábios torceram, e os ombros caíram. Ela quase parecia... triste.

Mas o momento passou e ela estava novamente com o seu jeito frio e imparcial de sempre. Serilda olhou para Cho, Theroux e Sullivan. Cho sorriu, Theroux encolheu os ombros e Sullivan sacudiu a cabeça. Um voto a favor, um neutro e um contra. Seria Serilda, então.

Finalmente, ela se virou para mim. — Qual o seu nome?

Abri minha boca para dizer *Everleigh*, mas depois lembrei que eu não conseguiria usar esse nome nunca novamente. Lady Everleigh Saffira Winter Blair estava morta, junto com o resto da realeza.

— Bem — disse Serilda. — Você tem um nome, não é?

Um nome. Eu precisava de um nome *agora* mesmo, antes que ela ficasse mais desconfiada do que já estava. Meu olhar percorreu a cozinha procurando inspiração. Eu me concentrei em Cho, que estava cortando um segundo pedaço de torta. E percebi que tinha um nome – o que eu sempre desejei.

— Evie. — Eu olhei para Serilda novamente. — Meu nome é Evie.

Seus olhos se estreitaram. Ela notou minha hesitação e soube que eu estava mentindo, mas levantei meu queixo e olhei para ela.

— Bem, então, *Evie*, deixe-me calorosamente recebê-la ao Cisne Negro. — Ela me deu um sorriso fraco que não foi nem caloroso nem acolhedor. — Sugiro que você se ocupe em fazer outra torta, já que Cho vai comer o resto desta agora mesmo.



Capítulo 13

Serilda estava certa. Cho havia acabado com a primeira torta quando coloquei uma segunda no forno.

Cho sorriu enquanto engolia as últimas mordidas da torta, e o dragão em seu pescoço piscou para mim. Bem, pelo menos alguém por aqui gostava de mim. Os outros? Nem tanto, a julgar pelos olhares desconfiados que Theroux, Sullivan e Serilda continuaram me dando.

Mas fiz o suficiente para ganhar um lugar na cozinha, porque Theroux apontou sua faca para mim. — Volte às quatro da tarde para ajudar no jantar. E não se atrase.

Isso era horas a partir de agora. O que eu deveria fazer até então? A julgar pelo sorriso presunçoso de Sullivan, não seria agradável.

— Sim, senhor.

Theroux olhou furioso para mim, pensando que eu estava sendo sarcástica, mas mantive meu olhar firme nele, deixando-o saber que eu não ficaria intimidada. O administrador da cozinha poderia ser meu novo chefe, mas eu não ia me curvar e facilitar para ele como fiz com Felton. Eu não faria isso nunca mais, não importa o quão tênue isso tornava minha posição aqui. Neste momento, meu orgulho era a única coisa que me restava.

Após alguns segundos, Theroux voltou a fatiar legumes.

Serilda olhou para Cho. — Se você terminou de encher a barriga, talvez possamos finalmente iniciar os negócios do dia?

Ele raspou algumas migalhas finais e colocou-as na boca. Cho olhou ansiosamente para a torta no forno, mas não estava perto de estar pronta, então ele suspirou e colocou seu prato vazio no balcão. — Se eu devo.

— Você deve. — Serilda olhou para Sullivan. — Você sabe o que fazer com ela.

Ele assentiu e Serilda saiu da cozinha. Cho sorriu para mim novamente, depois a seguiu.

Sullivan empurrou meu travesseiro roubado no meu peito. — Aqui está. Você precisará disso.

— Para quê?

Ele me deu outro de seus sorrisos afiados e devastadores. — Chorar depois de eu terminar com você.

Um pouco de magia brilhou em seus olhos, fazendo-os queimar brilhantes e azuis. Ele estava tentando me intimidar. Uma semana atrás, provavelmente teria funcionado. Mas agora não.

— Oh, Sully — disse eu lentamente. — Você está me ameaçando? Que adorável.

Eu já o havia antagonizado bastante, e a coisa mais sensata a fazer seria manter minha boca fechada. Mas eu ainda estava chateada com seu comentário de desprezo sobre a minha torta, então eu dei um passo à frente, perto o suficiente para que o travesseiro em minha mão roçasse contra seu peito sólido e musculoso e olhasse para baixo, assim como fiz com Theroux.

Não era a resposta que Sullivan esperava ou queria, a julgar pela rapidez com que a magia desapareceu de seu olhar.

Uma gargalhada ecoou e nós dois olhamos para Theroux. O administrador da cozinha limpou a garganta, baixou o olhar e começou a cortar os legumes novamente.

Sullivan olhou para ele outro segundo antes de se virar para mim. — Siga-me, alteza, e nós vamos ver quão durona você é realmente.

— Isso soa como um desafio. — Acenei meu travesseiro para o lado. — Lidere o caminho, Sully.

Seu olho direito se contraiu, junto com a mão, como se estivesse pensando em me eletrocutar com o relâmpago novamente, mas Sullivan se conteve, girou e saiu da cozinha.

* * *

Nós andamos pelo refeitório, que estava vazio agora, já que o café da manhã havia terminado enquanto eu fazia as tortas, e saímos.

Sullivan partiu em um ritmo rápido e tive que me apressar para acompanhá-lo. Bastardo de pernas longas. Eu esperava que ele continuasse a sentir sua raiva silenciosa, mas ele começou a falar.

— Você já viu o refeitório. O café da manhã é às oito, o jantar é às seis. Você se apresentará na cozinha todas as manhãs e tardes para ajudar Theroux e os funcionários a preparar refeições para todos, bem como cornucópias e outras guloseimas para vender às multidões da arena. Nós hospedamos uma matinê no sábado à tarde, depois os dois shows principais nas noites de sábado e domingo. Você recebe duas refeições por dia, roupas, e uma cama no quartel. Todo mundo recebe uma parte dos ingressos e da venda de alimentos. Os gladiadores podem ganhar mais, dependendo de quão bem eles lutam na arena. O complexo é a nossa base, mas se você ficar por tempo suficiente, você virá conosco quando sairmos em turnê para Andvari ainda este ano.

Eu duvidava que alguém em Bellona quisesse ir a Andvari depois que a notícia do assassinato da rainha Cordelia se espalhasse, mas é claro que eu não podia dizer isso.

— Sejam um mestre cozinheiro, um acrobata ou um gladiador, todos por aqui ganham o seu próprio peso sem reclamar. Caso você ainda não tenha adivinhado, sou o executor da tropa.

— O que isso significa? — perguntei.

— Isso significa que eu aplico as regras. E se você criar algum problema, se mentir, trapacear, roubar ou qualquer outra coisa, eu pessoalmente vou fritar você antes de jogar sua carcaça apodrecendo na rua. Entendeu?

Abri minha boca, mas ele andou antes que eu pudesse responder. Definitivamente uma pergunta retórica.

Ele apontou as estruturas deste lado da rua. — As gárgulas, strixes e outras criaturas estão alojadas naqueles estábulos, os mestres de ossos estão lá, e não entre naquele prédio sem bater, ou um acrobata provavelmente cairá em você. Ou pior, um dos transeuntes perderá seu equilíbrio e provavelmente cairá em você.

Continuamos até chegarmos a um muro de pedra de um metro de altura perto da casa de Sullivan. Vários portões ferro foram colocados na parede, formando um grande círculo em torno de uma clareira plana de terra batida que tinha a mesma forma e tamanho que o círculo central dentro da arena.

— Após terminar o seu trabalho matinal na cozinha, você vestirá seus couros de luta e treinará com o resto dos gladiadores — disse Sullivan.

— Serilda disse que eu não era uma lutadora — disse eu em uma voz maliciosa. — Então, por que se incomodar em me treinar?

— Todo mundo treina até que Serilda diga o contrário. Ela decidirá se podemos fazer de você uma lutadora ou não. — Ele me olhou. — Não aposto meu dinheiro nisso, no entanto.

Eu também não apostaria meu dinheiro. O Capitão Auster não teve sorte em me treinar. Por que isso seria diferente?

— Há apenas uma regra aqui… o que acontece no ringue, fica no ringue — disse Sullivan. — Alguém te derruba ou te machuca, que pena. Isso é o que acontece com os gladiadores. Você luta, você sangra e às vezes você morre. Não venha chorar comigo sobre nada disso, e não o leve para fora do ringue. Você tem um problema com alguém, então resolva com sua espada, escudo e punhos ali. Entendeu?

Outra questão retórica.

Os gladiadores já estavam aqui, vestidos com suas roupas de couro e sandálias cinza claro. Alguns conversavam e relaxavam em bancos empurrados contra a parede, enquanto outros estavam aglomerados em torno das prateleiras de espadas, escudos e outras armas em uma extremidade do ringue. Um quadro-negro coberto com nomes e números ficava a poucos

metros das prateleiras de armas. Deve ser para anotar a classificação dos gladiadores, já que *Paloma* estava rabiscado no topo em giz branco, com *Emilie* logo abaixo dela.

Ambas as mulheres já estavam dentro do ringue. Paloma estava sentada em um banco, conversando com vários outros gladiadores, enquanto Emilie estava na frente de um armário de armas, puxando primeiro uma espada, então outra, como se tentasse descobrir qual delas lhe daria uma vantagem.

— Por que eles não estão lutando ainda? O que estão esperando? — perguntei.

— Eu.

Sullivan passou pelo portão mais próximo, foi até um dos bancos e tirou seu longo casaco cinza. Aparentemente, ser o executor da tropa também envolvia treinar os gladiadores, bem como discipliná-los. Todos os guerreiros voltaram com atenção e o encararam.

Eu não tive escolha a não ser seguir Sullivan para o ringue. Alguém riu e percebi que eu ainda estava carregando aquele travesseiro como uma criança indisciplinada. Fiz uma careta. Eu estava ficando cansada de pessoas rindo de mim, mas aumentei meu aperto no travesseiro. Eu pegara de forma justa, e não desistiria.

Sullivan enrolou as mangas da camisa, revelando antebraços musculosos e bronzeados. O tempo todo que ele usou o casaco, ele parecia rígido, formal e, bem, reservado. Mas agora, sem o vestuário, ele parecia mais relaxado, mais natural, mais como um guerreiro. Ambas as versões eram atraentes do seu próprio modo, muito mais do que eu deveria ter notado.

Sullivan puxou a espada da bainha na cintura e apontou a arma para mim. — Sente aqui e fique quieta até eu chamar você.

Abri minha boca para responder a ele, mas ele já havia se afastado.

Sullivan entrou no meio do ringue. Ele ergueu a espada no alto e os gladiadores entraram em dois esquadrões, formando as mesmas fileiras que eles fizeram na arena na noite passada. Eu estava certa sobre o quadro negro denotando o ranking, já que Paloma estava à frente de um esquadrão, enquanto Emilie estava na frente do outro.

— Exercitar de armas! — falou Sullivan. — Agora!

Os gladiadores levantaram as próprias espadas, saudando-o, e depois começaram os exercícios. Eu sentei no banco e assisti como os gladiadores se dividiram em equipes de dois e passaram por uma série de ataques, defesas e contra-ataques.

Sullivan se mudou de um time para o outro, dando ordens ou parabenizando alguém por um ataque particularmente bom. Ocasionalmente, ele parava e mostrava a um dos gladiadores como posicionar sua espada ou escudo, ou como bloquear um ataque e, em seguida, atacar com um rápido contra-ataque. A maioria dos magos pensavam que o poder deles era o suficiente para protegê-los, então eles não se incomodavam em aprender como usar armas, mas Sullivan parecia ser uma exceção. Espada, lança, punhal, escudo. Ele estava confortável com todos eles.

O sol de inverno aqueceu a arena, e os cheiros de suor e couro encheram o ar. Os aromas familiares me lembraram de estar em uma das varandas em Seven Spire, observando o Capitão Auster e seus homens treinarem. Meu estômago revirou. Todos aqueles homens estavam mortos, e Auster provavelmente estava apodrecendo no calabouço do palácio, se Vasilia não o tivesse executado.

Sullivan fez três voltas ao redor do ringue antes de voltar para o centro. — Agora com magia!

Os gladiadores continuaram fazendo seus exercícios, mas desta vez, eles adicionaram magia. Os magos conjuraram bolas de fogo, cacos de gelo e relâmpagos e atiraram-nos contra seus oponentes, muitos dos quais eram simplórios que usavam sua força e velocidade para absorver os golpes ou sair do caminho.

Os gladiadores remanescentes mudaram para suas formas de metamorfose, revelando os dentes, garras, pele e escamas que se escondia sob sua pele humana – exceto Paloma.

Em vez de mudar, ela lutou como seu eu mortal regular, ainda que tivesse mais força e velocidade, para não mencionar dentes afiados e garras caso tivesse mudado para sua forma de ogro. Talvez ela estivesse se segurando, desde que este era o tempo de treinamento. Ou talvez Paloma

simplesmente não precisasse mudar, dado o quanto ela estava batendo seu oponente.

Paloma estava lutando com Emilie, que tinha uma velocidade incrível e alguma força aprimorada, e estava esmagando sua espada no escudo de Paloma repetidas vezes.

Mas ela ainda estava perdendo.

Paloma ancorou os pés no chão e absorveu os golpes. Emilie poderia muito bem estar batendo em uma árvore com uma faca de manteiga. Teria sido mais eficaz do que o que ela estava fazendo com Paloma. Emilie sabia disso também, e disparou de um lado ao outro, tentando usar sua velocidade para passar as defesas da outra mulher, mas Paloma girou para frente e para trás, bloqueando cada ataque com seu escudo.

O esforço manchava as bochechas vermelhas de Emilie, e eu podia ouvi-la bufar mesmo com os repetidos confrontos e *clangs* das espadas e escudos, mas Paloma não estava nem um pouco cansada. Emilie soltou um grito alto e frustrado e fez uma investida imprudente, e foi aí que Paloma finalmente entrou na ofensiva. Ela girou para o lado e usou seu longo alcance para tirar a espada de Emilie. Em um instante, Paloma tinha a lâmina contra a garganta da outra mulher.

— Boa partida — disse Paloma.

Ela abaixou a espada, sorriu e deu um tapinha em Emilie no ombro antes de se virar para ver quem Sullivan estava instruindo.

O rosto de Emilie se contorceu de raiva no segundo em que Paloma se virou, e ela pegou sua espada do chão e girou em torno de sua mão, olhando para as costas de Paloma. Eu conhecia o frio olhar calculador. Eu já o vi muitas e muitas vezes no palácio, sempre que alguém comprava um colar caro, ou um novo cão de caça, ou um negócio lucrativo.

O ciúme realmente era uma coisa feia e horrível.

Paloma aparentemente pensava que elas eram amigas, mas era óbvio que Emilie não era. Paloma era sua competição, e Emilie parecia cansada de ser a segunda melhor gladiadora da tropa Cisne Negro. Mas ela não teve a chance de fazer nada sobre isso, desde que Sullivan parou os treinos.

— Isso é o suficiente por enquanto — disse ele. — Tenho certeza de que vocês perceberam que temos uma nova recruta.

Ele olhou para mim e percebi que essa era a minha convocação. Então eu fiquei de pé, tirei o casaco azul, coloquei no banco ao lado do meu travesseiro roubado e fui para o centro do ringue.

Sullivan arqueou uma sobrancelha. Ele queria que eu me apresentasse.

Acenei para os gladiadores. — Oi. Meu nome é Evie.

Ninguém respondeu. Ninguém sorriu, acenou com a cabeça ou me deu qualquer tipo de olhar ou gesto de boas-vindas.

Multidão resistente.

Sullivan fez um gesto para Paloma, que me entregou sua espada e escudo. Quase os deixei cair no chão. Levou tudo o que pude fazer para levantar a espada e tive que segurar uma das alças na parte de trás do escudo, em vez de deslizar o braço por ele.

— Como você carrega essas coisas? — murmurei. — Muito menos luta com elas?

Paloma sacudiu a cabeça, como se já sentisse pena de mim. O mesmo aconteceu com o ogro no pescoço dela. Isto não seria agradável.

— Vamos ver o que você tem — disse Sullivan.

Olhei para os gladiadores, esperando que um deles desse um passo à frente, mas Sullivan limpou a garganta. Eu fiquei tensa, finalmente percebendo o que estava acontecendo, então lentamente o encarei. Com certeza, ele estava segurando uma espada. Ele sorriu para mim, seus olhos brilhando com antecipação.

Não seria nada agradável.

Mal tive tempo de levantar meu escudo antes que ele levantasse sua espada e atacasse.

Clang!

Aquele primeiro soco agudo quase derrubou o escudo da minha mão, mas cerrei os dentes e aumentei meu aperto nisso.

Clang!

Clang! Clang!

Clang!

Sullivan esmagou sua espada no meu escudo uma e outra vez. Ele não estava usando seu raio, mas não precisava, dado o quão mais rápido, mais forte e mais habilidoso ele era do que eu. Cada golpe fazia todo o meu corpo doer e vibrar, como se eu fosse um tambor que ele estava batendo.

— Vamos — disse ele. — Você pode fazer melhor do que isso. Aqui. Eu vou te dar uma chance grátis.

Ele recuou e estendeu os braços para os lados. Seu sorriso era ainda maior do que havia sido antes, seus olhos mais brilhantes. O bastardo estava gostando disso.

Eu pisquei e, de repente, eu não via mais Sullivan. Em vez disso, eu estava de volta em Seven Spire, em um dos estaleiros de treinamento, vendo Vasilia me dar aquele mesmo tipo de sorriso presunçoso enquanto girava preguiçosamente uma de suas espadas cobertas de joias na mão, se preparando para me cortar novamente. Ela sempre me venceu quando se tratava de armas. Ela sempre me derrotou em tudo, assim como ela zombou antes de me atacar naquele penhasco.

— Bem, vamos lá — disse Sullivan novamente. — Pegue sua chance.

Um punho frio de raiva envolveu meu coração, apertando com força. Eu não seria melhor que Sullivan, mas eu precisava tentar. Eu não podia permitir que ele ou qualquer outro gladiador pensasse que eu era fraca. Mais importante, eu não queria ser fraca. Não queria ficar de boca fechada e ter um sorriso no rosto e ficar no fundo como eu fiz todos esses anos no palácio. Eu só queria ser eu mesma, pela primeira vez em muito tempo.

O escudo era pesado demais para eu manejar corretamente, então joguei-o de lado. Surpresa brilhou no rosto de Sullivan, mas ele manteve os braços para os lados. Então, antes que eu pudesse pensar muito sobre quão mal isso acabaria, eu envolvi as duas mãos em volta da minha espada emprestada, gritei e avancei.

Levantei minha espada como se eu fosse cortar em seu peito, mas no último segundo, fui para baixo, mirando nas pernas em vez disso. Mas é claro que Sullivan ainda evitou facilmente o golpe.

Por um momento, eu pensei ter ouvido música fraca tocando à distância, e me vi movendo-me no tempo da batida. Eu me virei, levantei minha espada e...

Clang!

Eu realmente consegui bloquear o seu contra-ataque. Ficamos ali, balançando para frente e para trás, nossas espadas raspando juntas. Mais surpresa encheu seu rosto, junto com um pouquinho de relutante respeito. Então ele sorriu novamente, e eu sabia o quanto estava com problemas.

Sullivan se inclinou, usando sua força e peso para me fazer cair de joelhos. Eu consegui manter minha espada entre nós, embora meus braços tremessem com o esforço.

— Tentando lutar sujo? — zombou, pairando sobre mim. — Isso é um pouco desesperado, você não acha?

— Diga-me algo que não sei — murmurei.

Ele sorriu novamente. Eu fiquei tensa, percebendo que ele estava prestes a atacar, mas ele ainda era muito rápido e forte.

Sullivan se virou, tirou a espada da minha mão e chutou minha perna debaixo de mim. Um instante depois, eu estava deitada de costas no chão, e Sullivan tinha a ponta da espada pressionada contra a minha garganta, assim como ele tinha quando acordei em sua casa esta manhã.

— Você perdeu, alteza.

Suspirei. Eu sempre perdia.

Pensei que ele poderia cortar meu pescoço com sua espada, para ter certeza que eu realmente entendi, mas Sullivan abaixou a arma, inclinou-se e ofereceu-me seu antebraço. Eu hesitei, então estendi a mão e peguei. Ele facilmente me puxou.

Nós ficamos no meio do ringue, nossos braços trancados juntos como nossas espadas estiveram um momento atrás. A respiração de Sullivan beijou minha bochecha e o calor de seu corpo se misturou com o meu, me aquecendo muito mais do que a nossa disputa. Um calor de resposta provocou os olhos de Sullivan, que não estavam tão frios quanto antes.

Ele limpou a garganta, soltou meu braço e deu um passo para trás. — Você derrubou seu escudo e usou sua espada para me atacar. Interessante.

Meus olhos se estreitaram. — Espere um segundo. Isso foi algum tipo de teste?

— Claro que foi um teste. Tudo aqui é um teste.

— E o que isso te disse?

Ele me estudou com um olhar penetrante e penetrante. — Pode realmente haver alguma esperança para você ainda.

Ele inclinou a cabeça para a espada e o escudo no chão. — Devolva aqueles a Paloma, depois escolha uma espada mais leve das prateleiras de armas.

Sullivan voltou-se para o resto dos gladiadores e soltou mais ordens. Comecei a pegar as armas caídas, mas Paloma chegou antes. A metamorfa de ogro facilmente pegou o escudo e o prendeu no antebraço antes de pegar a espada.

Ela olhou para mim. — Não foi ruim. A maioria dos recrutas não dura tanto tempo contra Sullivan na primeira vez.

Sua voz e expressão eram neutras e o ogro em seu pescoço piscou seus olhos âmbar, como se tentando me entender. Paloma parecia um pouco mais amigável do que na biblioteca de Serilda, então decidi dar uma chance.

— Que tipo de teste foi esse? O que Sullivan quis dizer que poderia haver esperança para mim?

Paloma ergueu a espada e o escudo. — Você percebeu que minhas armas eram muito pesadas para você, e decidiu usar a espada em vez do escudo.

— Então?

— Então, isso significa que você prefere atacar e se defender.

— E porquê que isso é importante?

Ela encolheu os ombros. — Porque essa é a marca de um verdadeiro gladiador.

Paloma correu para se juntar ao resto dos gladiadores enquanto eles retomavam seus treinos. Sullivan apontou para mim, e depois para as prateleiras de armas. Suspirei e manquei nessa direção. Alcancei as prateleiras e escolhi uma espada mais leve, embora ainda parecesse tão pesada quanto uma gárgula.

Comecei a voltar para o centro do ringue quando um vislumbre de vidro chamou minha atenção. Eu olhei para cima.

Serilda Swanson estava me observando.

A parte de trás do ringue de treinamento encostou nos jardins, junto com a mansão. Serilda estava descansando na cadeira em uma das varandas do segundo andar, tomando uma bebida e observando seus gladiadores.

Ela olhou para mim, seu dedo indicador batendo contra o copo. Seu rosto estava tão vazio quanto uma tela, e eu não sabia dizer o que ela estaria pensando sobre o teste de Sullivan ou sobre mim...

— Vamos, alteza! — gritou Sullivan.

Seja o que for que Serilda pensou, não me salvaria da sessão de treinamento. Então eu suspirei, virei, e voltei para o centro do ringue, me preparando para mais algumas horas de dor e humilhação.

* * *

Um par de outros gladiadores se juntou recentemente à tropa, e treinei com eles pelo resto da manhã e à tarde, embora fossem muito mais habilidosos do que eu.

Depois disso, lavei a poeira e a sujeira e voltei ao refeitório. Theroux me colocou para trabalhar cortando cenouras, cebolas, batatas e aipo para um guisado de carne. No momento em que o guisado foi finalizado, eu estava tão faminta que fiquei em um canto da cozinha e comi três tigelas, junto com meia fatia de pão coberto com manteiga de mel. Theroux não comentou o meu apetite, mas me deu um pedaço da segunda torta de maçã com cranberry que eu fiz.

Foi uma das melhores refeições que eu já tive.

Assim que o jantar terminou e os pratos foram lavados, Theroux me indicou o dormitório para os gladiadores do sexo feminino. Eu abri a porta e entrei.

A frente do quartel era uma área comum, com mesas, cadeiras e escrivaninhas cobertas com papel, canetas e potes de tinta. Chamas

estalavam em uma lareira na parede da frente, e uma prateleira no canto continha livros, junto com alguns jogos de tabuleiro.

Várias gladiadoras estavam reunidas naquela área, escrevendo cartas, lendo ou cochilando em frente ao fogo quente. Passei por elas até a metade traseira do quartel, que tinha duas fileiras de camas encostadas nas paredes. Um baú de madeira estava no final de cada cama, com mesinhas de cabeceira, lâmpadas e outras peças de mobília espalhadas aqui e ali.

Os espaços para dormir poderiam ser todos iguais, mas cada um deles tem um toque pessoal, como fitas envoltas em torno da cama, ou uma túnica bonita bordada jogada sobre o baú, ou um retrato emoldurado apoiado na mesa de cabeceira.

A única cama vazia estava no canto de trás, longe do calor da lareira, mas ao lado dos banheiros que ficavam na parede dos fundos. Então, não só eu estaria com frio, mas também ouviria as outras mulheres usarem os banheiros a noite toda. Formidável. Apenas ótimo. Mas eu supus que era melhor do que dormir na casa de Sullivan novamente.

Eu ainda tinha o casaco azul e o travesseiro que eu havia roubado de Sullivan, e coloquei o casaco ao pé da cama. O travesseiro estava um pouco sujo e amassado de onde eu o carregara o dia todo, mas a cama não tinha travesseiro, portanto coloquei na cabeceira. Então eu me inclinei e testei o colchão com a mão. Duro como uma rocha, mas o lençol estava limpo. Bom o suficiente para mim.

O baú ao pé da cama estava aberto, abaixei-me e revirei os itens dentro. Um par de túnicas brancas de cozinha, leggings pretas e botas de trabalho, sandálias cinza e alguns acessórios de luta de couro cinza, todos os quais pareciam ser do meu tamanho. Alguém já havia estocado o baú com roupas, juntamente com um pouco de sabão, uma escova de cabelo e outros itens de higiene pessoal.

Peguei uma camisola preta, uma escova de dente e algumas outras coisas e me arrastei na direção do único banheiro que não estava ocupado. Logo antes de eu entrar, um braço avançou e agarrou o batente da porta, me bloqueando.

— Novatos vão por último. — Emilie me deu um sorriso maligno, em seguida, entrou no banheiro e fechou a porta na minha cara.

Suspirei, mas tudo que eu podia fazer era ficar lá e esperar. As outras gladiadoras me deram olhares curiosos, mas ninguém falou comigo e eu estava cansada demais para fazer um esforço para falar com elas.

Finalmente, outro banheiro se abriu, e eu entrei e fechei.

Foi um dia longo e difícil, e eu estava machucada, dolorida e totalmente exausta, mas me forcei a desfazer o que sobrou da minha trança, sacudir meu cabelo e tirar minhas roupas sujas.

Desatei a bolsa de veludo preto com a minha pulseira e a pedra da memória do laço do cinto da minha leggings. Mesmo que eu estivesse com os ossos cansados, eu ainda escondi a bolsa sob minha pilha de roupas sujas antes de entrar no chuveiro.

Como todos os outros foram antes de mim, a água estava morna, na melhor das hipóteses, embora rapidamente tenha ficado gelada. Eu cerrei meus dentes para evitar que batessem e me lavei da cabeça aos pés três vezes, incluindo meu cabelo.

Trinta minutos depois, eu havia terminado minha rotina de dormir e estava em frente ao espelho sobre a pia, olhando para o meu reflexo. Longos cabelos negros, olhos azul-acinzentados, maçãs do rosto, nariz, lábios. Minhas feições pareciam as mesmas de sempre, e ainda estranhamente diferentes ao mesmo tempo. Talvez tenha sido devido aos meus ferimentos. Pequenos cortes cruzavam meu queixo como pontos no rosto de uma boneca de pano, enquanto minha bochecha direita estava uma mistura maciça de contusões pretas e azuis de onde o guarda vira-casaca me deu um soco. Meu cabelo era apenas a única parte de mim que sobrevivera incólume, mas até parecia um peso pesado e frio me arrastando para baixo.

Toquei meu cabelo e estremeci. Dada a que distância eu estava da lareira, levaria horas para secar. Se eu ainda estivesse no palácio, teria usado uma escova com cerdas aquecidas ou entrado na cama e lido até meus longos cabelos secarem o suficiente para eu ir dormir. Mas Lady Everleigh foi embora, e assim foram todos os seus livros e outros confortos. Evie, a gladiadora, precisava fazer algo diferente com o cabelo dela. Além disso, os cortes e

contusões no meu rosto logo desvaneceriam, e quanto menos eu parecesse com o meu antigo eu, mais segura eu estaria.

Alguém havia deixado uma tesoura na parte de trás do vaso sanitário e eu a peguei. Eu mudei a tesoura em minhas mãos. Então, antes que eu pudesse pensar muito sobre o que estava fazendo, eu peguei uma mecha do meu cabelo, segurei e cortei.

Snip.

Apenas assim, foi embora. Assim como minha vida anterior. Assim como Isobel, Alvis, Xenia, Cordelia e todos os outros que eu já conheci.

Tristeza me encheu, mas peguei outra mecha de cabelo e o cortei também, fingindo que estava cortando a emoção do meu corpo ao mesmo tempo.

Snip.

A tristeza desapareceu, mas mágoa subiu para tomar o seu lugar.

Snip.

Então, medo, preocupação, pavor e desamparo.

Snip-snip-snip-snip.

Continuei cortando, indo o mais rápido que pude. Mecha por mecha, eu cortei meu cabelo até atingir o topo dos meus ombros. Quando abaixei a tesoura, minhas mãos tremiam, mas na verdade me senti mais leve, melhor, mais *livre*, como se eu realmente tivesse cortado os horrores de tudo que havia acontecido.

Oh, eu sabia que não era verdade. Que eu havia acabado de cortar meu cabelo e nada mais. Que as memórias ainda estavam lá, que elas *sempre* estariam lá, junto com a tristeza, mágoa e raiva.

Especialmente a raiva.

Essa foi a única coisa que não imaginei cortar de mim mesma. Essa foi a única coisa que eu não queria me livrar. Essa era a única coisa que me ajudou a sobreviver, e era a única coisa que me manteria em todos os longos dias pela frente.

Mas eu fizera a minha escolha, e essa era a minha vida – e meu cabelo agora – para melhor ou para pior.

Então eu juntei as mechas molhadas e as joguei na lata de lixo, peguei minhas poucas posses e saí do banheiro para ir para a cama.



Capítulo 14

Os sons das camas me acordaram na manhã seguinte.

Mesmo que eu quisesse desesperadamente ficar na cama e descansar meu corpo cansado e dolorido, eu me levantei e coloquei uma das túnicas brancas no meu corpo. Também amarrei a bolsa de veludo preto com a minha pulseira e a pedra de memória em uma das alças no cinto que estava preso nas minhas leggings, depois abaixei minha túnica para escondê-la. Eu não ousava deixá-la no quartel. Não até encontrar um bom esconderijo para isso.

Três outras gladiadoras também trabalhavam na cozinha, e eu as segui até o refeitório. Elas conversavam uma com a outra, mas não participei da conversa. Em vez disso, escutei, colocando nomes com rostos e vendo quem eram amigos, quem não eram e como todos se davam bem.

— Temos uma boa chance de conquistar o título da cidade de Svalin este ano. Talvez até o nacional de Bellonan também.

— Com Paloma como nossa campeã? Absolutamente.

— Não se esqueça de Emilie. Ela está apenas alguns pontos atrás de Paloma para o primeiro lugar.

Eu não entendi a conversa sobre os rankings de gladiadores, mas as mulheres logo mudaram para um tópico muito mais compreensível.

— Talvez eu devesse pedir a Sullivan um pequeno treinamento individual. Para melhorar minha... técnica.

— Não me importo de receber uma instrução extra de Sullivan.

— Nem eu.

As risadas das gladiadoras me lembraram das nobres damas rindo sobre como elas se divertiriam com certos atributos de vários lordes.

Receber *instruções* de Sullivan? Ele era tão presunçoso e arrogante que provavelmente esperaria que sua parceira subisse e fizesse todo o trabalho de agradá-lo. Ainda assim, eu não pude deixar de imaginar Sullivan deitado na cama, lençóis brancos cobrindo seus quadris, seu peito bronzeado e musculoso exposto, seu cabelo castanho bagunçado, seus olhos azuis brilhando de desejo. Um sorriso sexy e diabólico se espalhando por seu rosto, e estendendo os dedos pelos meus e me puxando para cima dele, enquanto seus lábios levantavam-se para encontrar os meu...

Balancei a cabeça para banir os pensamentos indesejáveis.

Uma das mulheres se virou para mim. — O que você acha ... hum...

— Evie — disse eu, quando ficou claro que ela havia esquecido meu nome.

Ela estalou os dedos. — Evie! Certo. Bem, o que você acha do Sullivan?

As três mulheres olharam para mim. Pensei na conversa delas até agora.

— Bem, eu tive algumas *instruções* de Sullivan no ringue ontem, lembra? Fui jogada de costas para nada — disse lentamente. — Ele pode ter se divertido, mas certamente não foi satisfatório para mim. Então mais uma vez, não é assim que sempre acontece com os homens?

As mulheres uivaram de rir, como eu esperava. Sempre era melhor tirar sarro de você mesmo primeiro, em vez de esperar que outras pessoas o façam. Outra habilidade de sobrevivência que aprendi em Seven Spire

O truque funcionou, e as mulheres me incluíram na conversa no resto do caminho, embora eu continuasse ouvindo mais do que falei.

Segui as gladiadoras para o refeitório e voltei para a cozinha. Andei até Theroux, que estava espalhando temperos e outras ervas secas em uma frigideira de ferro fundido cheia de batatas amarelas, vermelhas e roxas.

— Bom dia — disse eu.

Ele grunhiu para mim, então apontou para outra estação de preparação que estava coberta com manteiga, farinha, açúcar e muito mais. — Você pode fazer scones de amêndoa de cereja?

Meu coração doeu. Aqueles eram um dos meus doces favoritos, e eu os fiz com Isobel muitas, muitas vezes.

— Bem — retrucou.

— Sim — falei. — Eu posso fazê-los.

— Bom. Então, comece a trabalhar. — Theroux virou as costas para mim e voltou a focar na panela.

Fui até a estação de preparação. Primeiro, misturei a manteiga, a farinha, o açúcar e muito mais para a base dos scones, antes de submergir cerejas frescas em um licor de amêndoa doce. Quarenta e cinco minutos depois, eu tirei várias bandejas dos fornos. As três gladiadoras com quem eu havia caminhado até aqui reunidas em torno de mim.

— Esses cheiram deliciosos.

— Posso tentar um?

— Oh, é tão bom!

Os scones ajudaram a quebrar ainda mais o gelo, e logo os trabalhadores estavam reunidos conversando comigo. Eu sorri e assenti para todos, ainda fazendo muito mais ouvir do que falar, mas eu parecia ter merecido o meu lugar. Até mesmo Theroux pegou um scone de uma das bandejas quando pensou que eu não estava olhando.

Eventualmente, o resto da tropa entrou no refeitório para tomar café da manhã, e Theroux me disse para começar a servir comida. Então eu saí da cozinha e movi de uma mesa para a outra, usando um conjunto de pinças para servir os scones.

Cho e Sullivan estavam sentados à mesa sozinhos. O metamorfo de dragão me viu e acenou com a mão, um sorriso ansioso se estendendo em seu rosto. Sullivan estava muito menos entusiasmado.

Contei os bolinhos na minha bandeja e as pessoas entre nós. Então eu fui na direção deles parando a cada poucos metros para distribuir outro bolinho. Por fim, cheguei à mesa deles.

Cho estendeu o prato, os olhos negros presos na bandeja.

— Aqui está, senhor. Guardei dois scones só para você.

Eu nunca gostei de bajuladores, mas eu era nova aqui, e precisava ser inteligente, rápida e implacável sobre esculpir e assegurar minha posição dentro do grupo. Conseguindo Cho, o segundo em comando da trupe, do meu lado, era um excelente lugar para começar. Além disso, eu tinha outro motivo oculto em mente.

Distribuí as guloseimas para ele. Sullivan levantou o prato também.

— Oh, desculpe. Acabou tudo.

Seus olhos se estreitaram. Ele sabia que eu havia ficado sem scone de propósito. Eu sorri para ele.

Cho deu uma grande mordida. — Mmm-mmm-mmm! Isso é tão bom quanto a torta de ontem. — Ele colocou o resto do bolinho na boca, depois estendeu a mão e agarrou a minha. — Ah, se eu fosse vinte anos mais jovem, eu me casaria com você em um piscar de olhos, Evie, e deixaria você me encher de doces até que eu estivesse velho, gordo e grisalho.

O dragão no pescoço dele piscou para mim. Aparentemente, a criatura concordava com Cho.

Eu não sabia o que dizer, mas não precisei responder. Serilda abriu uma das portas e entrou no refeitório. O rosto dela era a sua habitual máscara em branco, embora seus olhos estivessem um pouco vermelhos, os lábios estavam apertados, e ela se movia lentamente, como se estivesse com uma tremenda dor física, embora eu não tenha visto nenhum ferimento em seu corpo.

Ela caminhou para o centro da sala. Todos pararam de falar e comer e a encararam. Serilda olhou para os acrobatas, gladiadores e outros trabalhadores. Então ela inspirou e lentamente soltou.

Meu estômago se apertou. Eu sabia o que ela ia dizer. A horrível notícia sairia cedo ou tarde. Fiquei surpresa que Vasilia conseguiu manter a calma por tanto tempo.

— A rainha Cordelia está morta — disse Serilda.

Um estranho silêncio desceu sobre o refeitório. Então todos começaram a gritar de uma só vez.

— A rainha? Morta? Não pode ser!

— Como isso aconteceu?

— Houve um acidente?

E assim por diante.

Fiquei ao lado de Cho e Sullivan, a bandeja vazia e a pinça ainda agarradas em minhas mãos. Meu estômago revirou, e eu queria vomitar o scone que comi mais cedo, mas engoli a bile subindo na minha garganta. Este era talvez o momento mais perigoso, quando alguém poderia me conectar com o massacre, e eu não poderia atrair qualquer atenção para mim.

Serilda levantou as mãos pedindo silêncio. Lentamente, todos se aquietaram.

— Estou tão chocada e entristecida quanto todos vocês. Não sei o que aconteceu, embora acredite quando digo que vou descobrir. — Sua voz era tão fria quanto gelo. Ela falou sério, embora eu não tivesse ideia de como ela conseguiria mais informações. — O boato é que assassinos entraram no palácio e assassinaram a rainha, junto com a família real e vários nobres.

Todo mundo respirou fundo, como se fosse começar a gritar novamente, mas Serilda levantou as mãos e todos ficaram quietos, exceto por algumas maldições murmuradas.

— Há algumas outras novidades. — A boca de Serilda se torceu. — Vasilia sobreviveu ao massacre. Ela agora é rainha de Bellona.

— Princesa Vasilia? São boas noticias!

— Ela é uma ótima guerreira!

— Ela corrigirá as coisas!

Nojo me encheu. As pessoas sempre adoraram e elogiaram Vasilia por sua beleza e habilidades de luta. Agora eles a amariam ainda mais por supostamente sobreviver ao massacre. Mais uma vez, a cadela havia conseguido exatamente o que queria.

Serilda esperou que todos ficassem em silêncio antes de falar de novo. — Vasilia e seus guardas mataram a maioria dos assassinos, embora ela tenha um deles no calabouço do palácio. Auster, o capitão da guarda da rainha. Supostamente, ele ajudou a planejar o massacre.

Ela olhou para Cho, que se reclinou em seu assento, seu scone restante esquecido. Como Serilda, seu rosto permaneceu em branco, embora

suas narinas se abrissem, e várias respirações rasparam. Garras negras brotaram nas pontas dos dedos de Cho, e ele estava cavando-as na mesa. Eu olhei para a marca de metamorfose no pescoço dele. Os olhos negros do dragão se estreitaram em fendas e a fumaça negra saiu de sua boca, me dizendo quão furioso Cho e seu eu interior estavam.

Por que Cho se importaria com o Capitão Auster? A resposta veio a mim um momento depois. Cho deve ter sido um dos guardas da rainha que saíra com Serilda, quando ela deixou Seven Spire todos aqueles anos atrás. Se esse fosse o caso, então ele conheceria Auster bem.

— E os assassinos? — rosnou Cho. — Você sabe alguma coisa sobre eles?

— Supostamente, os assassinos eram de Andvari. — Desta vez, Serilda olhou para Sullivan. — O boato é que eles estavam trabalhando para a família real.

Sullivan recuou como se alguém o tivesse esbofeteado. Relâmpago brilhou nas pontas dos dedos, embora ele rapidamente fechasse a mão em um punho, apagando a magia. Seus lábios pressionaram e ele abaixou a cabeça, como se tentasse se encolher em seu casaco cinza.

Olhei para o casaco dele, que me lembrava do casaco do Lorde Hans. O estilo, corte, cor e tecido definitivamente eram andvarianos, assim como a camisa preta, leggings e botas. Então Sullivan era de Andvari. Interessante. Talvez estivesse preocupado que o resto da tropa atirasse sua raiva contra ele.

— Treinar, praticar, mostrar preparação. Tudo está cancelado — disse Serilda. — Pegue o resto do dia para chorar por sua rainha caída. O jantar será servido como de costume, e uma vigília à luz de velas será realizada no plaza hoje à noite para aqueles de vocês que desejam pagar seus respeitos. Isso é tudo.

Ela acenou para todos, depois se virou e saiu do refeitório.

Assim que a porta se fechou, todos começaram a falar ao mesmo tempo.

— Não posso acreditar que a rainha está morta!

— Assassinos no palácio? Aquele capitão deve ser morto e esquartejado.

— Escória andvariana. Eles pagarão por isso...

E assim por diante, cada comentário mais violento e horrível que o anterior.

Cho saiu do refeitório, indo atrás de Serilda, mas Sullivan permaneceu em seu assento, olhando para o espaço, um olhar abatido no rosto. Eu não fui a única que o notou. As pessoas nas mesas ao redor viraram seus olhares de raiva para ele, e mais de um comentário xingando Andvarians soou, embora ninguém foosse estúpido o suficiente para confrontá-lo.

Ainda assim, naquele momento, senti pena dele. Eu sabia o que era ser o assunto de desprezo e escárnio de outras pessoas, especialmente quando não era merecido.

E decidi fazer algo sobre isso.

Entrei na cozinha, peguei outra bandeja de scone e voltei para a área de jantar. Caminhei até onde Sullivan ainda estava sentado, inclinei-me e coloquei dois scones no seu prato vazio. Eu não sabia por que fiz isso. Ele não foi exatamente gentil comigo durante meu breve tempo no Cisne Negro. Talvez eu simplesmente tivesse visto crueldade o suficiente durante o massacre e não quisesse participar de nenhuma outra.

Sullivan recuou surpreso, depois olhou para mim. Olhei diretamente para o casaco dele, deixando-o ver que eu percebi que ele era de Andvari e que não o culpava pelo que aconteceu.

Mais surpresa encheu seu rosto, junto com um pequeno lampejo de gratidão. — Obrigado — murmurou.

— Seja bem-vindo.

Olhei para ele por mais um momento, então me afastei para distribuir os scones restantes.

* * *

Após o café da manhã, passei o resto do dia no quartel. Várias gladiadoras, incluindo Paloma e Emilie, amontoaram-se ao redor da lareira, especulando o que o assassinato da rainha significaria para a tropa, a cidade e o reino.

Fiquei nas bordas da multidão, acenando quando apropriado e falando quando necessário, mas caso contrário, eu ficava quieta. Agora que o assassinato de Cordelia foi divulgado, minha situação era ainda mais precária, e eu não queria que ninguém ligasse minha chegada aqui com o assassinato da rainha. Então, novamente, por que eles fariam? Tanto quanto eles sabiam, eu era uma serva fugitiva que havia escapado de uma lady malvada. Ainda assim, pavor, preocupação e paranoia brotaram no meu estômago, e fiquei tensa toda vez que a porta se abriu, esperando Serilda entrar e me confrontar sobre quem eu realmente era.

Mas o dia passou e nada aconteceu.

O jantar daquela noite foi um arranjo calmo e sombrio. Após a refeição, velas pretas em forma de finas espirais foram passadas para todos no refeitório, e todos nós fomos em direção ao portão principal. Uma tocha solitária estava queimando dentro do portão e todos pararam para acender a vela antes de ir para a praça.

Pessoas segurando velas negras se amontoaram naquela praça, assim como nas praças em toda a cidade. Mais velas queimavam nas janelas dos edifícios ao redor, e tochas brilhava nos telhados, como era o costume de Bellonan sempre que uma rainha morria. As tochas fizeram as torres nos prédios brilharem como estrelas de ouro, prata e bronze.

Era lindo, estranho e comovente.

Todo mundo estava quieto, exceto por algumas fungadas enquanto as pessoas continham seus soluços. Os aromas coletivos de tristeza salgada e dor de cabeça cinzenta pairavam no ar como nuvens grossas, os aromas tão afiados como espadas esfaqueando meu coração com cada respiração que eu tomava.

Mantive-me à margem da multidão, ficando perto do portão do complexo e colocando minha mão na frente da minha vela para evitar que a chama se apagasse. Como todo mundo, eu olhei para o palácio alto, bem acima.

Seven Spire estava completamente escuro.

Todas as velas, tochas, fluorestones e outras luzes foram apagadas ou desligadas, e o palácio estava tão negro quanto a noite em si. Não sei quanto

tempo ficamos lá, olhando para o palácio, mas eventualmente, uma série de sinos soou, começando no palácio e crescendo em toda a cidade, enquanto outros sinos se juntavam. Os sinos tocaram trinta vezes, um para cada ano da Rainha Cordelia.

Eu não pensava em seu costume, no entanto. Não, toda vez que os sinos tocavam, eu pensava em Cordelia, e Madelena e Isobel, meus primos e todos os outros que foram massacrados. E então eu pensei em Alvis, e Lady Xenia, e Gemma, a garota Andvariana. Eu esperava que eles tivessem escapado, mas provavelmente eu nunca saberia o que aconteceu com eles.

Finalmente, os ecos dos sinos desapareceram, e todos olharam para o palácio novamente. Esperando, apenas esperando, pelo que eles sabiam que viria a seguir.

Uma única vela se acendeu nas janelas da sala do trono.

Todos respiraram fundo e os aplausos começaram, com a multidão gritando *Viva a rainha! Vida longa à rainha!* de novo e de novo.

Eu me encontrei rugindo com o resto da multidão. Não porque eu desejasse a Vasilia qualquer tipo de vida feliz. Não, aplaudi porque, apesar de Vasilia e seu plano maligno, apesar do sangue, traição, dor, e a morte, apesar de tudo, eu havia sobrevivido ao massacre e sabia que Bellona também sobreviveria.

As pessoas ao meu redor eram prova suficiente disso.

* * *

A partir das fofocas da multidão, descobri que os corpos de Cordelia e Madelena seriam exibidos em caixões de ouro na praça principal que ficava de frente para Seven Spire na manhã seguinte, como era o costume. As pessoas poderiam se apresentar e prestar seu respeito todos os dias antes da rainha e da princesa serem colocadas para descansar na cripta real dos Blair nos fundos do palácio à meia-noite. Bem, pelo menos Vasilia estava dando a sua mãe e irmã e todo mundo um enterro apropriado. Então, novamente, eu suponho que ela deveria fazer, a fim de manter as aparências.

Muitas pessoas ficaram na praça durante a noite, lamentando a velha rainha e celebrando a nova, mas dez minutos depois que a primeira luz do palácio apareceu, eu apaguei minha vela e voltei para dentro do composto. Eu não aguentava mais ouvi-los torcer por Vasilia.

Eu estava quase de volta ao refeitório quando um estalo alto soou, como se alguém tivesse chutado uma pedra contra algo.

— Aquela *vadia* — rosnou uma voz. — Aquela presunçosa e arrogante *vadia*.

Eu congelei, me perguntando de onde o som e a voz viera. Eu olhei em volta e vi Serilda e Cho em pé na borda dos jardins atrás do refeitório. Talvez tenha sido minha paranoia, ou talvez a minha curiosidade tenha tirado o melhor de mim, mas em vez de seguir em frente, eu avancei e escorreguei entre as latas de lixo de metal que ficavam ao lado do refeitório. Então eu me esgueirei para frente e olhei através de uma lacuna nas caixas, observando-os.

Serilda andava de um lado para o outro. De vez em quando, ela parava, levantava a bota, e chutava uma pedra em uma árvore ou banco próximo. Cho encostou-se a um dos postes da rua, os braços cruzados no peito, observando-a.

— Eu *disse* a Cordelia que isso aconteceria — rosnou Serilda. — Eu disse a ela. Repetidamente. Por *anos*. Mas ela não me ouviu. E agora ela está morta e Vasilia é rainha.

Eu fiz uma careta. Pelos rumores que eu sempre ouvi, Serilda havia deixado Seven Spire em escândalo e desgraça. Então, por que ela se importaria que Cordelia estivesse morta? E quem era a vadia a quem ela se referia? Cordelia? Vasilia? Ambas?

— Devemos ir embora — disse Cho. — Arrumar a tropa e deixar Bellona enquanto ainda podemos. Antes de Vasilia fechar as fronteiras... ou pior.

Serilda se virou e apontou o dedo para ele. — *Não*. Eu não estou saindo. De novo não. Não até descobrir o que aconteceu.

Cho bufou. — Nós sabemos o que aconteceu. Cordelia está morta e Vasilia é rainha. Nada mais importa.

Um olhar ferido encheu o rosto de Serilda, mas ela virou e começou a andar de novo. — Importa se alguém sobreviveu. Se um *Blair* sobreviveu. Qualquer um deles seria um governante melhor do que Vasilia, aquela vadia presunçosa e traiçoeira.

Bem, isso respondeu à minha pergunta, embora mais se levantasse para tomar o seu lugar. Por que Serilda importaria se algum dos outros membros da realeza tivesse sobrevivido? A não ser que... ela de alguma forma sabia que Vasilia era responsável pelo massacre. Mas como ela poderia saber disso?

— E quanto a Auster? — perguntou Cho. — Você se esqueceu dele? Porque ele é quem sofrerá mais nas mãos de Vasilia.

Serilda fechou os olhos e esfregou a testa, como se estivesse doendo. Então ela abaixou a mão, abriu os olhos e olhou para Cho novamente. — Não, eu não me esqueci de Auster. Mas não podemos chegar até ele. Os túneis estão bloqueados.

Túneis? Que túneis? Tudo o que ela disse só me deixou mais confusa.

Tristeza encheu o rosto de Cho, mas ele assentiu em concordância. Serilda começou a andar novamente.

— Precisamos colocar batedores e ver se algum dos Blairs sobreviveu — disse ela. — Alguém, qualquer um. Não me importo com quem. Eu até aceitaria aquele velho bêbado do Horatio agora.

Cho assentiu. — Eu já tenho meus contatos no palácio trabalhando nisso.

— Bom. Eu quero cada pedaço de informação sobre o massacre que você puder obter. Todo rumor, todas as insinuações, todo maldito sussurro. Eu quero tudo isso. Alguns membros da realeza devem ter sobrevivido, e nós vamos encontrá-los.

Essa era a minha chance. Meu grande momento. Eu poderia ficar de pé, sair de trás das latas de lixo, e dizer a eles quem eu realmente era. Que eu era uma Blair, que a rainha me mandou até aqui e que todo mundo estava morto, exceto meus poucos primos reais que tiveram a sorte de não estar no palácio. Eu poderia ter feito isso. Provavelmente *deveria* ter feito isso.

Mas não fiz.

Cordelia me disse que eu podia confiar em Serilda e, com base nas próprias palavras de Serilda, ela parecia desprezar Vasilia tanto quanto eu. Isso era definitivamente um ponto a seu favor. Mas ela também disse que queria encontrar um sobrevivente – um Blair sobrevivente.

Serilda queria um membro da realeza para usar em alguma coisa, embora eu não tivesse certeza do que. Eu já fui usada como uma figura de proa, como a substituta real, e eu não tinha vontade de me tornar um fantoche de outra pessoa, especialmente porque eu não sabia qual jogo Serilda queria jogar. Então eu segurei minha língua e fiquei escondida.

Mais vozes encheram o ar, junto com passos. Os outros trabalhadores estavam retornando ao composto.

Serilda e Cho também os ouviram, e os dois ficaram olhando em minha direção. Eu congelei, mal ousando respirar com medo de que eles me notassem e percebessem que eu estava escutando.

— Vamos — disse Serilda. — Podemos discutir mais sobre isso na mansão.

Cho assentiu e os dois entraram mais profundamente nos jardins. Deixei escapar uma respiração suave e aliviada. Quando eu estava certa de que eles saíram, eu me levantei e escapei para a noite, meus segredos ainda intactos.

Por agora.



Capítulo 15

Apesar da morte de Cordelia, na manhã seguinte os negócios estavam normais no Cisne Negro.

A tropa, a cidade, o reino, o continente não paravam de girar só porque a rainha foi assassinada. Havia sempre refeições para cozinhar e comer, tarefas a serem feitas, sono para dormir. Bellonans eram pessoas bastante práticas assim.

Meus dias rapidamente caíram em uma rotina. Levantar cedo para ajudar Theroux e o pessoal da cozinha a fazer o café da manhã, depois ir ao ringue para treinar com os outros gladiadores até o final da tarde. Depois disso, voltava à cozinha para fazer o jantar. E finalmente, fora do quartel para um banho frio antes de ir para a cama.

Nos fins de semana, eu passava a maior parte do tempo na cozinha, ajudando Theroux e os outros a fazer lotes de cornucópia doce e salgada, frutas cristalizadas, sorvetes e muito mais para os carrinhos do lado de fora e dentro da arena. Nas noites de sábado e domingo, eu andava de um lado ao outro das arquibancadas, vendendo as guloseimas antes, durante e depois dos shows.

Eu ainda não era uma gladiadora suficientemente qualificada para participar das lutas da arena, embora estivesse progredindo. Eu tinha todas as habilidades simples de espada e escudo memorizadas, e podia executá-las em uníssono com todos os outros.

Era quando eu realmente tentava lutar com alguém que me deparava com problemas.

Em raras ocasiões, eu era capaz de ganhar uma rodada ou duas de luta contra os gladiadores mais fracos. Mas a maior parte do tempo, eu me atrapalhava com os ataques até que os outros guerreiros finalmente me tiraram do meu sofrimento. Eu me perdia em algum lugar entre os treinos e as lutas, e não conseguia juntar todos os movimentos com alguma consistência.

Sullivan não ajudava, já que ele fazia questão de apontar minhas falhas. Ele me escolheu para combate um-a-um durante cada sessão de treino, e todas as nossas lutas terminavam comigo de costas no chão, e a espada de Sullivan encostada na minha garganta.

Não satisfazendo, como eu havia dito às mulheres gladiadoras.

Depois, Sullivan me ajudaria. Então ele sacudiria a cabeça, como se ainda chutar minha bunda novamente fosse de alguma forma uma decepção.
— Você é melhor que isso, alteza.

Ele disse isso repetidamente, até que se tornou como uma canção odiada correndo pela minha mente sempre que entrava no ringue de treinamento, mas cerrei os dentes, peguei minha espada e tentei novamente.

Com o passar dos dias, descobri que minha nova vida no Cisne Negro não era tão diferente da minha antiga no palácio. Eu fazia o meu trabalho e iria onde me mandavam, o mesmo de sempre. Apesar do trabalho duro da cozinha e os golpes ainda mais duros no ringue de gladiadores, eu aproveitei a vida aqui muito mais do que já aproveitara em Seven Spire.

Pela primeira vez desde que meus pais morreram, me senti *livre*.

Eu nem sempre tive que sorrir e fingir que estava tudo bem, embora ainda mantivesse meus pensamentos e sentimentos para mim, muito presa ao hábito de tanto tempo para quebrá-lo tão facilmente. Mas ninguém estava me observando, ninguém esperava que eu estragasse tudo para que pudessem espalhar fofocas desagradáveis, e Vasilia não estava por perto para demonstrar a maldade sempre que o clima a incomodava.

E o melhor de tudo, eu não precisei tirar nada de ninguém.

Se alguém fizesse uma piada às minhas custas, eu fazia uma na delas. Se alguém atirava em mim, eu batia de volta. Não recuei de ninguém, nem mesmo de Sullivan. Força igualava a respeito aqui, assim como no palácio. Eu não tinha a força física de Paloma e algumas das outras gladiadoras, mas rapidamente deixei claro que não seria intimidada, assustada de qualquer forma.

Em Seven Spire, eu mantive minha cabeça baixa e fiquei em segundo plano para que não chamasse atenção para mim, para que não fosse alvo, para que eu não me machucasse. Mas a vida de um gladiador era tudo sobre ferir os outros, e brigar com as pessoas, seja com espadas no ringue de treinamento, ou palavras afiadas do lado de fora, me tiraram da minha concha. Mesmo quando eu perdia uma briga ou alguém fazia uma piada melhor do que eu, eu ainda sabia que havia me esforçado, e isso me fez sentir mais forte e mais poderosa do que já fui no palácio.

Oh, não foram tudo tortas, scones e sol no Cisne Negro. Uma corrente de tensão corria entre os Bellonianos e os Andvarianos na tropa, especialmente Sullivan, já que ele era o mais visível. Mas os Bellonianos limitaram-se a olhares irritados e a sussurros, então nenhum dano real foi feito. Até agora.

Os acrobatas, caminhantes de arame, teinadores de gárgula e strix, e outros trabalhadores eram divididos em vários grupos, assim como a realeza, nobres, senadores, servos e guardas eram no Seven Spire. A maioria das pessoas era gentil o suficiente comigo, mas não saí do meu caminho para fazer amizade com ninguém. Vasilia me ensinou há muito tempo que seus supostos amigos eram as pessoas que poderiam ferir você da pior forma. Além disso, eu não ousava me aproximar de ninguém, para que um deslize não deixasse o frágil castelo de cartas que eu inventei sobre quem eu era desmoronar e revelar minha verdadeira identidade.

Os grupos eram os mais notáveis e os mais difíceis de navegar quando se tratava dos gladiadores, especialmente desde que passaram quase tanto tempo fodendo quanto lutando. Sexo não era uma arma aqui, não como era em Seven Spire, mas ainda era melhor saber quem estava no momento

dormindo com quem, e quem estava nisso por diversão casual versus aqueles com sentimentos mais sérios.

Quanto aos combates, muitos dos gladiadores eram novatos como eu, tentando aprender como melhorar suas habilidades na esperança de fazer mais algumas coroas para sustentar a si e suas famílias. Outros simplesmente amavam lutar, e quanto mais dor e ferimentos eles infligissem aos seus adversários, melhor se sentiam. E depois havia as divas, homens e mulheres, com egos insuportáveis e inflados que os encheram de suprema confiança em suas habilidades de luta e popularidade. Somando-se a esses egos estavam os panfletos dos gladiadores espalhados por todo o complexo, assim como os fãs que espreitavam na praça do lado de fora, esperando que os gladiadores aparecessem e dessem autógrafos após as sessões diárias de treinamento.

Se alguém tinha o direito de ser uma diva, era Paloma, a estrela da tropa e a gladiadora mais bem classificada na cidade. Mas ela nunca assinou autógrafos na praça, e era uma das poucas lutadoras que tratava todos igualmente, fossem eles gladiadores ou não.

Mas a coisa mais estranha sobre Paloma era que ela nunca mudava para sua forma de ogro.

Todos os outros metamorfos mudavam quando treinamos, mas não Paloma, nem mesmo uma vez. Ela era forte e qualificada o suficiente com seu escudo e sua maça cravejada que ela não precisava do impulso extra de magia, mas eu ainda achava estranho. A maioria dos metamorfos adorava estar em suas outras formas mais fortes e rápidas. Ao não mudar, Paloma parecia determinada a ficar em segundo plano o máximo possível, apesar de seu sucesso selvagem na Arena.

Eu não teria prestado muita atenção a Paloma se não fosse por Emilie.

Por mais humilde que Paloma fosse, Emilie era três vezes mais arrogante. Ela sempre era a primeira a ir até a praça para dar autógrafos e a última a sair, e dava ordens a todos ao redor como se eles fossem seus próprios empregados. A velocidade de simplória de Emilie fazia dela uma oponente formidável, e ela era um dos gladiadores mais bem classificados da cidade. Mas ela tinha um defeito fatal – ela não conseguia vencer Paloma, Não importa o quanto tentasse.

E ela certamente tentou.

Após dar autógrafos, Emilie voltava ao ringue e treinava por mais uma ou duas horas, ou às vezes mais. Nos fins de semana, ela sempre era o primeiro gladiador na arena e o último a sair. Mas não importava quanto tempo ela treinasse ou o quanto tentasse, Paloma era naturalmente muito melhor, e isso deixava Emilie louca.

A frustração de Emilie há muito tempo se transformou em ciúmes e depois condensou-se em raiva, embora ninguém parecesse notar além de mim. Então, novamente, eu vi isso ocorrer muitas e muitas vezes antes no Palácio. Talvez a coisa mais triste tenha sido que Paloma realmente achava que Emilie era sua amiga. Paloma estava sempre se referindo a ela, sempre recuando e ficando quieta para que Emilie pudesse ser o centro das atenções. Toda a simpatia de Paloma era ainda mais enfurecer para a outra gladiadora, tanto que Emilie começou a trapacear.

No começo, eram coisas pequenas. A espada favorita de Paloma não estava nas prateleiras de armas. As solas de suas sandálias se separando durante os exercícios. As tiras de couro em seu escudo arrebentando e deixando-a indefesa durante a disputa. Coisas que foram negligenciadas ou explicadas como acidentes, mas Emilie estava por trás de todas elas. Ela deixava o cheiro de seu perfume de rosas em tudo que arruinou.

Perguntei ao redor, imaginando há quanto tempo Emilie sabotava a outra gladiadora. Os supostos acidentes e ataques de azar aconteceram por vários meses, embora ninguém mais parecesse suspeitar do que realmente estava acontecendo. Claro que pensei em falar, mas ninguém acreditaria em mim, a novata inábil, contra uma das gladiadoras mais habilidosas e populares da tropa, então eu mantive minha boca fechada.

Um mês depois do massacre, eu estava em pé no ringue de treinamento, assistindo Paloma e Emilie lutarem com outros dois gladiadores e me perguntando o que Emilie faria hoje. Tornou-se meu próprio jogo de adivinhação pessoal. Eu apostava em tiras de escudo arrebentadas novamente.

Para esta partida, Paloma e Emilie eram companheiras de equipe, e seu objetivo era desarmar os outros dois gladiadores. Paloma deu a volta para

atacar um dos outros lutadores. Emilie deveria proteger o lado cego de Paloma, mas em vez disso, ela fingiu tropeçar em seus próprios pés, e acertou sua espada nas costas de sua amiga.

Paloma gritou e caiu no chão. Todo mundo respirou fundo, depois correu. Peguei algumas toalhas de um banco próximo e corri também.

Sullivan já estava agachado ao lado de Paloma, com um olhar preocupado no rosto. Ele me viu segurando as toalhas e acenou para eu avançar.

— Eu vou rolar você para que possamos ver o quão ruim é a ferida — disse ele em uma voz suave. — Vai doer, mas tente suportar o melhor que puder. Ok?

Paloma cerrou os dentes e assentiu.

— Em três. Um, dois, três!

Sullivan segurou seu ombro e rolou a gladiadora para o lado, fazendo com que Paloma rosnasse. Sua camisa de couro foi cortada, e sangue escorria da ferida desagradável que cortava suas costas. Eu respirei fundo, sentindo o cheiro do sangue dela. Uma espiga acobreada limpa, sem nenhum sinal de órgãos perfurados. Uma ferida profunda, mas não mortal.

— Ajude-me a levantá-la! — disse Sullivan. — Rapidamente!

Dois gladiadores se aproximaram, agarraram os braços de Paloma, e a levantaram. Suor escorria pela testa dela, dor envidraçava seus olhos âmbar, e o rosto de ogro em seu pescoço se contorcia com tristeza, mas ela ficou de pé. Sullivan gesticulou para mim e dei um passo à frente, pressionando as toalhas contra a ferida.

— Paloma! — disse Emilie, sua voz gotejando com preocupação falsa. — Eu sinto muito!

Paloma sorriu para sua suposta amiga. — Não se preocupe. Acidentes acontecem.

Emile tocou os dedos nos cantos dos olhos, como se lutasse contra as lágrimas. Cadela falsa e traiçoeira. Ela não se arrependeu. Ela fez isso de propósito. Seu único arrependimento foi não ter matado Paloma imediatamente.

— Leve-a para os mestres de ossos — falou Sullivan. — Eu estarei lá em poucos minutos.

Os dois gladiadores assentiram e ajudaram Paloma a sair do ringue. Eu os segui, ainda mantendo as toalhas pressionadas contra as costas dela.

Caminhamos até o prédio que abrigava os mestres de ossos, e um sino sobre a porta da frente soou quando entramos, anunciando nossa presença. Assim como o refeitório, essa área apresentava fileiras de mesas no meio da sala, enquanto prateleiras cheias de ervas, remédios, ataduras e mais ficavam nas paredes. Mas essas mesas não eram para comer, e o forte cheiro de sabonete de limão não dominava o forte cheiro de sangue que permanecia no ar.

Os dois gladiadores ajudaram Paloma a se deitar de bruços em uma das mesas. Ela gemeu novamente, e sua respiração veio em suspiros irregulares. O choque passou e ela podia sentir a dor da lesão agora.

— Eu ficarei com ela — disse eu. — Vocês voltam para o ringue e vejam se Sullivan precisa de alguma coisa.

Eles assentiram e saíram do prédio.

Uma porta nos fundos se abriu, e uma mulher com cabelo preto curto, olhos cor de avelã e linda pele de ébano correu até nós. Aisha, um dos mestres dos ossos. Ela havia curado meus cortes e contusões mais de uma vez nas últimas semanas.

Aisha olhou para Paloma com um olhar crítico. — Acidente de treinamento?

— Algo assim — murmurei.

— Você ficará bem — disse Aisha. — É uma ferida desagradável, mas nada que eu não consiga consertar.

Paloma assentiu com compreensão.

Aisha se virou para mim. — Evie, pegue alguns panos limpos e encha uma tigela com água morna da panela no fogão.

Eu fiz o que ela pediu e coloquei os itens em outra mesa. Aisha pegou um par de tesouras e cortou a camisa ensanguentada de Paloma para que pudesse ver a ferida inteira. Então ela empurrou as mangas da túnica vermelha e colocou as mãos em ambos os lados da fatia profunda e feia. O

poder ganhou vida nos olhos de Aisha, fazendo-os brilhar como citrina, e o cheiro de sua magia encheu a sala. Fresco, limpo e limão, como o sabão.

Aisha olhou para a ferida, e suas mãos começaram a brilhar com o mesmo poder dourado que encheu seus olhos. O brilho se espalhou e afundou na pele de Paloma, como se a magia passasse por suas veias, em vez de sangue. Isso era exatamente o que estava acontecendo. Os mestres de osso tinham controle total sobre seu elemento, que era o corpo humano. A magia de um mestre de ossos permite que ele conserte ossos quebrados, una a pele e desbote contusões – ou cause-as. Os mestres dos ossos eram perigosos porque poderiam curar você, ou quebrar seu pescoço com um estalo de seus dedos.

Ser curada geralmente era tão doloroso quanto ser ferido, e Paloma agarrou a minha mão, tentando se concentrar em algo diferente do fato de que Aisha estava unindo sua pele, músculos e tendões novamente. O aperto de Paloma era tão forte que ela parecia estar esmagando meus ossos, mas fiz uma careta e fiquei quieta.

Aisha era forte em sua magia, e não demorou muito para curar a gladiadora. Ela libertou poder, recuou e olhou para mim. — Ajude-a a se limpar. Eu vou encontrar uma camisa nova para ela.

Eu assenti, e ela passou pela porta no fundo da sala e a fechou.

Ajudei Paloma a se sentar, depois virei de costas enquanto ela tirava o que restava de sua camisa e cobria-se com uma toalha. Quando ela estava pronta, mergulhei um pano macio na tigela de água morna e lavei o sangue de suas costas. Nenhuma de nós disse nada. Eu não poderia ter falado mesmo se quisesse. O cheiro do sangue dela me lembrou do massacre, e me esforcei para evitar vomitar.

Limpei as costas dela, depois as enxuguei e coloquei o pano ensanguentado e a tigela com água de lado.

Paloma se virou para poder me ver. — Obrigada por me ajudar. — Ela assentiu para mim, assim como a marca de ogro no seu pescoço.

— Você sabe que isso não foi um acidente, certo?

As palavras saíram antes que eu pudesse detê-las. Eu não queria me envolver. Não deveria me envolvido. Não se eu quisesse ficar aqui com meus

segredos intactos. Talvez fosse a visão de todo esse sangue, ou como a crueldade de Emilie me lembrou de Vasilia, ou até mesmo como Paloma havia esmagado minha mão tentando segurar a dor, mas não consegui ficar quieta por mais tempo.

Eu não *queria* ficar quieta por mais tempo. Isso é o que a velha Everleigh teria feito no palácio, e eu não queria mais ser essa pessoa. Não queria ficar parada enquanto outras pessoas se machucavam. Não se eu pudesse fazer algo para impedir isso. De certa forma, ficar quieta era ainda pior do que ser desamparada.

— Emilie te cortou de propósito — disse eu. — Ela estava deliberadamente tentando te machucar. Talvez até matar.

Paloma riu. — O quê? Isso é ridículo. Emilie é minha melhor amiga. Eu a conheço há anos. Ela nunca me machucaria.

Balancei a cabeça. — Emilie *não* é sua amiga. Ela apenas age assim. No fundo, ela te odeia. Ela está com ciúmes do seu sucesso na arena e da facilidade com que isso acontece com você.

Paloma franziu a testa com a convicção na minha voz e pensei que ela estivesse me ouvindo. Mas então ela sacudiu a cabeça. — Não. Você está errada.

— Não, eu não estou. Confie em mim. Eu conheci pessoas como ela. Meu próprio inimigo pessoal, de fato. — Meu estômago torceu, mas continuei falando. — Pense em tudo que aconteceu ultimamente. Sua espada de prática desaparecendo. Suas sandálias se desfazendo. As tiras de proteção se arrebentando. Aqueles não foram acidentes. Emilie estava por trás deles e tudo o que deu errado para você. O perfume de rosas que ela usa é melhor que uma maldita confissão. Pelo menos é para essa simplória.

A carranca de Paloma se aprofundou, e seu olhar ficou distante, como se estivesse pensando em todos aqueles incidentes, então eu continuei falando, na esperança de convencê-la.

— E imagino que Emilie te odeia especialmente desde que você não precisa se transformar para derrotá-la de novo e de novo. — Meu olhar caiu para o ogro em seu pescoço, que olhava para mim com a mesma descrença que Paloma. — Por que você não muda? Todos os outros metamorfos fazem.

Isso faria de você uma gladiadora ainda melhor, mais forte e mais rápida do que já é.

Raiva acendeu nos olhos de Paloma, e ela pulou da mesa. Ela ainda segurava a toalha em seu peito, mas a outra mão se fechou em um punho, e pensei que ela fosse me dar um soco. Ela se inclinou para me encarar, e o ogro em seu pescoço rosnou silenciosamente, mostrando-me seus muitos dentes afiados.

— Minha metamorfose não é da conta de ninguém — sussurrou. — Saia.

— Mas eu só quero ajudá-la...

— Saia! — rugiu.

Seus olhos âmbar brilharam de raiva, assim como os olhos do ogro em seu pescoço. Mais uma vez, eu pensei que ela poderia me dar um soco e cerrei os dentes, me preparando para o golpe brutal.

Aisha abriu a porta e enfiou a cabeça no cômodo. — Está tudo bem?

— Tudo bem — rosnou Paloma. — A novata estava apenas saindo.

Ela disse isso para me insultar, e funcionou totalmente.

— Tudo bem — murmurei. — É o seu funeral.

Caminhei pela sala, abri a porta e saí. Então eu bati a porta o mais forte que pude.

— Problemas? — falou uma voz seca.

Eu me virei para encontrar Sullivan parado ali. Em um impulso, eu segui em frente e agarrei seu braço. Paloma não me ouviu, mas talvez ele ouvisse.

— Você sabe que Emilie fez isso de propósito, certo? Ela não tropeçou. Ela sabia exatamente o que estava fazendo.

Seus olhos se estreitaram, mas ao contrário de Paloma, ele não descartou automaticamente minhas palavras. — E porque ela faria isso?

— Porque ela odeia Paloma e seu sucesso. Emilie é uma massa fervente de ciúmes.

— Tem certeza de que você não está falando de si mesma, alteza?

Soltei uma risada amarga. — Oh, eu estou bem familiarizada com ciúmes e todas as coisas loucas que fazem você fazer.

— Você está louca de ciúmes? Agora isso é algo que eu gostaria de ver.

A especulação fria em seus olhos desapareceu, substituída por algo mais quente, mais intenso e muito mais perigoso. Os duros músculos do seu antebraço se agruparam e flexionaram sob meus dedos, e o calor de seu corpo se misturou com o meu. Seu perfume limpo de baunilha tomou conta de mim e eu de repente me senti tonta por outro motivo além da minha raiva. Naquele momento, percebi exatamente quão facilmente a luta poderia se transformar em algo muito mais prazeroso, embora ainda extremamente perigoso para o meu coração.

Afastei esses pensamentos, abaixei o braço e dei um passo atrás. O olhar de Sullivan diminuiu, mas ele continuou me encarando.

Balancei a cabeça e me forcei a me concentrar em algo além de quão azul eram seus olhos. — Você precisa observar Emilie.

— Por quê?

— Porque da próxima vez, ela fará algo pior.

Olhei para ele novamente, deixando-o ver quão séria eu estava, então passei por ele e voltei para o campo de treinamento.

* * *

Apesar da minha terrível previsão, tudo ficou quieto pelos próximos dias, e segui a minha habitual rotina de cozinhar e treinar. Não falei com Paloma e ela não disse nada para mim, mas cada vez que ela entrava no refeitório ou passava por mim no ringue de treinamento, ela olhava para mim, e eu olhava para ela. Eu a avisei sobre Emilie. O resto dependia dela.

Aisha havia curado Paloma totalmente, então tudo voltou ao normal, incluindo a facilidade com que Paloma derrotava Emilie no ringue. Emile sorriu, riu e brincou com Paloma normalmente, mas não gostei do brilho astuto em seus olhos sempre que ela olhava para a sua assim chamada amiga. Ainda mais revelador, ela cheirava a... *ansiedade*. Como se já tivesse planejado algo diferente e estivesse apenas esperando o momento certo para atacar.

Uma semana depois do suposto acidente, eu estava no refeitório preparando cookies de amora-limão. Eu olhei para Paloma, que estava sentada em sua mesa de sempre, com Emilie em frente a ela. Paloma estava conversando e gesticulando, reencenando alguns movimentos da luta da noite anterior, que ela havia vencido. Emilie sorriu e assentiu, embora seu olhar permanecesse frio.

Virei-me para terminar de distribuir os biscoitos quando um cheiro sufocante e sulfúrico flutuou pela sala. Meu nariz se contorceu e respirei fundo, sentindo o gosto do ar. O fedor voltou novamente, mais forte e mais cáustico. Meu estômago revirou. Eu conhecia aquele horrível odor. Graças a Maeven e seu champanhe envenenado, eu nunca, jamais esqueceria.

Wormroot.

Eu me virei. Paloma estava conversando com a mulher ao lado dela, então ela não viu Emilie casualmente esticar o braço e atravessar a mesa. Um pequeno frasco brilhou nos dedos de Emilie, e ela rapidamente inclinou-o e despejou o conteúdo no copo de Paloma. Então, bem casualmente, Emilie se inclinou de volta ao seu lugar, pegou o garfo e começou a comer novamente.

Paloma terminou sua conversa com o outro gladiador e pegou seu copo.

— Pare! — gritei, largando minha bandeja de biscoitos e correndo nessa direção. — Paloma! Pare! Não beba isso!

Mas o refeitório estava lotado e as outras conversas afogaram minha voz. Sullivan foi o único que prestou atenção aos meus gritos, e ele franziu a testa enquanto eu passava correndo. Eu o ignorei e continuei indo, desviando em torno de pessoas e mesas, mas eu estava atrasada demais.

Paloma levantou o copo, esvaziou o copo e colocou-o na mesa.

Ela disse algo para Emilie, que sorriu para ela.

Era o mesmo olhar presunçoso que Vasilia sempre me dava quando ela triunfava, seja por uma mesquinhez simples, como comer toda a mousse de chocolate que Isobel fizera para o meu aniversário, ou um cálculo mais cruel, como me culpar por fazer uma garota nobre visitando chorar, quando foi Vasilia quem rasgou a garota em pedaços com seus insultos. O olhar que

sempre me fez sentir tão pequena e insignificante, sabendo que eu havia perdido para ela mais uma vez.

Paloma começou a tossir e ela não parou. Ela pegou o copo para tomar uma bebida e limpar a garganta, mas é claro que estava vazio. Ela olhou para o copo, depois olhou para Emilie, cujo sorriso estava satisfeito.

Os olhos de Paloma se arregalaram com uma compreensão horrível. Ela empurrou a cadeira para trás e levantou-se, mas o wormroot já estava passando por seu corpo. Ela deu um passo e caiu no chão, ofegante.

As pessoas gritaram de surpresa e ficaram de pé, sem perceber o que estava acontecendo, mas eu as empurrei para fora do meu caminho e caí de joelhos ao lado de Paloma. Ela olhou para mim, ainda ofegante, suas feições se contorcendo de dor.

— Ajude... me... — murmurou ela, lágrimas escorrendo de seus olhos.

Os membros da tropa avançaram e formaram um semicírculo ao redor de Paloma e eu, indo e voltando tentando descobrir o que estava acontecendo.

— O que há de errado?

— Paloma está doente! Ela precisa de ajuda!

— Aisha! Aisha, você está aqui? — ecoou a voz de Sullivan, perguntando pela mestre dos ossos.

Mas wormroot era um dos venenos mais mortais, e Aisha não ajudaria Paloma. Ninguém poderia ajude-a agora. Tristeza passou por mim e peguei a mão de Paloma, esperando pelo menos confortá-la enquanto ela morria.

Uma coisa estranha aconteceu. Assim que minha pele tocou a dela, percebi que podia realmente sentir o veneno correndo por seu corpo, como fitas de fogo se espalhando em suas veias, queimando e liquefazendo tudo que tocava. Ainda mais importante, eu podia sentir meu próprio poder aumentando em resposta.

Mesmo que eu não tenha sido envenenada, minha imunidade ainda estava respondendo à magia no wormroot e tentando acabar com ele.

Talvez eu pudesse salvar Paloma depois de tudo.

Respirei fundo, e o cheiro fétido e sulfúrico do wormroot queimou meu nariz. Paloma estava suando o veneno por seus poros, e não demoraria muito para ela começar a sangrar pelos olhos, nariz e boca. Eu não sabia se isso

funcionaria, mas precisava tentar. Então me inclinei, envolvendo minha outra mão em torno de Paloma, e estendi minha imunidade.

O veneno me atingiu um segundo depois.

Uma faísca incandescente se acendeu na boca do meu estômago, como se eu tivesse engolido uma brasa. Aquela faísca explodiu em mais uma dúzia, todas se espalhando pelo meu corpo como um incêndio. Em um instante, eu estava suando como Paloma, e tive que cerrar os dentes para evitar gritar com a dor intensa e lancinante. Aumentei meu aperto na mão dela, cavando minhas unhas em sua pele para que eu não ficasse tentada a soltar para parar minha própria dor.

De alguma forma, eu consegui passar pelo veneno e me concentrar na minha imunidade, naquele poder frio, duro e inflexível dentro de mim. Agarrei esse poder, puxando-o para cima, para cima e enviei-o saindo por todo o meu corpo, como se fosse um escudo protetor e maleável que eu pudesse dobrar e torcer em qualquer forma que eu quisesse.

Todo o resto desapareceu. Os membros da tropa que se agruparam em torno de nós, seus murmúrios surpresos, os contínuos gritos de Sullivan por Aisha e os outros mestres de ossos. Tudo se desvaneceu para um rugido surdo no fundo da minha mente, e tudo que eu estava ciente era o veneno, a magia furiosa através do meu próprio corpo, tentando me matar junto com Paloma. Suor escorregou pelo meu pescoço, minha respiração veio em suspiros finos e ásperos, e meu coração estava batendo tão forte que pensei que ia bater para fora do meu peito e deslizar para longe no chão.

Mas finalmente – *finalmente* – as faíscas de dor cintilaram e começaram a desaparecer. Procurei por mais ainda da minha imunidade, usando esse escudo maleável para apagar as faíscas. Meu coração desacelerou ao seu ritmo normal, e minha respiração ficou muito mais fácil do que antes. Eu ia ficar bem.

Assim como Paloma.

Inclinei-me, olhei para as mãos entrelaçadas e concentrei-me em compartilhar minha imunidade com ela. Em tirar o poder dentro do meu corpo e envolvê-lo em volta dela como um punho, e então usando aquele punho para esmagar o veneno ao nada.

E funcionou.

Seu coração desacelerou e sua respiração ficou mais fácil. Paloma olhou para mim com olhos chocados, assim como fez o ogro em seu pescoço, ambos se perguntando o que havia acontecido, e como eu consegui salvar nós três. Eu estava me perguntando como eu explicaria isso a mim mesma.

Paloma soltou um suspiro longo e cansado, e senti o último vestígio do veneno sair de seu corpo, como champanhe que de repente ficara plano. Demorei um momento, mas tirei minhas unhas da pele dela, soltei sua mão e caí no chão ao lado dela.

A coisa toda levara quinze segundos, talvez menos, mas parecia muito, muito mais do que isso. Os membros da tropa ainda estavam reunidos em torno de nós, imaginando o que acabara de acontecer, embora eu não ouvisse Sullivan gritando mais.

Limpei o suor da minha testa e olhei para Paloma. — Você está bem?

Ela assentiu, ainda ocupada demais, sugando o ar para falar.

— Paloma! — Emilie caiu de joelhos ao nosso lado. — Você está bem? O que aconteceu?

Raiva gelada surgiu através de mim, ainda mais fria do que a minha magia. Eu me lancei, ataquei Emilie e a derrubei no chão.

— Você sabe exatamente o que aconteceu! — gritei, socando-a no rosto. — Você a envenenou!

Pela primeira vez, consegui o soco perfeito, e o nariz de Emilie quebrou com um ruído alto e satisfatório. Sangue pulverizando em todos os lugares, mas a gladiadora não ficou chocada por muito tempo.

— Sua puta! — sussurrou. — Eu vou te matar por isso!

Ela me deu um tapa, mas afastei o forte e dolorido golpe e enfiei a mão entre nós. Emilie me deu um tapa novamente, mas consegui alcançar o bolso na frente de sua túnica. Minha mão fechou em torno de algo pequeno e fino, e o puxei, segurando-o onde todos pudessem vê-lo.

Um frasco de vidro brilhou nos meus dedos.

Emilie congelou, sua mão erguida para me bater de novo. Todo mundo olhou para o frasco vazio nos meus dedos, então para ela. O silêncio caiu sobre o refeitório.

Emilie rosnou e me empurrou. Eu bati no chão, e o frasco caiu dos meus dedos e rolou para longe. Eu não vi onde foi, mas não me importei. Eu me levantei novamente. Assim como Emilie, que se lançou para frente, pegou uma faca de manteiga da mesa e brandiu para mim.

Parei pouco antes de abordá-la novamente. Ela era uma gladiadora habilidosa e podia me matar com aquela pequena lâmina se me apunhalasse no lugar certo. Emilie gritou de raiva e me atacou…

Relâmpagos azuis zuniram pelo ar, batendo em seu corpo e derrubando-a para longe de mim. Emilie bateu no chão e deslizou para trás em uma das mesas. Vários pratos escorregaram e caíram em sua cabeça. *Splat-splat-splat*. Em um instante, ela estava pingando salada, molho e purê de batatas.

Eu rosnei e fui em direção a ela, mas Sullivan agarrou meu braço e me puxou. Relâmpago azul estalou na ponta dos dedos dele, me eletrocutando, e peguei minha imunidade para acalmar sua magia como eu fiz com o wormroot…

— Chega! — retrucou. — Restrinja-as!

Sullivan soltou, mas mãos fortes me agarraram por trás, me impedindo de atacar Emilie novamente. Dois outros gladiadores agarraram os braços de Emilie e puxaram-na para os seus pés.

O silêncio caiu sobre o refeitório novamente. Sullivan se certificou de que nós duas estávamos presas, então se aproximou, ajoelhou-se e pegou o frasco vazio. Ele olhou para ele, depois para Emilie e finalmente para mim. Ele sacudiu a cabeça para os gladiadores segurando nós duas.

— Traga-as — disse ele. — Chegaremos ao fundo disso… de um jeito ou de outro.



Capítulo 16

Eu acabei sentada em uma cadeira em frente à mesa de Serilda na biblioteca do solar. Cho e Sullivan estavam de pé atrás da escrivaninha em ambos os lados de Serilda, que estava sentada em sua própria cadeira, estudando o frasco vazio.

Nos últimos quinze minutos, eu estive no corredor do lado de fora da biblioteca com meus dois guardas e escutei os gritos abafados de Emilie sobre como eu havia envenenado Paloma, como ela apenas tentou ajudar sua amiga, como eu a ataquei sem motivo, e todas as outras mentiras que pingaram de sua língua venenosa.

Quando ela terminou, seus guardas a escoltaram para fora da biblioteca, e meus guardas levaram-me para defender meu caso. Isso me lembrou de todas as vezes que Felton me fez marchar até a biblioteca de Cordelia para enfrentar o desagrado frio da rainha sempre que eu havia evitado um dos meus chamados deveres reais.

Serilda passou o frasco para Cho, que o examinou por alguns momentos antes de colocá-lo na mesa. Sullivan já havia visto.

Serilda se inclinou e juntou as mãos em cima da mesa. — Diga-me o que aconteceu.

Bem, essa era uma abertura muito mais neutra do que eu esperava, mas não gostei do jeito que ela estava me estudando, então decidi manter minhas respostas curtas e simples.

— Eu vi Emilie derramar veneno no copo de Paloma.

— E como você sabia que era veneno? — perguntou ela. — Muito menos, wormroot?

Bati no meu nariz. — Eu podia sentir o cheiro. Parece que minha magia de simplória é boa para algo depois de tudo.

Ela arqueou uma sobrancelha para o meu sarcasmo, mas inclinou a cabeça, cedendo o meu ponto e me dizendo para continuar.

— Eu gritei para Paloma não beber seu vinho, mas ela não me ouviu, e ela bebeu. Paloma entrou em colapso e corri para ver se ela estava bem. Todo mundo viu o que aconteceu depois.

— Na verdade, há alguma confusão sobre o que aconteceu em seguida. Todo mundo ficou surpreso quando Paloma entrou em colapso e eles concordam que você estava no chão ao lado dela. Mas alguns deles disseram que você segurou a mão dela por vários segundos. Por que você faria isso? O que você estava tentando realizar?

— Eu não estava tentando realizar nada — retruquei. — Pensei que ela estava morrendo. Eu só queria confortá-la.

Serilda me estudou, quase como se pudesse ouvir a mentira em minhas palavras. Mas depois de um momento, ela inclinou a cabeça, cedendo meu ponto novamente. — Bem, todo mundo definitivamente se lembra de você atacando Emilie e gritando que ela envenenou Paloma. Apenas Emilie afirma que *você* envenenou Paloma em vez disso.

— Claro que ela diria isso — retruquei novamente. — Ela acabou de envenenar alguém. Você acha mesmo que mentir seria um desafio para ela?

— Eu acho que você deve manter a sua atitude para si mesma — retrucou Serilda. — Você não parece entender em quantos problemas você está.

Seu tom irritado me deixou ainda mais irritada. — Oh, eu sei exatamente em quantos problemas estou. Eu sou apenas uma humilde novata, e Emilie é um dos seus melhores gladiadores. É fácil ver em quem você vai acreditar e a resposta não sou eu, porque não ganho dinheiro para você. Não como ela.

Os lábios de Serilda pressionaram em uma linha fina e apertada. Cho estremeceu, e até Sullivan parecia desconfortável.

Nojo me encheu. Eu pensei – *esperei* – que as coisas seriam diferentes aqui, mas em muitos aspectos, a vida no Cisne Negro era exatamente a mesma que fora em Seven Spire, até mesmo como o dinheiro poderia fazer as pessoas ignorarem uma multidão de pecados.

Sim, isso poderia ser o mesmo, mas eu estava diferente agora, e não concordaria com Serilda como fiz com Cordelia tantas vezes. Não quando eu sabia que estava certa.

— Todos sabemos que Paloma foi envenenada e Sullivan estudou o frasco e concorda que continha wormroot — disse Serilda. — O que eu quero saber é como você, uma simplória com pouca magia, conseguiu curá-la?

Eu esperava a pergunta, mas ainda tive que trabalhar para manter meu rosto em branco e impedir meu corpo de tencionar. — Eu não tenho ideia do que você está falando. Não sou um mestre de ossos ou um mago. Como você disse, eu sou apenas uma simplória.

— Ninguém, nem mesmo um gladiador tão forte quanto Paloma, sobreviveria a ser envenenado com o wormroot — disse Serilda em tom severo. — Todo mundo viu você se inclinando sobre ela depois que ela desmaiou. Então, menos de um minuto depois, ela está melhor.

— Eu estava checando para ver se ela estava bem. Isso é tudo.

— Então, como você explica o fato de que ela não está morta?

Dei de ombros. — Não sei. Talvez Emilie foi tão desleixada com o veneno quanto na arena. Talvez não tenha usado o suficiente.

Os olhos de Serilda se estreitaram. Mantive meu olhar fixo no dela, esperando desesperadamente que ela não visse através de todas as minhas mentiras. Cho e Sullivan ficaram imóveis e em silêncio.

Depois de vários segundos longos e tensos, Serilda recostou-se na cadeira. — Felizmente para você, Paloma suporta sua história. Ela diz que Emilie foi quem a envenenou e que você estava apenas tentando ajudá-la.

Então ela já havia questionado a gladiadora. Eu me perguntei o que mais Paloma havia dito a ela, mas eu não seria estúpida o suficiente para

perguntar. Isso só faria Serilda ainda mais desconfiada. Talvez Paloma não tenha percebido que eu usei minha imunidade para neutralizar o veneno.

— Mas eu não estava lá, e ninguém parece saber com certeza quem envenenou Paloma, só que foi você ou Emilie.

— Então? — perguntei, não gostando de onde isso estava indo.

— Então eu não posso deixar essa dúvida e drama continuar, para não dividir os gladiadores, juntamente com o resto da tropa. Você e Emilie são ambos gladiadoras, ambas ligadas pelas mesmas regras, então vocês resolverão isso na arena.

Um dedo de medo frio deslizou pela minha espinha. — O que você quer dizer?

Ela sorriu, mas não havia calor em sua expressão. — Você e Emilie lutarão em uma partida no círculo preto.

Um círculo preto? Mas isso significava...

Serilda assentiu, confirmando meu medo. — Vocês duas lutarão até a morte.

Todo o ar foi drenado dos meus pulmões, levando minha raiva junto, e caí na minha cadeira, muito atordoada para falar. Eu olhei para Cho, mas seu rosto estava duro e distante. Ele apoiaria Serilda nisto. Olhei para Sullivan. Ele fez uma careta, baixou o olhar do meu e se mexeu, como se o apelo silencioso em meus olhos o fizesse se sentir culpado. Claro que sim. Eu o avisei sobre Emilie e ele não escutou. Agora eu pagaria o preço pelo erro dele.

Pânico tomou conta de mim e pensei em contar quem eu realmente era. Que eu era um membro da família real, que eu era uma Blair, não uma gladiadora, e que viera aqui para proteção, não para ser executada para diversão dos outros. Eu respirei fundo e abri minha boca para lançar minha confissão, mas então eu olhei para Serilda novamente.

Ela estava tamborilando os dedos na mesa, uma expressão resignada no rosto, como se estivesse esperando para eu cuspir meu pedido choroso para que ela pudesse me dizer não e continuar com negócios mais importantes. Este era o mesmo olhar entediado que Cordelia sempre me dava quando eu me queixava de Vasilia ou tentava pedir-lhe alguma coisa.

Só assim, minha confissão morreu em meus lábios, e a raiva gelada explodiu através de mim, congelando meu pânico. A velha Everleigh teria cedido ao medo dela. A velha Everleigh teria se curvado, recuado e feito todo o possível para evitar qualquer tipo de conflito, muito menos algo tão mortal quanto uma partida de círculo preto. A velha Everleigh teria implorado, implorado, e até mesmo se rendido para ficar na pequena bolha segura dela, não importava o custo para seu próprio orgulho e senso de autoestima.

Mas a velha Everleigh morrera no gramado real, e esta nova, mais forte e mais feroz Evie havia subido para tomar seu lugar. Posso não ser uma gladiadora fidedigna, mas eu não era alguém para ser dispensada e afastada para o lado, não por Serilda Swanson ou qualquer outra pessoa. Não mais. Nunca mais.

— Tudo bem — rosnei. — Eu vou jogar o seu joguinho. Vou lutar contra Emilie.

Surpresa cintilou nos olhos de Serilda, junto com o que parecia um pouquinho de respeito, embora o cálculo frio rapidamente substituísse as duas emoções. — Muito bem. Emilie já concordou com a partida.

Claro que ela concordara. Ela nem teria que suar para me matar.

— A competição de círculo negro será o final do show da noite de sábado — continuou ela.

A noite de sábado sempre era a mais lucrativa, e Serilda ganharia ainda mais dinheiro quando uma competição de círculo negro fosse anunciada. Não apenas das vendas e concessões de ingressos, mas também das apostas que aconteciam dentro da arena. Ela poderia fazer centenas de milhares de coroas, se não mais. Bem, ela não seria a única que lucraria.

— Eu quero o triplo do prêmio em dinheiro.

Mais surpresa cintilou em seus olhos. — Você realmente acha que pode vencer Emilie?

— Por que não? Coisas estranhas acontecem.

— E você espera que eu lhe dê o triplo do prêmio em dinheiro se você o fizer? — Ela riu. — Bem, você certamente não tem falta de confiança.

— Temos um acordo ou não?

Serilda sorriu. — Eu gosto de uma mulher que conhece seu próprio valor. Muito bem. Se você matar Emilie, eu te darei o triplo do prêmio em dinheiro.

Ela se levantou e estendeu a mão. Eu também fiquei de pé e nos balançamos. Comecei a soltar sua mão, mas Serilda apertou ainda mais.

— Eu não gastaria seu prêmio em dinheiro ainda. Você tem que ganhar primeiro.

Dei a ela um sorriso curto. — Não se preocupe. Eu irei.

* * *

Meus dois guardas gladiadores estavam esperando do lado de fora da biblioteca, mas Sullivan entrou no corredor e acenou para eles.

— Vou levá-la ao quartel. Serilda quer que vocês a ajudem com outra coisa.

Os dois homens assentiram, entraram na biblioteca e fecharam a porta. Sullivan gesticulou com sua mão, e nós andamos pelo corredor e deixamos a mansão.

A noite havia caído enquanto eu estava defendendo meu caso, e a lua já se ergueu sobre a arena, banhando a cúpula redonda em luz suave e prateada. Esta noite era segunda-feira, o que significava que eu tinha menos de uma semana para me preparar para a competição no círculo negro. Menos de uma semana para viver, apesar da minha bravata anterior na biblioteca. Eu estremeci e cruzei meus braços sobre o peito.

Sullivan e eu saímos da mansão e caminhamos pelos jardins. Os postes de luz da rua que cobriam o caminho banhavam tudo em uma névoa sonhadora, dourada, das árvores para os arbustos perenes, até o rio que corria sob a ponte de pedra. Teria sido um passeio adorável e romântico se não fosse pelo fato de eu ainda poder ver a cúpula da arena pairando sobre as árvores. Chegamos ao centro da ponte e paramos no meio de toda aquela luz dourada.

Sullivan limpou a garganta. — Sinto muito por não ter acreditado em você. Emilie cortou Paloma de propósito, e agora ela fez algo pior, como você disse.

Dei de ombros, não aceitando realmente seu pedido de desculpas, mas também não o rejeitando inteiramente.

— Mas não se preocupe. Eu vou consertar isso.

— Como você fará isso? — arqueei uma sobrancelha. — A menos que, claro, você planeje inventar algum tipo de disfarce elaborado e lutar na arena por mim. Você não ficaria tão bem com um rabo de cavalo, no entanto. — Puxei meu próprio rabo de cavalo preto curto na minha nuca.

Pela primeira vez desde que eu o conheci, um sorriso genuíno levantou os lábios de Sullivan, e ele realmente riu, só um pouquinho. Gostei do sorriso dele e do som muito mais do que deveria.

— Nada disso — disse ele. — Mas vou ajudá-la. Tudo o que você precisa fazer é confiar em mim. Você pode fazer isso, alteza?

Alteza. Eu sempre desprezei o apelido zombeteiro, mas desta vez, saiu como um sussurro que me fez tremer ainda mais do que o ar frio da noite. A névoa dourada destacou sua força, traços bonitos, e por uma vez, seus olhos azuis brilhavam com calor em vez de frio desdém. Um pouco de calor pela resposta enrolou no meu estômago, mas me forcei a desviar o olhar.

— Claro, por que não? Não é como se eu tivesse escolha.

Ele agarrou meu braço, me fazendo encará-lo novamente. — Eu vou consertar isso. Eu prometo.

Sua voz soou com tanta determinação que quase acreditei nele – até que avistei a cúpula da arena novamente. Sullivan estava errado. Mesmo um mágico não conseguiria consertar isso.

Ainda assim, ele estava tentando me fazer sentir melhor, então eu me forcei a sorrir para ele. — Eu vou te cobrar isso.

* * *

Sullivan me acompanhou de volta ao quartel. Ele acenou para mim, então se virou e se afastou, provavelmente voltando para sua casa. Esperei até que ele desapareceu de vista, então abri a porta e entrei no quartel.

As gladiadoras estavam reunidas na área comum em frente à lareira, conversando, escrevendo cartas e jogando. No segundo em que entrei, toda a

conversa foi interrompida e todas olharam para mim. Fiz uma careta e segui em frente, tentando ignorar os olhares curiosos e os sussurros profundos que surgiram. Este era definitivamente um daqueles momentos em que a tropa era muito parecida com o palácio para o meu gosto.

Eu fui para a minha cama. Dado o que aconteceu, esperava que a cama fosse empurrada ainda mais para o canto, mas para minha surpresa, minha cama estava em seu lugar de costume, e alguém amontoou sua cama e pertences ao meu lado.

Paloma.

Ela estava sentada em sua cama e usando um pano para polir os espinhos em sua enorme maça. Várias outras armas, variando em tamanho, desde um grande machado a um par de punhais não tão pequeno, cobriam o resto o colchão. Todas as armas foram polidas recentemente, bem como afiadas. Além das armas, o único item pessoal que eu podia ver era uma manta verde e macia com bordas de cetim esfarrapadas e um desbotado rosto de Ogro no meio que foi colocado no pé da cama. Era muito pequeno para Paloma usar, por isso deve ter algum valor sentimental. Talvez o seu cobertor de bebê?

Olhei para Paloma, depois olhei por cima do ombro para as outras gladiadoras, imaginando se aquilo era algum tipo de piada. As outras mulheres nos observaram por alguns segundos, depois voltaram para as conversas e atividades anteriores. Eu me virei para encarar a gladiadora novamente.

— Hum, Paloma?

Ela largou a maça. — Sim, Evie?

— O que você está fazendo?

— Tentando descobrir o que você pode usar para matar Emilie. Mas todas as minhas armas são muito grandes e pesadas para você. — Paloma estudou o sortimento em sua cama. Ela pegou uma espada e deu um balanço experimental antes de sacudir a cabeça e abaixá-la. — Por quê? O que parece que estou fazendo?

Apontei para sua cama, que estava a centímetros da minha agora. — Parece que você se mudou para o meu lado.

— Claro que me mudei para perto de você. Eu certamente não ia mais dormir ao lado de Emilie. Não depois que ela tentou me matar.

Não pude discutir com isso. Eu não teria querido dormir ao lado dela também.

Olhei para frente da sala novamente. Eu não havia notado isso antes, mas a cama de Emilie estava faltando, junto com o resto de suas coisas. — Onde ela está?

— Sob guarda em outro prédio — disse Paloma com uma voz prosaica. — Eu disse a Serilda que se eu visse aquela cadela novamente, eu a mataria com minhas próprias mãos. Eu queria matá-la de qualquer maneira, mas você conhece as regras. Gladiadores resolvem suas disputas na arena. Eu só queria que fosse eu a pessoa que irá enfrentá-la.

Ela olhou para mim, assim como o ogro em seu pescoço, me dizendo o quão sério ambos estavam. Paloma tinha todo o direito de estar com raiva, mas eu não esperava que ela tirasse Emilie do quartel, muito menos arrastasse a cama até aqui ao meu lado. Eu assumi que todo mundo se afastaria de mim até a competição, desde que eu era uma novata e tinha tão pouca esperança de ganhá-la. Mas Paloma estava agindo como se fôssemos… amigas.

Ela sentiu minha confusão. — O que há de errado? Você não quer que eu te ajude? Pensei que depois do que aconteceu no refeitório… — O rosto dela endureceu e ela ficou em pé. — Não se preocupe. eu sei quando não sou bem-vinda. Eu irei embora.

Estendi minhas mãos e entrei na frente dela. — Não! Não foi isso o que eu quis dizer. Quero que você me ajude. Você apenas… me surpreendeu. Eu não achei que você gostasse muito de mim.

Ela encolheu os ombros. — Você não era uma ameaça para mim como uma lutadora, então não pensei muito em você.

Claro que não. Ninguém mais aqui me levou a sério como um gladiador, inclusive eu. Eu apenas segui os movimentos, pisando na água até que eu pudesse descobrir o que fazer a seguir.

Você tem que viver. Você tem que proteger Bellona. Prometa-me que você fará isso. A voz de Cordelia sussurrou em minha mente, mas forcei a memória para longe. Eu mal podia me proteger agora, muito menos um reino inteiro.

— Você salvou a minha vida — continuou Paloma. — Tenho uma dívida com você, Evie.

Suspirei. Ela parecia exatamente como alguns nobres no palácio. Às vezes, eu achava que todos deveriam andar por aí como Felton, carregando pequenos livros de contabilidade, e mantendo uma lista de todos os favores que eram devidos e todos os que queriam cobrar em troca.

— Eu não salvei sua vida. Não fiz nada.

Seus olhos se estreitaram. — Sim, você fez. Não sei como, mas você me livrou do veneno. Você me salvou, Evie, e nada do que você disser me convencerá do contrário.

Suspirei de novo, cansada demais para negar isso. — Então, por que você não contou a Serilda e aos outros?

Ela encolheu os ombros novamente. — Se você quer manter sua magia, ou seja o que for em segredo, então esse é o seu negócio, não meu.

Eu não estava prestes a tentar explicar minha imunidade, então passei por ela e desabei sobre a minha cama. — Você não me deve nada. Eu teria salvado sua vida de qualquer maneira. Não espero nada em retorno. Você não tem que fingir ser minha amiga só porque eu te ajudei.

Eu tive uma vida inteira disso no palácio. E todas as vezes – *todas as vezes* – as pessoas só fingiram gostar de mim, porque eles queriam alguma coisa. Mesmo um membro da realeza sem dinheiro e sem magia poderia ser útil de vez em quando. Mas as piores pessoas eram aquelas que realmente queriam ser meus amigos... até Vasilia oferecer a eles algo melhor. O pesar em seus rostos era mais acentuado do que uma espada no meu coração. Eles gostavam de mim o suficiente, mas tinham suas famílias, empresas e fortunas a considerar, e eu nunca fui tão importante quanto isso. Eu não podia culpar aquelas pessoas por suas escolhas, mas elas ainda me machucaram do mesmo jeito.

— Não consigo pensar em uma razão melhor para ser sua amiga do que no fato de você ter me ajudado — disse Paloma com absoluta convicção. — Você salvou minha vida, Evie. Eu nunca vou esquecer isso.

— Então, o que você está dizendo é que somos amigas agora, quer eu goste ou não? — Eu não consegui manter a diversão da minha voz.

Ela pensou por um momento, depois sorriu. — Sim. Somos amigas agora, quer goste ou não. — Seu sorriso lentamente desapareceu. — Tudo bem?

Incerteza encheu seu rosto, e até mesmo o ogro em seu pescoço parecia pequeno e hesitante. Naquele momento, ela me lembrou de, bem, eu mesma, e todas as vezes que eu me abri para alguém. Quase todos os momentos terminaram em mágoa, mas eu não faria isso com ela.

— Está mais do que bem. Apenas me prometa uma coisa.

— O que?

Eu joguei meu travesseiro para ela, que ela facilmente pegou. — Não se atreva a roncar. Ou posso ter que matar você eu mesma.

Paloma sorriu ao meu humor negro e jogou o travesseiro para mim. Eu, claro, não peguei, e o caroço macio atingiu meu peito. — Não posso fazer tais promessas.

Eu sorri para ela. — Posso viver com isso.



Capítulo 17

Na manhã seguinte, Paloma me despertou da cama bem antes do amanhecer, enquanto todos os outros ainda estavam adormecidos. Apesar dos meus resmungos, ela fez eu me vestir, pegar algumas de suas muitas armas e ir ao ringue de treinamento para uma sessão de prática antes de eu ter que me apresentar para o serviço na cozinha.

O inverno lentamente dava lugar à primavera, mas o ar da manhã ainda estava bastante frio, já que o sol ainda não havia nascido. Mas Paloma não aceitava recusa. Ela me fez tirar meu casaco azul, pegar uma espada e enfrentá-la. Eu não queria estar aqui fora, mas fiquei feliz que ninguém mais estava aqui também.

Eu não queria que ninguém testemunhasse minha humilhação – ou percebesse com que facilidade Emilie me mataria.

Enquanto passamos pelos exercícios e aquecemos, eu perguntei a Paloma algo em que estive pensando por semanas. — Como você sempre consegue vencer Emilie? Qual é o seu segredo?

— Emilie é rápida. Essa é a magia dela, e essa é sua principal vantagem. Ela sempre tenta acabar com uma luta o mais rápido possível. Mas ela não é páreo para a minha força ou a minha resistência, então eu só espero ela se desgastar. Quando fica cansada, ela fica devagar, e é quando eu me movo e termino a luta. — Paloma encolheu os ombros. — Mas você não é tão

forte quanto eu, e certamente não é tão rápida quanto Emilie. Ela vai te matar, a menos que você encontre uma maneira de combater sua velocidade.

Flexionei minha mão. Minha imunidade passou pelos meus dedos, esperando para ser usada. — Eu posso ser capaz de fazer isso.

— Bem, é melhor mesmo, ou você vai morrer.

Fiz uma careta. Minha nova amiga definitivamente não era de adoçar as coisas. Ela também não pegaria leve comigo, o que descobri quando começamos a treinar.

— Lamentável — disse Paloma ao tirar a espada da minha mão pela décima vez em poucos minutos. — Absolutamente lamentável. Você não está tão adiantada no seu treinamento quanto deveria, dado as semanas em que esteve aqui. E eu pensei que você disse que teve algumas instruções antes de vir para o Cisne Negro. De quem veio isso? Um cego?

Estremeci, pensando no Capitão Auster. Ele teria exigido que eu parasse e começasse a fazer flexões como punição por ter sido desarmada tantas vezes.

Meu olhar passou por Paloma e subiu para o palácio à distância. Apenas algumas luzes queimavam nas janelas de Seven Spire, e os gladiadores e gárgulas esculpidos nas colunas maciças de pedra eram o mesmo cinza claro que o amanhecer que se aproximava.

Pela fofoca que eu ouvi, o Capitão Auster ainda não foi executado, mas era apenas uma questão de tempo antes que Vasilia se cansasse de torturá-lo. Meu coração doeu, não só por Auster, mas por todos que morreram durante o massacre – e todas as outras pessoas que ainda morreriam.

De acordo com os rumores, a família real Andvariana negou veementemente ter algo a ver com o assassinato da rainha Cordelia, e as relações entre Bellona e Andvari haviam rompido completamente. Agora sussurros ondulavam pelo ar como fumaça, todos dizendo a mesma coisa – que a guerra entre os dois reinos estava chegando em breve. Assim como Maeven, Nox e seus mestres Mortan queriam.

— Bem? — perguntou Paloma, cortando meus pensamentos sombrios. — Você teve outro treinamento?

Suspirei. — Eu tive, mas nunca fui muito bem. Eu nunca poderia pegar o jeito de lutar. Não como eu poderia com outras coisas.

— Que outras coisas? O que é mais importante do que lutar?

Eu bufei. Falou como uma verdadeira gladiadora. — Bem, dançar, por um lado. Minha senhora era muito... preocupada com a dança, festas e protocolo.

Paloma franziu a testa, e o ogro em seu pescoço me deu um olhar incrédulo, como se não pudesse sequer imaginar uma coisa dessas.

Não era mentira. A rainha Cordelia gostava muito de bailes reais e exigira que todos no palácio aprendessem os passos de todas as tradicionais danças e valsas de Bellonan, e muito mais. Dançar era uma das poucas coisas em que eu sempre me destacara. A música, os movimentos das mãos, o giro rápido, os arcos baixos, o fluxo e refluxo de passos enquanto os dançarinos se moviam juntos, separados e juntos novamente. Eu amava tudo. Além disso, sempre havia tantas pessoas dançando durante os bailes que era uma das poucas vezes em que eu realmente podia me divertir sem medo de atrair a atenção de Vasilia. Até quando Lady Xenia me cutucava com a bengala, eu ainda gostava de aprender o Tanzen Freund, e isso me dava uma sensação de orgulho e realização por dominar algo tão intrincado e gracioso.

Paloma ficou olhando para mim como se eu fosse uma criatura exótica que ela nunca viu, então eu tirei a espada da sua mão e a coloquei em um banco próximo. Então eu peguei a mão dela novamente, fiz uma reverência baixa, e me movi de um lado para o outro, girando em torno dela na tradicional valsa da corte de Bellonan.

Paloma olhou para mim como se eu fosse louca, mas sorri e cantarolei a música que estava em minha mente, sincronizando meus movimentos com a batida suave e constante...

— Você se move muito bem — falou uma voz. — Pena que dançar não é lutar. Então você ganharia com certeza.

Assustada, eu larguei a mão de Paloma e me virei. Sullivan estava encostado na parede, diversão vincando seu rosto. Um rubor quente escaldou minhas bochechas. Eu me perguntei por quanto tempo ele estivera parado ali, me vendo girar em torno de Paloma como uma idiota.

Cruzei meus braços sobre o peito. — Bem, dançar é uma forma de luta. Pelo menos de onde eu venho.

Mais uma vez, não era mentira. Quem dançou com quem e quantas vezes, era um esporte de espectador em Seven Spire, e a competição pelo tempo e atenção de certos lordes e ladys era igualmente feroz, especialmente entre aqueles que esperavam capturar um cônjuge rico e poderoso.

O olhar de Sullivan se aguçou. — E onde é isso?

Tarde demais eu percebi o meu erro, mas dei de ombros para a pergunta dele. — Nenhum lugar importante.

Ele olhou para mim, mas quando percebeu que eu não ia responder, ele balançou a cabeça. — Bem, você precisa esquecer de dançar e se concentrar em lutar, porque Emilie fará o melhor para matá-la. Você já esteve em uma luta antes, alteza?

Pensei nos guardas de vira-casaca, tentando me cortar em pedaços com suas espadas, e Vasilia, alegremente me explodindo com seu raio. Sem mencionar todas as coisas terríveis que aconteceram quando meus pais foram assassinados. — Sim, eu já estive em uma luta.

Ele bufou em descrença. — Mesmo? Que tipo? Alguma luta de tapas com outra mulher? Alguma briga mesquinha com outro trabalhador de cozinha? Isso não será assim.

Minhas mãos se fecharam em punhos. Ele não tinha ideia do que eu passei – *nenhuma ideia do caralho*.

— Eu vi ataques de gladiadores — retruquei. — Eu sei como eles são.

Ele balançou a cabeça novamente, afastou-se da parede e se aproximou de mim. Ele empurrou o seu casaco para trás, revelando a espada na cintura. — Você pode ter visto as lutas, mas nunca esteve em uma, especialmente não em uma competição de círculo preto.

Sullivan desembainhou a espada, avançou e balançou a arma para mim. Paloma e eu saímos do caminho. Ela conseguiu se livrar dele, mas eu tropecei na espada que ela havia tirado da minha mão mais cedo. Em um instante, eu estava deitada de costas no chão, com Sullivan pairando sobre mim, e a ponta de sua espada descansando contra a minha garganta, como sempre.

Nada satisfatório e particularmente humilhante agora.

— Você está morta — disse ele em uma voz fria. — Cinco segundos depois da luta e você já está morta. Você terá que fazer melhor do que isso se quiser continuar viva. Muito menos de fato vencer.

Ele se inclinou e me ofereceu sua mão, mas eu bati nela e me levantei sozinha. Paloma olhou entre nós dois e recuou outro passo.

— Você fez o seu ponto — retruquei novamente. — Eu sou uma lutadora terrível. Você acha que não sei disso? Emilie pode não ser capaz de derrotar Paloma, mas ela certamente pode me derrotar. Eu não sou uma idiota.

— Eu nunca disse que você era.

— Não precisa. Você acha que não estou levando isso a sério? Bem, eu garanto a você que estou levando muito, muito a sério. Afinal de contas, é a minha vida que está na linha. — Soltei um riso baixo, irritado e amargo. — Você não tem ideia do que eu passei. As lutas em que estive. O sangue que eu vi. A morte que testemunhei. Então não finja que você é melhor que eu, e não se atreva a me julgar, principezinho.

Sullivan enrijeceu e um músculo se formou em sua mandíbula. — Do que você me chamou?

— Principezinho — zombei. — Você anda por aí como se fosse algo especial, com seu casaco fino, sua espada extravagante e sua magia de relâmpago. Você age como se fosse um belo príncipe para quem deveríamos nos curvar porque você sabe o que é melhor para todos. Bem, tenho novidades para você, Sully. Você *não* é um príncipe. Você é apenas mais uma engrenagem na roda, como o resto de nós.

Meus insultos eram bastante suaves, comparados com outros que eu ouvi no palácio, mas algo em minhas palavras deve ter atingido em casa. Pela primeira vez desde que me juntei a tropa, eu esmaguei completamente a fachada presunçosa de Sullivan. Ele se encolheu como se eu o tivesse esfaqueado no coração, e mágoa brilhou em seus olhos. Mas a emoção desapareceu, substituída pela raiva que manchou suas bochechas de um vermelho escuro. Ele olhou para mim e eu sorri para ele.

Sullivan recuou e embainhou a espada. — Eu estava tentando te ajudar, mas agora vejo que é uma causa perdida, assim como você. Boa sorte no ringue, alteza. Você precisará disso.

Ele se virou e foi embora. A longa bainha de seu casaco cinza batendo em suas botas, como se ela estivesse arrepiada com a mesma raiva que ele sentia. Sullivan empurrou um dos portões e desapareceu de vista.

— O que foi aquilo? — perguntou Paloma.

— Não tenho ideia — murmurei.

Ela balançou a cabeça, depois foi pegar sua espada. Comecei a fazer o mesmo quando vi um brilho de vidro com o canto do meu olho. Eu me voltei nessa direção.

Serilda estava me observando.

Ela estava sentada na varanda do segundo andar de sua mansão, envolta em uma túnica de seda branca e saboreava uma caneca de mochana. A julgar pelo seu sorriso divertido, ela viu minha pequena briga com Sullivan.

Claro que viu. Suspirei, depois me afastei dela e peguei minha espada.

— Venha. — Levantei a arma e enfrentei Paloma novamente. — Vamos voltar ao trabalho e ver se podemos descobrir algum jeito de salvar minha vida miserável.

* * *

Pelo resto da semana, Paloma fez o melhor que pôde para me treinar. Preparando-me cedo, trabalhando comigo durante o treinamento regular, até mesmo me arrastando de volta ao ringue depois do jantar. Eu não sabia se fiz algum progresso real, mas foi bom ter alguém que se importasse se eu vivia ou morria.

Mas os dias passaram depressa demais e, antes que eu percebesse, a noite de sábado havia chegado. Em vez de subir e descer as arquibancadas, vendendo cornucópia e outras guloseimas como eu fiz durante os outros shows, eu estava em um camarim no fundo das entranhas da arena, me preparando para a competição no círculo negro, que era o evento final da noite.

Penteadeiras com espelhos iluminados estavam de um lado do camarim. Tesoura, agulhas, carretéis de linha, e frascos de maquiagem e perfume enchiam as mesas, enquanto malhas, máscaras e boás de penas saíam das gavetas estofadas. Prateleiras de metal cheias de trajes alinhados nas paredes como guardas, cada lantejoula colorida piscando para mim como um olho do mal.

Paloma me ajudou a me preparar, e agora eu estava sentada em uma das mesas de toucador, olhando para o meu reflexo e tentando fazer sentido da pessoa olhando para mim no espelho.

Oh, eu estava usando o mesmo tipo de couro de combate que eu sempre usava – uma túnica justa, sem mangas, um kilt na altura do joelho e sandálias com tiras que acabavam nos meus tornozelos. A única diferença era que eles eram feitos de couro preto hoje à noite. Ainda assim, as roupas eram familiares o suficiente.

Mas meu rosto era totalmente estranho.

Normalmente, os gladiadores lutavam na arena exatamente como eles eram. Mas para uma partida de círculo preto, o rosto de cada gladiador era fortemente pintado. Eu não sabia a razão. Talvez para nos fazer parecer mais personagens, criaturas, essas *coisas* abstratas, em vez de pessoas reais lutando, sangrando e morrendo para diversão de outros.

Meu rosto foi pintado para parecer um cisne negro.

Maquiagem preta meia-noite envolvia meus olhos em círculos grossos e pesados antes de se espalhar em finas e delicadas estrias que se assemelhavam a penas parecidas com estilhaços. Brilhantes barras de prata foram pintadas sobre o preto implacável, acrescentando ao olhar de penas, e vários pequenos cristais azuis foram colados nos cantos dos meus olhos. O brilho vermelho cobria meus lábios, enquanto o brilho prateado iluminava os meus braços, mãos e pernas. Para um toque final, meu cabelo preto foi dividido em três nós separados que corriam na parte de trás da minha cabeça. Penas negras se eriçavam de cada nó. Elas foram coladas no lugar, junto com mais cristais azuis.

O mestre de pintura havia acabado de trabalhar no meu rosto há cinco minutos, e eu estava sentada aqui, olhando para mim desde então, me

perguntando por que Serilda queria que eu parecesse a personificação de seu brasão. Por que eu em vez de Emilie, que tinha mais chances de vencer? Provavelmente era apenas uma brincadeira cruel da parte de Serilda.

— Você está bem? — perguntou Paloma. — Você está mexendo com essa bolsa há um tempo.

Meu olhar caiu para a bolsa de veludo preto que estava na mesa. Tive que removê-la do seu habitual esconderijo no meu cinto quando coloquei o couro de combate. Eu não podia deixar aqui, mas não poderia levá-la para o ringue comigo também. Isso me deixava com apenas uma opção.

— Aqui. — Entreguei para Paloma. — Mantenha isso seguro, ok?

Ela levantou a bolsa. — O que tem aqui?

— Nada demais. Apenas uma pulseira, junto com uma pedra de memória. Mas se eu não passar por isso, pegue a pulseira para você e dê a pedra para Serilda. — Minha boca torceu. — Ela pode achá-la interessante.

Ela provavelmente acharia muito mais que isso. Eu ainda não sabia se podia confiar em Serilda, mas pelo menos se eu morresse, a pedra da memória seria problema dela, em vez de meu.

Paloma colocou o saco no bolso. — Eu vou segurar isso para você, mas não guardarei nada, porque você vai ganhar, Evie.

Dei a ela um olhar plano.

— Você vai *ganhar*. — Ela enfiou o dedo no meu ombro para dar ênfase, e o ogro no pescoço dela me encarou também.

Antes que eu pudesse responder, uma batida suave soou e a porta se abriu. Sullivan entrou no camarim.

Ele olhou para mim, depois para Paloma. — Você pode nos dar um minuto, por favor?

Ela assentiu, depois sorriu para mim, saiu do cômodo e fechou a porta.

Fiquei de pé e enfrentei o mago. Não nos falamos desde a nossa luta, e ele não me escolheu durante qualquer uma das sessões regulares de treinamento esta semana. Ele me observou com Paloma, no entanto, assim como eu o assisti trabalhar com os outros gladiadores. Apesar da raiva que ele me fez ter, eu não conseguia tirar meus olhos dele quando ele estava por perto, e ele não parecia ser capaz de desviar o olhar de mim também.

Sullivan me estudou, seu olhar traçando a maquiagem e cristais no meu rosto e as penas em meu cabelo. — Você está linda — disse ele, com uma voz estranha. — Forte e feroz. Como uma verdadeira gladiadora.

Bufei. — Você não quer dizer como uma gladiadora que está prestes a morrer em poucos minutos?

Seu rosto endureceu. — Não se eu puder ajudar.

Ele olhou ao redor da sala, certificando-se de que estávamos realmente sozinhos, então tirou algo do seu bolso, adiantou-se e estendeu-o para mim.

Uma única pena branca.

— Aqui — disse ele. — Pegue isso.

Meu nariz se contraiu e respirei fundo, provando todos os aromas no ar. A maquiagem suave e fina no meu rosto. O leve toque de suor que permeava os trajes.

O fedor de veneno na pena branca.

Apertei os olhos. Uma pequena agulha foi presa na ponta da pena, uma que cheirava a veneno. Isto não cheirava a wormroot, mas eu ainda podia sentir a morte no aroma severo.

— O que eu devo fazer com isso?

— Coloque-a no seu cabelo com todas as outras — disse Sullivan. — Leve-a para a arena com você e use quando for a hora certa.

Meus olhos se estreitaram. — Posso sentir o cheiro do veneno nela. Você quer que eu mate Emilie com isso.

Ele estremeceu, mas não negou.

— Você não acha que eu tenha a menor chance de ganhar. É por isso que você quer que eu use sua linda e pequena pena envenenada. É por isso que você quer que eu *engane*.

Seu estremecimento se aprofundou. — É minha culpa que você esteja nessa posição. Se eu tivesse te escutado quando me disse sobre Emilie, nada disso estaria acontecendo. Eu te disse que consertaria as coisas, e é assim que eu farei.

— Com engano? — Dei-lhe um olhar enojado. — Isso é exatamente o que Emilie fez quando ela envenenou Paloma. Ela não podia ganhar sozinha,

então ela pegou o caminho mais fácil. E agora você está me dizendo para fazer a mesma coisa. Bem, adivinhe? Eu não farei isso.

Raiva acendeu em seus olhos. — Emilie é uma gladiadora treinada. *Ela vai te matar*. O seu orgulho teimoso vale mais do que a sua vida?

Olhei para a pena. Eu poderia fingir estar machucada, esperar que Emilie se inclinasse sobre mim, e então tirar isso do meu cabelo. Dado o quão forte o veneno cheirava, tudo que eu teria que fazer era arranhá-la com a agulha, e a luta terminaria. Sullivan estava certo. Eu poderia matar Emilie, eu poderia sobreviver se usasse a pena.

Mas eu não queria ganhar – não desse jeito.

Porque era como algo que Vasilia teria feito. Foi como uma dúzia de coisas que ela *fizera* para mim. E era exatamente o que ela fez durante o massacre. Vasilia sabia que não poderia derrotar Cordelia face a face, maga contra maga, então ela havia envenenado sua mãe com wormroot para tirar a magia da rainha.

O choque, os gritos, o sangue, a morte. Memórias do massacre passaram pela minha mente endurecendo minha determinação. Eu podia não ser uma gladiadora, e poderia morrer na arena hoje à noite, mas eu não seria como Vasilia – nem mesmo se isso me custasse a vida.

Cruzei meus braços sobre o peito, dei um passo para trás e balancei a cabeça. — Não. Eu não vou usá-la.

Surpresa encheu seu rosto, e ele abriu a boca, provavelmente para argumentar, mas balancei a cabeça novamente. Ele olhou para mim, emoções crepitando como raios em seus olhos azuis.

— Estou tentando salvar sua vida — rosnou ele, uma ponta desesperada em sua voz. — Por que você não me deixa salvar você, Evie?

Evie. Essa foi a primeira vez que ele disse meu nome, jamais me chamou de outra coisa senão *alteza*, e isso ressoou através do ar entre nós como a última nota de uma doce canção. Meu coração deu uma reviravolta engraçada e, de repente, eu não estava pensando na competição, na pena envenenada, ou nos meus próprios princípios.

Eu estava pensando em quanto eu o queria.

Sobre o quanto eu queria esmagar meus lábios nos dele. Passar minhas mãos pelos sedosos cabelos castanhos, ao longo de seus ombros largos, e todo o caminho até o peito. Respirar seu rico aroma de baunilha no fundo nos meus pulmões. Sentir sua pele quente e nua ao lado da minha. Tocá-lo e fazer com que ele me tocasse em retorno. Me mover com ele. Me perder nele e finalmente satisfazer essa eletricidade que continuamente zumbia, acendia e crepitava entre nós.

Por um louco momento, eu considerei isso seriamente. Por que eu não deveria fazer sexo com Sullivan? Por que não deveria conseguir cada gota de prazer que eu poderia tirar desse momento? Não era como se eu fosse ter outra chance.

Os outros gladiadores faziam isso o tempo todo. Eles estavam sempre se esgueirando após as sessões de treinamento e antes e depois da arena. Lutar e foder fazia com que se sentissem vivos, e eu sabia que faria o mesmo por mim. Eu queria me sentir viva esta noite, eu *precisava* me sentir viva esta noite. Ainda mais importante, eu podia sentir como seria bom entre Sullivan e eu.

Respirei fundo para dizer a ele exatamente o que eu queria, e o cheiro de veneno na pena encheu meu nariz novamente. O mau cheiro me fez hesitar.

— Por favor, Evie — falou Sullivan novamente. — Deixe-me ajudá-la. Deixe-me salvar você.

Salvar-me? Ninguém nunca me salvou. Não de meus pais serem assassinados, não da crueldade de Vasilia, não do massacre. E Sullivan também não poderia me salvar agora. Não realmente. Não de entrar na arena.

E eu não queria que ele fizesse.

A velha Everleigh teria aceitado aquela pena envenenada sem pensar duas vezes. Ela teria sido tão grata por alguém tentar ajudá-la que teria feito o que ele queria sem dúvida. Mas eu era a nova Evie e fazia as coisas do meu jeito. A nova Evie não queria enganar. Ainda mais importante, a nova Evie acreditava que ela era forte o suficiente para ganhar por ela mesma.

Minha resolução endureceu novamente, junto com meu coração. Endireitei meus ombros e levantei meu queixo. — Eu sou perfeitamente capaz de me salvar.

Sua raiva e todas as outras emoções em seu olhar se apagaram, substituídas por uma triste e cansada resignação.

— Então você é uma tola.

— Provavelmente. Mas pelo menos eu vou morrer uma tola honesta.

Os lábios de Sullivan se apertaram em uma linha fina e infeliz, mas ele se adiantou, seu corpo a centímetros de distância. do meu. Ele pairou sobre mim e olhei para ele. Nenhum de nós disse nada, mas a tensão estalava no ar entre nós, junto com outras coisas mais profundas que eu não queria pensar. Que eu não *podia* me deixar pensar.

Sullivan se inclinou e colocou a pena branca na penteadeira. Então se afastou mim. — Caso você mude de ideia.

— Eu não vou.

Seus lábios se levantaram um pouco. — Eu sei. Essa é uma das coisas que eu gosto em você, alteza.

Antes que eu pudesse responder, ele se virou, atravessou o camarim e abriu a porta. Pensei que ele poderia batê-la, mas fechou-a suavemente.

Eu fiquei lá, congelada no lugar, ouvindo até o som de seus passos desaparecerem.



Capítulo 18

Depois uma batida soou na porta e Paloma entrou no camarim. Ela não disse nada, mas a expressão em seu rosto – e a do ogro em seu pescoço – me disseram que ela havia ouvido tudo.

Suspirei, peguei a pena branca e entreguei a ela. — Aqui. Coloque isso na bolsa também. E tenha cuidado. Está envenenada.

Paloma girou a pena em seus dedos. — Ele está apenas tentando ajudar.

Bufei. — Dizendo-me para enganar? Alguma ajuda. Além disso, mesmo se eu conseguisse matar Emilie com o veneno, a penalidade por engano não é uma morte automática na competição do círculo negro?

— Sim, mas Serilda provavelmente ignoraria isso. Ela sabe que Emilie é culpada. Ela simplesmente não pode ficar do seu lado. Não sem prova definitiva. — Paloma estendeu a pena para mim, como Sullivan. — Tem certeza de que não quer isso?

Balancei a cabeça. — Não. Eu poderia matar Emilie com isso, e Serilda poderia até me deixar escapar disso, mas *eu* saberia que trapaceei. Eu não lutarei assim. Não no ringue.

Paloma assentiu, aceitando minha decisão, e jogou a pena na bolsa.

Uma trombeta soou tão alto que pareceu agitar as paredes, sinalizando o fim do espetáculo regular. Peguei minha espada, e Paloma levantou o escudo para que eu pudesse deslizar meu antebraço nas correias. Eles eram as únicas

coisas que eu tinha permissão para levar ao ringue. Eram as armas mais leves que Paloma tinha, mas ambos os objetos ainda pesavam de várias maneiras.

A trombeta soou novamente, sinalizando que eu tinha cinco minutos para chegar à arena ou perderia a partida. E se eu perdesse, os outros gladiadores me caçariam e me arrastariam para o ringue, onde Emilie teria rédea solta para me executar no local. Pelo menos se eu fosse por minha própria vontade, eu tinha uma chance de lutar.

Antes que eu pudesse pensar muito sobre o fato de que eu provavelmente ia em direção a minha própria morte, eu caminhei, abri a porta e saí do camarim. Paloma andou comigo através do túnel até chegarmos a uma das entradas no chão da arena.

Eu fui aos shows de gladiadores antes, mas nunca os vi deste ângulo. As arquibancadas de pedra se erguiam por todo o chão, parecendo muito maiores e mais altas do que eu lembrava, e estavam absolutamente lotadas com pessoas. Ainda mais pessoas estavam de pé nos degraus da arquibancada ou ao longo da parede. De repente eu me senti muito, muito pequena, como uma formiga cercada por gárgulas, só esperando por uma das criaturas avançar e me esmagar até a morte.

Normalmente, três círculos baixos estavam no chão da arena, mas os dois círculos exteriores foram removidos, deixando apenas o central, e a madeira foi pintada de um preto brilhante, indicando o sangue, a dor e a morte por vir.

Cho estava do lado de fora do ringue preto, usando um casaco vermelho de mestre do espetáculo. Ele olhou para cima e fez um sinal com a mão. As luzes diminuíram lentamente, depois cortaram abruptamente, mergulhando a arena na escuridão. A audiência ficou quieta e silenciosa, sabendo o que viria a seguir.

— E agora... — soou a voz de Cho. — Apresentamos o Cisne Branco!

Um holofote se acendeu, iluminando o lado oposto da arena, e Emilie se adiantou. Ela usava couro de combate e sandálias brancos, e também tinha uma espada na mão e um escudo em seu antebraço. Seu rosto também foi pintado, apenas com uma criatura e um esquema de cores diferente do meu. A pintura branca envolvia seus olhos antes de se desdobrar no padrão de

penas. Listras douradas brilhava em cima da tinta branca, enquanto cristais dourados piscavam nos cantos dos olhos. O glitter dourado brilhava em sua pele, embora seus lábios fossem vermelhos como os meus. Penas brancas eriçavam-se dos três nós em seu cabelo ruivo, completando seu olhar etéreo.

Um sentimento doentio encheu meu estômago. Nós éramos opostos espelhados. Um cisne branco e um cisne negro, uma gladiadora experiente e uma novata, lutando até a morte. A única coisa que tínhamos em comum era o sangue que nós derramaríamos.

Cho esperou até que Emilie tivesse entrado no círculo preto antes de falar novamente. — E agora... apresentamos o Cisne Negro!

Um holofote caiu sobre mim, e não tive escolha a não ser apertar os olhos contra a luz forte e avançar para o centro da arena.

A multidão ficou quieta o tempo todo, mas uma vez que eu apareci, todos se levantaram, gritando, batendo palmas e assobiando no alto de seus pulmões. Emilie amou a atenção e apunhalou sua espada no ar repetidamente, encorajando a multidão a se animar ainda mais para ela.

— Cisne Branco! Cisne Branco! Cisne Branco! — Os cânticos reverberaram pela arena.

Eu sempre amei todas aquelas velhas histórias sobre minha ancestral, Bryn Bellona Winter Blair, e sua história de gladiadores. Sempre pensei que deveria ter sido tão maravilhoso ser uma gladiadora, ser uma heroína como ela foi.

Não havia nada de maravilhoso nisso.

Os cantos, aplausos e gritos que distorciam os rostos das pessoas, os assobios aguçados e estridentes que saíam de seus lábios, e especialmente a ânsia azeda e suada que encharcava o ar. Tudo isso me deixaram nauseada e eu queria vomitar, apesar de não ter comido nada hoje. De alguma forma, eu consegui controlar a bílis fina e aquosa que subia na minha garganta, junto com meu desgosto. Eu trouxera isto sobre mim mesma, e tudo que eu podia fazer agora era ir até o fim.

Mesmo que esse fim fosse provavelmente a minha morte.

Entrei no círculo preto. Emilie continuou animando a multidão, mas olhei para o camarote de tropa.

Serilda estava relaxando em sua cadeira de veludo, com um copo de sangria na mão. Sullivan estava sentado na borda de seu assento, seu corpo apertado com a tensão.

Nossos olhares se encontraram e seguraram. Por alguma razão que eu não queria pensar muito, a visão dele afrouxou alguns dos nós apertados de nojo, preocupação, medo e pavor no estômago. Levantei minha espada, silenciosamente saudando-o. Depois de um momento, ele assentiu e se forçou a sorrir para mim. Ele não relaxou sua postura tensa, no entanto.

Meu olhar cortou para Serilda. Um sorriso curvou seus lábios e ela ergueu o copo em um brinde silencioso. Eu alcancei ao redor e deliberadamente, ironicamente sacudi as penas negras no meu cabelo, dizendo-lhe exatamente o que eu pensava de seu maldito esporte. Seu sorriso aumentou. Meu insulto não a incomodou. Cadela presunçosa.

Soltei um suspiro e enfrentei Emilie. A gladiadora esteve afastada do resto da tropa essa semana inteira, então eu só a vi de passagem, sempre que ela estava no ringue de treinamento, treinando sozinha. Mas eu podia ver claramente o ódio em seus olhos castanhos agora, e definitivamente podia sentir o cheiro quente e apimentado da raiva saindo de seu corpo.

Cho ergueu as mãos, pedindo silêncio, embora demorasse um pouco até que a multidão finalmente se acalmasse.

— Esta é uma competição de círculo preto — disse ele em voz alta e sombria. — O vencedor vive. O perdedor morre.

Em vez de gritos, outro som pequeno, mas distinto, ecoou por toda a arena – o tilintar das coroas de ouro, prata e bronze passando de uma mão para outra. O pensamento de estranhos apostando em minha vida me encheram de desgosto novamente. Desta vez, eu agarrei a emoção, junto com a raiva que a acompanhava.

Cho gesticulou para Emilie e eu darmos um passo à frente para que ficássemos no meio do círculo. Ele se curvou para Emilie primeiro. Ela devolveu o gesto, então ele se virou e fez o mesmo comigo. Eu inclinei-me para ele. Cho se endireitou e me deu uma piscada maliciosa. O mesmo aconteceu com o dragão no seu pescoço. O gesto me tocou. Eu pisquei para os dois, então apertei meu punho na minha espada e me concentrei em Emilie.

O apresentador levantou a mão e olhou entre nós duas, prolongando o momento e aumentando a tensão e suspense.

— Comecem! — gritou Cho, e saiu correndo do caminho.

Emilie pegou sua espada. Com um rugido alto e zangado, ela investiu contra mim.

* * *

Embora eu a tenha visto lutar no ringue de treinamento, bem como nas lutas da arena, eu nunca enfrentei Emilie, e não percebi quão rápida ela era. Ela fechou a distância entre nós em um piscar de olhos, e mal tive tempo de levantar meu escudo antes que ela estivesse balançando sua espada para mim.

Sua espada bateu no meu escudo com um som áspero que parecia ainda mais alto do que os gritos da multidão. Aquele tinido continuava soando nos meus ouvidos, como se alguém tocasse a mesma nota em um piano repetidamente, enquanto eu girava ao redor, apenas evitando o próximo golpe de Emilie. Sua espada acertou a poeira em vez da minha perna, mas ela não parecia se importar. Ela sorriu e seus olhos brilhavam com uma luz estranha, quase fanática, enquanto girava a arma em sua mão, se preparando para outro ataque.

Eu esperava que ela usasse sua velocidade para dar outro golpe rápido, mas Emilie circulou em volta de mim, movendo-se mais devagar agora, e cortando sua espada pelo ar em grandes arcos. Não tentando me acertar, não realmente, mas movendo para a multidão. Emilie achou que não havia como eu derrotá-la, e aproveitaria cada segundo no centro das atenções.

A multidão adorava a sua teatralidade, e todos se levantaram, batendo palmas, gritando e aplaudindo. O incentivo da multidão fez Emilie exagerar ainda mais seus movimentos. Logo, os gritos e aplausos se transformaram em gargalhadas, tudo isso voltado para mim, já que eu continuava me afastando dela.

Tantas coisas sobre o Cisne Negro me lembravam do palácio. Mas nenhuma tanto quanto esse momento, com Emilie e a multidão abertamente

zombando de mim do jeito que Vasilia e todos os outros no palácio fizeram tantas vezes. Seven Spire era sua própria arena, e sobrevivi lá por quinze anos.

Eu poderia sobreviver a essa arena também.

Ignorei o brilho dos holofotes queimando no meu rosto. Os gritos, aplausos e risinhos da multidão. O suave baque dos passos de Emilie na terra dura. O sorriso no seu rosto pintado. Eu afastei tudo e foquei em mim.

Deixei de lado minhas emoções – todo o meu desgosto, raiva, medo, pânico, preocupação e mágoa. Tudo que pesou em mim desde o massacre, tudo o que me tornou tímida e cautelosa, tudo que já me fez sentir pequena, fraca e indefesa. Deixei tudo ir até a única coisa que restava fosse cálculo frio.

Depois me concentrei em Emilie, analisando tudo o que eu sabia sobre ela e procurando por uma fraqueza, como eu já havia feito tantas vezes antes no palácio, sempre que ouvia o tom de voz de alguém, em vez de suas palavras, ou notava as frestas de emoção ao redor da boca de alguém, em vez de seu sorriso agradável.

Emilie continuava pavoneando ao redor do ringue, me provocando. Sua arrogância era claramente sua fraqueza. Agora, qual a melhor maneira de usar isso para minha vantagem?

Meu olhar passou rapidamente por Emilie, e olhei para Paloma, que estava de pé na entrada do túnel com Cho, ambos com olhares preocupados em seus rostos...

Emilie deve ter percebido minha distração, porque ela se lançou para frente e atacou com a espada, movendo-se quase rápido demais para eu seguir. Eu mal consegui me virar para o lado, mas dessa vez, não pude evitar completamente o golpe e sua espada cortou meu braço direito.

Eu assobiei com dor, cambaleei para trás e olhei para baixo. Emilie havia aberto um corte profundo acima do meu cotovelo, e sangue já escorria pela minha pele e caía na terra. Não era um movimento de prática, mas ela não estava tentando me matar também. Ela poderia facilmente ter tirado todo o meu braço com aquele golpe, mas ela queria me machucar e me humilhar primeiro.

Emilie ergueu sua espada ensanguentada e a multidão aplaudiu ainda mais alto.

Ela vai te matar a menos que você encontre uma maneira de combater sua velocidade. A voz de Paloma sussurrou em minha mente. Ela me disse isso na primeira manhã que começamos a treinar para a competição do círculo preto.

Flexionei meus dedos, sentindo o poder gelado da minha imunidade percorrendo meu corpo. Isso me ajudaria a neutralizar a velocidade de Emilie, pelo menos temporariamente, da mesma forma que me permitiu eliminar o veneno do corpo de Paloma. O único problema era que eu realmente precisava tocar Emilie para fazer funcionar. Então, como eu poderia fazer isso sem ter sua espada no meu intestino em troca?

Um plano apressado se formou em minha mente. Eu não sabia se funcionaria, mas era minha única chance. Então eu respirei fundo para me estabilizar e lentamente deixei sair.

E então soltei minha espada.

Os gritos pararam, substituídos por vaias zombeteiras e gargalhadas agudas.

— O que ela está fazendo?

— Ela não sabe como lutar?

— Idiota! Você deveria realmente *usar* a espada!

Ignorei os insultos. Eles não eram nada comparados a todas as coisas horríveis que Vasilia fizera para mim. Além disso, a espada não era uma grande perda. Dado o quanto meu braço latejava, eu não teria sido capaz de segurá-la por muito mais tempo de qualquer maneira. Em vez disso, eu olhei para a minha espada, marcando o local onde pousara cuidadosamente em minha mente, como a maneira que Lady Xenia cobria o chão do salão de dança com grandes Xs de papel quando ela começou a me ensinar o Tanzen Freund.

Quando tive aquele ponto firmemente fixado em minha mente, eu puxei o escudo do meu outro braço, agarrei-o pelas bordas, e segurei-o na minha frente.

Emilie sorriu. — Matar você será ainda mais fácil do que eu imaginava.

— Então cale a boca e faça já, sua cadela arrogante e envaidecida — assobiei.

Ela soltou um grito alto e zangado, investiu contra mim e balançou a espada na direção da minha cabeça, tentando cortá-la com um golpe brutal. A hora de brincar definitivamente acabou.

Evitei o ataque, mas ao invés de me afastar como antes, eu me virei, me joguei para frente, e bati meu escudo em seu peito, junto com o resto do meu corpo.

Coloquei tanta força no movimento quanto pude, e nós duas caímos no chão, comigo em cima de Emilie. Ela bateu na terra, e perdeu o controle sobre sua própria espada e escudo, ambos deslizaram para longe.

— Saia de mim, sua puta! — rosnou.

Ela continuou gritando maldições enquanto se contorcia e se contorcia, tentando se esquivar de mim, mas não a deixei fugir. Ela não cairia no mesmo truque duas vezes, e esta era a única chance que eu tinha de diminuir sua velocidade com minha imunidade. Então, eu vasculhei o chão com ela, mantendo o escudo entre nós e meu corpo em cima dele para mantê-la presa.

Meu peso morto estava colocando pressão nos pulmões de Emilie, e ela teve dificuldade de sugar o ar muito necessário. Antes que pudesse começar a se contorcer de novo, eu levantei meu punho e dirigi no rosto dela.

Crunch.

Pela segunda vez nesta semana, consegui o soco perfeito e quebrei seu nariz. Emilie gritou, mas o som rapidamente se transformou em tosse, enquanto ela tentava não sufocar com seu próprio sangue.

— Você viu aquilo?

— Ela deu um soco na cara dela!

— Agora temos uma briga!

As vaias da multidão se transformaram em gritos de aprovação, mas eu os desliguei. Eu não precisava de encorajamento para socá-la novamente.

Puxei meu punho para outro golpe, mas Emilie rosnou, colocou as mãos no meu escudo, e empurrou-o para longe dela. Perdi meu aperto no escudo, que rolou para longe, e aterrissei com força no meu quadril esquerdo. Ela me atacou e me chutou nas costelas. Desta vez, fui eu quem gritou de dor.

Emilie ficou de pé, sua cabeça virando para a esquerda e direita, procurando por sua espada. Eu ainda estava no chão, e não tinha tempo de levantar antes que ela se afastasse, então eu avancei e envolvi minha mão ao redor de sua perna, logo acima das correias de sua sandália. Eu senti sua magia no segundo em que minha pele tocou a dela, e alcancei meu próprio poder, enviando minha imunidade correndo em seu corpo, tentando apagar toda a sua velocidade.

Emilie gritou novamente e tentou se afastar, mas enterrei minhas unhas em sua pele, profundas o suficiente para tirar sangue e forcei-a a arrastar-me pelo chão atrás dela.

— O que você está fazendo? — gritou ela. — Fique de pé e morra com alguma maldita dignidade!

Eu poderia ter dito a ela que a dignidade era superestimada e que eu perdi tudo de mim há muito tempo, mas eu não podia desperdiçar uma única respiração. Meu braço direito parecia estar em chamas de onde ela cortou, e mais e mais sangue escorria da ferida e descia pela minha pele. Suor também escorria pelos lados do meu rosto, não apenas pelo esforço da luta, mas também pela tentativa de diminuir sua velocidade. Eu podia sentir sua magia se levantando e lutando contra o meu próprio poder. Eu rangi meus dentes e alcancei ainda mais a minha imunidade. Imaginei isso fluindo para fora de mim e para ela, como se eu a molhasse em um rio gelado.

E funcionou.

Tudo de uma vez, sua magia se dissipou, como um suflê desmoronando em si mesmo. No segundo em que senti sua magia, sua velocidade desaparecer, soltei sua perna e rolei para longe. Emilie não estava esperando que eu a libertasse e tropeçou para frente, já que eu não estava mais segurando-a.

Eu não tinha ideia de quanto tempo levaria para a velocidade de Emilie voltar, mas não podia me dar ao luxo de desperdiçar um único segundo. Eu me levantei, virei e corri, indo em direção ao centro do ringue onde eu joguei minha espada mais cedo.

O x marcava o lugar. A arma estava exatamente onde eu a deixara.

Minha mão havia acabado de fechar na arma quando os suspiros soaram. Emilie deve ter pegado sua arma novamente também. Com o canto do olho, vi a sombra dela se aproximando de mim no chão da arena. Parecia que ela havia recuperado um pouco de sua velocidade também.

Não houve tempo para pensar. Peguei minha espada, girei e empurrei para cima e para fora – direto em seu estômago.

Emilie gritou, e sua espada escorregou de seus dedos, caindo no chão. Ela tentou se afastar, mas cerrei os dentes, envolvi as duas mãos em volta do cabo da minha espada e empurrei a lâmina mais fundo em seu corpo. Ela olhou para mim, surpresa piscando em seus olhos, junto com a dor – muita dor.

Emilie abriu a boca como se fosse gritar novamente, mas tossiu, vomitando sangue em todo o meu rosto, pescoço, braços e peito. As gotas picaram minha pele como abelhas quentes e úmidas, me fazendo assobiar, embora não tenham feito nenhum dano. Emilie olhou para mim por um segundo mais, então suas pernas cederam e ela caiu no chão, com a minha espada ainda presa no estômago.

Morta... ela estava morta, o que significava que a vencedora desta noite era a nova gladiadora.

O Cisne Negro.



Capítulo 19

Eu me aproximei de Emilie, vendo seu sangue infiltrar-se na terra. Então olhei para o meu próprio corpo.

Seu sangue se espalhara por todo o meu couro de combate, tornando-os ainda mais negros do que já eram. Meu próprio sangue também escorria pelo meu braço de onde ela me cortou. Algumas gotas deslizaram da ponta dos meus dedos e pingaram em uma pena branca que ainda estava presa no cabelo de Emilie. Eu estremeci com repulsa.

Serilda me deu a fantasia errada, o nome errado. Eu não era o Cisne Negro – mais parecido com o Cisne Sangrento.

Um rugido surdo encheu meus ouvidos, lentamente se tornando uma cacofonia de som. Eu olhei para cima. Todos estavam de pé, torcendo, aplaudindo, gritando e assobiando mais alto do que antes, tudo porque eu matei Emilie.

Cho deve ter sentido a minha raiva e desgosto, porque ele entrou no ringue, correu, agarrou minha mão e a levantou no ar. — E o nosso campeão é o Cisne Negro! — Ele gritou em uma voz estrondosa, para o deleite da multidão, que rugiu novamente.

Cerrei meus dentes, deixando os aplausos se apoderarem de mim, apesar de cada grito alto, assobio penetrante e um aplauso apreciativo fazer meu estômago revirar em nós mais apertados. Eu nunca gostei de ser o centro

das atenções, e eu queria sair correndo da arena, mas eu não podia fazer isso. Não com a multidão ainda berrando, aplaudindo e gritando de alegria.

— Quanto tempo isso durará? — murmurei para Cho.

Ele começou a responder, mas um trinado agudo de música o interrompeu. As notas altas soaram repetidamente, cada trombeta soava mais alta do que a anterior, e a música rapidamente abafou os gritos.

Mas ainda mais estranho foi o fato de eu reconhecer a melodia – a marcha real da família Blair.

Por que eles estariam tocando isso? Seria alguma tradição de Bellonan marcar o fim de uma competição no círculo preto?

A multidão parou de aplaudir e todos se voltaram para a entrada principal. Ao meu lado, Cho soltou uma maldição murmurada e olhou para Serilda, que ainda estava em seu camarote, junto com Sullivan, embora ambos estivessem de pé agora. O que estava acontecendo?

Serilda fez um movimento brusco com a mão. Uma a uma, as luzes da arena se apagaram, mas marcha da realeza continuou tocando e tocando. O medo doentio me deu um soco no estômago e meu coração martelou no ritmo da batida.

A música rugiu para um final climático e depois foi abruptamente interrompida. Por um momento, tudo ainda estava escuro e silencioso. Em seguida, um único holofote se acendeu, destacando uma mulher em pé na entrada principal para as arquibancadas.

Ela estava vestida com botas pretas e leggings, junto com uma túnica feita de seda fúcsia. A cor ousada acentuava perfeitamente os olhos azul-acinzentados, junto com os cabelos loiros, que pendiam em ondas grossas e soltas. Uma espada com um grande diamante cor-de-rosa colocado no cabo estava embainhada em uma bainha de ouro que pendia de seu cinto de ouro. Uma adaga correspondente também estava ligada ao cinto. Tudo junto, ela parecia uma princesa de conto de fadas que ganhava vida.

Eu me concentrei na coroa de ouro cravejada de diamantes rosa que tinham a forma de louros que descansavam na cabeça dela. Não, não era mais uma princesa. Uma rainha agora – uma que estava encharcada com ainda mais sangue do que eu.

Vasilia estava aqui.

* * *

A nova rainha sorriu sob o brilho intenso e todos começaram a aplaudir novamente. Claro que eles fizeram. Eles pensavam que ela havia sobrevivido a uma tentativa brutal de assassinato – não que fosse a pessoa por trás disso.

Quanto mais alto a multidão aplaudia, mais largamente Vasilia sorria. Ela levantou a mão e acenou para todos. Então seu sorriso desapareceu, seu rosto escureceu, e ela abaixou a mão, como se estivesse repentinamente superada com emoção, pensando em tudo que ela – e o resto de Bellona – perderam. Vasilia inclinou a cabeça, a coroa de ouro brilhando sob o holofote. O silêncio varreu a multidão, e mais do que algumas pessoas fungaram e enxugaram as lágrimas.

O momento passou. Vasilia levantou a cabeça e acenou para a multidão novamente, que torcia por ela ainda mais descontroladamente do que antes. Ela acenou para eles novamente, então se dirigiu para a arena.

E a cadela não estava sozinha.

Nox entrou atrás dela, o holofote fazendo seu cabelo loiro brilhar quase tanto quanto a coroa de Vasilia., e Felton a seguiu também, segurando um livro vermelho. Uma dúzia de guardas, todos usando túnicas fúcsia e peitorais de ouro, também entrou. Não havia sinal de Maeven.

Vasilia foi até a última fileira de arquibancadas e começou a apertar as mãos dos espectadores. Nox, Felton e os guardas se arrastaram atrás dela, olhando a multidão. Por favor. Como se ela estivesse em perigo real. Mesmo que alguém fosse estúpido o suficiente para atacar, Vasilia poderia facilmente cortá-lo com suas armas ou fritá-lo com seu raio.

No seu camarote, Serilda apontou o dedo para Cho, depois para mim e fez um movimento agudo com a mão.

— Vamos — murmurou Cho. — Nossa presença foi solicitada por sua alteza real.

Por um momento, não entendi o que ele queria dizer, mas depois percebi que Vasilia estava devagar, mas seguramente subindo as

arquibancadas até onde Serilda e Sullivan estavam no camarote da tropa. Vasilia deve ter visto a competição, e agora ela queria conhecer o vencedor.

Ela queria me conhecer.

Choque cravou no meu corpo, mas foi rapidamente substituído pelo pânico. Abri minha boca para dizer a ele que eu não podia ir até lá, mas Cho apertou a mão no meu braço e me levou para frente. Pareceria muito mais suspeito se eu tentasse me libertar e fugir, por isso não tive escolha a não ser segui-lo.

Cho empurrou um dos portões na parede e subimos até o camarote da tropa. Além de Serilda e Sullivan, Theroux estava agora de pé em um dos lados do camarote, junto com vários trabalhadores segurando bandejas de alimentos e bebidas. Todos pareciam tensos e as mãos de um homem tremiam tanto que os copos na sua bandeja tremeram juntos.

Serilda gesticulou para que nós formássemos uma fila de recepção, com ela primeiro, seguida por Sullivan, depois Cho e, finalmente, eu no final.

E então esperamos.

Vasilia levou seu tempo para chegar ao camarote e minha preocupação aumentou a cada momento que passava. No segundo que olhasse para mim, ela perceberia que sua prima Everleigh não estava tão morta quanto ela queria que eu estivesse.

Olhei ao redor, procurando por uma rota de fuga, mas não havia uma. Mesmo se eu pulasse por cima do muro de pedra que delimitava o camarote, eu não desceria as arquibancadas, muito menos sairia da arena, antes dos guardas me pegarem.

Eu estava bem e verdadeiramente presa – e prestes a estar bem e verdadeiramente morta.

Finalmente, Vasilia alcançou o camarote junto com sua comitiva. Ela, Nox e Felton entraram no camarote, enquanto os guardas o rodeavam por todos os lados. Meu coração afundou ainda mais. Nenhuma fuga agora.

Serilda executou a perfeita reverência de Bellonan. — Eu sou Serilda Swanson. Bem-vinda a minha humilde arena.

Vasilia soltou uma risada leve e trilhante. — Oh, Serilda. Não há necessidade de tal formalidade. Eu reconheço você de seus muitos anos de serviço para minha mãe.

Serilda fez sua reverência por mais um momento, como ditava o protocolo, antes de levantar-se. — Foi uma grande honra servir a Rainha Cordelia.

— É claro que sim — murmurou Vasilia.

— Este é o meu mago residente, aplicador e instrutor de gladiadores, Lucas Sullivan.

Ela gesticulou para Sullivan, que se adiantou. Diferente de Serilda, ele não fez uma reverência, mas pressionou seu punho acima de seu coração e deu um tradicional arco de Andvarian. Dadas as más relações entre os dois reinos, todos ficaram tensos com o gesto, até mesmo Serilda, e os guardas baixaram as mãos para suas armas, prontos para defender sua rainha traiçoeira.

Sullivan se endireitou, o mais leve indício de escárnio curvando seus lábios, e percebi que ele estava realmente zombando de Vasilia. Eu não sabia por que ele estava fazendo isso, mas naquele momento, eu me apaixonei um pouco por ele por simplesmente ter coragem e audácia para enfrentá-la, mesmo que fosse de um jeito pequeno.

Vasilia reconheceu o gesto como o insulto que realmente era, mas acenou com a mão, dizendo aos guardas para se acalmarem. Todos relaxaram, exceto eu. Eles achavam que o perigo havia acabado, mas o sorriso cortante de Vasilia me disse que ela se preparava para estripar Sullivan com suas palavras.

— Ah, sim. Ouvi um pouco sobre você e sua família Andvariana nas últimas semanas, Lucas.

Vasilia deu um passo à frente, estendeu a mão e brincou com um dos botões prateados do casaco. — Você na verdade me lembra um pouco do seu irmão mais novo, Frederich. Embora eu não imaginasse que você fosse tão bonito. Ou muito educado. Então, novamente, suponho que os príncipes bastardos tenham que se importar com suas maneiras mais do que a maioria, não é?

Choque explodiu através de mim, abafando a minha preocupação. *Príncipe bastardo? De Andvari?*

Pensei naquele espelho de Cardea que vi em sua casa. Ele deve ter falado com os Andvarianos, com sua família. É assim que ele sabia que eles não tinham nada a ver com o massacre, e é por isso que ele estava zombando de Vasilia agora.

Os olhos de Sullivan brilhavam como dois pedaços de gelo e um músculo marcava sua mandíbula, como se estivesse rangendo os dentes para não retrucar. O sorriso de Vasilia aumentou. Ela sabia que havia marcado um golpe direto com esse insulto.

Olhei para o mago. Não é de admirar que ele tivesse ficado tão zangado quando eu zombeteiramente o chamara de principezinho. Um bastardo real era uma das piores coisas para ser em qualquer reino. Em Seven Spire, sua posição teria sido ainda mais baixa que a minha.

Vasilia olhou para Sullivan, aproveitando seu triunfo verbal, depois olhou para Cho, que também se curvou para ela, mas no estilo Ryusaman, inclinando o corpo para a frente com as mãos ao lado do corpo.

— Cho Yamato, outro ex-guarda da minha mãe — murmurou Vasilia. — Ainda preso ao lado de Serilda, não é? Eu teria pensado que você se cansaria de servi-la agora.

Servi-la? Ela quis dizer... Cho e Serilda eram... *amantes*?

Eu nunca os vi nem mesmo tocar um ao outro, e muito menos fazer mais alguma coisa, mas as narinas de Cho se abriram com as palavras de Vasilia. O mesmo aconteceu com o rosto de dragão em seu pescoço, e um pouco de fumaça cinzenta saiu da boca da criatura e flutuou em sua pele antes de desaparecer.

Vasilia notou a fumaça também, e apertou os lábios, segurando o próximo insulto. Até ela não gostaria de lutar contra um dragão.

Serilda limpou a garganta, quebrando o silêncio constrangedor. — E finalmente, o campeão desta noite.

Eu fiquei tensa, me preparando para a batalha por vir. Assim que Vasilia percebesse quem eu era ela me explodiria com seu raio. Eu teria que

buscar minha imunidade e esperar que isso me salvasse de sua magia da mesma forma que antes...

Vasilia entrou na minha frente e olhou diretamente para o meu rosto.

Se isso tivesse acontecido antes do massacre, eu teria abaixado minha cabeça e encolhido, tentando me tornar tão pequena e invisível quanto possível, na esperança de evitar sua ira, assim como fiz centenas de vezes.

Não essa noite.

Pela primeira vez em anos, eu endireitei meus ombros, levantei meu queixo e olhei para a cadela. Eu não seria intimidada por ela, e não me esconderia dela. Nunca mais. Nem mesmo se isso significasse minha morte aqui.

Minha prima ficou olhando para mim. Quanto mais tempo ela olhava, mais confusão e apreensão corriam pelo meu corpo. Por que ela não estava gritando, berrando e amaldiçoando meu nome? Por que não estava dando ordens aos guardas para me derrubar?

O que ela esperava?

Seu olhar se ergueu, trancando nas estúpidas penas pretas que ainda saíam do meu cabelo, então se afastou, concentrando-se no sangue cobrindo minhas mãos, braços e couro preto de combate. Compreensão me encheu.

Ela não me reconheceu.

Eu me perguntei como ela poderia ter me esquecido tão rápido, mas então me lembrei da tinta preta e prateada no meu rosto. Combine isso com as penas ridículas, os couros de combate e todo o sangue, e eu não parecia nada com a prima Everleigh. Nem mesmo perto. Não, eu era apenas uma gladiadora que sobreviveu a uma luta até a morte. Nada mais, nada menos, e não valia mais do que alguns segundos de seu tempo e atenção.

Vasilia olhou para o sangue nas minhas mãos por mais um momento, depois voltou-se para Serilda. — Eu vejo isso, você ainda está usando o cisne negro como seu brasão. Não é assim que os outros guardas costumavam te chamar? Por causa de toda a morte que você trouxe para os inimigos da minha mãe?

— Algo assim — murmurou Serilda.

— Mmm — sorriu Vasilia, mas sua expressão tinha aquela ponta afiada novamente. — Fiquei muito desapontada ao não receber um convite para o evento desta noite. As competições de círculo preto são minhas favoritas. Elas tem sido desde que eu era criança. Por sorte, meus homens conseguiram me esgueirar para dentro.

Serilda inclinou a cabeça. — Perdoe meu descuido. Presumi que você estaria ocupada demais lidando com as recentes tensões entre Bellona e Andvari para assistir ao nosso humilde show.

O olhar de Vasilia foi para Sullivan. — Tensões. Sim. — Ela se concentrou em Serilda novamente. — Isso é realmente o que eu queria falar com você. E para ver o resto do show. Nós chegamos atrasados, então não cheguei a assistir os acrobatas e os caminhantes de arame.

Seus lábios se transformaram em um beicinho que eu já vi centenas de vezes. Aquele que sinalizava que você deveria dar a Vasilia exatamente o que ela queria – ou então.

Serilda também ouviu a ordem subjacente nas palavras de Vasilia em voz alta e clara. — Claro. Por favor, sinta-se confortável e desfrute da nossa hospitalidade.

Ela nem havia terminado de falar antes que Vasilia se aproximasse e se acomodasse na cadeira de Serilda, a maior e mais confortável do camarote. Nox sorriu para Lucas, depois avançou e sentou-se na cadeira do mago ao lado de Vasilia. Felton sentou-se ao lado de Nox, seu livro vermelho ainda nas mãos.

Serilda espremeu-se em um pequeno assento no canto, perto de Vasilia, depois inclinou a cabeça para Cho, que deixou o camarote. Ele não gesticulou para eu segui-lo, então eu não sabia o que fazer. Vasilia me notou pairando sobre ela, e olhou para mim novamente.

Sullivan me salvou. Ele se moveu entre nós, cortando sua visão de mim, então colocou a mão no meu braço e me guiou em torno das cadeiras para o outro lado do camarote.

— Apenas fique parada e quieta até que isso acabe — sussurrou.

Assim que saímos do caminho, Theroux deu um passo à frente e fez uma reverência. — Minha rainha, eu posso oferecer-lhe alguma bebida?

Vasilia acenou com a mão, e Theroux e os outros trabalhadores serviram a comida e as bebidas. Vasilia delicadamente mordiscou alguns pequenos bolos de kiwi enquanto Felton aceitava um copo de sangria. Nox foi muito mais guloso. Ele comeu uma bandeja inteira de bolos de kiwi e outras sobremesas, junto com uma garrafa de champanhe.

Os três estavam comendo e bebendo como se não tivessem feito nada de errado, como se não tivessem orquestrado os assassinatos brutais de Isobel, Cordelia, Madelena e tantas outras pessoas inocentes. Minhas mãos apertaram em punhos, mas não havia nada que eu pudesse fazer. Mesmo se eu cedesse a minha raiva assassina e atacasse-os, Vasilia iria me incinerar com seu raio, ou Nox me derrubaria com sua espada. Sem mencionar os guardas ainda espreitando ao redor do camarote.

Por mais que eu quisesse avançar, envolver minhas mãos no pescoço de Vasilia e sufocá-la até a morte por toda a dor, sofrimento e mágoa que causou, tudo que eu podia fazer era ficar parada e quieta, como Sullivan havia dito.

Alguns minutos depois, as luzes se apagaram e Cho entrou na arena e reiniciou o show. A música começou, os acrobatas caíram à vista, e os caminhantes do arame retomaram suas posições nas plataformas. A multidão sentou novamente e começou a aplaudir e gritar, animada por receber outro show. Nox ignorou o desempenho em favor de beber mais champanhe, enquanto Felton deixou o copo de lado e começou a escrever em seu livro.

Vasilia sorriu e bateu palmas junto com a multidão. Para um observador casual, ela pareceria interessada na performance como todos os outros, mas conseguir que Serilda reiniciasse o show era simplesmente um caminho para Vasilia afirmar sua influência e controle. E ela não se importava de não ter sido convidada para a competição do círculo preto. O evento acabara por ser uma desculpa para ela aparecer. Não, minha prima tinha alguma outra finalidade em mente com esta pequena visita.

Com certeza, menos de cinco minutos depois do show, Vasilia desistiu de bater palmas, baixou as mãos no colo, e virou para Serilda, que ainda estava encolhida naquela cadeira no canto.

— Obrigada por sua hospitalidade. É muito bem-vinda, especialmente durante esse período estressante, com as consequências dos assassinatos de minha mãe e irmã.

Os lábios de Vasilia se fecharam e seu rosto escureceu, como se estivesse realmente triste com a morte de sua família. Apesar de todas as vezes que ela me apunhalou pelas costas com suas palavras astutas e ações, até mesmo eu teria pensado que ela estava sendo genuína se eu não estivesse lá naquele dia horrível.

Ela deveria ter se juntado à tropa. A cadela era uma ótima atriz.

Vasilia pigarreou, depois limpou de novo, como se estivesse tendo problemas em conseguir encontrar as palavras através de sua suposta tristeza. Serilda fez um gesto para Theroux, que serviu um copo de água de pepino gelada e entregou a Vasilia.

Mas era apenas mais um jogo de poder por parte de Vasilia, e ela só tomou um pequeno gole da água antes de colocá-la de lado. — Esta noite foi maravilhosa. Foi bom eu sair do palácio. E para mostrar ao povo que a rainha não tem medo de assassinos Andvarianos.

Seu olhar cortou para Sullivan, que ainda estava de pé ao meu lado. Seus lábios pressionados e um pouco de magia crepitava em seus olhos, mas ele não mordeu a isca e se voltou para ela. Eu podia sentir sua raiva, no entanto. O cheiro forte e apimentado combinava com minha própria raiva silenciosa.

— É claro — murmurou Serilda. — Estou muito feliz em vê-la, especialmente dada a terrível tragédia no palácio há apenas algumas semanas.

Vasilia levou a mão ao canto do olho, como se estivesse enxugando uma lágrima. Meus punhos se apertaram ainda mais.

— Embora eu tenha medo de dizer que ouvi alguns rumores desagradáveis — disse Serilda.

Vasilia levantou a cabeça, sua lágrima falsa esquecida. — Que rumores?

Serilda deu de ombros, como se não fossem importantes. Os lábios de Vasilia pressionaram e eu quase pude ver as rodas girando em sua mente

enquanto ela debatia se devia prosseguir com o assunto. Ela veio aqui com sua própria agenda, mas Serilda estava forçando-a para longe disso. Era uma peça hábil de manipulação. Minha estima da líder da tropa subiu vários degraus. Ela aprendeu o jogo muito bem durante seu tempo em Seven Spire.

— Que rumores? — perguntou Vasília de novo, caindo na armadilha de Serilda.

— Os rumores de que alguns membros da família real escaparam do massacre — disse Serilda. — Que alguns dos Blairs fugiram do palácio e estão escondidos.

Vasilia piscou surpresa. Nox abaixou a taça de champanhe, e até Felton parou de rabiscar em seu livro.

Na noite da vigília à luz de velas, Serilda dissera a Cho para procurar seus contatos para descobrir tudo o que podia sobre o massacre e se havia algum sobrevivente. Serilda claramente queria colocar as mãos em um Blair – qualquer Blair, dadas as suas próprias palavras – mas eu ainda não entendia porquê.

Nox bufou e tomou outro gole de champanhe, enquanto Felton recomeçou a escrever. A preocupação de Vasilia se transformou em um sorriso presunçoso que ela não se importou em esconder. Serilda também viu e seus dedos apertaram em torno de seu copo.

— Infelizmente, fico triste em dizer que todos os membros da realeza que estavam no palácio foram massacrados — disse Vasilia. — Acredite em mim, procuramos alto e baixo por sobreviventes, mas o enredo era muito maior do que nós pensamos originalmente.

— O que você quer dizer? — perguntou Serilda.

Agora foi a vez de Vasilia encolher os ombros. — Alguns de meus primos estavam em suas propriedades no campo. Mandei os guardas para checá-los o quanto antes, mas já era tarde demais. Todos foram assassinados. Eu sou ao única Blair que resta.

Meu coração afundou. Eu esperava que pelo menos alguns dos meus primos tivessem sobrevivido, mas parecia que Vasilia providenciara que eles fossem mortos também. Claro que ela fez.

Serilda abaixou o copo e recostou-se na cadeira, como se toda a força deixasse seu corpo. Não era o que ela queria ouvir. Os lábios de Vasilia se contraíram, embora desta vez, ela conseguiu segurar seu sorriso de satisfação.

Por um momento, Serilda pareceu triste, cansada e derrotada, mas então seu olhar se ergueu, e ela olhou para os diamantes rosa em forma de louros que adornavam a coroa de ouro na cabeça de Vasilia.

— Rainhas Summer são belas e justas, com lindas fitas e flores no cabelo — murmurou Serilda. — Rainhas Winter são frias e duras, com coroas foscas feitas de fragmentos de gelo.

Suas palavras eram suaves, especialmente em comparação com a música estridente do calíope que se elevava do chão da arena, mas ainda me deixaram tensa. E não fui a única que elas afetaram. Nox se endireitou em seu assento e derrubou champanhe na frente de sua túnica, tornando o tecido mais vermelho do que fúcsia. Felton olhou para ele por um momento, depois voltou a escrever.

Vasilia franziu a testa para Nox antes de se concentrar em Serilda novamente. — O que você disse?

Ela não repetiu a frase. — É uma velha rima de conto de fadas de Bellonan. Tenho certeza que você já ouviu.

— Claro que sim — retrucou Vasilia.

Ela claramente não sabia por que Serilda havia citado aquelas palavras. Nem eu. Como a própria Serilda disse, era apenas uma velha rima. Então, por que ela disse a frase agora? E por que Cordelia disse exatamente a mesma coisa para mim antes de morrer?

Vasilia e Serilda se entreolharam, ambas sorrindo, mas nenhuma delas era genuína ou particularmente amigável, e foi mais uma pausa para dar-lhes tempo para se reagrupar.

— Esse é o único boato que você ouviu? — perguntou Vasilia, voltando aos negócios.

— Oh, não — respondeu Serilda. — Algumas pessoas estão dizendo que os Andvarians não foram responsáveis pelo ataque. Que eles foram enquadrados. Isso é tudo uma trama elaborada de Mortan para colocar

Bellona e Andvari uns contra os outros para que Morta possa atacar e conquistar ambos os reinos.

Nox e Felton ficaram paralisados, enquanto Vasilia piscou surpresa novamente.

Parecia que Serilda sabia exatamente o que acontecera durante o massacre. Mas como poderia saber que Nox, Felton e Vasilia orquestraram isso? Quem havia dito tanto sobre o que acontecia dentro do palácio?

Serilda tomou um gole de sua sangria antes de falar novamente. — Apesar de todos os rumores desagradáveis por aí, você precisa pensar no seu futuro. E Bellona também.

— Como assim?

— Se você realmente é a última Blair, então você precisa produzir um herdeiro. Imediatamente. Não queremos que você tenha o mesmo destino infeliz como Cordelia e, que algum usurpador conquiste o trono e mergulhe Bellona na guerra civil.

O rosto de Vasilia endureceu. — Vou produzir um herdeiro quando *eu* estiver pronta e nem um segundo antes. Enquanto isso, você pode ter certeza de que ninguém vai *me* assassinar. — Ela deve ter percebido como sua voz estava áspera, porque limpou a garganta novamente e controlou sua raiva. — Se alguma coisa boa saiu dessa situação horrível, é que eu aprendi com os erros da minha mãe. Minha segurança é excelente, e não há traidores nas minhas fileiras.

Serilda olhou para Nox e Felton, depois para os guardas que cercavam o camarote. — Claro. Você já provou que é uma rainha excelente e forte nos guiando por essa terrível tragédia.

Vasilia assentiu, aparentemente apaziguada pelo elogio. Então ela se inclinou, seus olhos iluminando e seu sorriso aumentando. Eu fiquei tensa novamente. Esse foi o mesmo olhar que ela deu ao Príncipe Frederich antes de esfaqueá-lo até a morte.

— Na verdade, minha segurança é uma das razões pelas quais eu vim para cá. Você foi a melhor guarda que minha mãe teve, e eu gostaria que você trabalhasse para mim, para me ajudar a me preparar para a guerra.

Serilda piscou, claramente sem esperar a oferta, embora se recuperasse rapidamente. — O que você está planejando?

— Não posso – não vou – deixar as mortes da minha mãe e irmã ficarem sem vingança. Bellona vai chorar por elas e todos os outros até o Solstício de Verão. Nesse dia, uma cerimônia de coroação será realizada em Seven Spire, e serei formalmente rainha, como é costume.

— E então? — perguntou Serilda, sua voz grossa de preocupação.

Vasilia encolheu os ombros. — E então eu vou marchar até a Andvari. Eu vou para a guerra.

Todos no camarote ficaram tensos novamente. Serilda, Sullivan, Theroux, os trabalhadores, eu. Todos, exceto Nox e Felton, que já sabiam sobre o plano maligno de Vasilia. Sullivan soltou uma maldição suave, embora ninguém tenha ouvido, exceto eu.

Minha mente girou, tentando entender o enredo venenoso de Vasilia. Ela se tornou rainha no momento em que matou Cordelia, mas o costume de Bellonan ditava que uma cerimônia oficial de coroação deve ser realizada no solstício mais próximo, o Solstício de Verão, neste caso. Uma grande festa seria organizada em Seven Spire para marcar formalmente o início do reinado de Vasilia. Então, assim que a festa acabasse, e a coroa da rainha estivesse em sua cabeça, ela iria para a guerra, forçando milhares de Bellonans a invadir um reino e lutar contra um povo que não fez nada de errado.

Sem dúvida, Vasilia passaria os próximos meses que antecederiam o Solstício de Verão em busca de aumentar o apoio à guerra e espalhar ainda mais mentiras sobre os Andvarians. No momento em que o solstício chegasse, todo o reino estaria gritando por sangue de Andvarian.

— Bem? — exigiu Vasilia.

Serilda se recostou na cadeira. Meu coração afundou novamente. Agora chegou o momento em que Serilda mostraria suas verdadeiras cores. Ela seria seduzida pelas belas palavras de Vasilia e pela promessa de poder, como todo mundo.

— Estou honrada. Verdadeiramente estou.

— Mas? — disse Vasilia em uma voz afiada.

Serilda fez um gesto para a arena. — Mas este é meu negócio, minha responsabilidade. Tenho compromissos que não posso abandonar.

— Nem mesmo pela sua rainha em uma hora de necessidade? — perguntou Vasilia.

Ela encurralou Serilda em um canto, mas a outra mulher inclinou a cabeça novamente. — Talvez haja outro jeito... um jeito melhor, que eu possa servir você.

— Como assim?

Serilda fez um gesto para a arena novamente. — Minha tropa sairá em turnê... por Andvari.

Sullivan mencionou uma turnê quando cheguei ao complexo, mas não ouvi nada mais sobre isso, então eu assumi que estava cancelada. Mas Serilda estava fazendo parecer que aconteceria em breve.

— Nosso passeio nos levará a várias cidades ao longo de Andvari, incluindo a capital — continuou Serilda. — Talvez eu possa usar nossas andanças como uma maneira de reunir informações sobre segurança de fronteira, movimentos de tropas e afins. Para fazer sua marcha para Andvari muito mais suave e assegurar-lhe uma vitória rápida e decisiva.

Vasilia tamborilou os dedos, fingindo pensar nisso, mas notei o leve tremeluzir de satisfação em seu rosto. Ela não queria que Serilda trabalhasse para ela. Não, por alguma razão, ela queria Serilda fora do caminho, fora de Bellona, embora eu não pudesse imaginar o porquê. Talvez porque Serilda tivesse ousado sugerir que outro membro da família real poderia ter sobrevivido ao massacre.

— Sim, vejo o seu ponto — assentiu Vasilia. — Esse tipo de informação seria bastante útil, especialmente desde que pretendo queimar Andvari até o chão. Quando você planeja ir?

— Em três semanas — disse Serilda, embora eu pudesse sentir o cheiro da mentira esfumaçada em suas palavras.

Vasilia assentiu novamente. — Bom. Então vamos falar exatamente aonde você irá e como poderá me manter atualizada da melhor forma.

Serilda inclinou a cabeça.

E assim, o negócio foi fechado, e as duas começaram a falar sobre a logística de se comunicar através de uma distância tão longa.

Vasilia se inclinou novamente, ouvindo tudo o que Serilda dizia e fazendo perguntas. Ela fez tudo o que se esperaria de uma rainha nessa situação, inclusive dizendo a Felton para tomar notas e pedir a Nox para se certificar de que Serilda tivesse tudo o que ela precisaria para sua nova missão de espionagem.

Mas quanto mais tempo as duas falavam, mais os olhos de Vasilia ficavam mais frios, e mais eu me afundava, sentindo que acabara de condenar Serilda e todos os outros da tropa do Cisne Negro à morte.



Capítulo 20

Os acrobatas terminaram suas acrobacias, os caminhantes de arame desceram de suas plataformas, e o segundo show finalmente terminou.

Vasilia e Serilda terminaram as negociações. Os holofotes se concentraram em Vasilia novamente, e ela deu um breve discurso sobre o quanto gostou do show. Então ela caminhou até o fundo das arquibancadas e se misturou com a multidão, apertando as mãos novamente, com Nox, Felton e seus guardas se arrastando atrás dela. Alguns minutos depois, ela saiu da arena e todos os outros saíram também.

Duas horas depois, saí de um dos banheiros do quartel, meu cabelo solto e molhado, roupas grudadas na minha pele úmida e várias penas negras apertadas na minha mão. Assim que a multidão havia esvaziado o complexo, e o portão da frente foi fechado e trancado, os membros da tropa foram ao refeitório para comer e celebrar outro show de sucesso. Eu pulei as festividades, pedi que Aisha curarasse meu braço, e fui ao quartel em vez disso.

Eu não queria o sangue de Emilie em mim um segundo a mais do que o necessário.

Tomei um longo banho quente para lavar todo o sangue, suor e sujeira da arena, bem como a maquiagem ridícula de cisne negro. Demorei um pouco mais para tirar os cristais azuis do meu rosto e puxar as penas pretas do meu cabelo. Joguei os cristais no lixo, mas guardei as penas. Eu não sabia a razão.

Eu esperava que o quartel estivesse deserto, mas Paloma entrou enquanto eu estava no chuveiro. Ela estava sentada na sua cama olhando para os três objetos dispostos no seu cobertor de ogro verde – a pena branca envenenada que Sullivan me dera, a pulseira de prata que Alvis fizera para mim, e a pedra de memória opala que eu pegara no gramado real.

Eu não disse a Paloma para *não* olhar na bolsa e, é claro, ela teria curiosidade suficiente para abri-la. Meu estômago se apertou de preocupação, mas eu me aproximei, sentei na minha cama ao lado da dela e coloquei as penas pretas na mesa de cabeceira.

Paloma pegou a pulseira e estudou o desenho. — Linda. — Ela entregou para mim. — Onde você conseguiu isso?

— Um... amigo me deu, antes de eu... deixar minha nova senhora. Nunca tive a chance de usá-la. Não realmente.

Eu não abri a bolsa em todas as semanas que estive aqui, e foi quase como se estivesse vendo a pulseira pela primeira vez. Os elos de prata estavam muito mais brilhantes do que eu me lembrava, e a faixa de espinhos que elas formaram parecia mais afiada e mais pronunciada, como se as pontas tirariam sangue se você as tocasse. E então havia a coroa no centro. Os sete fragmentos de tearstone se encaixavam perfeitamente, embora parecessem um azul-escuro muito mais escuro, apesar do brilho constante.

Rainhas Summer são finas e justas, com lindas fitas e flores no cabelo. Rainhas Winter são frias e duras, com coroas foscas feitas de fragmentos de gelo. As vozes de Cordelia e Serilda sussurravam em minha mente.

O choque percorreu meu corpo e passei o dedo pela joia. Isso certamente parecia uma coroa fosca feita de cacos de gelo, embora eu ainda não tivesse ideia do que a frase de contos de fadas significava, por que as duas mulheres citaram, ou até mesmo porque Alvis fizera essa pulseira para mim. O que todos eles sabiam que eu não sabia?

Soltei a pulseira na bolsa de veludo preto, junto com a pena envenenada e a pedra de memória. Eu hesitei, depois enfiei uma das penas pretas na bolsa, antes de puxar os cordões apertados e amarrar o saco ao meu cinto como de costume.

Paloma recostou-se contra o estrado da cama. — Você vai me dizer agora que tipo de magia você tem?

Minha cabeça se levantou. — O que você quer dizer?

— Primeiro, você se livra do veneno no meu corpo. Então, esta noite, você tirou a velocidade de Emilie como você disse que faria.

Eu abri minha boca para protestar, mas Paloma balançou a cabeça.

— Eu lutei com Emilie mais do que qualquer outra pessoa na tropa. Eu sei *exatamente* quão rápida ela é. Mas depois que você bateu nela com o seu escudo, ela estava muito mais lenta. É como se toda a magia dela tivesse desaparecido. Bem desse jeito. — Paloma estalou os dedos. O som áspero me fez estremecer. — Emilie perdeu sua magia. Apenas por alguns segundos, mas foi o suficiente para você matá-ela. Então, como você fez isso, Evie?

Meu olhar caiu para a marca de ogro em seu pescoço. — Eu vou te dizer que tipo de magia eu tenho se você me disser porque você nunca se transforma.

O rosto de Paloma se encolheu. Pensei que ela não ia responder, mas ela começou a falar em voz baixa. — Minha mãe era uma metamorfa ogro. Ela desapareceu quando eu era criança. Não sei o que aconteceu com ela. Se ela ficou doente e morreu, se ela foi morta, ou se apenas fugir. Mas meu pai nunca superou isso. Quando fiquei mais velha, eu parecia mais e mais com ela, especialmente quando se tratava da minha metamorfose.

Ela tocou a mecha loira de cabelo que envolvia o rosto de ogro em seu pescoço. Ela fez uma careta e o mesmo aconteceu com o ogro. Então ela afastou a mão e recomeçou a falar, as palavras saindo mais rápido, como se deixassem um gosto ruim em sua boca, e ela queria cuspi-las o mais rápido possível. — Meu pai odiava que eu me parecesse tanto com minha mãe, mas ele odiava quando eu me transformava. Nunca entendi a razão. Eu acho que lhe lembrava dela muito mais. Tentei parar de mudar, mas os metamorfos precisam, bem, se transformar de vez em quando, especialmente quando somos mais jovens. É apenas parte de quem nós somos. Quando eu tinha dezesseis anos, meu pai disse que não poderia mais viver com um monstro em sua casa, e me expulsou. Eventualmente, eu me juntei à tropa do Cisne Negro, e estive aqui sempre desde então.

Eu poderia dizer que havia mais na história dela – muito mais – mas eu também sabia que ela havia me dito tudo o que ela podia hoje à noite. Meu coração doeu por Paloma. Meus pais podem ter sido assassinados, mas eles me amaram, e minha mãe morreu tentando me proteger. Mesmo em Seven Spire, Isobel e Alvis cuidaram de mim de suas próprias maneiras, e ninguém nunca me fez sentir como um monstro, como se eu fosse uma aberração da natureza que não deveria existir. Bem, ninguém exceto Vasilia, mas isso foi só porque ela era uma cadela sem coração.

Agarrei a mão de Paloma e dei um aperto suave. — Eu sinto muito. Seu pai não deveria ter tratado você assim. Você *não* é um monstro.

Ela encolheu os ombros, tentando fingir que não importava, mas a mágoa tremeluziu em seus olhos âmbar, assim como nos correspondentes do ogro. — Sua vez.

Todos aqueles velhos sussurros e avisos de minha mãe surgiram em minha mente, sobre como eu nunca poderia contar a ninguém – *nunca* – sobre meu poder. Sobre como eles me machucariam e me usariam se soubessem da minha imunidade. Mas Paloma compartilhou seu segredo e agora era a minha vez. Além disso, eu gostava dela e eu realmente queria que fôssemos amigas, e não apenas porque eu salvara a vida dela. Então eu respirei fundo, soltei, e disse as palavras que nunca havia dito a ninguém, exceto meus pais.

— Eu sou imune à magia.

Ela franziu a testa. — O quê?

— Sou imune à magia. Foi assim que me livrei do veneno em seu corpo e foi assim que tirei a velocidade de Emilie. Tudo o que tenho que fazer é tocar em algo, ou em alguém, com magia, e posso exterminar o poder. Pelo menos por um tempo.

Paloma olhou para a minha mão em cima da dela. — Então você poderia tirar minha magia de metamorfose agora? Apenas me tocando?

Eu podia sentir a magia crepitando através de Paloma, e podia sentir o quão forte ela era. Como uma gladiadora, ela era uma guerreira feroz, mas quando transformada em um ogro, ela seria realmente uma força a ser considerada, talvez até mais forte que Lady Xenia. Mas eu também podia

sentir minha própria imunidade pulsando no meu corpo, querendo atacar e destruir o poder de Paloma.

— Sim, eu poderia tirar sua magia apenas tocando em você.

Para seu crédito, Paloma não se afastou, embora preocupação surgisse em seu rosto. Ninguém nunca queria perder sua magia, seu poder, a coisa que os transformou em quem e o que eles eram. Cuidadosamente tirei minha mão da dela.

— Eu apreciaria se você não dissesse a Serilda, Cho, Sullivan ou qualquer outra pessoa sobre minha imunidade.

— Por que você não quer que eles saibam?

— Eu não quero que ninguém saiba.

— Mas você me disse.

— Sim.

Seus olhos se estreitaram. — Por quê?

Soltei um suspiro exasperado. — Porque somos amigas. Não é por isso que você me contou sobre o seu pai?

Ela olhou para mim, um olhar pensativo no rosto. — Somos amigas, não somos? Amigas verdadeiras.

— Você parece surpresa — disse eu lentamente.

— É difícil ser amigo de alguém com segredos. Isso torna difícil confiar neles. — Paloma foi contundente como sempre. — Talvez um dia você confie em mim o suficiente para me contar o resto dos seus segredos.

— Justo. E talvez um dia você confie em mim o suficiente para me deixar ver você se transformar.

Ela encolheu os ombros novamente, mas suas feições não estavam tão tensas, e o ogro em seu pescoço me deu um pequeno e breve sorriso. Paloma tirou os pés da cama e colocou no chão. — Mas agora, precisamos ir. Serilda quer ver você.

— Por quê?

— Não sei. Ela acabou de me dizer para levá-la à mansão depois que você se limpasse.

Paloma se dirigiu para a porta do quartel. Peguei uma das penas pretas da mesa de cabeceira e a segui.

* * *

Paloma me acompanhou até a casa senhorial, depois voltou ao refeitório para buscar um pouco de comida para nós antes da cozinha fechar para a noite. Eu prometi encontrá-la no quartel.

A porta da frente estava aberta, então entrei. Eu esperava encontrar Sullivan ou alguns dos outros artistas, mas a mansão estava vazia, e andei até a biblioteca na parte de trás.

— Acabou — murmurou uma voz. — Está bem e verdadeiramente acabado e estamos bem e verdadeiramente fodidos.

A voz veio de dentro da biblioteca. Mantendo-me nas sombras, eu me inclinei até que pude espreitar através das portas, que estavam abertas.

Serilda estava sentada em uma cadeira na frente de sua mesa com um copo de sangria na mão. Cho estava sentado em frente a ela, também segurando um copo de sangria. Uma garrafa aberta estava na mesa em entre eles.

— Acabou — repetiu Serilda com uma voz sombria.

— Você não sabe disso — disse Cho em um tom muito mais razoável. — Claro que Vasilia reivindicaria que não houve sobreviventes. Você sabe que ela é uma cobra. Minhas fontes ainda estão pesquisando. Ela não pode ter matado todos os Blairs. Alguém deve ter escapado dos ataques e fugido. Tudo o que temos que fazer é encontrá-los.

Era mais ou menos a mesma coisa que ele dissera na noite em que eu os espionara atrás do refeitório. Mais uma vez, imaginei como eles pareciam saber tanto sobre o massacre. Eles devem tem seus próprios espiões dentro de Seven Spire. Alguns dos guardas mais velhos que serviram com Serilda e Cho ainda podem ser amigáveis com eles. Pelo menos amigável o suficiente para dizer-lhes o que realmente aconteceu.

Vasilia pode ter assassinado os Blairs e todos os outros no almoço, mas centenas de pessoas trabalhavam no palácio, e ela não matou todos eles. Isso teria sido muito suspeito. E nem mesmo Vasilia era poderosa ou intimidadora o suficiente para impedir todos os guardas vira-casaca de se

gabar sobre o que eles fizeram. Boatos, rumores e fofocas sempre foram uma forma de moeda em Seven Spire.

Serilda balançou a cabeça e soltou uma risada amarga. — Não, acabou. Posso ver que acabou. Isso é tudo que eu posso ver malditamente agora mesmo.

Fiz uma careta. O que ela quis dizer? O que ela podia ver que Cho não podia?

— Vasilia ganhou — continuou. — Mesmo se houvesse outro Blair, mesmo se os encontrássemos, duvido que essa pessoa teria as habilidades de luta ou de magia para desafiá-la de acordo com as leis antigas.

Leis antigas? Meu coração apertou, meu estômago revirou, e finalmente percebi que jogo ela queria jogar. Claro. Eu deveria saber o tempo todo. Serilda queria encontrar um membro da família real, um Blair, e colocar essa pessoa no trono em vez de Vasilia, e agora eu sabia exatamente como ela queria fazer isso.

Através de um desafio real.

De muitas maneiras, um desafio real era exatamente como uma competição de círculo preto. Dois membros da família real lutavam até a morte pelo direito de governar. Foi assim que Bryn Blair manteve seu poder e foi rainha por tanto tempo, apesar de todos aqueles que queriam tirar seu novo reino. Bryn matou qualquer um que se atreveu a lutar com ela em um desafio – membro da realeza ou não – até que Bellona se estabilizou e as pessoas aceitaram seu domínio. Alguns historiadores alegavam que as competições de círculo preto dos gladiadores nasceram dos desafios reais, enquanto outros historiadores diziam que era o contrário.

Qualquer que fosse o que veio primeiro, o plano de Serilda era um sonho tolo, na melhor das hipóteses. Vasilia havia planejado assassinar sua mãe por muito tempo para desistir do trono sem lutar, e ela era simplesmente uma guerreira boa demais e muito forte em sua magia para ser derrotada. Mesmo se Vasilia fosse morta em um desafio real, mesmo se alguém a assassinasse do jeito que ela fizera com Cordelia, Maeven ainda esperava nos bastidores. Ela não deixaria seu esquema de começar uma guerra entre Bellona e Andvari se desfazer tão facilmente.

Mas acima de tudo, não pude deixar de me perguntar por que Serilda queria fazer isso. Cordelia a expulsou de Seven Spire em escândalo e desgraça. Então, por que Serilda se importaria tanto com quem era rainha? Ela parecia saber que Vasilia estava por trás do massacre. Talvez Serilda quisesse fazer o que era certo, e ver Vasilia ser levada à justiça, e a guerra evitada. Eu tinha minhas dúvidas, no entanto. Na minha experiência cínica, as pessoas faziam o que era fácil, conveniente ou lucrativo. Eles raramente, ou nunca, faziam o que era *certo*.

O cenário mais provável era que Serilda via isso como uma chance de finalmente se vingar de Cordelia, embora a rainha estivesse morta, e afirmar sua influência sobre Bellona. Afinal, se Serilda colocasse alguém no trono, então essa pessoa ficaria em dívida com ela. Seria tão bom como ser ela mesma a rainha. Não, seria ainda melhor, porque a rainha seria o alvo dos planos e esquemas de todos, em vez de Serilda.

— Além disso, não temos provas da traição de Vasilia — murmurou Serilda. — Para todos os efeitos, ela é a única e legítima rainha de Bellona, e não há nada que possamos fazer para mudar isso.

Mudei de pé. A pedra de memória amarrada ao meu cinto de repente me pareceu tão pesada quanto uma gárgula. Esta era a prova do que Vasilia fizera, junto com a inocência dos Andvarianos.

Cho encolheu os ombros, não concordando muito com ela, mas não descartando suas palavras. — Bem, se os Mortans tiverem o seu caminho, Vasilia não será rainha por muito tempo. Assim que ela conquistar Andvari para eles, eles se voltarão para Bellona. Uma vez que ela cair, os Mortans vão matá-la e colocar um de seus membros da realeza no trono. E eles não pararam por aí. Andvari, Bellona, Unger, Ryusama, Vacuna. Eles conquistarão todos os reinos.

Ele ficou em silêncio, e os dois bebericaram sua sangria, contemplando aquela horrível possibilidade.

Finalmente, Serilda sacudiu a cabeça novamente, como se estivesse limpando os pensamentos perturbadores. — Bem, não é nosso problema mais. — Sua boca torceu. — Nós vamos em turnê, lembra?

— Você sabe que Vasilia virá atrás de nós, virá atrás de você — disse Cho.

— É por isso que estamos deixando Bellona o mais rápido possível. Lucas diz que os Andvarians nos receberão. Se não pudermos salvar Bellona de Vasilia, podemos tentar salvar Andvari dela e dos Mortans.

Por que Vasilia viria atrás de Serilda? Por que ela se importaria com a antiga guarda de sua mãe? Especialmente se Serilda estava partindo? Algo mais estava acontecendo aqui, algo que eu não estava vendo.

— Bem, então parece que é você e eu contra o mundo novamente. — Cho estendeu o copo. — Até o fim?

Serilda sorriu, como se fosse uma velha piada entre eles. Ela bateu o copo contra o dele, completando o brinde sombrio. — Até o fim.

Cada um deles tomou outro gole de sangria, olhando um para o outro. Cho hesitou, depois estendeu a mão e gentilmente tocou a bochecha de Serilda. Ele acariciou o polegar sobre a cicatriz do sol no canto do olho dela, suas emoções claras em seu rosto. Vasilia estava certa. Eu não sabia o que era essa coisa entre eles, ou se eles já agiram sobre isso, mas era óbvio que Cho amava Serilda. E ela o amava também, dada a maneira que o rosto dela suavizou e o desejo em seus olhos.

Mas ela não estendeu a mão para ele, e não o encorajou a se inclinar e beijá-la. Depois de mais alguns segundos, Cho afastou a mão do rosto dela, desviou o olhar e colocou o copo na mesa.

— Devo certificar-me de que os guardas do portão estão em alerta máximo. Apenas no caso de Vasilia enviar alguém para nos matar em nosso sono esta noite. — Seu tom era leve, mas ele não estava realmente brincando.

— Boa ideia — murmurou Serilda.

Cho levantou e virou para as portas. Dei um passo à frente e bati na madeira, como se tivesse acabado de chegar.

— Ah, aí está você. — Serilda levantou e deu a volta por trás de sua mesa.

Cho sorriu para mim. — Parabéns, Evie.

Parecia errado agradecê-lo quando eu havia matado alguém, então eu acenei. Cho piscou para mim e depois saiu da biblioteca, fechando a porta.

Serilda acenou para eu me aproximar de sua mesa. Ela abriu a gaveta no centro, tirou um pequeno livro preto, e entregou para mim. — Seus ganhos da competição desta noite, como prometido. Já depositado em um banco de Bellonan. Você pode acessar os fundos quando quiser.

Abri o livro e li o valor registrado na primeira página. Meus olhos se arregalaram quando contei os zeros. — Trinta mil coroas de ouro? Você está me dando *trinta mil coroas de ouro* por ter ganhado?

Era uma fortuna não tão pequena. Apesar de todo o meu esforço, poupando e trabalhando para Alvis, eu não tinha tanto dinheiro em todas as minhas contas no banco do palácio, nem perto. Trinta mil coroas de ouro... Com esse dinheiro, eu poderia ir a qualquer lugar e fazer quase qualquer coisa. Eu poderia até voltar a Winterwind, a propriedade da minha família nas montanhas do norte, e comprar a propriedade. Sob um pseudônimo, claro.

Se isso tivesse acontecido quando cheguei à tropa pela primeira vez, eu já estaria fazendo as malas para partir, para ficar o mais longe possível de Vasilia. Mas agora... agora eu não sabia o que eu queria.

Oh, eu não planejava derramar minhas entranhas e contar a Serilda quem eu realmente era, muito menos deixá-la me usar em seus jogos no palácio, mas eu não me arrastaria silenciosamente pela noite também. Paloma era minha amiga, minha verdadeira amiga, e eu não queria deixá-la para trás, mais do que eu queria deixar Isobel e Alvis para trás de Seven Spire.

Cho, Aisha, Theroux e até Serilda. Eu me importava com todos eles. E Sullivan... bem, eu senti mais por Sullivan do que eu deveria, algo que ia muito além de apenas lutar e foder.

E se o que Serilda e Cho disseram fosse verdade, então toda a tropa estava em perigo. Eu não podia apenas ignorar essa ameaça e ir embora. Vasilia já havia tomado muito de mim. Ela não pegaria qualquer outra coisa. Eu queria ficar e ajudar, de qualquer maneira que eu pudesse. Além disso, eu prometi a mim mesma que protegeria as pessoas com quem eu me importava, em vez de abandoná-las para morrer.

Eu não poderia viver comigo mesmo se fizesse menos.

— Bem, se eu soubesse que um pouco de ouro poderia te chocar tanto, eu teria jogado algumas coroas há muito tempo — disse Serilda, quebrando o silêncio.

Eu não podia contar meus pensamentos, então balancei a cabeça, como se ainda estivesse atordoada pela soma. — Não posso acreditar que você está me dando tanto dinheiro.

— Bem, o vencedor geralmente só recebe dez mil, mas você negociou por três vezes isso, lembra? — Serilda arqueou uma sobrancelha. — Além disso, você ganhou cada coroa.

— O que você quer dizer?

Ela pegou a garrafa e serviu mais sangria em seu copo. — As chances contra você eram terríveis. Emilie era uma favorita de cinquenta para um de ganhar. Suas trinta mil coroas são apenas uma pequena parte da fortuna ainda maior que eu fiz quando você a derrotou.

— Você realmente apostou em mim para vencer? Por que você faria isso?

— Vamos apenas dizer que eu poderia ver além das probabilidades. — Ela sorriu e tomou outro gole de sangria.

Ver além das probabilidades? O que isso significa? Meu olhar focou no cisne negro na flâmula branca na parede atrás dela. Raiva surgiu através de mim. Eu estava cansada de Serilda Swanson e todos os seus enigmas malditos. Coloquei a mão no bolso, tirei uma das penas pretas do meu traje e joguei na mesa dela.

— Por que você realmente apostou em mim? — rosnei. — E por que você me vestiu como um cisne negro?

— Venha comigo.

Ela encheu o copo com mais sangria, depois abriu uma das portas de vidro na parede dos fundos e saiu. Mais raiva surgiu através de mim por ela não responder minhas perguntas, mas minha curiosidade venceu e eu a segui.

Serilda percorreu um caminho que corria ao lado do riacho que atravessava os jardins. Eu me perguntava para onde o riacho conduzia e, esta noite, obtive minha resposta. Nós andamos por uma ponte de pedra, e percebi que a corrente alimentava um grande lago bem no fundo dos jardins.

Dois postes de luz ficavam no final da ponte, as luzes estendidas sobre a lagoa e fazendo a água brilhar tanto quanto todas aquelas coroas de ouro que eu ganhei. Cataratas vertiginosas cercavam a área como soldados montando guarda, enquanto lírios de água azuis e brancos subiam e desciam na lagoa, girando de um lado para outro, como se estivessem dançando em cima da corrente ondulante, assim como as duas criaturas no centro da água.

Cisnes negros.

Penas negras da meia-noite, pescoços longos e curvos, bicos azuis e olhos azuis brilhantes. Os dois cisnes eram requintados, o epítome da beleza e da graça, enquanto vagavam lentamente de um lado ao outro. Pela primeira vez, entendi por que Serilda escolheu a criatura como seu símbolo pessoal.

Serilda encostou-se à cerca de madeira caiada que separava a lagoa do resto dos jardins. Eu tomei uma posição a poucos metros de distância. Nós olhamos para os cisnes, observando as criaturas pegarem insetos e pedaços de plantas da superfície da água.

— Você já viu um cisne negro? — perguntou Serilda.

— Minha mãe me levou a um zoológico uma vez. Eles tinham um par de cisnes negros. Chegamos lá na hora da alimentação, e ela me deixou atirar flores na água para eles comerem.

Quase me esqueci daquele passeio há muito tempo. Minha mãe e eu passamos o dia todo no zoológico, andando por aí, alimentando as gárgulas, strix e caladrius, e comendo cornucópia e outras guloseimas. Por um momento, os fracos ecos de nossa risada feliz encheram meus ouvidos, mas o assobio do vento sobre a lagoa abafou rapidamente os sons.

— Quando eu estava em Seven Spire, muitas vezes eu ia até o rio, nesta enseada escondida com lírios de água e cattails crescendo das rochas. A água era muito mais calma lá, e eu sentava a margem e observava os cisnes negros. — Uma nota melancólica entrou na voz de Serilda.

Eu sabia o lugar exato que ela falava. Era um bom lugar para se esconder dos planos do palácio e da política, embora eu nunca tivesse visto cisnes negros lá. — Parece adorável.

— Era lindo. — Seu rosto escureceu. — Até que alguém matou os cisnes.

— Por que alguém mataria os cisnes?

— Porque ela podia. — Serilda cuspiu as palavras.

Uma lembrança vaga surgiu em minha mente, desde a primeira vez que fui à enseada. Não havia sido adorável então. Os lírios de água e cattails foram queimados até as cinzas, e o cheiro da morte encheu o ar, tão forte que só fiquei por alguns minutos. Eu me lembrei de outro perfume daquele dia, um que eu reconheceria em qualquer lugar – o fedor do raio de Vasilia.

Vasilia havia matado os cisnes. Tinha que ser sobre ela que Serilda estava falando. Mesmo quando criança Vasilia teria o poder de fazer isso, e abater criaturas inocentes não teria a perturbado absolutamente. Mas claro, eu não poderia dizer nada a Serilda, então fui com uma simples comiseração.

— Sinto muito. — E eu realmente sentia. Eu sabia o que era perder algo que você amava para Vasilia.

Serilda deu de ombros como se não a incomodasse, embora eu pudesse ver o quanto isso acontecia. Ela não falou novamente durante quase um minuto. — Cisnes negros são muito feios quando chocam pela primeira vez. Tudo neles é cinzento e manchado, dos olhos aos bicos e às penas.

— Então?

— Então, enquanto os cisnes crescem, seus olhos e bicos brilham, e suas penas escurecem até parecerem estes. — Ela apontou para as duas criaturas graciosas flutuando ao redor da lagoa. — Assim como você era feia quando chegou aqui. Bem, não feia no sentido físico. *Não qualificada* seria uma palavra melhor. Mas esta noite, na arena, você se transformou em algo mais, algo maior do que era antes. Assim como os cisnes mudam conforme crescem.

Bufei. — Essa é a coisa mais ridícula que eu já ouvi.

— Por que é ridículo? Eu vi o seu potencial naquele primeiro dia, quando você enfrentou Sullivan no ringue de treinamento.

— Porque eu usei uma espada em vez de um escudo? — bufei novamente. — Paloma me contou sobre o pequeno teste. Isso não significa nada. A espada era mais leve que o escudo. É por isso que eu usei.

— E hoje você usou as duas armas — retrucou Serilda. — Se isso não é progresso, então não sei o que é.

— Uma mulher está morta. Dificilmente chamaria isso de *progresso*.

— Claro que sim — respondeu ela. — Especialmente desde que você não é aquela que está morta.

Não pude discutir com isso.

Serilda tomou outro gole de sua sangria, um olhar especulativo em seus olhos. — Eu treinei muitas pessoas ao longo dos anos. Guardas do palácio e gladiadores. Você poderia ser um dos melhores. Você é mais rápida do que Paloma, mais determinada que Cho, mais implacável que Lucas. Um dia, você pode até ser melhor do que eu, Evie.

Foi a primeira vez que ela me chamou de outra coisa senão *menina*, mas eu ainda ri. — Você bebeu muita sangria.

— Oh, não bebi o suficiente. Não sou piegas e divago sobre os bons dias de antigamente ainda, mas eu farei em breve. — Ela drenou o resto da sangria, depois brindou-me com o copo vazio.

— E o que me dá tanto *potencial*?

Ela nem precisava pensar nisso. — Sua raiva.

— Raiva? Eu não tenho raiva.

Assim que eu disse as palavras, senti o cheiro esfumaçado da mentira no ar. Eu tinha raiva. Eu *sempre* tive raiva, desde que meus pais foram assassinados, e tudo o que aconteceu comigo desde então só alimentou isto – crescer no palácio, ser a substituta real, a crueldade de Vasilia, perder Isobel, Cordelia e todos os outros no massacre.

Serilda riu. — Oh, você tem muita raiva. Não sei o que aconteceu com você, ou quem fodeu com você, mas eles fizeram um trabalho real. Você está com raiva desde o momento em que chegou aqui.

Fiz uma careta. Se ela soubesse quão verdadeira era a parte *real*.

— Algumas pessoas seriam agradáveis, chamariam de impulso, determinação ou ambição. Mas eu gosto de chamar o que é – raiva. — Ela encolheu os ombros. — Não é uma coisa ruim. Você realmente tem o melhor tipo de raiva.

Não pude deixar de fazer a pergunta inevitável. — E que tipo é esse?

— A maioria da raiva é quente, imprudente, estúpida. — Ela inclinou a cabeça para o lado, me estudando. — Mas a sua é fria, controlada, calculada.

Você pensa em tudo antes de dizer uma palavra, dar um passo, fazer um movimento. Assim como você fez hoje à noite na arena quando largou sua espada. Você tinha um plano e sabia que da próxima vez que pegasse a espada, você mataria Emilie com ela. A raiva fria é sempre a melhor raiva.

— E que tipo de raiva você tem?

— Agora mesmo? O tipo bêbado desleixado. — Serilda me brindou com o copo vazio de novo. Suas bochechas estavam coradas e seus olhos estavam brilhantes, mas eu não acreditava que ela estivesse bêbada. Nem por um segundo.

Balancei a cabeça. — Você está errada sobre mim. Eu não sou uma gladiadora, não sou uma guerreira, e certamente não sou um cisne negro.

— O que você é então? — Sua voz era suave, mas desafiadora.

Meu olhar passou por ela e me concentrei no palácio à distância. Luzes brilhavam em todos os níveis de Seven Spire. Antes do massacre, eu teria pensado que os brilhos dourados suavizavam as paredes rochosas e faziam o palácio parecer caloroso e convidativo. Hoje à noite, eles me lembraram dos olhos de algum monstro, espreitando no escuro e esperando para saltar das sombras e engolir tudo e todos em seu caminho. Estremeci e olhei para Serilda novamente.

— Não sei o que sou — murmurei. — Além de cansada dessa conversa. Vou para a cama. Você deveria fazer o mesmo.

Encarei os cisnes negros novamente, mas as criaturas ainda estavam deslizando pela lagoa, mordiscando brotos tenros de nenúfares e taboas. Eu invejava sua vida simples de serenidade. Suspirei e virei para sair.

— Raiva fria, Evie — falou Serilda atrás de mim. — Isso é o que salvou sua vida na arena hoje à noite, e é isso que vai salvá-la novamente algum dia. Marque minhas palavras. Então você também pode abraçá-la!

Sua voz soou com uma verdade que não pude negar. Não essa noite. Não depois de matar Emilie. Mas eu não queria ouvir mais seus enigmas, então abaixei a cabeça, cruzei os braços sobre o peito e caminhei para longe.

O riso de Serilda me perseguiu pelos jardins.

Parte 03

A COROAÇÃO DA RAINHA



Capítulo 21

Na manhã seguinte, eu fui ao refeitório como de costume, mesmo que eu não soubesse o que poderia me receber. Afinal, Emilie estava com a tropa há muito tempo e eu a havia matado.

No segundo em que entrei na cozinha, todos pararam o que estavam fazendo e se viraram para mim. Theroux, os outros mestres cozinheiros, os servidores. Todos olhavam para mim.

E então todos começaram a bater palmas.

— Parabéns!

— Nós sabíamos que você poderia fazer isso!

— Muito bem, Evie!

Todos sorriram, aplaudiram e gritaram saudações. Eu tentei sorrir, embora pudesse sentir meu rosto torcendo em uma careta de desgosto. Abaixei minha cabeça e andei para a minha estação de preparação.

Duas horas depois, eu estava fazendo raspberry-crème danishes quando Serilda entrou no refeitório, seguida por Cho e Sullivan. Todas as conversas pararam, e todas se concentraram na líder da tropa.

— Antes de mais nada, quero agradecer a todos por participarem não só de um grande show, mas de dois na noite passada. Vasilia ficou satisfeita com suas apresentações. — Seus lábios franziram, como se dizer o nome de Vasilia deixasse um gosto ruim em sua boca. — E, claro, eu quero parabenizar o nosso Cisne Negro por dar a multidão uma luta tão emocionante.

Ela começou a bater palmas. Todos olharam para mim e se juntaram. Mais uma vez, eu tentei sorrir, no entanto meu rosto se contorceu em outra careta.

Serilda podia ver quão desconfortável a atenção estava me deixando, mas ela estava esfregando no meu rosto de qualquer maneira. Cadela presunçosa e arrogante. Não importava o que ela pensava, eu não era um cisne negro, e certamente não me tornaria o seu cisne negro.

Finalmente, os aplausos cessaram, e todos olharam para ela novamente.

— Tenho um anúncio final que eu acho que todos vocês vão gostar — disse Serilda. — Estamos saindo em turnê.

Sussurros animados ondularam no meio da multidão, junto com mais e mais, e até mesmo alguns assobios. Aparentemente, sair em turnê era muito mais importante do que eu percebi.

— Quero capitalizar sobre o sucesso da partida de círculo negro da noite passada, e mostrar a todos que o Cisne Negro é a melhor companhia não só em Bellona, mas em todos os reinos — disse Serilda. — Sairemos o mais cedo possível. Cho e Sullivan têm suas atribuições. Então comam, meus amores. Vocês precisarão de sua força.

Meu trabalho era ajudar Theroux e os outros a arrumarem panelas, frigideiras e comida para a viagem. Mas embalar não era mais importante que treinar, porque Theroux ainda me expulsou da cozinha.

Então eu fui para o quartel, mudei para minhas roupas de luta e fui para o ringue de treinamento com Paloma. Eu parei em uma das portas e olhei para os outros gladiadores já reunidos lá dentro, alongando, aquecendo e afiando suas armas.

— Por que você parou? — perguntou Paloma. — Você sabe que Sullivan odeia quando alguém está atrasado.

— Porque eu matei Emilie. Ela não era uma personagem aleatória, ou alguma gladiadora de uma companhia rival. Seja como for ou não, ela era uma de nós. Eles estão lá e lutaram ao longo do caminho, e por muito mais tempo do que eu.

Paloma colocou a mão no meu ombro. — Não se preocupe. Tudo ficará bem. Todo mundo vai honrar o código.

— Código? Que código?

Ela me deu um olhar sério. — Que os mortos estão mortos, e nós não guardamos rancor contra esses mortos ou quem os matou na arena. Lutar uns contra os outros, machucá-los, algumas vezes matá-los, é a vida de um gladiador. É a sua vida agora, Evie. E se você gosta ou não, você é realmente muito boa nisto. Então você também pode aceitar.

Antes que eu pudesse protestar que eu não queria ser boa em matar pessoas, ela abriu o portão e me empurrou. Paloma se dirigiu para as prateleiras de armas, e eu a segui. Olhei ao redor, esperando alguém gritar comigo por matar Emilie, ou talvez até brandir sua espada e me atacar, mas era exatamente o oposto. Todo mundo sorriu e assentiu, e algumas pessoas ainda saíram do meu caminho para eu poder passar por elas.

Os outros gladiadores realmente me *respeitavam* agora.

Antes, eles simplesmente me toleravam, mas agora que eu matei Emilie, eles me viam como igual. Com um impulso da minha espada na arena, eu me transformei de novata a gladiadora de pleno direito. Eu não sabia como eu me sentia sobre isso, mas Paloma estava certa. Esta era a minha vida agora, então eu fui para as prateleiras de armas, onde encontrei outra surpresa. O nome de Emilie foi apagado do quadro-negro que indicava os rankings de gladiadores, e o meu foi rabiscado em seu lugar, logo abaixo do nome de Paloma. Eu fiz uma careta.

Um dos portões se abriu e Sullivan entrou no ringue, carregando uma bainha de couro preto.

Eu não imaginava que você seria tão bonito. Ou muito educado. Então, novamente, suponho que os príncipes bastardos tenham que se importar com suas maneiras mais do que a maioria, não é? A voz maliciosa de Vasilia ecoou em minha mente.

Eu havia encontrado mais de um bastardo real em Seven Spire, e todas as pistas de que Sullivan era um deles estavam bem na minha frente – os móveis de luxo em sua casa, o corte fino de seu casaco, e especialmente a maneira forte e confiante que ele se comportava. Lucas Sullivan e eu tínhamos

muito mais em comum do que eu imaginava com nossas criações reais. Ainda assim, eu me perguntava como um príncipe bastardo Andvariano acabara com uma tropa de gladiadores de Bellonan.

Ele caminhou até Paloma e eu. Acenou para Paloma, que acenou de volta, pegou uma espada do rack, e juntou-se aos outros gladiadores.

Então Sullivan se virou para mim, a cautela piscando em seu olhar. Eu conhecia esse olhar. Os bastardos da realeza eram muitas vezes usados impiedosamente nos jogos do palácio. Ele provavelmente confiava nas pessoas ainda menos do que eu.

— Olá, Sully — disse seu nome da mesma forma que eu havia dito cem vezes.

Ele piscou surpreso. Ele esperava que eu zombasse dele de novo chamando-o de *principezinho*, mas eu nunca faria isso. Não quando eu sabia o quanto aquela palavra o machucou.

Sullivan afastou o olhar do meu e ficou de pé. — Não tive a chance de te dizer antes, mas achei que você se saiu muito bem na arena na noite passada.

Arqueei uma sobrancelha. — Eu matei Emilie, e tudo que eu recebo de você é *muito bem*? Quão decepcionante. Você não vai bater palmas e me dizer como eu sou incrível como todo mundo?

— Bem, eu não gostaria que você ficasse mais arrogante do que já é.

— Ah, receio que seja tarde demais para isso.

Eu sorri e ele realmente sorriu para mim. Por alguma razão, ver aquele pequeno levantar de seus lábios aliviou um pouco do desgosto, preocupação e tensão dentro do meu próprio peito.

Mas o sorriso de Sullivan desapareceu rápido demais e ele estendeu a bainha na sua mão. — Aqui. Serilda quer que você comece a treinar com isso. É mais leve que as outras espadas.

Eu tirei a bainha dele. Não era nada extravagante, e a superfície era clara, exceto pela pena de cisne estampada no couro preto.

Eu fiz uma careta. — Por que Serilda quer que eu treine com isso?

— Você teria que perguntar a ela.

Olhei para a mansão. Serilda estava na varanda do segundo andar, relaxando na cadeira. Ela sorriu e brindou-me com o copo, como na noite anterior.

— Eu não sou um maldito cisne — murmurei.

Sullivan franziu a testa. — O que você disse?

Serilda zombeteiramente me saudou com o copo novamente.

— Nada — murmurei novamente, me afastando dela. — Nada mesmo.

* * *

Os próximos dias correram, e uma semana depois da competição do círculo negro, a tropa do Cisne Negro deixou Svalin.

Algumas pessoas ficaram para trás para ficar de olho no complexo, mas todos os outros entraram em enormes vagões com paredes de madeira e telhados planos cobertos por pináculos pontiagudos que eram puxados por as gárgulas mais antigas da tropa. Serilda, Cho e Sullivan viajaram em uma carruagem luxuosa e almofadada puxada por um par de cavalos de Floresian, enquanto Paloma e eu estávamos enfiadas em uma carroça com vários outros gladiadores. Paloma colocou um travesseiro entre a cabeça e a parede e foi dormir, mas eu olhei pela janela para a paisagem.

Deixamos o complexo do Cisne Negro antes do amanhecer, então a cidade estava escura, exceto pelas luzes que queimavam nas padarias e açougues. Essas pessoas já estavam trabalhando duro amassar pães, doces e croissants do dia, bem como fatiar cortes de carne.

Além da guarda ocasional da cidade, as únicas outras pessoas que saíam tão cedo eram os mineiros. Todos usavam pesados macacões azuis e botas pretas de trabalho, com lancheiras de lata balançando nas mãos e faróis de fluorestone descansando como coroas em cima de seus capacetes duros e sulcados.

Eu sorri enquanto rolávamos pelas ruas ao lado deles. Meu pai, Jarl, foi um deles, embora ele tenha tido a sorte de eventualmente comprar e estabelecer sua própria mina perto de Winterwind, a propriedade da minha mãe. Algumas das minhas lembranças favoritas eram de passar o tempo nas

minas frescas e escuras com ele, movendo-se de um eixo para outro, olhando para as interessantes formações rochosas, e cinzelando pedaços de tearstones das paredes.

Os vagões da tropa seguiram os mineiros até as estações de trem na periferia da cidade. Daqui os mineiros subiam em carroças que os levariam até o topo das Montanhas de Spire que cercavam a cidade. Então os mineiros levariam outra série de carroças até os poços, onde cavariam fluorestones e mais do ventre das montanhas.

As carroças pararam em frente a uma das estações de trem para permitir que os mineiros passassem, mas não eram as únicas pessoas aqui. Dezenas de guardas vestidos com túnicas fúcsia e peitorais de ouro perambulavam pela multidão. Todos os guardas seguravam espadas e alguns também seguravam longos chicotes negros.

Eu fiz uma careta. Os mineiros conheciam seus negócios melhor do que ninguém, e os guardas nunca foram postados nas estações ferroviárias antes. Pelo menos não tantos. E nenhum com chicotes.

Um dos guardas levantou o chicote e bateu-o no chão aos pés de um mineiro que mal se arrastava. O mineiro se encolheu e se afastou.

— Vamos! — gritou o guarda. — Mova isso! Essas pedras não vão se desenterrar das montanhas!

Ele estalou o chicote contra o chão novamente, e o mineiro correu para subir em um carrinho de metal. Todos os mineiros abaixaram a cabeça, como se estivessem com medo de que o guarda fosse acertar o chicote em suas costas em seguida.

Isso deveria ser de Vasilia, já que os guardas usavam suas cores. A mineração era uma das principais indústrias da cidade e do reino. Sempre foi um trabalho duro, sujo e perigoso, mas agora parecia que Vasilia queria que fosse uma forma de escravidão também.

Eu sabia que Vasilia assumiria o controle de tudo na capital e além, mas ver os mineiros mostrava o quanto sua crueldade afetaria todos em Bellona de uma maneira ou de outra. Serilda estava certa sobre uma coisa – qualquer Blair seria um governante melhor do que Vasilia.

Até eu.

Fiz uma careta e afastei esse pensamento. Eu estava ficando com a tropa. Estava protegendo meus amigos. Eu estava fazendo a minha parte. Mas pela primeira vez, eu me perguntei se era o suficiente.

Meu coração apertou forte, mas não consegui ajudar os mineiros. Depois de mais alguns minutos e vários outros estalos do chicote do guarda, as carroças andaram.

Deixamos a cidade para trás, nos dirigimos para o campo, com seus cumes rochosos, colinas cobertas de florestas e rios claros. Esta foi a primeira vez que saí de Svalin desde que cheguei à capital quinze anos atrás, e eu olhei pela janela, bebendo a bela paisagem.

Ainda assim, quanto mais nos afastávamos da cidade, mais preocupada eu ficava. Serilda estabeleceu um ritmo brutal, e nós andamos do nascer do sol até bem depois do pôr do sol todos os dias, com apenas algumas pausas curtas para almoço e jantar.

Estávamos longe da capital agora, mas eu podia ver a preocupação no rosto de Serilda sempre que parávamos para uma refeição rápida, e pude ouvir na voz aguda que ela usava com os guardas que ficavam de vigília à noite. Ela achava que Vasilia viria atrás da tropa, e viria atrás dela.

Duas semanas depois de sairmos de Svalin, chegamos às montanhas, onde as fronteiras de Bellona, Andvari e Unger se encontravam. Todos ficaram tensos e quietos, inclusive eu. A maioria dos membros da tropa eram Bellonans, e estávamos imaginando como seríamos recebidos em Andvari, dada a guerra iminente entre os dois reinos. Além disso, os Ungers eram notórios por patrulhar e proteger suas fronteiras. Um passo errado, um passo errado para Unger, e todo o grupo poderia ser detido – ou pior.

Nós tomamos um café da manhã rápido de mingau de aveia quente com mel e amêndoas, então subimos nos vagões para viajar as últimas milhas de Bellona para Andvari.

E foi aí que a neve começou.

No início, foram apenas algumas rajadas, o que não era uma surpresa realmente. Mesmo que fosse primavera agora, nós estávamos no alto das montanhas, e a neve não era incomum nessa elevação. Todo mundo tirou seus casacos, luvas, lenços e chapéus, e as carroças continuaram.

No meio da manhã, as rajadas transformaram-se em chuva constante que cobria o chão.

Na hora do almoço, a chuva havia se transformado em uma nevasca, e o vento uivava como um bando de lobos-cinzentos mordiscando as rodas dos vagões.

No meio da tarde, a neve era tão profunda que nem as gárgulas conseguiam atravessá-la mais, e fomos forçados a parar e acampar. Os vagões foram manobrados em um círculo, que ajudou a bloquear um pouco da neve e do vento, embora ambos ainda assobiassem através das aberturas. Vários dos mais fortes gladiadores cavaram através da neve para criar poços de fogo de pedra, que Sullivan e os outros magos acenderam com o seu poder. Todos se amontoaram ao redor dos poços, bebendo chocolate quente e mochana, mas havia pouca conversa, e os rostos das pessoas estavam tensos e sombrios. Todos perceberam que morreríamos de frio se a neve não parasse logo.

Fiquei no espaço entre dois dos vagões, olhando para a nevasca. Mesmo que o frio queimasse meus pulmões, eu respirei fundo, deixando o ar rolar na minha língua e saboreando todos os aromas nele. Não era uma tempestade natural, nenhuma tempestade de montanha, nenhuma tempestade de primavera.

Cada floco de neve pingava com o fedor da magia.

Serilda estava certa em fugir de Bellona, mas ainda correra direto para a armadilha de Vasilia. Vasilia não precisava enviar um exército de assassinos para nos matar. Tudo o que ela precisava era de um mago do tempo para criar uma tempestade e nos encurralar na montanha. Agora estávamos presos, como moscas presas na teia de gelo de uma aranha e o mago estava usando cada rajada de neve e de vento para lentamente nos congelar até a morte. O pior de tudo, quando nossos corpos fossem encontrados, nossas mortes seriam consideradas acidentes trágicos, e Vasilia mais uma vez fugiria do assassinato em massa.

A menos que eu descobrisse um jeito de parar a tempestade.

— O que você está fazendo? — resmungou Paloma, batendo os pés. — Volte para o fogo.

Continuei respirando, provando a magia no ar, e tentando identificar de onde ela vinha. O mago precisava estar por perto para controlar a nevasca e garantir que a tempestade permanecesse centrada na nossa localização. Talvez fosse a neve apagando todo o resto, todas as outras cores, texturas e formas, mas eu realmente podia *ver* o poder do mago, como uma costura de minério roxo claro correndo pelo túnel branco na minha frente.

Eu nunca fui capaz de ver magia assim antes. Então, novamente, eu nunca fui pega em uma tempestade de mago. Olhei para a neve e o vento, me perguntando se meus olhos estavam pregando truques em mim, mas lá estava, aquela linha de magia púrpura clara, ondulando pelo ar antes de desaparecer na nevasca. Se eu podia ver a magia, então talvez eu pudesse rastreá-la à sua fonte. Se eu encontrasse o mago, então talvez eu pudesse forçá-lo a parar a tempestade – de um jeito ou de outro.

Eu particularmente não gostava de matar pessoas, mas como Paloma apontou, eu parecia ser boa nisso. E se matar o mago significava salvar a mim mesma e ao resto da tropa, bem, o que era mais uma morte na minha consciência neste momento? Proteger meus amigos era a razão pela qual eu fiquei com a tropa, em vez de pegar meu prêmio em dinheiro e desaparecer, e não vim até aqui para abandoná-los agora.

Além disso, se o mago me matasse, então eu não teria que lidar com minha crescente culpa por quebrar minha promessa a Cordelia. Sobre o fato de que eu estava me escondendo e fugindo com a tropa em vez de ficar em Bellona e lutar contra Vasilia.

— Vamos, Evie — resmungou Paloma novamente. — Antes que meus dedos congelem mais do que já estão.

Eu me afastei da lacuna. — Preciso falar com Serilda.

Paloma suspirou, mas caminhou ao meu lado. Nós passamos pelas pessoas amontoadas ao redor do fogo e chegamos a uma grande tenda instalada dentro do círculo de vagões. Eu levantei a aba de lona pesada para que Paloma pudesse entrar. Eu a segui e deixei a aba cair atrás de mim.

Um fogo crepitava no buraco no canto, tornando esta área ligeiramente mais quente que o espaço interno do círculo de vagões. Sullivan, Cho e Serilda estavam reunidos em torno de uma mesa coberta com mapas. Sullivan e

Serilda estavam empacotados como Paloma e eu, mas Cho só usava um casaco vermelho curto. O fogo interno do dragão provavelmente o mantinha aquecido. Ele provavelmente era o único de nós que sobreviveria ao frio.

— Você tem que me deixar sair daqui — grunhiu Sullivan, andando de um lado ao outro. — Preciso encontrar o bastardo que está controlando a tempestade e o matar antes que todos nós congelemos até a morte.

— Já saímos da estrada para Andvari — respondeu Serilda. — Não temos ideia de onde estamo, muito menos onde está o mago.

— E você não pode matá-lo se não conseguir encontrá-lo — acrescentou Cho.

Sullivan deu a ambos um olhar frustrado e continuou andando.

— E se eu puder encontrá-lo? — disse eu. — E se eu puder rastrear o mago?

Os três me olharam. O mesmo fez Paloma, que estava batendo os pés para tentar aquecê-los.

— E como você pode fazer isso? — grunhiu Sullivan novamente. — Você mal consegue ver sua mão na frente de seu rosto lá fora.

— Não preciso vê-lo para rastreá-lo. — Eu bati no meu nariz. — Tudo o que tenho a fazer é seguir o cheiro de sua magia.

Os quatro olharam para mim, a dúvida enchendo seus rostos. Outra rajada de vento uivou contra atenda, e o ar gelado cortava a lona pesada como se ela nem estivesse lá. Desta vez, todo mundo estremeceu, incluindo Cho.

— Sully está certo — disse eu. — Alguém tem que tentar encontrar o mago, e eu tenho a melhor chance de fazer isso.

Sullivan deu um passo à frente. — Se você puder rastreá-lo, eu posso matá-lo.

Assenti para ele, então olhei para Serilda. Seus olhos se estreitaram e seu olhar se moveu entre Sullivan e eu. Mais uma vez, tive a impressão de que ela estava vendo muito mais do que apenas nós dois em pé aqui.

— Tudo bem — disse ela. — Vocês dois rastreiam e matam o mago. Paloma, Cho e eu ficaremos aqui com a tropa e vigiaremos, caso a tempestade seja uma distração para algum outro ataque.

Nós nos separamos. Saí da tenda, voltei pela neve até a carroça onde estavam minhas coisas e coloquei cada peça de roupa que eu tinha. Quando terminei, senti-me tão gorda quanto um dos marshmallows que Isobel sempre preparara para chocolate quente, se não tão quente. Ao invés de usar meu cinto nas minhas leggings como de costume, eu o coloquei em cima do casaco azul que eu havia roubado de Sullivan Eu prendi minha espada nova e mais leve ao cinto, então tirei a pena branca envenenada da minha bolsa preta de tesouros e deslizei-a no bolso do meu casaco. Sullivan provavelmente mataria o mago, mas eu queria estar preparada para qualquer coisa.

Puxei uma toca azul na minha testa, enfiei minhas mãos em luvas combinando, e deixei o vagão. Sullivan me esperava em uma das lacunas. Ele também estava empacotado com uma toca e luvas pretas, e também havia afivelado o cinto e a espada em cima do casaco cinza. Mais neve e o vento soprava através da fenda, fizemos caretas e nos aproximamos. Por um momento, eu senti o calor do corpo alto e forte de Sullivan ao lado do meu, mas o vento uivava ao nosso redor novamente, roubando-o, junto com a minha respiração.

— Tem certeza de que pode fazer isso? — perguntou Sullivan.

Respirei fundo. O fedor do poder do mago estava mais forte do que nunca. — Eu posso encontrar o desgraçado.

Um sorriso torto curvou seus lábios, e ele gesticulou com a mão. — Então, lidere o caminho, alteza.

Eu assenti para ele e, juntos, mergulhamos na tempestade.

* * *

Nos vagões, eu pensei que não poderia ficar mais frio do que já estava.

Eu estava errada.

O vento me bateu no rosto repetidamente, junto com os flocos ardentes de neve. Com cada passo que eu dava, o um metro de neve que já estava no chão ameaçava encharcar meus três pares de leggings, junto com minhas botas e meus cinco pares de meias. Eu senti como se estivesse mergulhando

meu rosto em uma tigela cheia de agulhas geladas e batendo na areia fria e áspera ao mesmo tempo, mas abaixei minha cabeça e continuei.

Sullivan andou ao meu lado, sua mão enrolada em torno de sua espada. Eu não sabia se ele estava sendo vigilante, ou se a mão dele estivesse tão fria que ele não pudesse removê-la da arma. De qualquer maneira, ele parecia tão miserável quanto eu me sentia.

Nós dois estávamos tão ocupados abrindo caminho através da neve que não falamos, mas não me importei com o silêncio. Esta foi de longe a coisa mais agradável que já fizemos juntos.

Serilda estava certa. Nós rapidamente nos perdemos na neve. Não havíamos andado mais de uns poucos metros dos vagões antes que eles desaparecessem completamente. Mesmo sabendo que os vagões estavam atrás de nós, eu não sabia se poderia ter encontrado meu caminho de volta para eles durante a tempestade. Mas não havia como voltar agora. Apenas para a frente, até que Sullivan e eu congelássemos até a morte ou encontrássemos e matássemos o mago.

A cada poucos metros, parei e respirei fundo, sentindo o gosto do ar. Eu me virei em um círculo, procurando onde o fedor de magia era mais forte. Então andei nessa direção até que perdi o cheiro e tive que parar e encontrá-lo novamente. Sullivan me observou com curiosidade aberta, mas não disse nada, e não zombou de mim nenhuma vez. Talvez ele soubesse que meu nariz e minha magia de simplória eram a única chance que tínhamos de sobreviver.

Também continuei procurando pelo poder do mago. Apesar da neve, eu ainda podia ver aquela veia roxa clara de magia cintilando no ar. Talvez tenha sido minha imaginação – ou desespero – mas quanto mais caminhávamos, e quanto mais fundo na tempestade nós nos movíamos, mais brilhante a magia se tornava, até quase parecer que uma flecha estava me dizendo exatamente para onde ir.

Eu não sabia quanto ou por quanto tempo nós caminhamos. Tudo o que eu sabia era que a neve ardia nos meus olhos, o vento gelava minhas bochechas e o fedor de magia enchia meu nariz...

E assim, saímos da tempestade.

Em um momento, Sullivan e eu caminhávamos em meio a uma tempestade tempestuosa. No próximo, estávamos de pé em uma clareira no meio da floresta. Nós dois cambaleamos até parar e olhamos em volta, piscando surpresos.

Oh, a neve ainda cobria o chão, mas apenas oito centímetros, em vez de um metro como por onde havíamos passado, e o vento era uma leve brisa, em vez de um vento uivante. Certamente não estava quente e ensolarado, mas eu não sentia como se estivesse presa em um globo de neve que alguém estava agitando violentamente também.

Olhei para trás de mim. A poucos metros de distância, a tempestade se alastrava, como uma parede rodopiante de branco erguida no meio da floresta.

— Você fez isso — sussurrou Sullivan. — Você realmente nos tirou de lá.

Ele soltou um grito alto, me pegou e me girou em um círculo. Eu ri com prazer e ele me girou mais duas vezes antes de me soltar. Os movimentos me deixaram tonta e balancei em direção a ele, agarrando a frente de seu casaco. Sullivan envolveu seu braço em volta da minha cintura, estabilizando-me.

E então ele sorriu para mim.

Foi o primeiro sorriso largo, verdadeiro e genuíno que ele já me deu, e foi ainda mais deslumbrante do que o sol espiando pelas nuvens acima. De repente, eu não me sentia mais tão fria, e me encontrei sorrindo para ele. Pelo menos, pensei em sorrir. Eu não conseguia sentir meu rosto no momento.

Nossas respirações fumegavam no ar, juntando e se misturando, mesmo enquanto nos abraçávamos. O olhar de Sullivan caiu nos meus lábios e a fome encheu seu rosto, a mesma fome que eu sentia. Imagens de todas as coisas deliciosamente malvadas que poderíamos fazer juntos passaram pela minha mente. Ah, não, eu não estava com tanto frio quanto antes.

Naquele momento, fiz outra promessa a mim mesma – eu teria Sullivan. Eu o teria de todas as maneiras, eu o queria como ele me queria. Mas depois, quando não estivéssemos meio congelados e o resto da tropa não estivesse mais em perigo.

Divertidamente bati em seu peito e me afastei dele. — Alguma vez duvidou de mim, Sully?

— Nem por um segundo, alteza. Nem por um maldito segundo. — Ele sorriu para mim por mais um momento, então tirou a espada da bainha. — Agora vamos encontrar o bastardo e acabar com isso.

Eu também puxei minha espada, e nós caminhamos.

Sem a neve apagando todo o resto, eu não pude ver aquela linha roxa de magia no ar, mas ainda podia sentir o poder do mago. A cada poucos metros, parei, provei o ar e me orientei para onde a magia estava vindo, assim como eu fiz dentro da tempestade. O processo foi muito mais rápido desta vez, e Sullivan e eu rapidamente deixamos a clareira para trás e entramos na floresta, saindo de uma árvore para a próxima e procurando pelo mago.

Terminei de provar o ar novamente e estava prestes a dar um passo à frente quando Sullivan avançou, agarrou meu braço, e me puxou para trás.

— O que você está fazendo? — assobiei.

— Armadilha — sussurrou.

Ele apontou para o chão e eu vi uma armadilha de metal escondida na neve. Os dentes afiados brilhavam na luz do sol filtrando através das árvores. Fiz uma careta. Esses dentes teriam quebrado meu tornozelo com certeza.

— Ele está perto — sussurrou Sullivan. — Fique atrás de mim e pise onde eu pisar.

Ele assumiu a liderança, rastejando pela floresta e analisando tudo, incluindo o chão, mas não encontramos mais armadilhas. Por fim, Sullivan parou e olhou ao redor de uma árvore. Eu me aproximei ao lado dele e fiz o mesmo.

Uma clareira se estendeu por cerca de 15 metros antes que os pinheiros assumissem o outro lado. Uma tenda de lona foi erguida no espaço aberto, junto com uma fogueira de pedra. Ninguém estava dentro da tenda e não havia chamas tremeluzindo no buraco. O mago não estava aqui, apesar de suas pegadas pontuarem a neve na clareira.

— Onde ele está? — sussurrei.

Sullivan sacudiu a cabeça. — Eu não sei. Provavelmente em algum lugar mais perto da tempestade, alimentando com sua magia. Eu vou voltar e ver se consigo pegar o rastro dele. Você fica aqui caso ele volte.

Eu assenti e Sullivan se voltou para a floresta. Eu olhei em volta novamente, mas não vi o mago, então saí de trás da árvore e entrei em seu acampamento, mantendo-me atenta a mais armadilhas enterradas na neve. Mas o chão estava limpo, e escorregando por baixo de uma das abas, eu entrei em sua tenda.

Um saco de dormir, uma mochila cheia de comida, alguns outros abastecimentos e afins. O mago viajara rapidamente a fim de acompanhar a trupe, dado o ritmo alucinante que Serilda havia estabelecido, mas nada em suas coisas me dera alguma pista de sua identidade. Recoloquei sua mochila onde a encontrei e comecei a sair da tenda, quando notei um livro saindo de debaixo do saco de dormir. Eu agachei e o puxei.

Era um livro vermelho.

Abri o livro, já sabendo o que encontraria – uma lista de nomes, escrita em uma caligrafia familiar e organizada. *Serilda Swanson, Cho Yamato, Lucas Sullivan*. Eu folheei as páginas. *Paloma, Theroux, Aisha.* Eu me perguntava o que Felton escrevera em seu livro na noite em que ele, Vasilia e Nox visitaram a arena. Era outra lista de todas as pessoas que Vasilia queria morta.

Incluindo eu.

Oh, Felton não me reconheceu mais do que Vasilia, mas ele fez uma pequena estrela na parte inferior de uma das páginas ao lado do último nome, ou melhor, título – *o gladiador Cisne Negro*.

— Felton — rosnei. — Você e sua maldita lista de verificação. Seu desgraçado.

Um galho quebrou a distância. Eu congelei, imaginando se eu havia imaginado o som, mas um segundo depois, outro ramo quebrou.

Alguém estava vindo para cá.

Joguei o livro em cima do saco de dormir, peguei minha espada no chão e me aproximei das abas da tenda. Meu olhar disparou de uma árvore para a outra, mas, um momento depois, Sullivan entrou na clareira, ainda segurando sua espada.

Soltei um suspiro de alívio e saí da tenda onde ele podia me ver. Alguma da tensão em seu rosto aliviou, embora ele sacudisse a cabeça. Ele não encontrou o mago. Sullivan abriu a boca para dizer alguma coisa, e foi aí que vi uma sombra atravessando as árvores, indo direto para ele.

— Olhe para trás! — gritei.

Mas meu aviso chegou tarde demais.

Um mago vestido com um longo casaco roxo-meia-noite saiu das árvores. Flash de magia púrpura brilhante crepitava nas pontas dos dedos, como flocos de neve dançando ao vento, e ele recuou a mão e jogou seu poder em Sullivan. Enquanto os flocos se arqueavam no ar, eles se transformaram em agulhas afiadas de gelo. Sullivan saiu do caminho. As agulhas de gelo perfurando a árvore onde ele estava de pé, como dardos saindo de uma tábua.

Sullivan virou, levantou a mão e jogou o relâmpago para o mago, mas o outro homem abaixou-se atrás de uma árvore, deixando o poder de Sullivan queimar em vez dele. Então o mago se inclinou em torno do tronco e soltou outra onda de suas agulhas de gelo, fazendo Sullivan se arrastar para trás de outra árvore para se proteger.

Os dois homens trocaram explosão após a explosão de magia, nenhum capaz de ferir o outro, dado todas as árvores entre eles. Eu ainda estava ao lado da tenda, mas o mago estava focando sua magia mortal em Sullivan, e ele não estava prestando atenção em mim. Apertei meu punho na minha espada, corri para longe da tenda, e cruzei a clareira.

— Não! — gritou Sullivan sobre as contínuas explosões de magia. — Não!

Eu não sabia se ele falava com o mago ou comigo, mas isso não importava. Esse bastardo tentou matar todos na tropa. Ele não fugiria disso.

Corri através das árvores, indo em direção ao mago, e esperando que eu pudesse esfaqueá-lo nas costas antes que ele percebesse que eu estava lá. Ele jogou outra rajada de poder em Sullivan, que amaldiçoou e caiu no chão. Eu não sabia se Sullivan foi atingido ou se havia apenas escorregado na neve, mas a raiva me domou, e aumentei meu ritmo.

O mago deve ter ouvido o barulho das minhas botas na neve porque ele se virou, levantou sua mão e enviou uma onda de agulhas geladas na

minha direção. Eu me joguei e rolei para o lado. Agulhas bateram com força no chão ao meu redor, lançando sprays de neve, junto com a sujeira e folhas mortas embaixo.

Nenhuma das agulhas me atingiu, mas eu rolei até uma árvore. Meu ombro esquerdo bateu no tronco, me fazendo rosnar com dor. Mas todas essas semanas treinando com Sullivan, Paloma e os gladiadores me ensinaram como absorver um golpe forte, e levantando de novo, eu continuei.

O mago piscou, surpreso por eu ainda estar correndo na sua direção. Ele levantou a mão para explodir-me com sua magia novamente, mas eu o alcancei, desequilibrando-o e enviando-nos ao chão.

Eu fiquei de joelhos, mas perdi minha espada e não vi onde ela havia pousado. O mago rosnou, subiu em seus joelhos também, e levantou a mão, como se fosse me explodir com sua magia e dirigir suas agulhas geladas direto para o meu rosto. Mesmo com a minha imunidade, duvidava que eu sobrevivesse, e certamente não queria descobrir. Então eu peguei a única arma que eu tinha – a pena envenenada que Sullivan me dera.

Tirei a pena do meu bolso e ataquei com ela. A agulha na ponta cortou a palma do mago, surpreendendo-o, e sua magia se dissipou em uma chuva de flocos de neve roxos. O mago sibilou, mas enrolou a mão em um punho e me deu um soco no rosto. Ele deve ter tido um pouco de força simplória também, porque o golpe doeu muito mais do que rolar naquele tronco de árvore. Dor explodiu na minha bochecha esquerda, minha cabeça estalou para trás e minhas pernas deslizaram. Em um instante, eu estava deitada de costas na neve.

O mago levantou, inclinou-se e tirou a pena do chão, girando-a em sua mão. — Uma pena? — Ele riu. — O que você ia fazer? Me fazer cócegas até a morte?

Eu estava muito ocupada sentando e tentando ignorar a dor latejante no meu rosto para responder. O mago riu novamente e descartou a pena. Ela aterrissou na neve ao lado da minha mão.

Minha cabeça ainda girava, mas eu podia ver a mancha de sangue na agulha. Será que não o cortei fundo o suficiente com isso? Por que o veneno não estava funcionando? Por que ele ainda não estava morto?

— Evie! — gritou Sullivan à distância. — Evie!

Mas ele estava muito longe e não podia me ajudar.

— Hora de morrer — sibilou o mago.

Ele ergueu a mão e flocos de neve giraram em torno de seus dedos novamente. O mago me deu um sorriso maligno, e alcancei minha imunidade, esperando que isso me salvasse de suas agulhas de gelo.

O sorriso do mago aumentou e ele recuou a mão para me explodir com sua magia.

E então ele congelou – ele apenas *congelou*.

Ele ficou ali, parado no lugar, os músculos do pescoço, ombros e braços se dobrando e flexionando, como se estivesse se esforçando para se mover. Um fedor horrível e ácido encheu o ar, e os flocos gelados rodopiando em torno de seus dedos enegreceu e caíram no chão, queimando como pedaços de cinza quente antes de derreter na neve. O mago olhou para mim, e percebi que seus olhos estavam completamente negros, como se estivesse queimando de dentro para fora. Ele soltou um grito estrangulado e um fio fino de sangue preto escorreu de sua boca. Então ele desmoronou.

O mago caiu na neve ao meu lado. Fiz uma careta quando algumas bolinhas frias borrifaram contra o meu rosto, mas ele não se mexeu. Minha respiração escapou em uma onda aliviada. O veneno de Sullivan havia funcionado e o mago estava morto.

Um grito surgiu ao longe, botas esmagadas na neve, e Sullivan correu em volta de uma árvore, espada em uma mão e seu relâmpago azul crepitando na outra mão. Ele correu e caiu em seus joelhos ao meu lado.

— Evie! Você está bem? Ele te machucou?

— Estou bem. Apenas um murro. — Fiz um gesto para a pena branca que estava entre o mago morto e eu. — Que tipo de veneno estava nisso?

Seus lábios pressionaram em uma linha fina. — Isso importa?

— Não, eu suponho que não. Estou feliz por ter conseguido esfaquear ele e não a mim mesma.

— Eu também — murmurou Sullivan. — Eu também.

Ele olhou para mim, seu olhar azul firme no meu e estendeu a mão. No começo, me perguntei o que ele estava fazendo, mas então seus dedos

tocaram minha bochecha, onde o mago me dera um soco. Apesar do fato de que passamos por uma nevasca, sua mão estava quente, embora a sensação de sua pele contra a minha ainda me fizesse tremer.

Sullivan fez uma pausa, como se estivesse sentindo as mesmas coisas que eu, depois pressionou gentilmente ao redor da ferida. Seus dedos demoraram na minha bochecha um momento antes de afastar a mão e sentar-se em seus calcanhares.

— Não há ossos quebrados — murmurou. — Apenas uma contusão desagradável. Você deve colocar um pouco de neve para ajudar a dor e inchaço.

Soltei uma risada amarga. — Agora, eu nunca mais quero ver neve novamente, nem mais um floco.

Um sorriso torto levantou os lábios. — Nem eu.

Eu sorri, mas o movimento fez meu rosto doer novamente, e fiz uma careta.

— A tempestade deve ter parado no segundo em que você matou o mago — disse Sullivan. — Vamos voltar para os vagões, então nós podemos nos aquecer e contar aos outros o que aconteceu.

Eu assenti e ele agarrou meu braço, me ajudando a ficar de pé.



Capítulo 22

Nós voltamos para a tenda do mago. Peguei o livro vermelho com os nomes dos membros da tropa e mostrei para Sullivan. Ele reconheceu isso como uma lista de assassinatos. Seu rosto escureceu de raiva, e ele pegou o livro de mim e colocou-o em um dos bolsos do casaco.

Nós procuramos pelo resto das coisas do mago, mas não havia mais nada de interessante, então deixamos o acampamento dele. Achei que poderíamos ter problemas para descobrir onde estavam os vagões, mas Sullivan havia encontrado rastros do mago durante sua busca anterior, e nós as seguimos para a borda da tempestade. Sem o poder do mago, a nevasca havia desaparecido, embora mais de um metro de neve ainda cobrisse o chão.

À frente, fumaça subia por cima das árvores dos poços de fogo montados dentro do círculo de vagões. Apontei a fumaça para Sullivan e seguimos naquela direção.

Estávamos quase de volta às carroças quando notei o silêncio.

A neve ainda cobria tudo, então estava quieto o tempo todo que estávamos andando, mas dado o quão perto estávamos das carroças, os barulhos deveriam ter enchido o ar. Botas pisando na neve, pás arranhando no gelo, trechos de conversa. Mas não ouvi nenhuma dessas coisas. Sem botas, sem pás, sem vozes.

E o mais preocupante de tudo era sentir o cheiro de magia no ar de novo.

— Pare — disse eu.

Sullivan estava alguns passos à frente, já que era sua vez de indicar o caminho, mas ele parou e olhou por cima do ombro para mim. — O quê?

Eu não vi nada além de neve e árvores, mas alguém estava aqui. Meu nariz se contraiu. Eu podia sentir o *cheiro* deles.

— Algo está errado. Precisamos voltar para os vagões.

Nós dois sacamos nossas espadas e aceleramos nosso ritmo. Alguns minutos depois, saímos das árvores. Os vagões estavam no centro de uma clareira, ainda dispostos em um grande círculo. Eu podia sentir o cheiro, ver a fumaça e as chamas das fogueiras queimando nos poços de pedra, mas não vi ninguém se movendo através das aberturas entre os vagões. Não tão incomum, dado o quão frio ainda estava, mas o cheiro de magia era muito mais forte aqui do que nas árvores.

Respirei fundo, sentindo o gosto do ar e tentando identificar o cheiro. Eu cheirei esse tipo de magia antes, e o aroma de pele molhada me lembrava…

Lady Xenia.

— Morphs — sussurrei para Sullivan. — Há metamorfos aqui…

Em um segundo, estávamos sozinhos. No seguinte, estávamos cercados.

Mais de três dúzias de homens e mulheres apareceram. A maioria deles saiu de entre as lacunas nos vagões, enquanto alguns saíram das árvores atrás de nós. Eles eram de todas as formas e tamanhos, mas tinham três coisas em comum. Um, eles carregavam maças cravejadas, machados de batalha e outras armas grandes e pesadas. Dois, eles vestiam casacos pretos na altura do quadril com duas fileiras de botões vermelhos correndo pela frente no tradicional estilo Ungeriano. E três, cada um deles tinha uma marca de metamorfose no pescoço.

E não apenas qualquer marca – eles eram ogros.

Meu olhar se moveu de uma marca para a próxima. Os rostos dos ogros olharam para mim, seus olhos líquidos piscando com curiosidade, examinando Sullivan e eu. Alguns dos ogros sorriram, depois lamberam os dentes irregulares, me dizendo exatamente o que eles estavam pensando. Eu estremeci.

Sullivan abaixou a espada e enfiou a arma na bainha. Eu fiz o mesmo. Não adiantava lutar contra tantos metamorfos. Eles nos despedaçariam em segundos.

— Ungers — murmurou Sullivan. — A tempestade deve ter nos forçado a entrar em seu território.

Os Ungers eram extremamente protetores de suas fronteiras. Pessoas que tentavam se infiltrar em seu reino sem os documentos apropriados ou autorização eram frequentemente presos – ou pior.

Um dos Ungers se adiantou. Ele era alto, mesmo para um metamorfo de ogro, chegando a cerca dois metros de altura. Seu casaco preto se esforçava para cobrir os ombros largos, e suas pernas pareciam tão grossas quanto troncos de árvores. Ele tinha uma mandíbula forte, embora seu nariz tivesse um caroço, como se tivesse sido quebrado antes. Seu cabelo curto era de cobre opaco contra a pele bronzeada, e a suspeita enchia seus olhos cor de avelã.

— Traga-os — chamou em Ungerian. — Vamos colocá-los com os outros.

Os outros homens e mulheres se aproximaram e brandiram suas armas para nós, e Sullivan e eu não tínhamos escolha a não ser passar por uma das lacunas e entrar no círculo de vagões.

Bem, agora eu sabia onde todos estavam. Eles foram conduzidos para a parte de trás do círculo, na frente da tenda de Serilda. Todo mundo parecia tenso e preocupado, e algumas pessoas estavam fungando e lutando contra lágrimas, mas todos pareciam estar bem.

Exceto por Serilda, Cho e Paloma.

Os três foram separados do resto da tropa e estavam ajoelhados na neve de um lado, com guardas agrupados em volta deles. Eles devem ter lutado contra os Ungers.

O braço esquerdo de Serilda pendia flácido e inútil ao lado dela, como se tivesse sido quebrado, o rosto de Cho era uma bagunça de hematomas, e as mãos de Paloma estavam cobertas de sangue, embora eu não pudesse dizer se era dela ou de outra pessoa.

Os Ungers devem ter pensado que Sullivan e eu também éramos perigosos, porque nos conduziram e nos forçaram a ajoelhar na neve ao lado de Serilda, Cho e Paloma.

— O que aconteceu? — sussurrou Sullivan.

— Eles vieram do nada — murmurou Serilda. — Depois que a tempestade parou, começamos a cavar os vagões da neve. Um segundo, estávamos sozinhos. No seguinte, eles estavam dentro do círculo de vagões, Cho, Paloma e eu tentamos afastá-los, mas você pode ver o quão bem isso funcionou. Temos sorte de ainda não terem matado todos nós.

Ela ficou em silêncio e escutei nossos captores. Eles falavam Ungerian, mas eu podia entendê-los perfeitamente, graças a todos esses anos de lições de idiomas em Seven Spire.

Um homem baixo e corpulento, com cabelos negros, olhos castanhos escuros e pele de ônix, conversava com o homem alto e ruivo, que parecia ser o líder.

— É possível que eles tenham se perdido na tempestade, Halvar — disse o homem baixo, acariciando sua longa barba espessa.

— Não, Bjarni — respondeu Halvar, o líder. — Eles são espiões da rainha de Bellonan. Caso contrário, todos teriam estado aqui, abrigando-se da tempestade. Mas em vez disso, aqueles dois estavam na floresta. — Ele apontou o dedo para Sullivan e eu. — Então, o que eles estavam fazendo, se não espionando? Além disso, ela avisou para nós termos cuidado. Então seremos cuidadosos.

Ela? Quem era ela? E por que os Ungers estavam tão preocupados em sermos espiões? O que estavam escondendo?

— E ela também não gostaria que nos apressássemos — respondeu Bjarni. — Já temos problemas suficientes. Você realmente quer adicionar a eles matar todas essas pessoas? Pense em quanto tempo levará apenas para enterrar seus corpos.

Halvar suspirou e os dois homens conversaram longamente sobre o que fazer. Finalmente, Halvar ganhou, e foi acordado que todos na tropa haviam invadido, e então todos seriam mortos como punição.

Serilda deve falar pelo menos um pouco de ungerian, porque seu rosto endureceu. Ela estendeu a mão direita para o lado, levantou lentamente devagar e deu um passo à frente. Os Ungers ficaram tensos e brandiram suas armas, mas ela permaneceu ereta e alta.

— Se você vai matar alguém, então me mate — falou. — Eu sou a líder dessa tropa de gladiadores, eu sou a única que nos conduziu a esta rota, e sou a única que nos deixou perdidos na tempestade. Isto é minha culpa. Todo mundo é inocente.

Halvar estudou-a. Por um momento, achei que ele poderia concordar, mas depois ele balançou a cabeça. — Mate-a — disse ele na língua comum para que todos pudessem entendê-lo. — Mate todos.

Os Ungers levantaram suas armas e avançaram. Todos na trupe se apertaram com mais força, gritando, gemendo e chorando. Meu estômago revirou. O mago não conseguiu nos matar com a tempestade, mas ainda iríamos morrer.

Eu deveria estar preocupada, em pânico, aterrorizada. Mas em vez disso, eu me vi pensando naquelas longas horas e semanas que passei aprendendo a dança ungeriana. Todo esse tempo desperdiçado em uma boba tradição, e agora aqui estava eu, prestes a morrer nas mãos dos Ungers de qualquer maneira...

Meus olhos se arregalaram e uma ideia maluca surgiu em minha mente.

— Espere! — falei em Ungerian. — Espere!

Halvar parou e olhou para mim, surpreso por eu falar sua língua. Assim como todos os outros. Mas era a única coisa que poderia nos salvar agora, junto com outra das minhas muitas habilidades inúteis.

— Evie! — assobiou Paloma. — O que você está fazendo?

Em vez de responder, me levantei e corri, de modo que fiquei de pé ao lado de Serilda.

— Eu demando poder efetuar o Tanzen Freund! — pedi, ainda falando na língua deles.

Murmúrios chocados percorreram os Ungers e eles me olhavam com surpresa e interesse. Bem, isso era melhor que nos matar.

Halvar deu um passo à frente e apontou o dedo para mim. Raiva brilhou em seus olhos cor de avelã, bem como naqueles do ogro em seu pescoço. — O que você sabe da nossa dança? — perguntou ele, mudando para a língua comum. — Como você ousa falar disso!

Ele provavelmente esperava que eu murchasse em face de sua fúria, mas eu ficara muito boa em me defender nos últimos meses, e permaneci calma e confiante.

— Oh, eu sei muito sobre isso. Por exemplo, eu sei que uma vez que a oferta de dança é feita, não pode ser rescindida, e o dançarino e todos aqueles que estão com ela têm garantido a passagem segura até que a dança termine — parei. — A menos que você queira desonrar sua própria tradição?

Bjarni deu uma risadinha. Halvar olhou para ele, mas o outro homem encolheu os ombros.

— Talvez ela conheça a dança. Ela certamente te colocou em um canto, meu amigo. — Bjarni soltou outro risinho.

Mas Halvar não poderia ser tão facilmente rodado. Ele apontou o dedo para mim novamente. — Bem, então, se estamos seguindo a tradição, então você deve executar a dança perfeitamente. Caso contrário, será visto como um insulto, e sua vida será *perdida*. Um passo em falso, um passo hesitante, e você será morta no ato.

— *Minha* vida é perdida, mas a vida dos meus amigos não — retruquei para ele. — De acordo com a tradição, enquanto eu executar o Tanzen Freund e aceitar as consequências do fracasso, meus amigos não serão prejudicados por você e pelos seus.

Os lábios de Halvar se apertaram. Ele não queria concordar com meus termos, mesmo que eles fossem tradição. Eu me aproximei e apontei meu dedo para ele dessa vez.

— Meus amigos não serão prejudicados por você e pelos seus — disse eu em voz alta e forte. — Você irá fornecer a eles toda a extensão da sua hospitalidade, como faria com quaisquer convidados de honra. Isso significa comida, roupas, calor e abrigo pelo tempo que precisarem. Nós estamos de acordo? Ou você vai desonrar você e seu povo?

Halvar olhou para as outras formas, que ainda me olhavam com curiosidade. Bjarni parecia muito divertido, um sorriso se esticou em seu rosto.

— Tudo bem — rosnou Halvar. — Se você quer fazer tanto a dança, então terá o seu desejo. — Ele sorriu, mostrando-me os dentes, assim como o ogro em seu pescoço. — Mas quando você falhar, eu vou rasgá-la em pedaços com minhas próprias mãos por ousar insultar-me e ao meu povo dessa maneira.

Eu sorri para ele. — Então, estamos de acordo.

Os olhos de Halvar se estreitaram, como se ele estivesse desapontado por eu não estar tremendo de medo, mas assentiu. — Temos um acordo.

Ele me encarou por mais um momento, depois acenou com a mão para as outras formas. — Tragam-nos.

* * *

Os Ungers ajudaram a tirar os vagões da tropa da neve. Depois que tudo e todos foram carregados dentro dos vagões novamente, os Ungers recuperaram seus próprios cavalos de onde esconderam mais fundo na floresta.

E então nos levaram para o castelo deles.

Foi esculpido em uma montanha, da mesma forma que o Seven Spire, embora fosse muito menor do que o palácio de Bellonan. Grandes janelas redondas foram colocadas nas paredes de granito cinza escuro, oferecendo vistas panorâmicas da floresta circundante, enquanto torres altas e redondas cobertas com telhados de ardósia preta subiu no ar. Olhei para as torres, esperando ver bandeiras com brasões tremulando ao vento, mas os pináculos estavam vazios, como se quem morasse aqui não quisesse anunciar sua presença ao mundo exterior. Curioso.

O castelo ficava a menos de cinco quilômetros de distância do nosso acampamento, e se tivéssemos continuado em nosso caminho, teria passado direto por ele. Não é de admirar que os Ungers tivessem pensado que éramos espiões. Nós praticamente marchamos até a porta da frente.

Sob os olhos atentos de Halvar, Bjarni e do resto de nossas escoltas, os vagões atravessaram a ponte levadiça de pedra que levava ao castelo e parara num grande pátio. Mais Ungers apareceram, todos metamordos também, para ajudar os trabalhadores da tropa a cuidar dos cavalos e gárgulas. Feito isso, todos pegaram seus suprimentos nos vagões. Halvar grunhiu e sacudiu a mão, e nós o seguimos até o castelo, ainda cercado por nossas escoltas.

Passamos sala após a sala cheia de mesas e cadeiras de mogno, lâmpadas de vitral e outros móveis finos. Tapeçarias representando cenas de florestas e montanhas cobriam as paredes, enquanto tapetes estendiam-se pelo chão, suavizando a pedra dura sob os pés. Tudo era simples, mas bem feito. Era muito menos luxuoso que o Seven Spire, mas era quente e seco, o que era tudo que me importava depois de estar fora no frio e na neve.

Ainda assim, quanto mais andávamos, mais eu notava os ogros.

Rostos e figuras de ogro nos olhavam de todos os móveis em todos os cantos do castelo. Eles estavam esculpidos na mesa, reunidos nas lâmpadas de vidro manchado, enfiados nas tapeçarias, e até esculpidos nas paredes, como os gladiadores nas colunas de Seven Spire. Eu fiz uma careta quando atravessei um tapete que continha um rosto rosado de ogro que era mais dentes do que qualquer outra coisa. Parecia que quem morava aqui queria que todos soubessem exatamente quão poderoso e perigoso eles eram.

Eu esperava que Halvar insistisse que eu fizesse a dança imediatamente, mas ao invés disso, ele nos levou a uma grande sala de jantar. Halvar grunhiu de novo, depois apontou para as mesas, dizendo para nos sentarmos. Serilda pegou o assento na cabeceira da mesa. Eu acabei sentando ao lado dela, com Paloma ao meu lado. Sullivan estava na minha frente, com Cho ao lado dele. O resto da tropa sentou-se também.

Mais Ungers apareceram com bandejas cheias de comida e bebidas, que depositaram nas mesas antes de se afastarem. Eles não foram longe, no entanto. Os Ungers cobriam as paredes, as mãos cruzadas atrás deles, nos observando.

Halvar fez uma careta para mim e depois para todos os outros. — Bem — retrucou, levantando as mãos. — O que estão esperando? Comam! Bebam!

Serilda, Paloma, Sullivan e Cho olharam para mim, a mesma pergunta silenciosa em todos os rostos, perguntando se eu podia sentir o cheiro de qualquer veneno na comida. Eu respirei fundo, mas não senti nenhum cheiro que não deveria estar aqui. Eu assenti para eles, então fiz a mesma coisa com Halvar.

— Você nos honra com a sua hospitalidade — disse eu em um tom seco.

Um rubor raivoso manchou suas bochechas, mas ele acenou para mim, então saiu do refeitório. Bjarni ficou para trás, de pé junto à parede, com um olhar divertido no rosto novamente. Bem, pelo menos eu estava entretendo alguém.

A refeição era simples – carne, batatas e outros vegetais em um cozido temperado – mas era quente, farto e recheado, e servido com pão crocante coberto com manteiga de mel. Nós comemos tudo com canecas altas de cidra de maçã temperada.

Por vários minutos, o refeitório estava silencioso, exceto pelos arranhões de garfos e colheres em pratos e tigelas enquanto todos cavaram em suas refeições. Eventualmente, a comida e as bebidas aqueceram todo mundo para eles começarem a sussurrar. As pessoas olhavam para os Ungers e depois para mim. Eu fiz uma careta, mas não podia impedir os olhares especulativos e sussurros, então me concentrei em minha comida.

Afinal de contas, esta era provavelmente a minha última refeição.

Vários minutos depois, empurrei meu prato vazio para o lado. O mesmo aconteceu com Serilda, Paloma, Sullivan e Cho. Todos olhavam para mim, mais perguntas em seus olhos.

— Como você sabe falar a língua ungeriana? — perguntou Paloma.

Eu poderia ter mentido. Provavelmente deveria ter mentido. Mas foi um longo dia e eu estava cansada. Até mais do que isso, eu estava cansada de mentir, de sempre observar minhas palavras, de sempre me preocupar se iria fazer ou dizer algo que revelaria minha verdadeira identidade. Além disso, qual era o ponto de mentir agora? Eu estaria morta em breve.

— Eu sei muitas línguas.

— E você realmente conhece essa dança que você exigiu executar? — perguntou Cho.

Dei de ombros. — Mais ou menos.

— Mas os Ungers disseram que se você não fizer isso perfeitamente, em cada etapa, eles irão executar você no local. — A preocupação ondulou pela voz de Sullivan.

— Sim, eles vão. Mas pelo lado positivo, eles não podem colocar um dedo em nenhum de vocês agora — disse eu. — Não se atreva a deixar que eles reneguem isso. Você os lembre de sua tradição e maldita honra, e eles mantem a palavra.

Serilda olhou para mim. — Então você trocou sua vida por todas as nossas. Por quê?

— Bem, era isso ou assistir a todos serem abatidos. Acredite, eu já vi pessoas inocentes o suficiente morrerem. — Meus lábios se torceram em um sorriso amargo. — Além disso, eu queria finalmente fazer algo útil com todas as habilidades inúteis que aprendi.

Ela franziu a testa, imaginando o que eu queria dizer. Assim como os outros, mas não expliquei minhas palavras enigmáticas.

Finalmente, a refeição terminou. Halvar voltou para o refeitório e torceu o dedo para mim.

Hora do show.

Eu me afastei da mesa e o segui. Serilda, Paloma, Sullivan e Cho me seguiram, assim como todos os outros da tropa seguindo atrás deles. Os Ungers estavam na parte de trás do grupo, ainda observando a todos.

Halvar nos levou a um pátio ao ar livre na parte de trás do castelo. A esta altura, o sol se pôs atrás das montanhas, e a noite caíra sobre a terra como um cobertor da meia-noite. O ar estava bastante frio, embora felizmente mais nenhum floco de neve tenha caído do céu.

Uma varanda no segundo andar com portas de vidro abria para o pátio, enquanto uma série de colunas e arcos no extremo oposto dividiam a área do gramado à distância. E somente como no resto do castelo, imagens de ogros adornavam tudo, desde o vidro das portas até a trilha de pedra na varanda e as colunas à distância.

A varanda, as colunas e as arcadas estavam repletas de pequenos fluorestones em forma de diamante, que banhavam o pátio em luz branca suave. O brilho constante dos fluorestone dava vida as figuras de ogros, fazendo-os parecer como se estivessem assistindo e esperando para nos atacar. Ainda assim, eu teria pensado que era uma cena linda e feroz, se não fosse pelo fato de que eu provavelmente não sairia daqui viva.

Para minha surpresa, cadeiras estavam alinhadas em um dos lados do pátio, e um grupo de músicos ungerianos afinava suavemente seus instrumentos no canto. Lady Xenia certamente teria aprovado isso. Ela sempre tinha músicos ao vivo em sua escola de etiqueta, mesmo quando os alunos estavam apenas praticando seus passos de dança.

Halvar resmungou de novo e apontou o dedo para as cadeiras, e os membros da tropa foram até eles e tomaram seus lugares. Acima deles, na varanda do segundo andar, várias portas de vidro se abriram e mais Ungers saíram e sentaram-se nas cadeiras naquele nível.

Quando todos estavam sentados, uma porta no centro da varanda se abriu, e uma figura alta saiu. Um longo casaco preto obscurecia o corpo da figura, enquanto um chapéu preto e um véu grosso cobria a cabeça, escondendo suas feições. Eu não sabia se era homem ou mulher. A figura parou por um momento, me estudando, depois sentou em uma cadeira de pelúcia. Quem quer que fosse a figura, ela tinha o melhor lugar no pátio, e os outros Ungers acenaram com a cabeça respeitosamente para ela.

— Quem é esse? — perguntei.

— Seu juiz — rosnou Halvar.

Claro.

— Você tem cinco minutos para se preparar — rosnou novamente.

Ele atravessou o pátio e começou a falar com os músicos. Isso me deixou sozinha com Serilda, Paloma, Sullivan e Cho.

— Talvez Halvar mude de ideia — disse eu.

— Sobre o quê? — perguntou Cho.

— Talvez ele corte minha cabeça, em vez de me rasgar em pedaços com seus dentes e garras.

Os outros olharam para mim, choque enchendo seus rostos. Eles podem ser gladiadores e acostumados a ver as pessoas lutarem, sangrarem e morrerem, mas minha indiferença sobre minha própria morte iminente surpreendeu-os. Encolhi os ombros. Eu não amenizaria as coisas. Não aqui, agora, no final.

— Não é tarde demais. Ainda podemos lutar para sair daqui. — Paloma olhou para os outros metamorfos de ogro, seus dedos flexionados, como se estivesse pensando em seus próprios dentes e garras internos e como poderia usá-los para rasgar os Ungers.

Balancei a cabeça. — Não, esta foi a minha decisão. Eu sabia dos riscos e aceito as consequências. Além disso, de acordo com a tradição, se eu não fizer a dança, a vida de todos será perdida. Melhor eu morrer do que todos vocês.

Paloma olhou para mim, preocupação enchendo seus olhos. Então seu rosto endureceu, como se ela tivesse feito uma decisão importante. Ela virou, de modo que estava na minha frente, respirou fundo e lentamente soltou.

E então ela se transformou.

Paloma já era alta, mas em um instante, ela disparou vários centímetros, até que tinha bem mais de dois metros. Os músculos de seus braços, tórax e pernas se expandiram, junto com o resto de seu corpo e suas unhas se alongaram, escureceram e se afiaram em longas garras negras. Seus lábios recuaram em uma careta, revelando os dentes afiados e pontiagudos em sua boca. Seus olhos âmbar brilhavam tanto quanto velas, e suas tranças loiras brilhavam e ondulavam com a mesma luz dourada.

Paloma fez outra careta, como se estivesse com medo de que eu fosse chamá-la de monstro do jeito que o pai dela chamara, mas ela se manteve firme, ergueu o queixo e olhou para mim. Meu coração apertou forte. Ela realmente confiava em mim, e era realmente minha amiga – a primeira amiga verdadeira que eu tive desde que meus pais morreram.

E agora eu deveria dizer adeus a ela.

Dei um passo à frente, coloquei minhas mãos em seus braços maciços e dei-lhes um aperto suave, embora seus músculos duros não se movessem.

Eu teria abraçado, mas eu não poderia ter conseguido envolver meus braços por todo o caminho em torno dela agora.

— Obrigada por me mostrar isso. Você é tão forte, feroz, corajosa e bonita. E não se atreva a deixar que alguém lhe diga o contrário.

A careta de Paloma se transformou em um sorriso. Ela olhou para mim por mais um momento, depois baixou a cabeça e recuou. Um instante depois, seus dentes, garras e músculos desapareceram, e ela estava em sua forma humana novamente. Então ela olhou para mim, um olhar de expectativa em seu rosto.

Minha vez.

Serilda, Cho e Sullivan olharam entre Paloma e eu, imaginando o que estava acontecendo. Todos me ajudaram a seu próprio modo e mereciam ouvir a verdade também.

Eu assenti para Paloma, em seguida, peguei a bolsa de veludo preto de seu esconderijo no meu cinto. Abri os cordões e despejei o conteúdo na minha mão. Então eu segurei minha palma onde os outros podiam ver meus tesouros. A pedra da memória de opala, uma das penas pretas do meu traje de gladiador, a pulseira de prata com sua coroa de pedra. Serilda, Cho e Sullivan franziram a testa, não compreendendo a importância dos itens – ainda.

Entreguei a bolsa para Paloma, que pegou e colocou no bolso. Eu não tinha nada para Cho, então eu simplesmente me curvei para ele no estilo Ryusaman. Ele devolveu o gesto. Então eu enfrentei Sullivan e Serilda.

Entreguei a pedra da memória para Sullivan. Antes da partida da competição do círculo negro, eu havia dito a Paloma para dar a pedra para Serilda, mas eu não sabia sobre o sangue real da Andvarian de Sullivan naquela época. Ele era a pessoa certa para tê-la agora.

Sua carranca se aprofundou, mas ele pegou a pedra, seus dedos demorando contra a minha pele. Respirei fundo, provando seu aroma frio e limpo de baunilha.

— O que é isso? — perguntou ele. — Por que você tem uma pedra da memória? O que há nisso?

— A prova de que os andvarianos são inocentes e que Vasilia estava por trás do massacre dos Blair.

Ele sugou uma respiração surpresa. O mesmo aconteceu com Paloma e Cho. Serilda também ficou surpresa, mas seu choque rapidamente desapareceu, e seus olhos se estreitaram em pensamento.

— Príncipes bastardos ainda são príncipes — disse eu em uma voz suave. — Às vezes, eles são os melhores príncipes. Use sabiamente, Sully.

Tantas emoções brilharam em seus olhos. Surpresa, gratidão e algo muito, muito mais profundo. Algo que fez meu coração doer de desejo pelo que poderia ter sido. Algo que nunca será, já que eu provavelmente seria executada nos próximos minutos.

Sullivan deve ter visto essas mesmas emoções refletidas em meus próprios olhos, mas ele não podia fazer nada sobre elas mais do que eu. Seus dedos se enrolaram ao redor da pedra, e ele apertou o punho ao seu coração e inclinou-se para mim no estilo andvariano. Dei a ele a perfeita reverência de Bellonan em troca. Um pequeno e triste sorriso curvou o canto de seus lábios. Sim. Meu também.

Finalmente, virei-me para Serilda e estendi a pena para ela. — Sinto muito em desapontá-la, mas eu nunca fui um cisne negro.

Ela pegou a pena de mim e a girou entre os dedos. Depois de vários segundos, ela levantou o olhar para o meu. — Quem é você? Quem você é realmente?

Eu sabia o que ela estava perguntando, o que todos estavam perguntando, mas não respondi. Eu queria segurar esse momento por alguns segundos a mais. Então olhei para o bracelete de prata. Os sete fragmentos de tearstone que compunham a coroa brilhavam como pequenas adagas na luz suave e sonhadora. Coloquei a pulseira no meu pulso, em seguida, empurrei minha manga para cima para que ficasse bem visível. Eu também poderia usá-la, já que essa provavelmente seria a última chance que eu teria de apreciá-la.

Meus dedos traçaram a coroa, junto com alguns dos espinhos. Então eu deixei cair a minha mão para o meu lado, levantei a cabeça e enfrentei meus amigos novamente.

Olhei para cada um deles por sua vez. A confiança de Paloma. A curiosidade de Cho. O cinismo de Sullivan. A suspeita de Serilda. Respirei fundo e lentamente deixei sair.

— Meu nome é Everleigh Saffira Winter Blair, e sou uma rainha Winter. — Meus lábios se torceram em um sorriso sombrio. — O que quer que isso signifique.

Paloma franziu a testa, confusa, enquanto Cho me lançou um olhar especulativo. O rosto de Sullivan endureceu. Em um instante, parecia que ele havia colocado uma parede de vidro entre nós, com ele de um lado e eu do outro.

Mas foi Serilda quem teve a reação mais interessante. Seus olhos azuis ficaram escuros e distantes enquanto ela me olhava mais atentamente do que antes. Seu olhar pesquisador varreu minhas feições, do meu cabelo preto curto aos meus olhos azul-acinzentados para as minhas bochechas, nariz e queixo. Eu tive a impressão de que ela estava comparando como eu estava agora com as lembranças sombrias que ela poderia ter de mim como uma garota correndo ao redor de Seven Spire.

Seu olhar varreu para baixo e focou na pulseira brilhando no meu pulso. Reconhecimento surgiu em seus olhos. Ela sabia que Alvis havia feito a pulseira, assim como ele fizera o pingente de cisne negro que rodeava sua garganta.

Esse foi o momento em que ela finalmente acreditou em mim.

Ela estremeceu uma respiração, e eu poderia jurar que lágrimas brilhavam em seus olhos, embora eu não tivesse ideia porque ela estaria tão emotiva.

Serilda abriu a boca, mas ela não teve a chance de falar desde que Halvar escolheu aquele momento para voltar até nós.

— Seu tempo acabou — rosnou.

Olhei para meus amigos novamente. Pensei em pedir que me desejassem sorte, mas decidi não fazer isso. Eu precisaria muito mais do que sorte para passar por isso.

Assenti para os meus amigos, em seguida, caminhei pelo pátio para encontrar o meu destino.



Capítulo 23

Parei no centro do pátio. Halvar se aproximou de mim e gesticulou para os músicos.

— Uma vez que eles comecem a tocar, você não pode parar o Tanzen Freund, e não pode recomeçar — disse ele. — Você tem que continuar até terminar todas as doze seções. Parar por qualquer motivo significa sua morte imediata. Entendeu?

— Entendi. Embora a dança tenha treze seções, não doze. — Eu olhei para os músicos. — Por favor, não esqueçam a última seção. Eu realmente odiaria que Halvar me matasse só porque vocês se cansaram de tocar.

Alguns deles riram da minha piada, assim como muitos dos Ungers sentados na varanda, mas Halvar me encarou.

Eu sorri diante da raiva dele, então sentei no pátio e tirei minhas botas e meias, todos os cinco pares. Paloma veio e pegou-as de mim, e eu me levantei novamente.

Eu sempre me perguntei por que a dança era executada descalço, e assim que meus pés tocaram no chão, descobri a resposta – porque as lajes estavam cobertas de magia.

Eu estive tão focada em meus amigos que não notei isso antes, mas o pátio cheirava a magia. Meu nariz se contraiu. E não apenas qualquer magia. Cada pedra estava coberta de agulhas de gelo invisível que já esfaqueavam meus pés descalços. De certa forma, a sensação era ainda pior do que

caminhar pela tempestade do mago, e meus pés pareciam congelados e latejantes ao mesmo tempo.

Era outro maldito *teste*, como se a dança em si não fosse difícil o suficiente.

Halvar percebeu meu desconforto. — Quando você estiver pronta para começar. — Ele arqueou uma sobrancelha. — A não ser que você queira se salvar do constrangimento e perder sua vida agora?

Obriguei-me a sorrir como se nada estivesse errado. — Só esperando você sair do meu caminho. A menos que você queira que eu gire você pelo pátio algumas vezes primeiro?

Bjarni e alguns dos outros Ungers riram, mas os olhos de Halvar brilharam de raiva. Ele me deu uma reverência curta e zombeteira, então se virou e se aproximou dos músicos.

Isso me deixou sozinha. Todos olhavam para mim. Halvar, Bjarni e os outros Ungers. A figura misteriosa em preto na varanda. Paloma, Cho, Sullivan, Serilda e todos os outros na tropa de gladiadores. Se eu não tivesse feito mais nada com a minha vida, pelo menos eu os salvara da morte.

Agora eu precisava me salvar.

Fechei os olhos, pensando em todas aquelas lições, todas aquelas longas horas passadas com Lady Xenia latindo os movimentos e batendo a bengala no chão, batendo no ritmo da dança. Eu não pratiquei o Tanzen Freund, nem pensei nisso desde a minha última aula com Xenia, mas eu podia ouvir a música tocando em minha mente. Eu respirei fundo e quase pensei que podia sentir o cheiro de seu perfume de peônia flutuando até mim. Eu me concentrei no cheiro e nas lembranças que ele trazia.

Eu poderia fazer isso. Precisava fazer isso, ou eu estaria morta. Talvez tenha sido mesquinho, mas passei por muita coisa, eu *sobrevivi* a muito nestes últimos meses, para morrer em algum pátio estranho tão longe de casa. Eu executaria a dança perfeitamente, a cada passo, e não apenas porque minha vida dependia disso. Não, eu faria a dança por mim. Porque coloquei o tempo e esforço em aprendê-la, assim como eu fiz com todas aquelas outras habilidades inúteis, e porque eu nunca dava nada menos que o meu melhor.

Era isso que ser Lady Everleigh Saffira Winter Blair realmente significava para mim.

Com essa determinação surgindo em mim, eu abri meus olhos e levantei minhas mãos na primeira posição. Eu assenti para os músicos, dizendo a eles que eu estava pronta. Eles pegaram seus violinos, flautas, e outros instrumentos, e os acordes iniciais da música flutuaram pelo pátio.

E então eu dancei.

A primeira parte da dança era muito parecida com uma valsa de Bellonan, lenta e elegante, com muitos rodopios e floreios de mão elaborados. Se eu estivesse dançando em um salão de baile normal, eu teria gostado imensamente, mas as agulhas geladas de magia que revestiam as lajes apunhalavam meus pés a cada passo, e tive que cerrar meus dentes contra a dor. Não só isso, mas as pedras eram lascadas e desiguais em alguns lugares, e as bordas afiadas cortavam meus pés, extraindo gota a gota de sangue. Eu cerrei meus dentes e continuei dançando.

Quando me virei, meu olhar percorreu a multidão. Paloma, Cho e os membros da tropa me encaravam com rostos curiosos, nunca tendo visto a dança antes. Halvar, Bjarni e os Ungers me estudaram com as sobrancelhas franzidas, seguindo e analisando cada passo dos meus pés e varrendo minhas mãos pelo ar. Sullivan e Serilda olhavam para mim com olhos afiados e estreitos, e eu quase podia ver os pensamentos girando em torno de suas mentes, da mesma forma que eu girava em torno do pátio.

Lentamente, a música mudou, tornando-se mais leve e rápida à medida que se movia para a segunda seção, e desliguei todo o resto e me concentrei na dança. Os passos se tornaram mais intricados e complicados, o floreio dos braços mais forte, os rodopios mais longos e rápidos. O suor escorria pela minha nuca, e minha respiração fumegava no ar gelado. E meus pés. Oh, meus pobres pés. Eu senti como se estivesse dançando em uma cama fria de pregos, e pude ver meus passos traçando os padrões de dança de onde meus pés cortados espalhara sangue por todas as lajes.

Ainda assim, apesar de toda aquela dor, desconforto e sangue, eu estava *gostando* disso.

Dançar sempre foi uma daquelas coisas em que eu era naturalmente boa, ainda melhor do que Vasilia. E era a única coisa que ela nunca tentou competir comigo, nunca me venceu. Claro que em grande parte era devido ao fato de que ela sempre esteve cercada por um bando de admiradores durante qualquer baile de verdade. Mas ainda era a única coisa que ela nunca usou para me humilhar.

Pela primeira vez – pela primeira vez – não precisei me preocupar com Vasilia me vendo ou alguém sussurrando em seu ouvido que eu era realmente melhor em algo do que ela. Pela primeira vez, eu estava completamente livre para dançar do jeito que eu sempre quis – sem medo. Mesmo se eu errasse, mesmo se esquecesse de um passo, mesmo se Halvar se adiantasse e me rasgasse em pedaços, eu aproveitaria cada segundo da dança até aquele momento.

Uma vez que tomei essa decisão, uma vez que abracei completamente a dança, minha respiração ficou mais fácil, meus passos aceleraram e meus pés pararam de doer. Eu não sabia se minha imunidade havia saído e anulado a magia que cobria as lajes, ou se meus pés estavam tão frios agora que eu simplesmente não conseguia mais sentir a dor pulsando através deles. Não importava. Eu ainda tinha mais onze seções da dança para fazer, e aproveitaria cada uma delas.

Então eu acelerei meus pés e ri, me movendo para a próxima parte da dança. — Mais rápido! — falei para os músicos. — Mais rápido! Vocês estão ficando para trás!

As notas gaguejaram, como se os músicos fossem surpreendidos pelo meu pedido, mas eles me seguiram, e a música subiu para um nível rápido e animado. Enquanto eu dava voltas e mais voltas, aplausos ruidosos e entusiasmados substituíram o som dos meus pés nas pedras. Os Ungers estavam realmente batendo palmas ao som da música e da dança. Bjarni sorria largamente, e até Halvar batia palmas junto com todos os demais.

Uma por uma, eu executei todas as seções da dança. Eventualmente, a música acabou, e meus movimentos tornaram-se mais curtos e mais lentos até as notas desaparecerem completamente. Mantive a última posição, meus olhos se fecharam e meu rosto inclinado para o céu. Então abaixei minha

cabeça, abri meus olhos e olhei para Halvar. Descrença encheu seu rosto, junto com relutante respeito.

Mas havia mais uma parte na dança, a coisa mais difícil de todas. Então inclinei minha cabeça para Halvar e tomei a posição final. Eu caí de joelhos, sentei-me sobre eles e coloquei minha testa nas pedras, apesar de estarem escorregadias com meu próprio sangue. Então eu estendi meus braços para os lados, deixando-me completamente vulnerável.

Nada aconteceu por vários segundos, mas depois passos rasparam na pedra. Eu não consegui ver o que estava acontecendo, mas esse era o ponto. Isso era uma questão de confiança, e não poderia haver amizade sem confiança. Talvez essa fosse a razão pela qual eu finalmente disse a Paloma e aos outros quem eu era. Porque eu queria amigos de verdade, depois de todos esses longos anos sem ter nenhum.

Algo frio e afiado tocou a parte de trás do meu pescoço, e cerrei os dentes para evitar vacilar. Halvar estava de pé em cima de mim, segurando uma espada contra a minha pele. Dada a minha posição no chão, ele poderia facilmente empurrar a lâmina pelo meu pescoço e me matar. Sem dúvida, ele estava tentado, dado como eu o desafiei em cada passo. Mas eu o encurralei em um canto, como Bjarni havia dito, e agora a tradição exigia que ele visse a dança até o fim ou mancharia sua própria honra.

Então eu mantive minha posição e esperei.

Um minuto se passou, depois dois, depois três e Halvar ainda manteve a espada pressionada contra o meu pescoço. Ninguém se movia ou falava, e o silêncio tenso e carregado se estendia indefinidamente. Eu usei o tempo para pegar minha respiração e reunir minhas forças para o ato final do Tanzen Freund.

Alguém – Bjarni, eu acho – claramente limpou a garganta, dizendo a Halvar para seguir em frente. Halvar suspirou, em seguida, tirou a espada do meu pescoço, abaixou-se e colocou o cabo na minha mão estendida.

— Tente não arrancar a minha cabeça com isso — murmurou.

Então ele se levantou e recuou exatamente três passos. Soltei um suspiro e curvei meus dedos em volta do punho da espada. Era uma arma

grande e pesada, muito grande e pesada para mim, mas eu precisava manejá-la corretamente ou eu seria morta.

Eu ainda podia ouvir a música da dança tocando em minha mente, então imaginei combinar meus movimentos à batida rápida e constante, assim como fiz com os outros passos. Eu respirei fundo, sugando profundamente o ar para os meus pulmões, e visualizando o que eu precisava fazer a seguir. Então, ainda ouvindo essa batida constante, eu me levantei, levantei a espada, girei ao redor e cortei com a lâmina.

Halvar estava ereto e alto, com os braços ao lado do corpo, embora suas mãos estivessem cerradas em punhos apertados. A espada se aproximou do pescoço dele, e todos no pátio engasgaram de surpresa, mesmo os Ungers.

Este era o momento da verdade.

No último segundo, parei o golpe, de modo que a lâmina estava apenas descansando contra sua pele, em vez de cortá-la. Meu braço tremeu pela tensão de empunhar uma espada tão pesada, mas mantive a posição por treze batidas – segundos – como a tradição ditava. Então eu abaixei lentamente a espada. Agarrei a arma pela lâmina, mesmo que ela cortasse minha palma, e a segurei para ele primeiro.

Halvar olhou para mim, incredulidade em seus olhos, mas não teve escolha a não ser pegar a espada. Ele se curvou para mim, então me virei e olhei para a sacada do segundo andar, onde a figura envolta em preto ainda estava sentada. Ah, sim. Eu havia me esquecido do meu juiz.

A figura inclinou a cabeça para o lado, estudando-me de novo, depois levantou. Todos os outros Ungers também.

— A dança foi concluída para minha satisfação — falou a figura em voz alta. — Esta mulher agora é nossa amiga. Até que as montanhas desmoronem em cinzas.

— Até que as montanhas desmoronem em cinzas. — Todos os Ungers repetiram a frase, então inclinaram suas cabeças para mim.

Eu fiz uma careta, olhando para a figura. Talvez tenha sido minha imaginação, mas eu poderia jurar que conhecia aquela voz.

A figura virou e desapareceu por uma das portas da sacada. Comecei a mancar para onde meus amigos estavam na beira do pátio, mas Halvar estendeu o braço, me impedindo. Todos ficaram em silêncio novamente.

Um minuto depois, uma série de *tap-tap-taps* soou cada vez mais alto. Fiz uma careta novamente. Eu poderia jurar que também conhecia esse som. Os ruídos continuaram, e a figura de preto apareceu em um dos arcos e dirigiu-se por este caminho.

A figura parou na minha frente e percebi que ela segurava uma bengala. E não apenas qualquer bengala, mas uma coberta com uma cabeça de ogro prateada. Meus olhos se arregalaram em choque.

A figura estendeu a mão e tirou o chapéu preto e o véu da cabeça, revelando cabelos ruivos acobreados, olhos cor de âmbar e um rosto que eu nunca pensara que veria de novo.

— Xenia — sussurrei.

Lady Xenia sorriu para mim, assim como o ogro em seu pescoço.

Eu sorri para ela. Na verdade, não consegui segurar o sorriso, a expressão tão grande e feliz que fez minhas bochechas doerem. Mas sorrir não foi suficiente e comecei a rir. Eu não sabia a razão. Talvez isso fosse a pura felicidade absoluta enchendo meu coração.

Xenia estava viva.

Halvar franziu a testa, sem saber por que eu estava rindo. Assim como todos os outros, mas não me importei. Parecia tão bom rir agora.

Levou-me quase um minuto, mas eu finalmente consegui parar minhas risadas malucas, embora lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto. Não me importei. Pela primeira vez, eram lágrimas de alegria em vez de tristeza.

Xenia inclinou-se para mim e endireitou-se novamente. Eu executei a perfeita reverência de Bellonan em retorno, mesmo que meus pés estivessem pingando sangue e inchados até o dobro do tamanho normal. Pequenas estrelas brancas piscaram nos meus olhos, mas eu as ignorei, junto com a dor e a exaustão subindo no meu corpo.

Xenia tentou me dar um olhar severo, mas seus lábios se curvaram em outro sorriso. — Essa foi a melhor representação do Tanzen Freund que eu já vi. Cada passo, todo movimento foi perfeito.

Sorri para ela. — Isso é porque eu tive uma excelente professora.

As palavras foram a última gota. Aquelas estrelas brancas nos meus olhos ficaram maiores e maiores, e mais e mais escuras. A dor e a exaustão aumentaram, ainda mais fortes do que antes, e a escuridão me arrastou.

* * *

Eu estava sendo testada.

Sentei-me em uma cadeira, observando um mago arrumando objetos em uma mesa. Sementes, bulbos de flores em vasos, pedaços de pedra, velas. Todos esses itens e dezenas mais cobriam a madeira.

Hoje, eu seria testada para determinar que tipo de magia eu tinha, assim como todos os membros da família real, todos os Blair, eram quando completavam doze anos de idade. Eu poderia ter dito ao mago para não se incomodar, que eu já sabia exatamente quais poderes eu tinha – meu senso de olfato e minha imunidade.

E esse era o problema.

Todos já sabiam do meu olfato, mas minha mãe sempre me avisou para nunca contar a ninguém sobre minha imunidade. Ela havia dito que outras pessoas saberem sobre isso me tornaria um alvo em mais maneiras do que eu poderia imaginar. Eu não havia realmente entendido o que ela quis dizer, mas sempre mantive o meu poder em segredo, como ela dissera. Mas como eu ia esconder isso durante o teste?

— Não se preocupe, Everleigh — murmurou uma voz suave. — Apenas faça seu melhor.

Olhei para Vasilia, que estava sentada ao meu lado. Eu estive em Seven Spire por algumas semanas agora, e nós duas éramos inseparáveis desde aquele primeiro dia. Nós fizemos tudo juntas, de comer nossas refeições a aprender nossas lições e brincar com outras crianças. Eu até dormia em um quarto no corredor do dela. Vasilia era minha melhor amiga e eu estava muito feliz por ela estar aqui.

— Não vejo porque eu tenho que ser testada — disse eu pela décima vez em poucos minutos. — Todo mundo já sabe que não tenho magia, além do meu olfato.

— Você tem que ter *algo* mais útil do que seu nariz bobo. — A voz de Vasilia era estranhamente plana, e ela bateu os dedos no braço da cadeira, como se estivesse irritada.

Fiz uma careta, imaginando seu humor estranho. Vasilia estivera inquieta e impaciente nesta manhã. Talvez estivesse nervosa por mim. Estendi a mão e apertei a mão dela, tentando tranquilizá-la tanto quanto a mim. Ela hesitou, depois apertou de volta, embora seu sorriso não tenha aquecido seu lindo rosto da maneira que normalmente fazia.

O mago terminou de arrumar os objetos e gesticulou para que eu me aproximasse. Borboletas nervosas tremiam no meu estômago, mas soltei um suspiro, me levantei e me aproximei para começar o teste.

Durante a hora seguinte, peguei um objeto após o outro para ver se tinha alguma magia relacionada a isto. A capacidade de um mestre de fábrica de fazer as sementes crescerem e os bulbos florescerem. O poder de um mestre de pedra para esculpir e comandar rochas. Um fogo mágico para acender velas.

Um por um, peguei os objetos e me concentrei, um a um, coloquei todos no lugar novamente depois que nada aconteceu. Sem novas habilidades, sem fogo, nada da minha parte. A única coisa que eu tive alguma reação foi um vidro de perfume. No primeiro perfume, a garrafa parecia ser preenchida com um aroma agradável. Eu respirei fundo, enruguei meu nariz e abaixei a garrafa. Eu podia sentir o cheiro da podridão que se escondia embaixo do cheiro enganosamente doce.

— Um olfato melhorado, como esperado — murmurou o mago. — Nada mais até agora.

Na cadeira, Vasilia suspirou, revirou os olhos e começou a bater nos dedos novamente. Ela parecia mais irritada e impaciente do que antes. O que havia de errado com ela?

O mago me fez pegar o resto dos objetos para ter certeza de que eu não tinha nenhum dos outros poderes. Tudo estava bem até chegar ao item final – uma longa e esguia espada de tearstone.

Ao contrário dos outros objetos, que eram bobos, coisas comuns, a espada estava cheia de magia.

Meu nariz se contraiu. Eu podia sentir o cheiro da energia irradiando dela. O mago acenou para mim e eu não tinha escolha senão pegar a espada, mesmo sabendo o quanto ia doer.

Assim que meus dedos se fecharam sobre a espada, golpes afiados e invisíveis de raios chiaram contra a minha pele. Em um instante, minha mão parecia estar pegando fogo do poder pungente, e minha imunidade se levantou, querendo apagar a magia. Comecei a libertar o meu poder, mas então percebi que o mago estava me observando mais atentamente do que antes, como se esse objeto fosse mais importante do que todos os outros combinados. Até mesmo Vasilia havia parado de se mexer e estava inclinada para frente.

Este não era um teste para ver se eu tinha magia – era um teste para ver se eu poderia destruí-la.

— Você sente alguma coisa? — perguntou o mago. — Qualquer magia? Algum formigamento? Alguma sensação de qualquer tipo?

Mantive meu rosto em branco e balancei a cabeça, como se não sentisse a magia chocando meus dedos repetidamente. — Eu sinto muito. Apenas parece uma espada para mim. Nada mais.

O mago suspirou. — Solte-a então.

Mesmo que eu quisesse largá-la como uma pedra quente, eu lentamente coloquei a espada sobre a mesa. Olhei para Vasilia, esperando que ela estivesse sorrindo agora que a primeira parte do teste terminou, mas ela ficou de pé, virou e saiu da sala sem olhar para trás.

— Vasilia? — chamei. — Onde você vai?

Ela não respondeu. Meu estômago se contorceu de preocupação, mas eu a afastei. Vasilia pode ser minha melhor amiga, mas ela também era a princesa da coroa. Ela provavelmente foi chamada para alguns negócios reais.

O mago me fez pegar todos os objetos novamente, checando para ter certeza de que eu não tinha outros poderes. Quando o teste terminou, corri para sala de jogos de Vasilia. As portas estavam fechadas, embora eu pudesse ouvir risadinhas fracas lá dentro. Vasilia já deve estar lá, junto com alguns de nossos outros amigos. Eu sorri e puxei uma das maçanetas.

As portas estavam trancadas.

Puxei primeiro uma porta, depois a outra, mas elas não se mexeram. Estranho. Então eu levantei minha mão e bati. — Vasilia? Você está aí? É Everleigh.

Mais risadinhas soaram mais alto do que antes, embora parecessem ter uma ponta afiada nelas. Bati de novo e, alguns segundos depois, a porta finalmente se abriu. Vasilia estava na sala de jogos, usando seu vestido rosa favorito e tiara de diamantes. Atrás dela, três meninas estavam sentadas ao redor da mesa com uma festa de chá com bolinhos e xícaras fumegantes de chocolate.

Comecei a entrar, mas Vasilia colocou o braço na porta, me impedindo de entrar.

— O que você acha que está fazendo? — retrucou.

— Juntando-me você e as outras para bolos e chocolate como sempre.

Vasilia sacudiu a cabeça. — Você não é bem-vinda aqui. Não mais.

— Claro que sou bem-vinda aqui. Eu sou sua amiga.

Ela soltou uma pequena risada zombeteira. — Oh, Everleigh. Você não tem ideia do que está acontecendo, não é? Eu sempre soube que você não era nada mais do que uma idiota boba do campo.

— O que você quer dizer? O que está acontecendo?

— Não posso acreditar que perdi meu tempo sentada durante o seu teste. — Uma pontada de escárnio rastejou na voz de Vasilia. — Embora isso não fosse tão tedioso quanto o tempo todo que eu perdi escutando você chorar sobre seus pais mortos. Você é uma coisa tão fraca, chorosa e patética.

Eu recuei em choque. Ela nunca havia falado comigo assim antes. Por que ela estava dizendo todas essas coisas cruéis?

— Suportar o seu choramingar poderia ter valido a pena se você tivesse tido até um pingo de magia. Mas você *não* tem. — Vasilia zombou de mim

novamente. — Você não tem *nenhuma* magia, o que faz de você completamente *inútil*.

Cada palavra que ela dizia era como um punhal cortando outro pedaço do meu coração, e lutei para afastar minha dor e surpresa e me concentrar em suas palavras.

— Mas, mas você é minha *amiga*. Você é minha *melhor amiga*. — Eu não conseguia manter o tremor fora da minha voz. — Você não deveria se importar se eu tenho magia ou não.

Vasilia soltou outra risada, mais alta e ainda mais zombeteira. — Eu *não* sou sua amiga, *nunca* fui sua amiga. Eu estava apenas brincando para ver se você poderia ser de alguma utilidade para mim. — Ela levantou o queixo. — Eu serei rainha um dia, mais cedo do que todos pensam, e preciso das pessoas certas ao meu redor. Pessoas fortes, aliados fortes como as meninas nesta sala.

Ela apontou o polegar por cima do ombro e olhei para as garotas sentadas ao redor da mesa. Um era filha de um senador, a segunda tinha pais ricos de florim e a terceiro estava em treinamento para se tornar uma poderosa mestre de pedras.

Abri minha boca para protestar que eu era forte e que, do meu jeito, eu tinha muita magia como Vasilia com seu relâmpago. Eu ansiava contar a ela sobre minha imunidade. Naquele momento, eu queria revelar meu poder para ela mais do que qualquer coisa. Ela me aceitaria de volta, ela seria minha amiga novamente, se soubesse da minha imunidade. Eu tinha certeza disso.

Mas algo me segurou. Talvez fosse a voz da minha mãe sussurrando um aviso em minha mente. Ou quão de perto o mago me observara quando eu pegara aquela espada de tearstone durante o teste. Ou a maneira que Vasilia olhava para mim agora, como se eu fosse uma mancha no chão, algo muito, muito abaixo de sua atenção. Talvez tenha sido tudo junto. De qualquer forma, eu sufoquei minhas palavras.

— Encare, Everleigh. Você é apenas uma menina órfã perdida, sem pais, sem dinheiro e sem magia. E agora que eu sei quão fraca e inútil você realmente é, não tenho que desperdiçar mais tempo fingindo me importar com

você. — Os olhos azul-acinzentados de Vasilia eram tão frios e duros como as colunas de pedra. — Não volte aqui e nunca mais me incomode novamente.

Ela bateu a porta na minha cara. Um momento depois, ouvi o clique da fechadura deslizando, seguido por outra rodada de risos das outras garotas. Os sons bateram no meu coração, um após o outro, quebrando-o em cem pedaços. Lágrimas quentes reuniram nos meus olhos e raiavam pelo meu rosto, mas não eram nada em comparação com os fragmentos afiados que estavam torcendo e torcendo no meu peito, me cortando em pedaços de dentro para fora...

* * *

Meus olhos se abriram. Eu estava deitada na cama, segurando meu peito, como se eu pudesse de alguma forma aliviar a dor da longa traição de Vasilia. Mas nunca fui capaz de fazer isso, e desta vez não foi diferente. Então eu abaixei a mão e olhei para o afresco no teto, que continha ogros correndo por uma floresta...

Espere. Por que havia ogros no teto?

Por um momento, não me lembrei de onde estava, mas depois tudo voltou correndo. Matar o mago do tempo. Ser capturada pelos Ungers. Executar o Tanzen Freund. Perceber que Xenia estava aqui.

Eu me sentei e olhei ao redor. Eu estava deitada em uma grande cama de dossel coberta com lençóis macios e cobertores grossos que ficava no fundo da sala. Um criado-mudo, um armário e uma penteadeira com espelho estavam encostados nas paredes ao redor da cama, enquanto uma mesa redonda ladeada por várias cadeiras estava na frente de uma lareira que ocupava a maior parte da outra parede. Uma porta aberta à minha esquerda levava a um banheiro com uma banheira de porcelana branca montada em cabeças de ogro de prata. A luz do sol entrava pelas cortinas de renda branca nas janelas, me dizendo que era por volta do meio-dia.

Meu nariz se contraiu e olhei para o meu corpo. Alguém me limpou e eu agora vestia pijamas de seda azul, em vez de todas as camadas de roupas que eu tinha no pátio. Mexi meus braços e pernas. Alguém, provavelmente

Aisha, me curou também, embora eu ainda me sentisse cansada e dolorida. Tirei as cobertas para descobrir que meus pés estavam fortemente enfaixados. Flexionei meus dedos dentro das bandagens brancas. Meus pés pareciam tão doloridos quanto o resto de mim, mas pelo menos eles ainda estavam ligados ao meu corpo.

Alguém limpou a garganta. Minha cabeça se virou para a direita. Eu não havia notado ela antes, mas Lady Xenia estava sentada em uma das cadeiras junto à lareira, lendo um livro.

Ela sorriu para mim. — Olá, Everleigh.



Capítulo 24

— Estou morta? — perguntei.

O rosto de Xenia se enrugou com confusão. — Por que você diria isso?

— Porque você continua sorrindo para mim. Você nunca sorriu para mim. Nenhuma vez em todas as semanas que nós trabalhamos juntas.

Seus olhos se estreitaram. — Esse é um problema que é facilmente corrigido.

Sorri abertamente. — Ah, essa é a Xenia que eu conheço. Severa e exigente.

Ela bufou. — E tem a Everleigh que eu conheço. Descaradamente enganosa. — Ela apontou para um robe de seda azul deitado ao pé da cama. — Coloque isso, e vamos tomar uma bebida.

Levantei-me, vesti o robe e enfiei meus pés enfaixados em um par de chinelos macios e acolchoados ao lado da cama. Então me arrastei e me sentei na cadeira em frente a Xenia.

Ela trocara seu longo casaco preto por uma túnica verde-escura encimada por uma jaqueta curta combinando, junto com leggings e botas pretas. Sua bengala de prata com a cabeça de ogro estava inclinada ao lado de sua cadeira. Ela pegou uma garrafa de cristal, também em forma de ogro, e serviu uma quantidade saudável de líquido âmbar em um copo. Brandy de maçã pelo cheiro. Ela passou o copo para mim, em seguida, serviu-se de um antes de deixar o decantador de lado.

— Para nós. — Xenia ergueu o copo. — Os sobreviventes.

Fiz uma careta, mas bati meu copo contra o dela, me inclinei para trás no meu assento e tomei um gole. O conhaque estava frio como gelo na minha boca, com um sabor doce, como uma maçã caramelizada. Eu engoli, e o conhaque esquentou enquanto deslizava pela minha garganta antes de formar uma piscina quente no meu estômago.

Xenia e eu tomamos nosso conhaque em um silêncio sociável. Passou vários minutos antes que ela falasse novamente.

— Sempre preferi um bom e forte brandy a qualquer outra coisa. Especialmente champanhe.

— Você não bebeu champanhe no almoço — disse eu. — É por isso que você foi capaz de mudar quando nenhum dos outros metamorfos conseguiram. É por isso que você conseguiu revidar.

Ela assentiu e tomou outro gole de conhaque.

— E quanto a Gemma, a garota Andvariana? O que aconteceu depois que você desapareceu com ela?

— Maeven me machucou muito com seu raio, mas consegui levar a garota para dentro do palácio.

Outro sorriso cintilou no rosto de Xenia. — Você causou uma boa impressão em Gemma. Ela continuou gritando que deveríamos voltar e ajudá-la.

— Mas você não poderia voltar.

Xenia balançou a cabeça. — Não. Os guardas nos perseguiram, então tivemos que correr. Gemma começou a gritar que tínhamos que ir a oficina do mestre, e percebi que ela falava sobre Alvis, e que você disse a ela para encontrá-lo.

Minha respiração ficou presa na minha garganta e meus dedos se apertaram em volta do copo. Eu perdi Isobel e eu pensei que Alvis também estava morto. — E você foi?

Ela assentiu novamente. — Alvis estava em sua oficina. Assim que ele percebeu o que estava acontecendo, usou sua magia para derrubar parte do teto e bloquear a porta. Nós podíamos ouvir os guardas lá fora, mas eles não conseguiram atravessar a barricada.

— Mas como você saiu da oficina se Alvis a trancou lá dentro?

Xenia deu de ombros. — Ele pressionou uma pedra na parede e abriu uma passagem secreta.

Eu pisquei. Em todos os anos em que trabalhei para ele, nunca suspeitei que houvesse uma passagem secreta em sua oficina. Então, novamente, era típico de Alvis manter algo assim para ele.

— A passagem levava a alguns dos antigos túneis de mineração que ainda funcionam sob Seven Spire — continuou Xenia. — Alvis sabia tudo sobre os túneis. Ele disse que nós poderíamos usá-los para escapar, e ele estava certo. Nós nos arrastamos através dos túneis do palácio, todo o caminho sob o rio Summanus, e saímos em uma mina abandonada na periferia da cidade.

Esses devem ser os mesmos túneis que Serilda e Cho estavam falando depois da vigília da rainha. Os que eles disseram que foram bloqueados e não puderam usar para resgatar o Capitão Auster.

— Todos os guardas vira-casaca ainda estavam em Seven Spire, então foi relativamente fácil para nós escaparmos de Svalin. Nós nos deparamos com alguns problemas depois disso, mas finalmente chegamos em segurança. — Xenia apontou para o quarto com o copo dela. — Eu estou aqui desde então. Castelo Asmund está na minha família por gerações, embora poucas pessoas saibam que me pertence. Halvar, meu sobrinho, cuida dele durante os meses que estou em Bellona.

— E Alvis e Gemma? — perguntei, meus dedos apertando em volta do meu copo novamente.

— Seguros em Andvari. Eles estão sendo protegidos pelo rei.

Suspirei de alívio. Alvis e Gemma escaparam das garras de Vasilia. Eu queria ver o mestre de metalstone e a garota, mas era suficiente saber que eles estavam vivos e bem.

Xenia se recostou na cadeira e me estudou. — Mas parece que minha aventura empalidece em comparação com a sua. Eu não sabia o que pensar quando Halvar voltou ao castelo ontem alegando que alguma mulher havia exigido executar o Tanzen Freund, a fim de salvar sua tropa de gladiadores.

No começo, pensei que era algum truque e que os servos de Vasilia haviam me encontrado. Mas então você apareceu no pátio.

Bufei. — Eu não chamaria isso de aventura.

— Então, como você chamaria isso?

— Sobrevivência.

Uma batida aguda soou, a porta se abriu e Serilda entrou, seguida por Cho, Paloma, e Sullivan, que fechou e trancou a porta. Os quatro caminharam até a mesa onde Xenia e eu estávamos sentadas.

Meus amigos foram curados e limpos, e não mostraram efeitos nocivos do mago da tempestade ou qualquer outra coisa. Cho e Paloma sorriram, dizendo que estavam contentes em me ver. Serilda e Sullivan não. Raiva apimentada irradiava dos dois, especialmente de Serilda.

— Bem, não é tão acolhedor? — demorou Serilda. — Embora eu pensasse que seria cedo demais para brandy, Xenia.

— Nunca é cedo para brandy, Serilda. Especialmente quando tenho convidados tão distintos. — Xenia ironicamente brindou a outra mulher com seu copo.

Olhei de um lado ao outro entre elas. — Vocês duas se conhecem?

— Oh, sim — falou Serilda novamente. — Conheço todos os espiões ungerianos em Bellona. Ainda se reportando a sua prima, a rainha?

Xenia deu de ombros. — Só quando tenho algo de interesse para reportar.

Serilda deu um passo à frente, sua mão caindo para a espada presa à cintura. — Se você disser a alguém sobre nós, se alguém souber que estamos aqui...

— Você fará o quê?

Serilda deu-lhe um sorriso fraco. — Eu vou cortar o ogro do seu pescoço... antes de cortar sua garganta.

Os olhos cor de âmbar de Xenia brilhavam com uma luz perigosa, e ela colocou o copo na mesa e se levantou. Abaixei meu próprio copo, levantei e entrei entre elas.

— Chega. — Estendi minhas mãos. — É o bastante. Somos todos amigos aqui. Não inimigos.

Serilda e Xenia continuaram se encarando, mas Serilda não puxou sua espada, e Xenia não se transformou.

— Por que todos nós não sentamos, tomamos uma bebida e conversamos? — sugeri.

— Sim — disse Sullivan em uma voz fria. — Vamos conversar. Nós podemos começar com você nos dizendo quem você realmente é, *alteza*, e especialmente como você colocou as mãos nisso.

Ele colocou a pedra de memória de opala sobre a mesa, forte o suficiente para fazer o brandy cair de seu decantador. Sullivan recuou e cruzou os braços sobre o peito. Eu esperava que ele estivesse zangado, mas não tão zangado. E o jeito que ele rosnou o *alteza* fez parecer que eu tinha de alguma forma machucado-o, embora eu não tivesse ideia de como poderia ter feito aquilo.

— O que Lucas está tentando dizer é que gostaríamos de uma explicação, Everleigh — disse Cho em uma voz calma e razoável.

— Evie — murmurei. — Meu nome é Evie.

Cho olhou para Serilda, e os dois trocaram um olhar que não consegui decifrar. — Muito bem... Evie.

Paloma tocou meu braço. — Diga-nos o que aconteceu. Por favor.

Dei-lhe um sorriso agradecido, estendi a mão e apertei a mão dela. Ela acenou para mim e enfrentei os outros novamente.

— Cho está certo — disse eu. — Eu devo uma explicação a todos vocês. Então sentem-se e mostrarei exatamente o que aconteceu.

* * *

Todos sentaram-se à mesa. Xenia ofereceu aos outros uma taça de conhaque, embora Cho fosse o único que aceitou. Serilda olhou para ele, mas Cho sorriu para ela. Aparentemente, ele amava álcool tanto quanto as sobremesas.

Depois que todos sentamos, gesticulei para a pedra da memória e olhei para Sullivan. — Você assistiu?

— Não — rosnou ele —, eu queria ver o que você tinha a dizer primeiro.

Eu ainda não tinha ideia de por que ele estava tão bravo, mas todo mundo estava esperando, então eu arrumei a pedra da memória em direção a um espaço na parede que estava livre de tapeçarias. Eu respirei e deixei sair, me preparando. Então bati na pedra da memória três vezes e sentei na minha cadeira.

A opala começou a brilhar com uma luz branca pura, e as manchas azuis, vermelhas, verdes e roxas na superfície brilhavam também. Uma por uma, essas partículas de cor subiram da pedra e pairaram lá como estrelas suspensas no ar. Então elas dispararam pela sala e se ligaram a parede. As cores ficaram maiores, mais brilhantes e mais nítidas, e finalmente se aglutinaram em uma imagem sólida, como se estivéssemos assistindo a uma pintura em movimento.

Meu rosto foi a primeira coisa que apareceu.

Eu estava olhando para a pedra, certificando-me de que estava gravando. Então eu pisei para o lado, e o gramado real apareceu com suas mesas e grupos de pessoas. Eu fiz uma careta, sabendo que só ficaria pior.

E isso aconteceu.

A pedra da memória registrou tudo, desde o momento em que eu a liguei, até a chegada de Vasilia no almoço, ela esfaqueando o príncipe Frederich, ela admitindo que envenenou todo mundo e ordenando os guardas vira-casaca a atacar. Depois disso, os sons, gritos e gemidos da batalha soaram. A última imagem foi da minha mão se fechando sobre a pedra.

Inclinei-me e bati na pedra mais três vezes, preservando as memórias até a próxima vez que alguém quisesse vê-las. Ninguém disse uma palavra durante quase dois minutos.

Serilda se virou para Xenia. — Eu vou tomar essa bebida agora.

Xenia serviu um copo de brandy para todos e nos sentamos, tomando nossas bebidas.

— O que aconteceu depois que você colocou a pedra da memória na sua bolsa? — perguntou Cho, quebrando o silêncio.

Engoli o último gole do brandy e contei a eles o resto. Ajudando Gemma e Xenia escapar, abrindo caminho até Cordelia, Vasilia esfaqueando a rainha e me derrubando do muro, acordando no rio, caminhando de volta para a

cidade, vendo o primeiro show de gladiadores, esgueirando-me até a casa de Sullivan.

Quando terminei, todos ficaram em silêncio novamente. Xenia, Paloma e Cho me deram olhares simpáticos, junto com Sullivan, que parecia muito menos chateado do que antes. Mas Serilda olhou para mim, o apimentado cheiro de sua ira mais forte que nunca.

— Quem são Maeven e Nox? — perguntou Paloma. — Para quem eles realmente trabalham?

— Nox é um sobrinho do rei Mortan — disse Xenia. — Quanto a Maeven, até meus espiões não foram capazes de descobrir quem ela realmente é, mas se eu tivesse que adivinhar, diria que ela é uma bastarda real, uma irmã do rei.

Serilda assentiu, concordando com ela.

— Por que isso é importante? — perguntei.

— Durante anos, tem havido rumores de que a família real Mortan usa seus filhos bastardos para fazer seu trabalho sujo como espiões, assassinos, esse tipo de coisa — disse Xenia. — Dessa forma, se algum deles for pego, a família real pode negar ter qualquer envolvimento com os crimes de seus parentes bastardos. Pelo que eu vi, Maeven se encaixa nesse molde.

Mais uma vez, todos ficaram em silêncio, mas Xenia olhou para mim, seus lábios enrugados em pensamento.

— Há uma coisa que eu ainda não entendo — disse ela. — O raio de Vasilia é bastante poderoso. Como você sobreviveu a uma explosão direta?

— Sim, alteza — murmurou Sullivan. — Diga.

Suspirei. Eu lhes contei o resto dos meus segredos. O que era mais um? Além disso, Paloma já sabia, e os outros descobririam em breve. — Eu sou imune à magia.

Todos, exceto Paloma, me encararam com uma expressão vazia. Suspirei de novo, fiquei de pé e me aproximei de uma lâmpada de fluorestone na mesinha de cabeceira. Eu liguei a lâmpada. Quando a fluorestone acendeu, envolvi minha mão em torno do suporte e soltei com o meu poder. Um instante depois, a luz cintilou, então desapareceu completamente.

Xenia e Cho sugaram respirações surpresas, enquanto um olhar pensativo percorreu o rosto de Sullivan. Serilda ficou olhando para mim com olhos irritados e estreitados.

— Foi assim que você conseguiu salvar Paloma do wormroot — disse Sullivan. — Você usou sua imunidade para neutralizar o veneno.

— Algo parecido.

— Também foi assim que ela tirou a velocidade de Emilie na competição do círculo preto — acrescentou Paloma.

— Você estrangulou a velocidade de Emilie para que pudesse matá-la. — Cho olhou para mim como se ele nunca tivesse me visto antes, assim como o dragão no seu pescoço. — Isso é impressionantemente cruel.

Minha boca torceu. — Isso é o que crescer em um poço de víboras fará com você.

Serilda drenou o resto do brandy e ficou em pé. Ela olhou para o copo vazio em sua mão, então virou e jogou-o contra a parede. O cristal quebrou e todo mundo se agitou surpreso, exceto por Cho, que suspirou, como se soubesse o que viria a seguir.

Serilda apontou o dedo para mim. — Sua garota estúpida, imprudente e tola! — rosnou. — Eu deveria torcer seu maldito pescoço.

Raiva surgiu através de mim por ela desdenhosamente me chamar de *garota* mais uma vez, e fiquei em meus próprios pés. — Por quê? Por sobreviver?

Serilda apunhalou o dedo na pedra da memória na mesa. — Por manter isso para você mesma esse tempo. — Então ela apontou o dedo para mim novamente. — E especialmente por não me dizer quem você era.

Abri minha boca para retrucar para ela, mas ela me cortou.

— Sabe o que teria acontecido se você tivesse morrido na arena? Ou se o mago tivesse assassinado você na floresta? Ou se os Ungers tivessem te executado? Bellona teria se perdido. *Tudo* teria se perdido. — Os olhos azuis de Serilda ardiam de raiva, suas mãos enroladas em punhos, e todo o seu corpo tremia de emoção. — Eu pude *ver* isso. Pude ver o quão horrível, quão *impossível*, isso seria para todos.

Sua óbvia angústia me fez morder minha resposta sarcástica. — O que você quer dizer que você podia ver?

— Você não sabe? Serilda é uma pequena maga — murmurou Xenia. — Ela tem visões do futuro. Suas visões eram muito úteis para Cordelia. Pelo menos até a rainha parar de ouvi-las.

A mandíbula de Serilda se apertou, mas ela não negou.

Minha mente girou ao redor. Serilda era uma maga? Mas então eu pensei em como o seu escrutínio silencioso sempre parecia mais intenso do que a de qualquer outra pessoa, como se ela estivesse investigando meus pensamentos. E lembrei-me de algo que ela dissera a Cho na noite da vigília da rainha.

Eu disse a Cordelia que isso aconteceria. Eu disse a ela. De novo e de novo. Por anos. Mas ela não me escutou.

— Você sabia que o massacre ia acontecer — sussurrei. — Você viu com sua magia.

— Não — murmurou Serilda —, não vejo o futuro. Não realmente. Eu vejo possibilidades, coisas que podem acontecer. Mas magia ou não, eu sempre via Vasilia exatamente como ela era, desde que era um pouco mais que uma menina, e sempre soube que ela seria a causa da morte de Cordelia. Assim como Maeven e Nox quando apareceram em Seven Spire, eu sabia que aquele dia estava se aproximando rapidamente, e avisei Cordelia de novo. E desta vez, ela finalmente me ouviu.

Mas a verdade é que matar você seria uma misericórdia para todas as pessoas de Bellona e além. Só me arrependo de ter esperado tanto tempo para fazê-lo.

Desta vez, a voz de Cordelia sussurrou em minha mente. Ela dissera isso a Vasilia durante o massacre. Eu me perguntei quem a rainha havia contratado para matar sua própria filha, e agora eu sabia.

— Você — sussurrei novamente. — Era de você que Cordelia falava. Você ia matar Vasilia. — Meu olhar cortou de Serilda para Cho e de volta novamente. — É por isso que você voltou para Bellona depois de todos esses anos. É por isso que você construiu o complexo Cisne Negro. Então você

poderia ficar de olho nas coisas em Seven Spire. Cordelia deu-lhe a propriedade como pagamento inicial por assassinar Vasilia.

— Cordelia não me deu nada. Eu comprei essa propriedade de forma justa. Tenho me preparado para a traição de Vasilia por um longo, longo tempo. — A boca de Serilda se torceu, como se ela estivesse pensando sobre todos aqueles preparativos, o que quer que fossem. Então ela balançou a cabeça e se concentrou em mim novamente. — Mas sim, alguns meses antes do massacre, Cordelia me procurou, e Cho e eu começamos a fazer planos para assassinar Vasilia.

— E Vasilia de alguma forma descobriu sobre isso.

Serilda e Cho assentiram.

Tantas coisas de repente faziam sentido, incluindo por que Vasilia foi à arena na noite da competição no círculo preto e por que ela enviara aquele mago do tempo para matar Serilda, Cho, e todos da tropa. Vasilia queria eliminar seus pretensos assassinos antes que eles pudessem fazer o trabalho.

— Você tem alguma ideia de quanto tempo e dificuldade Cho e eu passamos procuramos por notícias, por uma dica, pelo mais fraco sussurro de que alguém sobreviveu? E você estava bem debaixo do meu nariz a porra do tempo todo. Não sei se admiro sua esperteza ou se você a estrangulo por isso. — Serilda soltou outro riso amargo. — Eu podia ver tudo, menos você, graças à sua maldita imunidade.

— Por que você não veio até nós como Cordelia lhe disse? — perguntou Cho. — Teríamos te protegido.

— Todo mundo que eu conheci acabara de ser assassinado — disse eu. — Tudo o que eu sabia sobre Serilda era que ela era uma guarda desonrada. Eu não sabia se podia confiar nela. Não sabia se podia confiar em alguém.

Cho assentiu, aceitando minha explicação, depois olhou para Serilda e ergueu as sobrancelhas, dizendo para ela fazer o mesmo. Ela bufou, mas soltou um suspiro, e um pouco da raiva e tensão foram drenadas de seu corpo.

— O que Cordelia disse para você? — perguntou ela em voz baixa. — No fim?

— Ela disse para lhe dizer que estava arrependida. Sobre tudo.

Um fantasma de um sorriso cintilou no rosto de Serilda, e sua mão subiu até a cicatriz de sol no canto do olho direito. E percebi que Cordelia deve ter lhe dado aquela cicatriz quando Serilda advertiu a rainha sobre Vasilia todos aqueles anos atrás. Cordelia teve muitos anéis feitos com o brasão do sol nascente, e ela era a única pessoa que poderia ter atingido Serilda e vivido para contar a história.

Serilda afastou a mão da cicatriz e balançou a cabeça novamente, como se estivesse limpando os pensamentos perturbadores de seu passado com a falecida rainha. — Bem, Cordelia estava certa sobre uma coisa. Nós devemos começar seu treinamento imediatamente.

— Treinamento para quê?

— Para o desafio real — respondeu ela. — Quando você lutar contra Vasilia pelo direito de ser rainha.

Meu coração caiu e meu estômago se apertou. Eu sabia que ela iria querer algo assim, mas eu ainda esperava evitar. — Não. Isso nunca foi minha ambição. Não tenho interesse em ser rainha. Não foi por isso que eu te disse quem eu era.

— Então, qual é a sua ambição? — perguntou Sullivan em uma voz suave. — Qual é o desejo do seu coração, alteza?

Eu me forcei a manter meu rosto em branco enquanto olhava para ele. — Deixar Seven Spire para sempre. Restaurar a propriedade da minha família nas montanhas. Finalmente ser *livre*. De toda a política do palácio e lutas internas e traições. De ser a substituta real, o fantoche real. E acima de tudo, de Vasilia e sua crueldade.

A simpatia cintilou no olhar de Sullivan. — Eu posso entender isso.

— O que Vasilia fez com você? — perguntou Paloma.

— Ela fingiu ser minha amiga, mas assim que pensou que eu não tinha utilidade, ela me dispensou.

De alguma forma, consegui manter a dor longe da minha voz. — Foi quando finalmente entendi o que ser um membro da realeza, o que ser uma Blair, realmente significa.

— E o que é? — perguntou Serilda.

— Eu sou apenas uma ferramenta que outras pessoas querem usar. Nada mais, nada menos. — Eu olhei para ela. — Assim como você quer me usar agora.

Ela balançou a cabeça. — Não quero usar você, Everleigh...

— Meu nome é Evie — rosnei. — Não Everleigh. Eu nunca serei Everleigh novamente.

Eu não falava apenas sobre os nomes. Evie era forte e confiante com uma amiga que realmente se importava com ela. Everleigh tinha e não tinha nenhuma dessas coisas.

— Tudo bem, Evie — disse Serilda. — Vamos nos acalmar e conversar sobre isso...

Apontei meu dedo para ela. — Não se *atreva* a jogar esse jogo de bajulação comigo. Tenho jogado nos últimos quinze anos, e sou muito, muito melhor nisso do que você. Além disso, ouvi você conversando com Cho na noite da vigília à luz das velas. O que você disse? Ah, sim. Que você queria encontrar um Blair, qualquer Blair. Você não se importava com quem.

Os lábios de Serilda se apertaram, enquanto Cho estremecia.

— Claro que você quer me usar. Você acha que eu posso te ajudar a recuperar tudo que você perdeu quando saiu de Seven Spire. — Cruzei os braços sobre o peito. — Deixe-me adivinhar. Você já escolheu seu título. Conselheira pessoal para a rainha ou algo assim, certo?

Serilda deu um passo à frente, com as mãos cerradas em punhos e a raiva em seus olhos novamente. — Não me importo com títulos malditos. Eu me importo com Bellona. E você pode salvar pessoas – *seu povo* – de ser levado a uma guerra sem sentido por uma cadela traiçoeira que só se importa consigo mesma.

Suas palavras me deram um soco no estômago, mas ainda tentei negá-las.

— Por quê? Porque eu sou uma escolhida? Algum floco de neve especial com um poder único que ninguém viu antes? Porque eu posso enfrentar Vasilia e o maligno império Mortan e vencer? — Soltei uma risada suave e amarga. — Você está sonhando se acha que posso fazer isso. Eu estava na

décima sétima posição na fila para o trono. Ninguém nunca me escolheu para nada, exceto para ser um alvo nos seus jogos.

— Eu não acho que você possa fazer isso. — A voz de Serilda era suave e séria. — Eu sei que você pode fazer tudo isso e muito mais.

— Por quê?

— Porque você é uma rainha Winter.

Joguei minhas mãos em exasperação. — Nem sei o que isso *significa*. Então, se eu for uma rainha Winter? É apenas uma velha rima de conto de fadas.

Serilda e Cho trocaram um olhar, embora eu não conseguisse decifrar seu significado.

— É muito mais do que apenas uma velha rima de conto de fadas — disse Serilda. — E você sabe exatamente o que significa, porque você tem agido como uma rainha Winter o tempo todo, desde o momento em que o massacre começou.

— O que você quer dizer?

Desta vez, foi Serilda quem levantou as mãos. — Quero dizer que você está ajudando pessoas esse tempo todo. Primeiro, durante o massacre, quando salvou Gemma. Então, no Cisne Negro, quando usou sua imunidade para curar Paloma. Quando você se ofereceu para ir atrás do mago do tempo que estava tentando nos matar. E então, quando concordou em trocar sua vida por toda a tropa e realizar o Tanzen Freund. Você tem ajudado as pessoas o tempo todo. E *isso* é o que uma rainha Winter realmente faz, Evie.

Eu não sabia como responder a isso.

Cho limpou a garganta e ficou de pé. — O que Serilda está tentando dizer é que agora você tem a chance de ajudar a todos. Todas as pessoas em Bellona e Andvari que estão apanhadas na trama de Vasilia. Todas as pessoas inocentes que estão indo para a guerra sem motivo. Todos os homens e mulheres inocentes que morrerão se você não fizer algo sobre isso.

Suas palavras me fizeram pensar nos mineiros que eu vi quando saímos de Svalin. Dos guardas estalando o chicote e forçando os trabalhadores para dentro das carroças. Essas eram apenas algumas das pessoas que

Vasilia já havia ferido, e sua guerra com Andvari devastaria os cidadãos dos dois reinos e além.

A menos que eu a parasse.

Nos últimos meses, aprendi a defender-me. Ainda mais que isso, eu havia *gostado* disso. Gostei de esculpir meu lugar na tropa, me tornar um gladiador e mostrar a todos que eu era uma força a ser reconhecida. E agora eu tinha a chance de lutar por toda Bellona, por todos que Vasilia poderia machucar, do jeito que ela me machucou por tantos anos.

Você tem que proteger Bellona. Prometa-me que você fará isso. A voz de Cordelia sussurrou em minha mente.

Quando fiz essa promessa, estava apenas tentando consolar minha rainha moribunda. Não pensei que eu sairia viva do gramado real, muito menos sobreviveria por tanto tempo. Mas aqui estava eu agora, meses depois, e finalmente tinha a chance de honrar essa promessa, junto com a que eu fiz para mim mesma de nunca ser fraca, indefesa e inútil novamente.

Talvez eu não tivesse escapado de Seven Spire e de todas as lições difíceis que aprendi lá. Talvez eu *nunca* pudesse escapar de ser uma Blair e cumprir meu dever real com meu reino, com meu povo. Ou talvez eu apenas quisesse uma chance de finalmente me vingar de Vasilia por todas as coisas sem coração que ela fez para mim. Mas eu não podia me sentar e deixá-la mergulhar dois reinos na guerra só porque ela queria mais poder.

Nem mesmo se isso custasse a minha vida.

Suspirei, cedendo ao inevitável. — Mesmo se eu lutar com Vasilia em um desafio real, ela quase me matou com sua magia durante o massacre. Ela poderia facilmente fazer isso novamente, ou me atravessar com sua espada. Vasilia é uma guerreira altamente habilidosa e sempre foi melhor em lutar do que eu. Nunca ganhei uma única luta contra ela, nem mesmo quando éramos crianças.

— Eu não diria isso — disse Sullivan. — Você salvou-se de sua magia quando ela atingiu você naquele penhasco. Você ganhou quando realmente importou.

— Assim como você ganhou contra Emilie na arena — entrou Paloma na conversa.

— E contra os guardas vira-casaca durante o massacre — terminou Xenia.

Olhei para todos eles, por sua vez. A segurança de Cho. A esperança de Paloma. A astúcia de Xenia. A força de Sullivan. A determinação de Serilda. Eles realmente pensavam que eu poderia fazer isso. Que eu poderia realmente desafiar Vasilia pelo trono – e vencer. A confiança deles aqueceu meu coração, se não minha mente cínica.

— Tudo bem — murmurei, e olhei para Serilda novamente. — Tudo bem. Eu serei sua substituta real. Uma última vez. Mas não me culpe se acabar em desastre, e todos acabarmos mortos.

Um sorriso se espalhou por seu rosto, e ela caiu em uma perfeita reverência de Bellonan. Eu não sabia se ela estava zombando de mim ou não.

— Oh, pare com isso. Não sou rainha ainda.

Serilda se levantou, seu sorriso se aguçou. — Mas você será, se eu tiver alguma coisa a ver com isso.

Ela marchou até o armário, abriu-o e pegou algumas das roupas lá dentro. Então virou, se aproximou, e colocou as roupas contra o meu peito.

— Vista-se e me encontre no pátio. Seu treinamento começa agora.



Capítulo 25

Serilda, Cho, Sullivan e Xenia saíram do quarto, deixando-me sozinha com Paloma. Eu me vesti, e ela me levou até o pátio.

A essa altura, já era meio da tarde e as pessoas se moviam pelo castelo, cuidando de suas tarefas. Todos estavam muito mais relaxados do que na noite anterior. Aparentemente, os Ungers levavam esse voto de amizade muito a sério. Vários Ungers estavam trabalhando lado a lado com Theroux e o pessoal da cozinha para preparar a refeição da noite, enquanto outros jogavam dardos e cartas com os gladiadores em salas comuns.

Paloma e eu saímos para o mesmo pátio onde eu havia realizado a dança. As cadeiras sumiram, e era um pátio de novo, exceto por uma coisa – os músicos foram colocados no canto com seus instrumentos.

Xenia estava conversando com os músicos, com Serilda ao lado dela. Paloma e eu fomos até Cho e Sullivan, que estavam encostados na parede ao lado de uma mesa cheia de armas. Os dois homens pararam a conversa e endireitaram-se à nossa abordagem. Paloma mudou de posição e mordeu o lábio, como se estivesse debatendo se deveria ou não se curvar para mim ou algo parvo como isso.

— Não façam isso — respondi com uma voz irritada. — Não se atrevam a fazer isso. Qualquer um de vocês.

— Fazer o quê? — perguntou Paloma.

— Tratar-me de forma diferente do que teriam antes. — Minhas mãos se fecharam em punhos. — Eu não quero ser diferente.

— Mas você é diferente. — Uma nota baixa e triste ondulou através da voz de Sullivan. — Você é muito diferente agora, alteza.

— Não, eu não sou. Ainda sou a mesma Evie e ainda sou a amiga de vocês. Eu *sempre* serei a amiga de vocês.

Paloma e Cho assentiram, aceitando minhas palavras. O alívio me encheu. Eu trabalhei muito e cheguei longe demais para perdê-los agora. Especialmente, desde que eles foram os primeiros amigos verdadeiros que eu já tive.

E Sullivan, bem, eu não sabia o que Sullivan era para mim. Ele não assentiu e eu quase podia senti-lo se afastando e recuando para trás da mesma parede invisível que ele havia colocado quando eu havia dito a todo mundo quem eu realmente era.

— Você ainda fará tortas para mim? — perguntou Cho com uma voz esperançosa. — De vez em quando?

Soltei uma risada aliviada. — Sim, eu ainda farei tortas para você.

Isso quebrou a tensão, e Paloma e Cho me encheram de perguntas sobre o massacre, Vasilia, Seven Spire e tudo mais. Sullivan ouviu, mas não disse nada.

Uma porta se abriu e Halvar e Bjarni se aproximaram e se curvaram para mim. Eu olhei para os outros, mas Sullivan balançou a cabeça, respondendo a minha pergunta silenciosa. Xenia e Serilda não contaram sobre mim ainda. Bom. Quanto menos pessoas soubessem que eu era uma Blair, melhor.

— Você está muito bem hoje, Evie — disse Bjarni. — Como estão seus pés?

— Muito melhor. Obrigada por perguntar.

Halvar não foi tão educado, mas não foi tão hostil como antes. — Como você aprendeu o Tanzen Freund?

Gesticulei para Xenia. — Sua tia bateu em mim com aquela sua maldita bengala.

Os olhos de Halvar se estreitaram, fazendo-me pensar se eu disse a coisa errada, mas então ele jogou a cabeça para trás e riu. — Oh, ela ama aquela bengala, não é? Você não acreditaria em todas as vezes que ela me cutucou com aquilo sempre que eu me comportava mal quando era pequeno...

E assim, Halvar e eu nos tornamos amigos rapidamente.

Halvar nos regalou com contos de Xenia e sua bengala até que a própria dama se aproximou do nosso grupo, junto com Serilda.

— Meus ouvidos estão queimando de todas as suas histórias adoráveis — disse Xenia em um tom seco.

Halvar pigarreou. — Eu estava apenas mostrando a Evie e seus amigos um pouco de hospitalidade.

— Bem, você pode mostrar ao pessoal da cozinha alguma hospitalidade, ajudando-os a preparar o jantar — ordenou Xenia. — Você também, Bjarni.

Bjarni estava rindo do castigo de seu amigo, mas sua risada foi cortada. Os dois homens sorriram para nós de novo, depois entraram no castelo. Xenia seguiu-os, deixando-me no pátio com Paloma, Cho, Sullivan, Serilda e os músicos.

— Agora que eles se foram, temos trabalho a fazer. — Serilda fez um gesto para os músicos. — Se vocês forem tão gentis.

Os músicos acenaram para ela, sorriram para mim e começaram a afinar seus instrumentos.

— O que está acontecendo? — perguntei. — Porque eles estão aqui?

— A música ajudará no seu treinamento, assim como ajudou você a fazer a dança.

— Alguém me disse que dançar não é lutar. — Olhei para Sullivan, que deu de ombros.

— Os princípios são os mesmos. Passo e contra-ataque. Ataque e contra-ataque. Você está apenas lutando pela sua vida, em vez de se mover com a música — disse Serilda. Além disso, se Xenia pode ensinar você a dançar, então eu posso te ensinar a lutar.

Surpresa ondulou através de mim. — Você? *Você* me *ensinará*? Não Sully?

— Lucas não pode ensinar o que eu tenho em mente.

— E o que é isso?

Em vez de responder, Serilda se virou para a mesa. Pensei que ela poderia pegar uma das espadas ou lanças, mas ela as ignorou e foi até um pacote de pano preto no canto. Ela pegou o pacote e desenrolou o pano para que ele estivesse deitado na mesa.

Três itens brilhavam de uma prata opaca contra o tecido preto – uma espada, uma adaga e um escudo.

Era o mesmo conjunto de armas que eu notei pendurado na parede da biblioteca de Serilda. Agora que eu os via de perto, percebi que pequenos fragmentos de tearstone azul meia-noite foram colocados nos punhos da espada e da adaga, bem como no centro do escudo. Todos eles formaram o mesmo design familiar.

Uma coroa.

Meu olhar caiu para o meu pulso. A mesma coroa que os cacos de tearstone formavam na minha pulseira.

Bati meu dedo no topo da coroa no punho da espada. — Alvis fez isso, não é? Esse desenho com fragmentos, este desenho de coroa, é a assinatura dele. — Balancei a cabeça. — Eu nem sabia que ele poderia fazer armas.

— Sim, Alvis fez isso — disse Serilda. — Ele costumava fazer todo tipo de armas. Ele deu isso para mim há muito tempo, por segurança.

Eu esperei, esperando que ela dissesse mais, mas ela ficou em silêncio, então eu bati meu dedo no topo da coroa novamente. — Coroas foscas feitas de fragmentos de gelo. Estas armas têm algo a ver com aquela velha rima de conto de fadas?

Serilda e Cho trocaram um olhar inescrutável, depois Serilda limpou a garganta.

— Alvis sempre me disse que gostava da aparência da coroa.

Mais uma vez, esperei e, mais uma vez, ela não ofereceu mais informações. Então eu peguei a espada, a adaga e o escudo por sua vez.

Eles pesavam muito menos do que as armas com as quais os gladiadores normalmente treinavam, e menos ainda do que a espada que Serilda me dera antes de deixarmos o complexo do Cisne Negro. A espada, o

punhal, e o escudo pareciam tão leves quanto, bem, penas nas minhas mãos. Eu respirei fundo. E todos eles cheiravam frios e duros, assim como a minha pulseira. Surpresa me encheu.

— Estes são feitos de tearstone.

Serilda assentiu. — Sim, eles são.

Tearstone poderia ser usado em joias e encontrado em montanhas como as de Seven Spire, mas armas de tearstone eram raras. A pedra poderia ser temperamental para se trabalhar, especialmente quando você estava tentando moldá-la em uma espada, e ela tinha uma tendência a quebrar, a menos que o mestre que estava criando soubesse exatamente o que estava fazendo. Eu pensei que minha pulseira era requintada, mas esse conjunto de armas facilmente superava qualquer coisa que eu já tivesse visto de Alvis. Mas ainda mais do que isso, eu podia sentir quão fortes elas eram. E dado que a tearstone poderia tanto absorver como desviar a magia, Alvis poderia ter vendido as armas por uma imensa fortuna.

— Esses fragmentos de tearstone são azuis, então eles desviarão uma quantidade razoável de magia — disse Serilda, ecoando meus pensamentos. — As armas devem ajudar a reforçar sua própria imunidade quando você enfrentar Vasilia.

Arqueei uma sobrancelha. — Então você acha que Vasilia vai me matar com o raio dela depois de tudo?

— Eu não disse isso.

— Você não precisava.

Serilda revirou os olhos, mas gesticulou para a espada e eu a peguei de novo.

— A tearstone também é surpreendentemente leve — continuou. — Você não tem força na parte superior do corpo para usar uma espada tradicional e escudo como os outros gladiadores fazem. Essas armas são pesadas demais, e tudo que elas fazem é te atrapalhar. Essa espada ajudará a maximizar sua velocidade. Assim como a adaga e o escudo. Você mostrou a todos o quão bem pode se mover durante o Tanzen Freund. Sua velocidade, movimento e fluidez também são armas. Tudo o que precisamos fazer é combiná-los com essa espada na sua mão.

— Agora parece que você acha que eu tenho uma chance de derrotar Vasilia — disse eu.

— Você é muito mais poderosa do que pensa — murmurou Serilda.

Eu tinha a sensação de que ela falava sobre mais do que minhas escassas habilidades de luta, mas não pedi para ela explicar. Ela não iria me dizer de qualquer maneira, assim como não me disse tudo o que sabia sobre o que realmente significava ser uma rainha Winter.

— E uma vez que eu terminar de treiná-la, você será mais do que um jogo para Vasilia e qualquer outra pessoa que se atrever a desafiar você. Tudo o que você precisa fazer é confiar em mim. Você pode fazer isso, Evie?

Serilda estendeu a mão, uma expressão séria no rosto. Cordelia me disse para fazer Serilda me treinar. Mas agora que o momento estava aqui, eu não estava certa de que estava pronta para nada disso. Mas não havia como recuar agora, então assenti, soltei um suspiro e coloquei minha mão na dela.

Rápido como pensava, Serilda girou seu corpo no meu e me virou por cima do ombro. Minha espada voou da minha mão, e mais uma vez, eu acabei de costas no chão, tentando impedir meus olhos de girar, e respirar através da dor pulsando pelo meu corpo.

Serilda se inclinou sobre mim. — Primeira lição... nunca confie em ninguém.

Eu gemi. Seria um longo dia.

* * *

Não foi apenas um longo dia. Foi um longo dia sangrento após o outro.

Do nascer do sol até bem depois do pôr do sol, tudo o que fiz foi treinar. Eu me arrastei para fora da cama, ignorei minhas muitas dores e machucados, e tropecei até o pátio. Serilda estava sempre lá, sempre esperando, sempre pronta, disposta e ansiosa para me atacar.

E ela não estava sozinha.

Os músicos estavam sempre no pátio também, com seus instrumentos prontos. Cho, Paloma e Sullivan também se juntaram a nós, embora não tão cedo. Às vezes, Halvar e Bjarni treinavam conosco também. Xenia preferia

assistir de sua cadeira almofadada na varanda do segundo andar, a bengala prateada batendo no ritmo constante.

Serilda adotou uma abordagem completamente diferente de me treinar do que o Capitão Auster e Sullivan.

Ela tratou cada sequência de luta como uma dança, completa com música, e me fez aprender todos os passos primeiro. Quando atacar, quando recuar, como sair do caminho e depois voltar com o meu próprio ataque.

Uma vez que eu dominei a parte de cada *dança,* ela passou para os movimentos da mão, ou posições das armas. Como segurar minha espada, adaga e escudo, e como bloquear, aparar e atacar com eles. Quando estava satisfeita que eu meio que sabia o que estava fazendo, ela me fez colocar os passos junto com as armas, até eu aprender a dança completa.

Para minha grande surpresa, seus métodos realmente funcionaram.

Talvez tenha sido o fato de que eu sempre amei dança e música, mas tive muito mais sucesso em treinar com Serilda do que eu já tive com qualquer outra pessoa. Mesmo quando não estava treinando, eu ainda podia ouvir a música tocando em minha mente, e frequentemente dava voltas pelos corredores, me movendo através das sequências de luta. De certa forma, eu supus que elas eram como seções de uma dança. Essas danças apenas terminavam com sangue, dor e morte, em vez de floreios, sorrisos e aplausos.

Serilda também estava certa sobre a espada, adaga e escudo. As armas de tearstone eram tão leves que se pareciam mais com extensões de minhas mãos, em vez de algo separado, como as garras de um metamorfo ou um relâmpago de mago, onde eram uma parte de quem e o que eles eram.

Todo dia foi diferente. Às vezes, tudo que fiz foi trabalhar com a espada. Às vezes, apenas com a adaga, ou apenas com o escudo. Às vezes, os três juntos. Às vezes, sem armas, exceto pelos meus punhos e minha inteligência.

Meus parceiros de treino também eram diferentes. Cho, Paloma e Sullivan estavam sempre lá, mas eu os enfrentei em diferentes grupos, de um para um a todos de uma vez. Às vezes, Halvar e Bjarni também se juntavam, tentando me dividir em duas com suas maças. O tempo todo, Serilda me circulava, latindo ordens para manter meus quadris soltos, minha espada para cima, e os olhos em meu inimigo.

Enquanto eu treinava, o resto da tropa se integrou muito bem ao Castelo Asmund. Todos, desde os acrobatas até os gladiadores e os mestres de ossos, praticavam suas rotinas, habilidades e magia, mantendo-se afiados, e fascinando os Ungers com exibições deslumbrantes de acrobacias, luta, cura e muito mais.

Certa manhã, depois de três semanas de treinamento, entrei no pátio para encontrá-lo deserto, exceto por Serilda. Mas em vez de sentar-se à mesa, tomando mochana como de costume, ela estava em pé no meio do pátio, segurando sua própria espada e escudo pessoal.

Olhei as armas. Elas brilhavam como prata fosca e eram feitas de tearstone, assim como as minhas, e tinham o brasão do cisne de Serilda – fragmentos de tearstones azuis no olho e no bico. Eu me perguntava quando Alvis fizera as armas para ela – e o motivo – mas não perguntei. Ela não me diria de qualquer maneira.

Serilda gesticulou para eu encará-la. Suspirei e fiz o que ela mandou. Isso ia doer.

— Hoje, você lutará até não poder mais lutar — disse ela.

— E então o quê?

— E então vamos ver quanto progresso você realmente fez.

Abri a boca para perguntar o que ela queria dizer, mas ela ergueu a espada e atacou. Ergui minha própria espada e escudo, e a luta começou.

E eu perdi espetacularmente.

Eu nunca lutei com Serilda, mas rapidamente percebi porque ela era a líder da tropa Cisne Negro, porque ela era a melhor lutadora. Cho, Paloma e Sullivan eram guerreiros habilidosos, mas eles não podiam se comparar a Serilda, que era mais rápida, mais inteligente, e muito mais implacável. Nós mal demos três movimentos na luta antes que ela me desarmasse, me jogasse por cima do ombro, e pressionasse a espada contra a minha garganta.

— Você está morta — retrucou. — Agora, levante-se.

Sacudi o golpe, voltei aos meus pés e peguei minha espada e escudo. E mais uma vez ela atacou e me matou em apenas alguns movimentos.

— Novamente! — retrucou. — Novamente! Novamente!

Eu rapidamente passei a desprezar essa palavra. Era dolorosamente aparente que eu não poderia vencê-la – que eu *nunca* a venceria – mas toda vez que ela me matava, eu me levantava e me preparava para outro ataque.

Depois da décima segunda – décima terceira? - vez em que Serilda me jogou por cima do ombro nas minhas costas, ela olhou para mim, desgosto estampado em todas as suas feições. — Você está pensando demais. Você precisa reagir, defender, atacar. Precisa se *mover* como fez durante o Tanzen Freund. Você está muito preocupada com todo o resto.

— Como com você chutar minha bunda de novo? — resmunguei.

Ela bufou, então ordenou que eu me levantasse para que pudesse me derrubar de novo.

Isso continuou por *horas*.

As pessoas iam e vinham ao pátio, mas ninguém interrompeu Serilda ou impediu-a de me bater. Nós nem paramos para comer. Toda vez que nós lutávamos, Serilda me atacava com o mesmo nível de força, velocidade e determinação. Não era de se admirar que ela tenha sido a guarda pessoal de Cordelia. A mulher era cruelmente *implacável*.

Finalmente, por volta da meia-noite, Serilda me deixou voltar para o meu quarto, embora não antes de ordenar que eu voltasse para o pátio bem cedo na manhã seguinte. Eu estava cansada demais para discutir, então eu tropecei para dentro do castelo. Eu estava suada, machucada e cada parte do meu corpo doía, da minha cabeça até os dedos dos pés. Até meu cabelo doía.

Ninguém estava por perto para ver minha miséria. Todos os outros já foram dormir, mesmo os Ungers, que gostavam de beber cerveja e sidra, sentar-se perto do fogo e jogar cartas até tarde da noite. Eu dobrei a esquina e avistei a porta do meu quarto no final do corredor. Mais alguns metros, e poderia engatinhar na cama e não mexer um único músculo dolorido até de manhã...

Uma sombra se destacou da parede à minha esquerda. Eu pisquei, pensando que estava tão cansada que estava alucinando. Então eu vi um flash de prata, e percebi que não era uma alucinação. Algum assassino estava no castelo, correndo em minha direção.

Por um momento, fiquei ali parada, congelada no lugar. Então todas aquelas lições que Serilda estava batendo dentro de mim surgiram e meus pés se moveram sozinhos, me empurrando para fora do caminho. Virei-me tão rápido que bati em uma pintura pendurada na parede atrás de mim.

Mas a assassina não parou, nem por um segundo, e ergueu a espada para outro golpe. Eu girei para o lado bem a tempo de impedir que sua lâmina me espetasse.

A assassina colocou toda a sua força e velocidade no golpe, e sua espada cortou a tela e ficou presa no quadro. Ela grunhiu, mas puxou a arma da madeira e virou para me encarar novamente. Ela era tão rápida que mal tive tempo de tirar minha própria espada da bainha e levantá-la para bloquear seu próximo golpe.

Clang!

Nossas espadas colidiram em um rugido estrondoso, e a assassina carregou sua arma, tentando usar sua força para arrancar a espada da minha mão. Eu cerrei meus dentes, aumentei meu aperto e afastei-a. Então, antes que a assassina pudesse vir até mim novamente, eu peguei minha própria espada e ataquei.

De um lado para outro nós lutamos pelo corredor, cada uma de nós atacando com nossas armas e fazendo o nosso melhor para matar a outra. Talvez tenha sido a minha preocupação ou exaustão ou ambos, mas em algum momento durante a batalha, eu percebi que realmente podia ouvir a música de todas as sessões de treinamento tocando na minha mente. Agarrei a música fantasma e deixei que ela me varresse, movendo-me no ritmo, assim como fiz durante o Tanzen Freund. Só que desta vez eu não estava dançando. Eu passava por todas as etapas, todos os ataques e contra-ataques, que Serilda havia perfurado em mim.

E pela primeira vez, a música, a dança, a luta se juntaram e realmente *funcionou*.

Consegui impedir que a assassina me matasse, embora não pudesse feri-la. Quanto mais nós lutávamos, mais eu me encontrava cantarolando junto com a música em minha mente. Eu bloqueei tudo senão a música, a

sensação da espada na minha mão e os passos que eu precisava fazer para sobreviver.

A assassina estava vestida de preto da cabeça aos pés, incluindo a máscara de malha cobrindo o rosto e cabeça. Tudo que eu realmente podia ver era o brilho de seus olhos e o brilho de sua espada nas sombras. Vasilia deve ter descoberto que eu ainda estava viva e enviou esta assassina atrás de mim.

Raiva fria surgiu em mim, e agarrei a emoção, usando-a para abafar a exaustão que ameaçava me derrubar a cada passo. Esta assassina não ia me matar. Vasilia *não* ia me matar. Assim não.

A assassina veio para mim novamente, e parei para encontrar seu ataque, atacando duramente com a minha espada. E fiz algo que não consegui fazer até agora – desarmei-a.

Derrubei sua espada, que deslizou pelo corredor. Agitei minha lâmina e pressionei minha vantagem, mas a assassina se afastou, estendeu a mão e arrancou sua máscara, revelando seu cabelo loiro e a cicatriz do sol no canto dos olhos.

Serilda – eu estava lutando contra Serilda o tempo todo.

— Um teste? — gritei. — Foi tudo um maldito *teste*?

Serilda me deu um sorriso de satisfação. — Claro que foi um teste. Um que você passou.

Eu queria atacá-la novamente, mas estava cansada demais. — Você não poderia ter feito isso antes? Quando eu não estava coberta de sangue e hematomas e prestes a desmaiar de exaustão?

— Eu tenho tentado fazer isso o dia todo, mas você estava pensando demais. Então eu decidi forçá-la a parar de pensar e apenas reagir. — Ela encolheu os ombros. — Para forçá-la a relaxar e aproveitar aquela boa raiva fria dentro de você. Ainda acha que não está lá?

Meus lábios pressionaram juntos. Ela estava certa sobre a raiva. Foi a única coisa que me deixou vencê-la, e ainda zumbia em minhas veias, batendo em perfeita sintonia com meu coração.

— Eu te odeio agora — murmurei.

— Você pode me odiar, mas eu te ensinei a lutar — disse Serilda, ainda mais presunçosa do que antes. — Agora o trabalho de verdade pode começar.



Capítulo 26

Eu não achei que fosse possível, mas depois daquela noite, Serilda treinou ainda mais comigo.

E na verdade, comecei a melhorar – na verdade, comecei a ficar *boa*.

Por mais que eu odiasse admitir isso, o ataque furtivo de Serilda desvendou algo em minha mente, algo que estava me segurando, e comecei a colocar os passos, movimentos e treinos juntos em um estilo de luta coeso. Oh, eu ainda não era tão boa quanto Cho, Paloma ou Sullivan, mas consegui defender contra eles, e até ganhei algumas de nossas lutas.

Mesmo Serilda não poderia mais me matar no primeiro minuto. Às vezes levava três minutos ou cinco, ou mais. Às vezes, eu até conseguia desarmá-la, embora ela sempre levasse o melhor de mim antes que eu pudesse ir para o ataque final.

Mas o treinamento não foi a única coisa que fizemos. Nós também planejamos como poderíamos derrubar Vasilia, Felton, Nox e Maeven.

Certa manhã, cerca de seis semanas depois de termos chegado ao castelo de Asmund, Serilda, Cho, Paloma, Sullivan e Xenia estavam reunidos em volta da mesa no meu quarto, examinando mapas da Seven Spire e a cidade ao redor.

Eu fiquei na janela, segurando a cortina de renda branca e olhando para um dos pátios. Os acrobatas estavam andando pelas lajes, enquanto os andarilhos praticavam seus saltos nos cabos que amarraram. Os gladiadores também estavam lá, passando por seus treinos e formações.

— Não importa quão bem Evie está progredindo em seu treinamento, se não conseguirmos chegar perto o suficiente para realmente emitir o desafio real para Vasilia — disse Xenia.

— Eu sei disso — retrucou Serilda. — Mas minhas fontes dizem que Vasilia está escondida dentro da Seven Spire, preparando-se para a coroação, então temos que encontrar uma maneira de esgueirar Evie para dentro do palácio.

Xenia fungou. — Seus espiões são inferiores. Os meus relatam que Vasilia foi vista na cidade várias vezes.

— Sim, meus espiões também relataram isso. Eles também relataram que Vasilia nunca sai do palácio sem uma guarda pesada. Então, mesmo se pudéssemos descobrir quando ela vai sair do palácio, nós ainda não seríamos capazes de nos aproximar dela sem envolver seus guardas. O que, claro, daria a Nox e Felton muito tempo para levar Vasilia para a segurança, e então perderíamos a chance de emitir o desafio completamente.

Xenia bufou novamente, admitindo o argumento da outra mulher, mas apenas por pouco.

Serilda revirou os olhos e voltou aos mapas. Os dedos de Xenia se enrolaram no topo da bengala, como se estivesse pensando em bater na outra mulher com ela. Eu não conhecia a história delas, mas logo se tornou aparente que elas se conheciam bem e que tudo era uma competição entre elas e suas mentalidades de soldado versus espião. Serilda queria cortar direto através de qualquer problema que ela encontrasse, enquanto Xenia preferia derrubar as pernas dos inimigos primeiro antes de ir para a matança.

— Eu concordo com Serilda — disse Cho. — Entrar no palácio ainda é nossa melhor aposta.

Paloma e Sullivan também se juntaram à conversa, mas fiquei quieta.

Eu sabia como poderíamos chegar perto o suficiente para eu desafiar Vasilia. Eu sabia a resposta há semanas agora, desde que começamos a sonhar com esse plano maluco, embora eu não tivesse dito nada. Olhei para os acrobatas, os caminhantes de arame e os gladiadores novamente.

Eu não queria que ninguém sacrificasse suas vidas por mim.

Mas a coroação de Vasilia estava a apenas um mês agora, e estávamos ficando sem tempo. Uma vez que ela fosse formalmente coroada rainha, ela declararia guerra a Andvari, e não haveria como impedi-la.

Então, com o coração pesado, abaixei a cortina e encarei os outros. — A coroação. É assim que nós entraremos no palácio e é assim que nos aproximamos de Vasilia.

Paloma franziu a testa. — Mas todos os tipos de nobres, senadores e florins devem comparecer. Haverá ser mais guardas do que nunca. Não poderemos passar por todos eles.

Balancei a cabeça. — Não teremos que passar por nenhum deles. Vasilia nos convidará.

— E por que ela faria isso? — perguntou Sullivan.

— Porque ela ficará absolutamente encantada em ter a tropa do Cisne Negro se apresentando na sua coroação.

O silêncio caiu sobre o quarto enquanto os outros absorviam minhas palavras.

— Pense nisso — disse eu. — Vasilia quer que Serilda e Cho morram por trabalhar com Cordelia. Ela já tentou matá-los uma vez. E não apenas eles, mas toda a tropa, qualquer um que pudesse ser uma ameaça.

— Então? — perguntou Xenia.

— Então ela tentará de novo. Seu mago do tempo nunca relatou de volta, então ela sabe que ele falhou, e que Serilda ainda está viva. Então vamos dar a ela exatamente o que ela quer… a tropa inteira em sua coroação. Vasilia pensará que estamos indo direto para sua armadilha. Ela nunca suspeitará que temos nossa própria armadilha planejada.

— E como você sabe que ela não vai nos abater no segundo em que entrarmos no palácio? — perguntou Sullivan.

Dei a ele um sorriso sombrio. — Porque conheço minha querida prima melhor do que ninguém. Ela vai querer que a tropa se apresente antes de ordenar que seus guardas nos matem. Vasilia gosta de brincar com a comida antes de comer.

O silêncio caiu sobre o quarto novamente, enquanto todos pensavam sobre o meu plano.

— Poderia funcionar — disse Xenia. — Vasilia convidou várias tropas para a coroação, mas nenhuma tão prestigiada ou conhecida como o Cisne Negro.

Serilda bufou. — Evie está certa. Vasilia vai aproveitar a chance de nos apresentar antes de tentar matar a todos nós.

— Sim — disse eu em voz baixa. — Esse é o problema. *Todos* vocês.

Os olhos de Sullivan se estreitaram. — Você está preocupada com todo mundo.

— Sim. Vasilia não se contenta com menos. Ela vai querer toda a tropa lá para que ela possa nos matar de uma vez. — Preocupação torceu meu estômago. — Mesmo se eu desafiá-la, mesmo que eu a mate, não sabemos o que pode acontecer depois. Pode haver vítimas.

Não mencionei o que aconteceria se eu não vencesse – que todos nós seríamos sumariamente executados, começando por mim.

— Nós devemos a você nossas vidas — assinalou Cho. — Nós nem estaríamos tendo essa conversa se não fosse por você. Nós teríamos morrido naquela tempestade se você não tivesse rastreado o mago.

— Ou os Ungers teriam nos matado — acrescentou Serilda, lançando um olhar desagradável para Xenia.

Esfreguei minha cabeça doendo. — Mas isso não me dá o direito de pedir ao resto da tropa para fazer isso. Para potencialmente morrer por mim. Eles não pediram para fazer parte disso. Nenhum de vocês pediu para fazer parte disso.

— E você não pediu para fazer parte do massacre — disse Xenia. — Todos nós fazemos as melhores escolhas que podemos, todos nós fazemos o melhor que podemos.

— Além disso — disse Serilda, uma nota sombria em sua voz. — Se não fizermos isso, se você não fizer isso, milhares mais morrerão. Eu vi isso com a minha magia, como será.

— Eu sei de tudo isso, mas ainda não parece certo, ou alivia minha culpa.

— Somos seus amigos, Evie. Isso significa que seus problemas também são nossos problemas. — Paloma encolheu os ombros, e um sorriso irônico curvou seus lábios. — Seus problemas apenas envolvem o destino dos reinos.

Eu bufei, mas dei a ela um sorriso agradecido.

Os outros se reuniram em torno dos mapas e continuaram a conspirar. Voltei para a janela, afastei a cortina e olhei novamente para o pátio. Tudo estava o mesmo de antes. Acrobatas cambaleantes, andadores de arame equilibrando, gladiadores lutando. Sim, tudo estava o mesmo, até a culpa e o medo torcendo meu estômago.

Usar a tropa do Cisne Negro era a única chance que eu tinha de chegar perto o suficiente para desafiar Vasilia, mas não pude deixar de me perguntar quantas pessoas eu estava levando à morte.

* * *

Naquela noite no jantar, Serilda disse a todos que estávamos fazendo as malas e voltando para Bellona em alguns dias. Ela mal se sentou, antes de Xenia se levantar e anunciar que os Ungers iriam oferecer um baile para nos dar uma boa despedida. Naturalmente, todo mundo estava mais animado com a festa do que em embalar, e Xenia lançou a Serilda um sorriso triunfante. Sempre uma competição entre aquelas duas.

Os próximos dias passaram rapidamente, e a noite da festa chegou. Xenia abriu o grande salão de baile do castelo, e Paloma e eu ficamos na entrada.

O salão de festas era uma grande área com uma varanda no segundo andar, mas em vez de lajes comuns, o piso aqui era feito de mármore cinza claro que brilhava como uma placa de vidro. Até mesmo os rostos de ogros colocados na pedra eram tão lisos e brilhantes como espelhos. O mármore cinza continuava nas paredes antes de dar lugar a um lindo afresco florestal que se estendia pelo teto trinta metros acima. Vários candelabros, seus cristais em forma de cabeças de ogro, pendiam do teto, banhando o salão de baile em luz suave.

Várias mesas foram colocadas contra uma parede, cada uma ostentando uma impressionante quantidade de comida e bebida. Meu olhar se fixou em uma das mesas de sobremesa, que continha tudo, desde pequenas petits fours de chocolate, tortas de morango e torres feitas de strudels de maçã presas com fitas grossas de cobertura de baunilha. Desejei que Isobel estivesse aqui. Ela teria adorado ver as sobremesas criadas pelos mestres cozinheiros ungerianos.

Paloma e eu estávamos entre os últimos a chegar, e todos já estavam conversando, rindo, bebendo e comendo. Os músicos que se apresentaram durante minhas sessões de treinamento estavam sentados em uma plataforma elevada no canto, tocando valsas, danças rápidas e outras melodias, embora ninguém estivesse dançando ainda.

Examinei a multidão. Cho estava em uma mesa de sobremesa, saboreando e debatendo os méritos das várias iguarias com Bjarni. Serilda e Xenia estavam perto dos músicos, bebendo brandy e provavelmente tentando superar uma a outra com seus comentários mordazes. Theroux, Aisha e os outros membros da tropa estavam se misturando e conversando com os Ungers, e todos pareciam relaxados e felizes.

Paloma me cutucou com o cotovelo. — Lucas está no canto.

Fiquei tensa. — Eu não estava procurando por ele.

— Claro que não estava.

Meu olhar se aproximou daquela direção. Sullivan estava bebendo brandy e conversando com Ungers. Ele vestia um casaco cinza sobre uma túnica preta, leggings e botas. Seu cabelo castanho escuro brilhava sob as luzes, e seus olhos se enrugaram quando ele sorriu para algo que seus companheiros disseram.

Nós sairíamos de madrugada. De lá, seria uma longa e difícil viagem de volta a Bellona, e depois o treinamento e planejamento finais antes da coroação de Vasilia. Esta noite era a última noite livre que eu teria no futuro previsível. Poderia ser a última noite livre que eu teria, e eu queria aproveitar ao máximo.

Com ele.

Nunca estive apaixonada. Nunca me permiti estar apaixonada. Eu sabia que Vasilia acabaria destruindo qualquer coisa que ela percebesse que eu me importava, então eu me esforcei muito para não me importar com nada. Nem pessoas, nem animais, nem mesmo um vestido favorito ou livro ou peça de joalheria. Isobel e Alvis foram as duas exceções, e só me permiti me importar com eles porque eu sabia que Vasilia não se incomodaria com dois servos. Eles estavam ainda mais abaixo de sua atenção do que eu.

Mas eu queria saber do que todas as mulheres riam, então quando eu tinha vinte anos, eu fui muito discreta e cuidadosamente seduzi um nobre visitante. Fiz semanas de pesquisa, tomei todas as ervas apropriadas, e estudei cada palavra e ação do homem durante dias depois que ele chegou a Seven Spire. Finalmente, quando me senti confiante de que ele não tinha outra intenção além de passar uma noite fora, eu dormi com ele.

Ele não foi o Príncipe Encantado, e certamente não se estabeleceu no meu coração – ou qualquer outra parte de mim – tremulante, mas foi bom e habilidoso o suficiente. Verdade seja dita, eu fiquei muito decepcionada com todo o processo. Um ano depois, eu tentei novamente com um nobre visitante diferente, e tive o mesmo resultado medíocre, e não fiquei tentada a fazer isso novamente desde então.

Até Sullivan.

Eu não amava Sullivan, mas também não era imune a ele. Longe disso. Fisicamente, ele era alto, forte e bonito, como muitos homens da tropa, mas algo sobre seu cabelo, olhos, feições e perfume me intrigava de uma maneira que ninguém mais fez. E ele tocou e desafiou minhas emoções como ele me desafiou no ringue de treinamento. Sullivan me fez sentir todo tipo de coisas – raiva, aborrecimento, cuidado, preocupação, desejo.

E agora eu finalmente faria algo sobre meus sentimentos iminentes.

Desde o massacre, eu estava lutando. Para permanecer viva. Para encontrar alguma maneira de parar Vasilia. Para descobrir quem eu era e o que deveria fazer.

Amanhã, voltaria a Bellona para talvez a última luta da minha vida. Mas esta noite, eu não queria lutar. Não, esta noite, eu queria me perder nessa

corrente que continuamente acendia e quebrava entre Sullivan e eu. Eu queria algo que fosse meu e só meu, e não feito de necessidade ou dever.

Eu *o* queria.

Sullivan deve ter percebido meu olhar, porque olhou em minha direção. Nossos olhares trancaram e seguraram através do salão de baile. Este era o meu momento. Eu tomei fôlego e me dirigi para ele

Halvar entrou na minha frente, bloqueando meu caminho. Ele sorriu e estendeu a mão. — Olá, Evie. Concede-me esta dança?

Olhei para ele, mas Sullivan havia desaparecido. Eu olhei ao redor do salão de baile, mas não o vi em qualquer lugar.

Halvar franziu a testa. — Algo está errado?

— Claro que não. Eu ficaria honrada em dançar com você.

Obriguei-me a sorrir e coloquei a mão na de Halvar. Ele sorriu e me levou à pista de dança.

Meu desempenho anterior do Tanzen Freund teve um efeito muito mais profundo do que eu percebi, porque cada Unger queria dançar comigo. Homens, mulheres e até as crianças. Eu me virei de um parceiro para o outro, de uma seção do salão para o lado oposto e vice-versa, de valsa a dança rápida para passos acelerados. Sempre que eu tinha uma chance, eu procurava por Sullivan, mas não o vi em qualquer lugar.

Finalmente, depois de cerca de duas horas inteiras de dança, consegui escapar do salão de baile. Eu estava um pouco superaquecida do último passo rápido, então saí por uma das portas e acabei no pátio de treinamento. A primavera chegou e se foi enquanto estávamos no castelo, e o verão estava tomando conta, mas o ar ainda estava um pouco frio aqui nas montanhas. Depois do barulho, calor e comoção do salão de baile, eu achei a calma fresca, e andei pelo pátio e saí para a grama além.

O gramado aqui não era tão grande quanto o de Seven Spire, e rapidamente alcancei a parede pedra que separava o gramado da queda íngreme abaixo. Castelo Asmund estava cercado pelas montanhas, e o cheiro pegajoso dos pinheiros e outras árvores perenes enchiam o ar. Um pedaço da lua pairava no céu da meia-noite, dourando as pedras e as árvores em uma geada prateada.

Eu não sabia quanto tempo fiquei lá antes de ouvir passos ecoando pelo pátio e depois passando pela grama atrás de mim. Eu respirei fundo e o cheiro de Sullivan encheu meus pulmões.

Ele se aproximou de mim e olhou para a queda íngreme. — Se você está pensando em pular, eu não aconselharia — disse ele em um tom leve e bem-humorado. — Essa é uma queda muito longa até você atingir o fundo para você não se arrepender do que fez.

Soltei uma risada. — Eu estava pensando exatamente o oposto. Que eu deveria ir em frente e pular. Que deveria parar com essa loucura e me tirar do meu sofrimento.

Sullivan olhou para baixo novamente. — O que passou pela sua cabeça? Quando Vasilia atirou você do penhasco no palácio e você começou a cair?

— Bem, minha vida não passou pela minha frente, se é isso que você está perguntando.

— Então, o que você pensou?

— Como eu estava com raiva — disse eu em uma voz suave. — Que Vasilia conseguiu ganhar de mim novamente. Que ela matou todos. Meus primos nunca foram particularmente gentis, mas eles não mereciam ser assassinados. Mas acima de tudo, eu desejei ter feito outra coisa, algo mais, algo para lutar contra Vasilia e todas as coisas horríveis que ela fez naquele dia e com todos no palácio. Desejei ter encontrado uma maneira de impedi-la.

— E agora você tem — disse ele. — Você se arrepende? Vir para o Cisne Negro? Tornar-se uma gladiadora?

Balancei a cabeça. — Não. Mesmo tendo trabalhado mais do que já trabalhei, mesmo estando em perigo e quase morrendo mais vezes do que posso contar, estes últimos meses têm sido os mais felizes da minha vida desde antes de meus pais morrerem. Pela primeira vez em anos, eu pude ser eu mesma e não pesar minhas palavras e ações, em como alguém poderia usá-las contra mim. Eu poderia ser apenas eu, *Evie*, e mais ninguém. Eu estava finalmente livre.

Sullivan ergueu as sobrancelhas. — E agora?

Soltei um suspiro. — E agora me sinto como uma gárgula sendo forçada a voltar para sua jaula. E isso não é nem mesmo a pior parte.

— E o que seria isso?

— Saber que você, Paloma, Serilda, Cho e todos os outros arriscarão suas vidas, apenas na mera esperança de que eu possa matar Vasilia.

— É mais do que uma mera esperança.

Desta vez, eu levantei minhas sobrancelhas para ele.

— Serilda Swanson é uma das melhores guerreiras que eu já vi.

— Então?

Sullivan deu de ombros. — Então, observei você ficar cara a cara com ela o dia todo, todos os dias durante semanas.

Balancei a cabeça novamente. — Mas ela ainda me derrota. Ela ainda me mata todas as vezes.

— Mas ela tem que se *esforçar* para isso. E tem que trabalhar *duro* para isso. Quanto tempo você acha que tem sido desde que Serilda enfrentou alguém que ela não podia bater em questão de minutos? Ela não está deixando você ganhar. Ela tem muito orgulho para isso, mas você está desafiando-a. Algum dia você será ainda melhor do que ela e ela sabe disso. É por isso que ela está te pressionando tanto agora, e isso é por que ela continuará te empurrando todos os dias, até você matar Vasilia.

Eu sorri. — Você faz soar como uma certeza.

— *É* uma certeza. Você fará isso, Evie. Você enfrentará Vasilia e vencerá. Eu acredito em você.

Convicção brilhou em seus olhos, fazendo-os brilhar como estrelas azuis enquanto o luar prateado iluminava os belos planos de seu rosto. Ele realmente achava que eu poderia derrotar Vasilia. Era a primeira vez que alguém já pensou que eu era melhor do que ela, e tocou algo profundo dentro de mim – muitas coisas dentro de mim.

Respirei fundo, deixando seu cheiro penetrar profundamente em meus pulmões. O aroma de baunilha, frio e limpo, enviou arrepio através de mim, e uma faísca quente brilhou para a vida no meu estômago. Eu não queria falar sobre o futuro e toda a morte que poderia conter. Não, esta noite, eu não queria mais falar nada.

Sua mão estava descansando no topo do muro, e estendi a mão, colocando meus dedos em cima dos dele. Sullivan estremeceu, como se minha mão queimasse, mas não se afastou. Compreensão encheu seu rosto, junto com um toque de diversão.

— Eu pensei que você me odiava, alteza.

— Eu odiava. No início.

Ele arqueou uma sobrancelha. — E agora?

— Estou começando a ver algumas de suas melhores qualidades. Você pode ser bem agradável, Sully. Quando não está me explodindo com magia ou me jogando de costas no ringue de treinamento. — Eu sorri, me aproximei, e inclinei a cabeça para que eu olhasse diretamente para o rosto dele. — Embora existam certas instâncias onde eu não me importaria de ficar deitada de costas com você se aproximando de mim.

Seus olhos se estreitaram e fome cintilou em seu rosto. Eu molhei meus lábios e me aproximei dele... e mais perto... e mais perto ainda...

O calor do seu corpo se misturou com o meu, e respirei fundo, provando seu delicioso aroma. Mais calor se espalhou pelo meu corpo, e pude ver o mesmo desejo brilhando em seus olhos, fazendo-os brilhar mais do que a lua acima. Estendi a mão para segurar seu rosto e puxar seus lábios até os meus...

Sullivan se afastou.

Um momento, nossas respirações estavam se beijando nas bochechas, nossos lábios estavam a apenas uma polegada de distância, e nós estávamos tão próximos quanto duas pessoas poderiam estar sem realmente estar nos braços um do outro. Em seguida, ele recuou, e o ar da noite girou entre nós, no espaço onde o corpo dele estivera. Parecia uma bofetada fria no meu rosto.

— Eu acabei de fazer de mim mesma uma idiota colossal, não é? — Eu não conseguia manter a amargura fora da minha voz.

— Não — respondeu ele em um tom baixo e rouco —, não é uma idiota, absolutamente.

— Então o que há de errado?

Os lábios de Sullivan pressionaram em uma linha fina e apertada, como se não quisesse responder. Mas depois de vários segundos, ele limpou a garganta. — Você será a rainha de Bellona em breve.

— Você pensa... *espera*... que eu seja rainha.

Ele balançou a cabeça. — Não, eu *sei* que você será rainha.

— E então? O que isso tem a ver com esta noite?

Um músculo marcou em sua mandíbula. — Porque eu não ficaria satisfeito com apenas uma noite com você, alteza. Eu *nunca* ficaria satisfeito com isso.

Esperança inundou meu peito. — Não teria que ser uma noite...

Seu riso amargo abafou minhas palavras. — Claro que sim. Porque você será rainha. Você tem alguma ideia do que isso significa?

Eu endureci. — Eu morei no palácio por quinze anos. Sei exatamente o que é ser rainha.

— E eu sei exatamente o que é ser um príncipe bastardo — rosnou.

Compreensão surgiu, afogando minha esperança. Sullivan me deu um sorriso sombrio. Ele poderia dizer que eu estava pensando sobre todas as implicações de me tornar rainha – implicações que eu nunca havia totalmente considerado até agora.

— Assim que você estiver no trono, seus aliados e inimigos irão esperar que você se case — disse ele em uma voz suave. — E casar bem... com alguém com dinheiro, poder, magia, conexões. Alguém que pode ajudá-la a proteger a linha Blair e o futuro de Bellona.

Eu estava tão focada no meu treinamento que não pensei muito sobre o que aconteceria se eu realmente derrotasse Vasilia, mas ele estava certo. Mais cedo ou mais tarde, seria esperado que me casasse e casasse bem.

Uma luz fria encheu os olhos de Sullivan. — Meu pai é o rei de Andvari. Minha mãe tem sido sua amante desde antes de eu nascer. Passei minha infância no palácio real e cresci com o resto dos filhos do rei – seus filhos legítimos.

Pensei no massacre. — Então o príncipe Frederich era seu meio-irmão, e Gemma é sua sobrinha.

Ele assentiu. — Sim. Eu tive os mesmos professores e aprendi as mesmas habilidades, e fui para as mesmas festas que Frederich e meus outros parentes reais, mas nunca fui realmente um deles. Eu nunca fui igual a eles.

Fiz uma careta. Eu sabia exatamente como era isso.

— Então eu fiz uma promessa de que eu nunca mais me deixaria ser tratado assim, que eu nunca me deixaria ser visto como menos do que qualquer outra pessoa só por causa das circunstâncias do meu nascimento. — Ele sorriu, mas a expressão era ainda mais fria que seus olhos. — Nós dois sabemos que os príncipes bastardos não conseguem se relacionar com rainhas.

Eu queria dizer que ele estava errado. Que ele ser um bastardo e eu ser rainha não teria importância. Mas eu não podia dizer as palavras, porque sabia que elas seriam uma mentira.

Sullivan se adiantou e levantou a mão. Por um momento, pensei que ele tivesse mudado de ideia, que me puxaria para perto e me beijaria de qualquer maneira, apesar de suas palavras duras. Mas as pontas dos dedos pararam a um centímetro de distância da minha bochecha, como se eu fosse uma estátua de mármore em um museu que ele não ousava tocar, nem mesmo por um breve momento.

— Você será uma rainha maravilhosa. Gentil, atenciosa, compassiva. Forte, astuta e implacável quando precisar ser. Mas não posso quebrar minha promessa para mim mesmo. Eu *não vou*. Nem mesmo por você, alteza. — A última palavra saiu como um sussurro, mas de alguma forma, quebrou meu coração mais do que se ele tivesse gritado maldições para mim.

Os dedos de Sullivan pairaram no ar ao lado da minha bochecha. Então ele abaixou a mão, deu-me um sorriso triste e foi embora.



Capítulo 27

Na manhã seguinte, nos reunimos no pátio principal para dizer adeus aos Ungers. Mas não estávamos dizendo adeus a todos eles. Eu estava com Serilda quando Xenia, Halvar e Bjarni anunciaram que voltariam para Bellona conosco.

— Tia Xenia nos disse o que você planeja. Ficaríamos honrados em ajudá-la. Um de nós vale por vinte soldados — disse Halvar, uma nota orgulhosa ondulando em sua voz.

Bjarni assentiu. — Você precisará da nossa ajuda quando desafiar Vasilia.

Serilda cruzou os braços sobre o peito e olhou para Xenia. — Voltando a Bellona para nos espionar?

— Eu te disse antes. Eu sou apenas uma espiã quando tenho algo interessante para relatar. — Xenia me olhou. — E eu acho que esse desafio real será muito interessante.

— Eu não acho que *interessante* é a palavra certa para isso — murmurei.

Xenia sorriu. — Veremos.

Ela atravessou o pátio para se certificar de que suas malas estavam devidamente carregadas em sua carruagem. Halvar e Bjarni a seguiram, enquanto Serilda foi falar com Cho e Paloma. Isso me deixou sozinha ao lado das portas, observando todos se prepararem para sair.

Passos soaram dentro do castelo, ficando cada vez mais perto. Minha respiração ficou presa na minha garganta. Eu conheceria seus passos em qualquer lugar.

Um momento depois, Sullivan apareceu na porta.

Ele usava o casaco cinza e tinha uma mochila de couro cinza pendurada no ombro. Restolho escurecia sua mandíbula, seu cabelo castanho estava desgrenhado, e seus olhos estavam cansados, como se tivesse passado uma longa noite sem dormir.

Ele não foi o único. Depois que ele foi embora, eu voltei para o meu quarto e passei o resto da noite deitada na cama, olhando para os ogros no afresco no teto e alternando entre zangada e triste por ele ter me rejeitado. Eu entendia suas razões, mas elas não diminuíram a minha dor e decepção, e certamente não baniram os sentimentos complicados que eu desenvolvi para ele. Talvez a parte verdadeiramente triste foi que sua maldita honra me fez gostar ainda mais dele.

Sullivan parou quando me viu. Eu fiz questão de manter meu rosto perfeitamente em branco e não deixar meus sentimentos verdadeiros aparecerem. Sua mandíbula apertou, como se ele estivesse tendo problemas para afastar suas próprias emoções. Ele acenou para mim e seguiu em frente.

Eu o segui pelo pátio enquanto ele cumprimentava a todos. Ele não olhou para mim novamente, mas eu podia sentir o cheiro da raiva e do arrependimento de menta irradiando dele.

Suspirei. Seria uma longa viagem de volta a Bellona.

* * *

Uma viagem longa? Mais como interminável. Não só as coisas entre Sullivan e eu estavam extremamente estranhas, mas Serilda e Xenia atacaram uma a outra por todo o caminho de volta a Svalin. Ainda assim, nós fizemos um bom tempo, e chegamos ao complexo do Cisne Negro duas semanas depois.

Mas nosso trabalho estava apenas começando.

Assim que voltamos, Serilda escreveu para Vasilia, parabenizando-a por sua próxima coroação e ofereceu os serviços da tropa para adicionar à comemoração. Vasilia respondeu à carta no dia seguinte, dizendo que ela ficaria honrada em fazer a trupe se apresentar.

E assim Vasilia preparou sua armadilha para nós e nós estabelecemos a nossa para ela. O tempo diria qual de nós seria vitorioso.

Sullivan estava certo em uma de suas terríveis previsões. Serilda treinou comigo ainda mais do que antes, trabalhando comigo desde o nascer do sol até bem depois do pôr do sol, todos os dias. Os outros gladiadores se perguntavam o que estava acontecendo, e Cho disse a eles que eu deveria fazer um treinamento especial para Vasilia, já que eu era vencedora do círculo negro. Eu não sabia se os outros gladiadores acreditavam nele, mas todos me davam olhares simpáticos, parecendo gratos por ser a única trabalhando tão duro em vez deles.

Os dias passaram rapidamente, até a noite anterior à coroação. Terminei minha rodada final de treinos com Serilda, tomei um banho e caí na cama. Meus olhos se fecharam e comecei a sonhar, a lembrar...

Eu não sabia quanto tempo fiquei na frente da porta da sala de jogos que Vasilia fechara no meu rosto, ouvindo-a rir de mim através da madeira pesada. Lágrimas vazaram dos meus olhos, mas eu não conseguia me mexer. Não consegui gritar. Tudo que eu pude fazer foi ficar lá e chorar.

Eventualmente, um dos servos veio e me levou para o meu quarto. Só que não era o quarto grande e espaçoso repleto de brinquedos e roupas bonitas no corredor dos aposentos de Vasilia. Não, este quarto estava em um dos níveis superiores, escondido em um canto escuro e deserto, e cheio de roupas de segunda mão e móveis gastos, sem nenhum brinquedo à vista.

E esse foi apenas o começo da minha miserável queda em graça.

No dia seguinte ao meu teste, o Capitão Auster veio ao meu quarto e me disse que eu seria aprendiz de Alvis, o joalheiro real. Auster levou-me ao ateliê do porão de Alvis. O mestre metalstone deu uma olhada em mim, depois voltou para o trabalho dele.

A única que foi gentil comigo foi Isobel, um dos mestres cozinheiros. Ela sentiu pena de mim, a garota que ninguém queria, e me cobriu com doces, tentando me fazer sentir melhor. Além disso, Vasilia e as outras crianças tinham criados para buscar comidas e bebidas, então eles nunca visitavam a cozinha. Pelo menos enquanto estava na cozinha, eu não precisava escutar suas risadas.

Meu desgosto não diminuiu, não realmente, mas com o passar dos dias, outra emoção subiu para juntar-se a isso – raiva. Essa raiva fria e gélida que batia no meu peito sempre que eu olhava para a princesa da coroa, sempre que a via sorrir ou ouvia sua risada presunçosa.

Vasilia não queria ser minha amiga? Bem. Eu mostraria *exatamente* o que ela estava perdendo. Eu ainda era um membro da realeza, ainda uma Blair, e ainda frequentava as mesmas lições, festas e sessões de treinamento que ela. Se não pudesse ser amiga de Vasilia, então eu seria *melhor* do que ela em *tudo*.

Então eu estudei minhas lições e memorizei as danças da festa, treinei com os guardas, e fiz tudo o que pude para superá-la.

E por um tempo, funcionou.

Eu me destaquei nas minhas aulas, especialmente nas línguas e nas danças. Minha frustração era que eu nunca conseguia pegar o jeito de lutar, mas dois dos três não eram ruins.

Vasilia percebeu o que eu fazia. Ela sabia que havia esmagado meu coração e, a princípio, divertia-se ao me ver esforçando tanto para superá-la, para mostrar que era tão boa, tão especial quanto ela. Mas ela lentamente ficou entediada e voltou a me atacar.

Ah, Vasilia não levantou um dedo para me machucar. Ela não precisava. As outras crianças faziam isso por ela.

Elas roubavam meu dever de casa e rasgavam meus papéis. Me faziam tropeçar durante as danças. Perfurava, chutava e cortava com suas espadas durante as sessões de treinamento. Por tudo isso, Vasilia ficou parada e observou com um sorriso satisfeito. As outras crianças já perceberam que agradar Vasilia poderia ser benéfico para elas e seus pais agora, bem como no futuro.

Até as crianças de Bellonan eram muito boas em jogar o longo jogo.

Ainda assim, todas as brincadeiras cruéis, truques e espancamentos apenas alimentaram minha raiva e me fizeram muito mais determinada, e continuei em frente.

Um dia, eu apareci na oficina de Alvis com um olho roxo de quando as outras crianças me agrediram durante o treinamento. Alvis me observou enquanto eu pegava um pano e limpava a sujeira do meu rosto. Isobel havia me dado um saco de gelo e eu o coloquei no olho, assobiando pelo frescor da picada de dor que o frio trouxe consigo.

— Não há futuro na luta — disse Alvis. — Não agora, de qualquer maneira. Os outros pirralhos continuarão batendo em você até que eles tirem o seu espírito.

Assustada, abaixei o saco do olho. Até este ponto, ele havia se comunicado com grunhidos irritados. Esta foi a primeira vez que ele realmente falou comigo.

— Preciso continuar lutando — murmurei com a boca cortada. — Não posso desistir. Eu não posso deixá-la ganhar.

Alvis balançou a cabeça. — Às vezes, não é tanto sobre ganhar como sobre sobreviver. Pare de tentar vencê-la, e Vasilia se esquecerá de você. Você será muito mais feliz e muito menos ensanguentada. Confie em mim.

Demorei mais algumas semanas e várias outras surras, mas acabei aceitando o conselho dele. Oh, eu ainda fiz o meu trabalho escolar, memorizei as danças e treinei com outras crianças, mas não levantei mais a minha mão na aula, e não me ofereci para demonstrar nada. Por mais que odiasse, eu sempre me certificava de nunca desafiar ou ofuscar Vasilia em qualquer coisa.

Alvis estava certo. Depois que ela ficou satisfeita por eu ter aprendido o meu lugar, Vasilia me ignorou. Não, foi pior que isso. Era como se ela tivesse esquecido que eu *existia*, apesar do fato de que eu a via todos os dias. O que, claro, quebrou meu coração de novo e me encheu de mais raiva. Eu não fui boa em ser sua maldita *inimiga*.

Mas não havia nada que eu pudesse fazer para feri-la de qualquer maneira, então eu desisti de tentar machucá-la e comecei a contar os dias até que pudesse finalmente deixar Vasilia e Seven Spire para trás para sempre...

Um alto ronco me acordou. Por um momento, pensei que estava de volta ao meu quarto no palácio dormindo na minha velha cama. Então o ronco voltou e percebi que estava no quartel. Meu corpo inteiro estava tenso, e minhas mãos estavam em punhos nos lençóis, como se eu ainda estivesse lutando contra todas aquelas longas batalhas com Vasilia e as outras crianças. Eu respirei fundo várias vezes e me forcei a relaxar.

Os roncos vinham de Paloma, que dormia em sua cama, assim como as outras gladiadoras. Todo mundo estava descansando para o grande dia de amanhã. Mas eu não conseguia dormir, não com todas aquelas memórias horríveis nadando em minha mente, então me levantei, vesti uma túnica e saí do quartel.

Vaguei pelo complexo, mas todo mundo já tinha ido para a cama, exceto por alguns guardas vigiando o portão da frente. Uma luz queimava na casa de Sullivan, mas eu não ousava bater na porta dele. Eu não desejava ser rejeitada novamente. As luzes queimavam na mansão também, mas eu não queria ver Serilda, Cho ou qualquer outra pessoa, então entrei nos jardins.

Acabei no lago com os cisnes negros.

Os dois cisnes estavam deslizando pela água, assim como estiveram quando Serilda me trouxe aqui depois da competição do círculo preto. Hoje à noite, em vez de comer insetos e plantas, eles nadavam lado a lado, aninhados um ao outro com seus bicos.

Observei os cisnes por um tempo, apreciando suas demonstrações de afeto, então olhei para o palácio.

Seven Spire pairava sobre a cidade, com luzes acesas em todos os níveis. Sem dúvida todo mundo ainda estava trabalhando duro, arrumando os detalhes finais para a coroação. Se tudo corresse de acordo com o plano, Vasilia seria coroada rainha até a meia-noite de amanhã, e todos na tropa do Cisne Negro estariam mortos.

Quando cheguei ao complexo, o pensamento de enfrentar Vasilia novamente teria me enchido com pavor. Eu fui um inútil membro da realeza por tanto tempo que realmente comecei a pensar em mim desse jeito.

Mas eu não era inútil – não mais.

Pensei em todas as memórias que eu tinha de Vasilia de antes do massacre. Quão enganosamente gentil ela foi comigo naquelas primeiras semanas. Como ela bateu aquela porta na minha cara uma vez que pensou que eu não tinha magia. Como ela ficou parada com um sorriso divertido e assistindo enquanto as outras crianças me torturavam.

Eu não podia aceitar o conselho de Alvis. Agora não. Eu não podia ceder a Vasilia novamente. Nem mesmo por um segundo, ou ela me mataria. E não apenas eu, mas Paloma, Serilda, Cho, Xenia, Sullivan e todos os outros com quem eu me importava. Ela já havia assassinado nossa família. Eu não a deixaria matar meus amigos também.

Talvez eu devesse pensar em Bellona e em todas as pessoas inocentes que morreriam se Vasilia declarasse guerra à Andvari. Talvez devesse pensar em meu dever de protegê-los. Talvez eu devesse contemplar as últimas palavras de Cordelia sobre como eu precisava fazer o que era melhor para o nosso reino.

Mas eu não estava pensando em nada disso. Não realmente. Não, eu estava pensando no meu próprio coração partido.

Serilda estava certa quando disse que eu estava com muita raiva. Vasilia era a fonte de muita dessa raiva, e se eu fosse brutalmente honesta comigo mesma, eu não queria matá-la por causa do massacre ou da guerra potencial com Andvari ou para salvar Bellona.

Eu queria matá-la por *mim*.

Por que ela quebrou meu coração tão casualmente. Por todas as coisas cruéis que ela fez comigo desde então. Por todas as inúmeras vezes que ela torturou, dispensou e me ignorou. Eu queria matar Vasilia por tudo isso e mais – muito mais.

E amanhã eu finalmente teria minha chance.

Eu olhei para o palácio por um mais momento, depois afastei meu olhar e voltei ao quartel para conseguir o sono que eu poderia por esta noite.



Capítulo 28

Na manhã seguinte, eu estava em um dos banheiros dos alojamentos, olhando meu reflexo no espelho.

Eu usava couro preto e sandálias de luta, junto com minha espada de tearstone, que estava em sua bainha e presa ao meu cinto. E mais uma vez, eu fui fantasiada para parecer um Cisne Negro, assim como eu fui durante a competição no círculo negro. Apenas em vez de tinta, uma máscara realmente cobria meu rosto hoje.

A máscara era feita de tecido preto e presa a minha cabeça com uma fina faixa preta. Várias filas de minúsculos cristais prateados espalhavam-se pela máscara, dispostas em padrões de penas. Cristais azuis brilhavam os cantos dos meus olhos, também dispostos em padrões de penas, para brincar ainda mais com o tema do cisne. Mais cristais azuis e prateados foram colados no meu cabelo preto, que foi penteado de novo em três nós, todos os quais estavam cheios de penas negras. Para completar a aparência feroz, o batom vermelho sangue cobria meus lábios e o brilho de prata cintilava nos meus braços, mãos e pernas.

Serilda insistiu que usasse a máscara. Ela não queria que alguém me reconhecesse antes de nós chegarmos perto o suficiente para eu emitir o desafio real para Vasilia. Seu raciocínio fazia sentido, mas encarar na máscara meu reflexo distorcido fez meu estômago apertar com preocupação.

Eu ainda não achava que fosse um cisne negro. Mas eu certamente poderia acabar como morta – e assim poderia todo mundo na tropa.

Tantas coisas podem dar errado hoje, e minha morte não seria a pior. Se eu não a matasse, Vasilia faria com que todos na tropa sofressem de formas horríveis, o que eu não queria imaginar, mas não conseguia parar de pensar. Tantas pessoas poderiam morrer. Tantas pessoas poderiam ser abatidas por minha causa.

A ironia da situação também não me escapou. Seis meses atrás, Vasilia estava fazendo exatamente a mesma coisa que eu – planejando matar a rainha. Para se livrar de todos os Blairs e de qualquer outra pessoa que poderia ficar em seu caminho. Assumir Bellona para seus próprios males.

Talvez eu fosse mais parecida com a minha prima assassina do que eu queria admitir.

Um cansaço doentio me encheu, e eu me inclinei e apoiei minhas mãos na pia, deixando a sensação da porcelana fria me estabilizar. Eu poderia fazer isso. Precisava fazer isso. Não só para mim e meus amigos, mas por todas as pessoas inocentes que Vasilia planejava ferir.

Paloma entrou no banheiro. Ela também estava vestida de couro de combate preto, com sua maça cravejada pendurada em seu cinto de couro preto. Seu cabelo loiro foi puxado para trás em uma trança elaborada, e filas de penas douradas brilhavam em seu rosto, ressaltando seus olhos âmbar.

— Está hora — disse ela.

Eu assenti, estendi a mão e peguei a pedra da memória que estava na pia. A opala parecia pesada como um peso de chumbo, mas eu a coloquei no bolso do meu kilt. Minha pulseira de prata com seus fragmentos de tearstone brilhavam no meu pulso direito. Eu não a tirei desde que eu realizara o Tanzen Freund. Eu segui meus dedos sobre a coroa de cacos, depois afastei minha mão e olhei para Paloma.

— Prometa-me uma coisa.

— O quê?

— Se Vasilia me matar, você tirará os outros do palácio. Que você vai levá-los e a si mesma até a segurança. Não faça algo estúpido como tentar me vingar. Ok?

Paloma olhou para mim. O mesmo aconteceu com o rosto de ogro no pescoço dela. — Não seja idiota. Claro que vou vingar você, não importa o quê. Esse é o caminho do gladiador, esse é o *nosso* caminho.

Eu gemi. — Você não está facilitando isso.

— Isso é porque não será fácil — disse Paloma naquele tom de verdade que eu tanto admirava e odiava. — Será uma das coisas mais difíceis que você fará. Mas você *pode* fazer isso, Evie. Então, sacuda-se e vamos matar sua prima vadia antes que ela arruíne mais vidas.

Apesar da gravidade da situação, não pude deixar de rir. — Bem, quando você coloca dessa maneira, você quase faz parecer que será divertido.

Sorri para Paloma, em seguida, passei meu braço pelo dela. Juntas fomos encontrar os outros.

* * *

As carroças estavam esperando do lado de fora da arena. Todos carregaram seus suprimentos e subiram a bordo e saímos.

Não éramos os únicos indo para o palácio, e as ruas estavam cheias de vagões, pessoas, cavalos e gárgulas. Apenas convidados e artistas seriam permitidos em Seven Spire para testemunhar a coroação, mas era tradição as pessoas se alinharem nas ruas diretamente do outro lado do rio do palácio, bem como as pontes que levam ao próprio palácio. Uma vez que a rainha fosse coroada, ela andaria até a beira do gramado real e acenaria para as pessoas abaixo, informando que Bellona estava em boas mãos durante o tempo que ela reinasse. A multidão iria aplaudir e as celebrações durariam a noite toda.

Eu estava andando em uma carroça com Paloma, Halvar, Bjarni e Sullivan. Os três metamorfos de ogro estavam afiando suas armas novamente, mesmo que elas já estivessem tão afiadas quanto poderiam estar. Sullivan tinha seus olhos fechados e as mãos enfiadas nos bolsos do casaco.

Eu? Eu não conseguia ficar parada. Continuava tocando a máscara do cisne negro no meu rosto, minha espada no cinto em minha cintura e a pedra memória no meu bolso, verificando-os uma e outra vez, mesmo que nada tenha mudado desde a última vez que eu havia verificado um minuto atrás.

Alcancei minha espada novamente, mas uma mão fechou sobre a minha, me impedindo.

— Relaxe — disse Sullivan. — Apenas relaxe. Tudo ficará bem.

— Você realmente acredita nisso?

— Sim. E mais importante, eu acredito em você.

Isso foi o máximo que ele falou comigo desde aquela noite em Unger. Eu o vi todos os dias desde então, mas ele acenara com a cabeça e continuara com seus negócios como se nossa conversa no Castelo Asmund nunca tivesse acontecido.

Sullivan olhou para mim. Eu esperava que ele removesse a mão dele agora que tinha feito o melhor para me tranquilizar, mas ele lentamente enfiou os dedos nos meus. Calor me atingiu em seu toque e enrolei meus dedos nos dele. Não falamos depois disso, mas ficamos de mãos dadas enquanto passávamos pela cidade.

Finalmente, a carroça passou por uma das pontes que levavam da cidade sobre o rio até Seven Spire. A carroça parou na praça principal em frente ao palácio e eu espiei pela janela.

Serilda e Cho já haviam saído de sua carroça e falavam com os guardas que cuidavam dos portões. Eles tiveram uma longa conversa, e Serilda mostrou aos guardas os documentos necessários que provavam que ela, Cho e a tropa foram convidados a se apresentar.

Vasilia pode querer a trupe do Cisne Negro aqui para que ela possa nos matar, mas os guardas ainda inspecionaram cada vagão, incluindo o nosso.

Paloma, Halvar e Bjarni ficaram tensos e apertaram as armas um pouco mais apertado enquanto Sullivan enrolava sua mão livre em um punho apertado, pronto para liberar seu raio. Os guardas olharam curiosos para a minha máscara de cisne negro, mas não me mandaram tirar. Um minuto depois, eles se mudaram para o próximo vagão, e dez minutos depois, estávamos rolando pelos portões. Deixei escapar um suspiro de alívio.

Nós estávamos dentro – mas o perigo estava apenas começando.

Os guardas nos dirigiram para um pátio que era usado para comida e outras entregas. Embora fosse um pouco depois das onze horas da manhã e a coroação não aconteceria até esta noite, a área já era um manicômio, com

servos carregando comida, flores, mesas e cadeiras para dentro e fora do palácio, através do pátio, e até mesmo através dos portões. Dezenas de conversas encheram o ar, junto com os altos relinchos dos cavalos e os grunhidos baixos das gárgulas.

Saí da carroça com os outros e reunimos as fantasias, adereços e outros suprimentos para o nosso show.

Serilda usava sua túnica branca com o bordado do cisne negro, enquanto Cho parecia arrojado no seu casaco de mestre do ringue vermelho. Os gladiadores ostentavam couros de combate negros, dado a ocasião especial, e os acrobatas, os caminhantes de arame e outros artistas já tinham vestido suas vestes também.

Os guardas me deram olhares curiosos, imaginando por que eu usava uma máscara, já que nosso show não começaria por várias horas ainda. Então Xenia saiu de sua carroça, e ela se tornou o centro da atenção.

Xenia também usava uma máscara para esconder sua identidade, e a dela era muito mais horrível que a minha. Sua máscara era feita de papel grosso e duro, pintado para parecer o rosto de um ogro, completo com dentes afiados e ensanguentados. A máscara de ogro combinava com a marca de metamorfose em seu pescoço, e mais de um guarda estremeceu e olhou para longe dela.

Nós levamos nossos suprimentos para o palácio. No segundo que eu entrei, o leve cheiro de papel mofado e pedras desgastadas – o aroma único do Seven Spire – encheu meu nariz. Respirei fundo e mil memórias passaram pela minha mente.

Eu só esperava que hoje fosse preenchido com mais boas do que más.

Eventualmente, acabamos em uma biblioteca no primeiro andar. Normalmente, essa área era usada para chás, recitais e outras reuniões, embora hoje tenha sido transformada em uma área de armazenamento e todos os tipos de artistas se amontoavam na sala.

Os Cavaleiros Escarlates, os Espinhos Azuis, as Víboras de Coral. Reconheci os nomes, cores, fantasias e brasões de quando esses gladiadores chegaram à arena Cisne Negro para lutar contra Paloma e os outros. Apesar

de hoje, o clima entre as várias tropas e artistas era de rivalidade amistosa, ao invés do negócio mais sério e lucrativo das lutas da arena.

Alguns dos acrobatas praticavam seus movimentos, enquanto outros olhavam nos espelhos nas paredes e aplicavam sua maquiagem. Magos jogavam bolas de fogo, gelo e muito mais no ar a um ritmo vertiginoso, enquanto caminhantes de arame praticavam seus movimentos nos cabos amarrados no nível do joelho entre as estantes de livros. Conversas transbordaram pelo ar, e os aromas de maquiagem em pó fizeram cócegas no meu nariz, juntamente com dezenas de diferentes perfumes e colônias.

— Ah, Serilda, aí está você — uma voz familiar e maliciosa atravessou o caos.

Olhei por cima do meu ombro. Felton caminhava na direção de Serilda, as botas de salto alto estalando contra o chão, seu cabelo preto e bigode brilhavam, o seu livro vermelho pendurado nos dedos.

Eu não conseguiria me afastar de Serilda sem chamar atenção para mim, então abaixei a cabeça e peguei uma caixa de boás de plumas, como se procurasse a certa.

Felton parou ao meu lado. Ele olhou para mim por um breve momento antes de se virar para Serilda. — Eu estava começando a me perguntar se você iria aparecer.

— Sério? — murmurou ela. — Por que isso?

Apesar do fato de ser vários centímetros mais baixo, Felton ainda conseguiu de alguma forma olhar por baixo nariz para ela. — Porque você está atrasada. A rainha Vasília abomina qualquer tipo de atraso, mas especialmente hoje.

Seu tom superior e repressivo me fez ranger os dentes. Na caixa, minhas mãos se fecharam ao redor do boá de plumas, e fiquei tentada a pegar um, enrolar no pescoço dele e espremer sua vida. Mas eu não podia fazer isso, já que alguns guardas estavam ao redor da sala, de olho em todos. Se o atacasse agora, eu nunca chegaria perto o suficiente para emitir o desafio real a Vasilia. Por mais que eu quisesse matar Felton, obriguei-me a me conformar com as boás de plumas, em vez dele.

— Minhas desculpas — murmurou Serilda.

Felton a olhou, imaginando se ela estava sendo sincera, mas ele deve ter ficado satisfeito por ter colocado-a em seu lugar, porque ele olhou para os artistas. — Parece que você fará um grande show.

— Oh, nós vamos dar a Vasilia e todos os outros algo que eles nunca esquecerão.

Os olhos de Felton se estreitaram com suspeita, mas Serilda deu-lhe um sorriso suave em troca.

Depois de mais alguns segundos, ele abriu o livro vermelho. — Eu queria verificar novamente a lista de artistas...

Felton disse a Serilda que a tropa do Cisne Negro seria a última a aparecer, logo antes de Vasilia ser coroada rainha. Claro que ela nos faria esperar. Sem dúvida, depois do nosso desempenho, ela nos mandaria ao centro do gramado e seríamos executados.

Felton passou por uma lista de nomes. Ele olhou ao redor e começou a fazer pequenas marcas de verificação ao lado dos nomes dos membros proeminentes da trupe, incluindo Cho e Sullivan.

Minhas mãos estrangularam os boás de plumas um pouco mais. O bastardo estava certificando-se de que todos estavam aqui, assim como ele fizera antes do massacre...

Felton se virou para mim. — E eu acho que você é o gladiador que venceu aquela competição de círculo preto que a rainha Vasilia participou há alguns meses?

Minha boca abriu, mas eu não podia arriscar falar por medo de que ele pudesse reconhecer minha voz. Se ele percebesse quem eu era, Felton gritaria pelos guardas, e nossa missão terminaria aqui e agora.

Serilda entrou no meio de Felton e eu. — Sim, ela é o cisne negro. Por que você pergunta?

Ele encolheu os ombros. — A Rainha Vasilia solicitou que você apresentasse apenas seus melhores gladiadores hoje.

Minhas mãos envolveram ainda mais apertadas os boás de plumas. Vasilia só queria ter certeza de que eu seria abatida junto com todos os outros.

— Oh, este gladiador fará uma performance especial apenas para o prazer da rainha — disse Serilda.

Felton deve ter percebido o duplo significado em suas palavras, porque ele lhe deu outro olhar penetrante. Minha respiração ficou presa na garganta. Se ele suspeitasse do que estávamos realmente fazendo, nenhum de nós deixaria esta sala vivo. Os lábios de Felton enrugaram, mas ele não tinha razão para argumentar, já que Serilda estava concordando com suas demandas.

— Excelente. — Ele fez outra pequena marca em seu livro. — Vou deixar vocês se prepararem para a apresentação. Até então.

Serilda inclinou a cabeça para ele. — Até então.

Felton fechou o livro de verificação, girou em torno de sua bota e saiu da biblioteca. Deixei escapar um suspiro silencioso de alívio. Não fomos pegos.

Ainda não.

* * *

Passamos as próximas horas na sala de preparação, fazendo os preparativos finais para o show. Os minutos voaram rápido demais, e antes que eu percebesse, estávamos sendo convocados para o gramado real como a apresentação final.

Sob o olhar atento de vários guardas, saímos da biblioteca e caminhamos pelos corredores. Eu havia viajado por esta mesma rota mil vezes, e tudo era estranhamente familiar e ainda incrivelmente diferente.

A última vez que estive no palácio, as cores vermelhas e douradas de Cordelia e o brasão do nascer sol dominava. Agora, os corredores estavam adornados na fúcsia e dourado berrante, do símbolo de espada e louros de Vasilia, dos estandartes que pendiam do teto até as fitas que envolviam as colunas aos tapetes amarelos sob os pés, tudo foi impresso com um padrão fúcsia que parecia manchas de sangue.

Os guardas nos levaram para a área de apresentação, uma grande sala que ficava perto do gramado real. Os membros da tropa se reuniram, se aquecendo e fazendo alguns ajustes finais em seus trajes e acessórios. Meus amigos se reuniram ao meu redor – Serilda, Cho, Xenia, Halvar, Bjarni, Paloma e Sullivan.

— Todo mundo sabe o que deve fazer? — perguntou Serilda em voz baixa.

Nós concordamos. Nós repetimos o plano tantas vezes que eu poderia recitar enquanto dormia.

Liderados por Cho como o mestre de cerimônias, os membros da tropa realizariam suas rotinas regulares, enquanto Serilda, Xenia, Halvar, Bjarni, Paloma e Sullivan escorregariam pela multidão e discretamente se posicionariam ao redor do gramado. Quando o show terminasse, Halvar e Bjarni se assegurariam de que a tropa chegasse às portas do palácio, e se as coisas corressem mal, eles levariam as pessoas para a segurança. Serilda também dissera a Theroux, Aisha e alguns de seus gladiadores mais confiáveis que poderíamos encontrar problemas, e para estarem em alerta máximo, embora não tivesse dado detalhes.

Uma vez que a tropa estivesse fora da linha de fogo, eu me apresentaria como a gladiadora do Cisne Negro. Tudo caberia a mim na hora, inclusive se todos viveriam ou morriam.

Olhei de um rosto para outro, mas nenhum dos meus amigos mostrou o menor traço de medo. Bem, eu não podia realmente dizer o que Xenia estava sentindo, dada a máscara em seu rosto, mas o ogro em seu pescoço piscou para mim.

Tantas emoções me encheram, como um relâmpago de mago sacudindo através de mim uma e outra vez, mas o que era mais forte que todas as outras era a minha preocupação. Vasilia me derrotou tantas vezes. Eu poderia realmente derrotá-la agora, quando era mais importante? Eu não sabia.

Serilda deve ter percebido minha preocupação, porque ela colocou a mão no meu ombro. Seu olhar azul trancado com o meu. — Você está pronta. Você pode fazer isso, Evie. Eu sei que pode.

Balancei a cabeça. — Mas eu só treinei por alguns meses. Vasilia tem planejado isso toda a sua vida.

— Planejar não é ganhar — disse Serilda em uma voz suave. — Lembre-se disso.

Ela apertou meu ombro e deu um passo atrás. Eu olhei para os outros novamente, e todos assentiram para mim. Havia tanta coisa que eu queria dizer a eles, mas as palavras estavam presas na minha garganta, então fiz a única coisa que podia lhes dizer o quanto significavam para mim.

Fiz um floreio elaborado com a minha mão, em seguida, curvei, executando uma reverência perfeita de Bellonan.

Segurei a reverência por muito mais tempo do que o necessário, muito mais do que o protocolo ditado, antes de subir. Um por um, os outros se curvaram para mim. Serilda, Cho, Xênia, Halvar, Bjarni, Paloma e Sullivan.

Lágrimas picaram meus olhos, mas limpei minha garganta e finalmente consegui dizer algumas palavras. — Até o fim?

— Até o fim — murmuraram todos em uníssono.

Uma batida soou na porta, e uma voz abafada disse que era hora de tomar nossos lugares para a performance.

Era hora... de terminar isso.



Capítulo 29

Saímos da sala de preparativos, descemos um corredor e saímos para o gramado real.

A área em frente às portas estava aberta, exatamente como estivera durante o massacre. Diversas mesas longas de bufês foram colocadas contra a parede do palácio, e as pessoas enchiam pratos com todos os tipos de iguarias, incluindo chocolates pequenos moldados para parecerem pequenas coroas. Além das mesas, as pessoas se reuniam em grupos, compartilhando as últimas fofocas. Servos atravessavam as multidões, distribuindo mais alimentos e bebidas.

Meu olhar varreu a multidão. Senadores, florins, nobres senhores e senhoras. Vasilia convidou todo mundo que era alguém em Bellona para sua coroação. Todo mundo estava vestidos em seus melhores trajes e vestidos de baile e adornados com suas joias mais impressionantes. Os aromas da beleza glamorosa e outras magias irradiavam de seus anéis, colares e pulseiras, e tive que mexer meu nariz para impedir de espirrar pelos aromas fortes.

Finalmente, estudei os guardas. Dois guardas estavam posicionados em cada extremidade das mesas do bufê, com mais alguns vagando no meio da multidão, mas não havia tantos quanto eu esperava. Então mais uma vez, por que Vasilia se incomodaria com dezenas de guardas? Ela pensou que já havia ganhado, que não havia mais ninguém para desafiá-la, e que a cerimônia era uma mera formalidade. E o mesmo aconteceu com os guardas,

a julgar pelas suas expressões entediadas. Alguns deles ainda estavam comendo e bebendo, em vez de estar alerta para o perigo potencial. A falta de guardas me deu uma pequena centelha de esperança. Talvez nós pudéssemos realmente fazer isso.

Finalmente, concentrei-me na peça central da noite – a arena.

As arquibancadas de madeira cinza circundavam grande parte do gramado, criando uma arena na grama. As arquibancadas erguiam-se alto no ar, cada seção marcada por uma bandeira fúcsia que ostentava o brasão de espada dourada e os louros de Vasília. O sol se pôs enquanto estávamos esperando dentro do palácio, e a lua e as estrelas brilhavam no céu. Um crepúsculo azul acinzentado banhava a arena improvisada em uma névoa suave, mas o ar do verão ainda estava quente, apesar da leve brisa.

Felton estava em pé na grande abertura entre as arquibancadas que serviam como a entrada da arena. Ele levantou a mão, nos dizendo para parar, já que outra tropa ainda estava se apresentando. Ele olhou para Serilda e Cho, certificando-se de que eles estavam prestes a entrar na armadilha de Vasilia. Então ele voltou seu olhar para os outros artistas no gramado.

E foi aí que o resto dos meus amigos se moveu.

Um por um, Xenia, Halvar, Bjarni, Paloma e Sullivan escapuliram e desapareceram na multidão. Eu prendi a respiração, me perguntando se Felton poderia notá-los e perceber onde eles estavam indo, especialmente Xenia, que era bastante visível em sua máscara de ogro, mas ele estava focado no que estava acontecendo no gramado. Por enquanto, tudo bem.

Poucos minutos depois, a tropa no gramado terminou sua apresentação com aplausos altos e saudáveis. Os artistas acenaram para a multidão e saíram correndo do gramado.

Nossa vez.

A tropa do Cisne Negro foi anunciada e Serilda desfilou para o deleite da multidão. Ela sorriu e acenou até que todos se acalmassem, então se virou e se curvou para alguém que eu não podia ver, embora soubesse que deveria ser Vasilia.

— Estamos honrados por estar aqui para homenagear uma nova rainha de Bellona — disse Serilda em voz alta. — Alguém que levará nosso reino a uma prosperidade ainda maior.

A multidão zumbiu, intrigada com sua proclamação, já que todos sabiam que a guerra com Andvari era iminente, mas Serilda sorriu através dos murmúrios.

— Mas, por enquanto, oferecemos esse humilde desempenho. Aproveite o show!

A multidão rugiu e Serilda acenou para diferentes seções da arena. A familiar música Calliope começou, e Cho e os artistas correram para o gramado. Serilda caminhou para onde eu estava. Felton a olhou por um momento, depois voltou sua atenção para Cho e os outros.

Serilda tocou meu ombro e eu assenti, dizendo a ela que estava bem. Ela acenou para mim, então escorregou na multidão para assumir sua posição.

Os acrobatas iniciaram seus passos cambaleantes, os caminhantes de arame subiram nas plataformas erguidas em torno do gramado, e os gladiadores se reuniram em suas formações. Ouvir a música e ver as rotinas me ajudou a relaxar. Enquanto eu continuasse pensando nisso como apenas mais um show, eu estaria bem. Pensar no conhecimento de que a minha parte era a mais importante foi o que me encheu de preocupação.

A tropa do Cisne Negro fez uma performance grandiosa, puxando todas as paradas. Os acrobatas tombaram mais rápido e mais longe, os caminhantes de arame fizeram mais curvas e quedas, e os gladiadores cortaram suas espadas e bateram em seus escudos com mais força e mais violência. O show durou mais do que o normal, embora parecesse voar. Muito rápido, os acrobatas pararam de cair, os caminhantes de arame desceram, e os gladiadores baixaram suas armas.

Os artistas saudaram a multidão pela última vez, depois saíram correndo do gramado. Uma batida baixa e ruidosa encheu a arena, e um holofote caiu sobre Cho, que estava em pé no centro do gramado.

— E agora o nosso evento principal! — exclamou Cho, sua voz explodindo como um trovão. — O vencedor da nossa recente competição de círculo negro. O Cisne Negro!

A multidão rugiu, assim como fizeram na arena quando eu matei Emilie. Eu só esperava que eles ainda estivessem torcendo por mim quando tudo isso fosse dito e feito. Respirei fundo, então lentamente deixe sair. Então tirei minha espada da bainha e me concentrei na sensação fria do tearstone na minha mão, me deixando firme.

Hora do show.

* * *

Caminhei para o meio do gramado onde estava Cho. Ele tocou meu ombro, como Serilda havia feito, em seguida, deixou a arena, deixando-me para enfrentar a multidão sozinha.

As pessoas nas arquibancadas gritaram, aplaudiram, assobiaram e rugiram a plenos pulmões. Mas eles não estavam gritando por mim. Não realmente. Não, eles estavam torcendo pelo esporte sangrento que eu representava. Mas este era o meu povo e este era o nosso caminho, então levantei meu queixo, endireitei meus ombros, e inclinei-me para a primeira seção de arquibancadas, depois outra.

Trabalhei meu caminho ao redor da arena até chegar à seção final, que estava situada contra a parede, exatamente onde Cordelia havia morrido e fiz minha inclinação forçada de cisne. Em vez de arquibancadas, um estrado de pedra cinzenta ocupava essa parte da arena.

É aí que estava Vasilia.

Ela estava sentada no trono da rainha, uma enorme cadeira feita de fragmentos de tearstone que fora escavado em Seven Spire e encaixados séculos atrás. Normalmente, o trono ficava no grande salão de baile, que também servia como sala do trono, mas hoje à noite foi colocado no centro do estrado. Os fragmentos de tearstone brilhavam com uma luz suave e leve, a sua cor mudando do mais leve cinza estrelado ao azul mais escuro e vice-versa. As cores inconstantes e os brilhos da luz representavam as linhas de

Summer e Winter da família real de Blair, bem como a força eterna do povo de Bellonan.

Eu nunca prestei muita atenção ao trono, mas meu olhar se fixou no topo da cadeira, e pela primeira vez, percebi que os sete fragmentos irregulares de tearstones azul meia-noite foram arrumados de uma maneira muito deliberada para criar um padrão familiar.

Uma coroa de fragmentos.

— Coroas foscas feitas de fragmentos de gelo — sussurrei a rima de conto de fadas, mesmo que ninguém pudesse me ouvir acima do rugido contínuo da multidão.

Olhei para o brasão por mais um momento, então foquei na minha prima.

Vasilia estava usando botas pretas e leggings, junto com uma túnica fúcsia bordada com seu brasão dourado de espada e louros. Uma espada e um punhal estavam presos em sua cintura e uma pequena coroa de ouro cravejada de diamante rosa repousava sobre sua cabeça. Era a mesma coroa que ela usou na apresentação do círculo preto. Fiquei surpresa que ela não estava usando a coroa da rainha, mas provavelmente ela guardava aquele momento para a coroação oficial.

Eu estava esperando que ela usasse algo muito mais formal, mas a roupa casual fazia sentido. Vasilia não iria querer sujar um vestido de baile na chance que tivesse de perseguir e matar os membros da tropa quando ordenasse aos guardas para nos massacrarem. Talvez ela estivesse planejando matar Serilda e Cho ela mesma, assim como matou sua mãe e irmã.

Apesar de suas roupas casuais e coroa modesta, Vasilia parecia incrivelmente linda. Seu cabelo estava preso, ondas soltas ao redor dos ombros, cada fio cintilando como se fosse feito de ouro polido, e seus olhos azul-acinzentados eram brilhantes e luminosos. Poder assassino combinava com ela. Mas até mais do que isso, ela parecia genuinamente *feliz*, e o largo sorriso que se esticava em seu rosto só aumentava sua beleza. Ela deveria estar feliz, em êxtase mesmo. Estava à beira de conseguir tudo o que sempre quis.

E ela não estava sozinha.

Nox estava descansando em uma cadeira menor e almofadada ao lado dela, parecendo tão bonito como sempre, com seus cabelos dourados e túnica sob medida. Ele deve ter ficado um pouco entediado, já que sinalizou a uma garota que servia para subir no tablado e encher sua taça de vinho. Nox olhou para a garota de cima a baixo antes de piscar para ela. A menina riu e saiu correndo do estrado, mas Nox seguiu seus movimentos, uma expressão faminta no rosto.

Vasilia não pareceu notar seu olhar errante, mas Maeven notou. Ela estava sentada do outro lado dele, e estreitou os olhos para ele em um claro aviso. Nox deu de ombros e bebeu seu vinho. Ele não estava preocupado se Vasilia o pegasse cobiçando alguém.

Os lábios de Maeven pressionaram juntos, mas ela voltou sua atenção para a arena. Ela usava um vestido brilhante que era da mesma cor de púrpura escura que a gargantilha de ametista que rodeava seu pescoço. O seu cabelo loiro estava recurvado no coque de sempre, e ela parecia muito mais majestosa e imponente do que Vasilia, apesar do fato de que a mulher mais jovem era quem usava a coroa. Então, novamente, se Xenia estivesse certa, Maeven também era da realeza, embora fosse uma bastarda, como Sullivan.

Mais uma pessoa estava no palanque, mas ele não estava sentado em conforto relaxado e luxuoso. Este homem estava em pé, rígido e alto, numa jaula de metal revestida de centenas de pontas finas e semelhantes a agulhas. Ele não conseguia se mexer, nem uma polegada, e não conseguia relaxar nem por um segundo, ou os espigões cavariam em sua pele. Era uma tortura cruel e prolongada. Contusões cobriam seu rosto, e sua túnica vermelha suja de sangue seco estava em farrapos em seu corpo magro, como se ele estivesse usando a roupa desde a última vez que eu o vi aqui todos aqueles meses atrás.

Capitão Auster.

Eu não deveria estar surpresa que ele ainda estivesse vivo. Claro que Vasilia esperaria até hoje à noite para executá-lo. Ela também gostaria de fazer um espetáculo dele.

Maeven me encarou e seus lábios enrugaram, como se ela estivesse se perguntando por que eu estava tão interessada em Auster. Eu não podia

permitir que ela me reconhecesse, então, por mais que me doesse, fiz uma reverência na frente de Vasilia.

Segurei a inclinação pelo tempo que era necessário, e nem mais um momento, assim como Serilda fizera, então me endireitei. Vasilia agitou a mão, graciosamente me dizendo para prosseguir.

Esperei a música começar, me sentindo vulnerável e exposta, já que eu não estava carregando meu escudo ou usando minha adaga no meu cinto. Apenas uma espada era necessária para essa rotina, e Serilda achou que pareceria suspeito se eu levasse outras armas para a arena. Então eu aumentei meu aperto na minha espada, esperando que fosse o suficiente, esperando que *eu* fosse o suficiente.

A música brilhou à vida, e ergui minha espada, movendo-me através dos treinos de gladiadores que Sullivan e Serilda passaram muitas horas me ensinando. As coisas que pareciam tão impossivelmente difícil apenas alguns meses atrás eram tão fáceis quanto respirar agora, e executei cada posição com precisão perfeita, bonita e fluida.

Meu olhar cortou de uma seção da arena para a próxima, procurando por meus amigos. Cho estava de pé ao lado de Felton, enquanto Sullivan e Paloma se colocaram atrás de um grupo de guardas. Halvar e Bjarni estavam em pé na frente dos membros da tropa, a quem eles guiaram para as portas do palácio. Serilda e Xenia assumiram discretamente posições atrás dos guardas dos dois lados do tablado real. Tudo ia de acordo com o plano. Agora o resto dependia de mim.

Terminei os movimentos, os últimos acordes da música desapareceram e outra rodada de aplausos calorosos soou. Fiz uma reverência a cada seção da arquibancada e depois encarei a plataforma novamente. Tudo era o mesmo que antes. Vasilia sorrindo, Nox bebendo vinho, Maeven franzindo a testa para mim, Auster em pé dentro de sua gaiola.

Agora ou nunca.

Tirei a pedra da memória do meu bolso. Eu podia sentir o cheiro da magia fluindo através da opala, e mantive controle cuidadoso da minha própria imunidade, para que eu acidentalmente não apagasse a pedra da memória e a verdade chocante que continha.

Os aplausos finalmente acabaram, mas fiquei no meio da arena.

— Eu tenho um presente especial para todos — falei. — Algo que todos vocês vão querer ver, especialmente a mulher que seria nossa rainha.

Segurei a pedra da memória onde todos podiam ver. Então eu inclinei a opala em direção ao gramado vazio e bati na pedra três vezes.

A opala começou a brilhar com uma luz branca pura, assim como as manchas azuis, vermelhas, verdes e roxas na superfície. As manchas rapidamente se uniram ao gramado liso e se aglutinaram em uma imagem sólida – meu rosto.

A partir daí, o massacre aconteceu como na vida real. Gritos e gemidos encheram o ar, mas eles não foram da multidão desta vez. Agora os gritos de todos que morreram naquele dia soaram em seu lugar.

Por fim, minha mão se fechou sobre a pedra e as imagens desapareceram. Bati na pedra novamente três vezes para desativar a sua magia, então a joguei para Cho, por segurança.

Um silêncio atordoado caiu sobre a multidão, e todos olharam para Vasilia, que ficou chocada. Até mesmo Nox e Maeven pareciam assustados. O único que estava remotamente feliz era o Capitão Auster, quem estava radiante dentro de sua jaula.

Vasilia se levantou do trono. A raiva e o embaraço manchavam suas bochechas e um pouco de relâmpago branco estalou na ponta dos dedos, me dizendo como ela estava chateada.

— Qual é o significado disso? — sussurrou.

— Dizer a todos a verdade — falei. — Mostrar a eles o que realmente aconteceu durante o massacre da realeza.

Vasilia abriu a boca, mas eu a cortei antes que ela pudesse negar todas as coisas más que ela fez.

— O capitão Auster e os Andvarians não assassinaram a Rainha Cordelia e os outros Blairs. Isso foi Vasilia, Nox, Maeven e Felton. Eu apontei meu dedo para cada um deles por sua vez. — E coroando Vasilia rainha esta noite, ela os levará a uma falsa guerra contra um reino e um povo que não fez nada de errado. Ela levará vocês a ruína. E para quê? Nada além de sua própria ganância e ambição.

Todos olhavam de mim para Vasilia e vice-versa, e murmúrios inquietos percorriam a multidão. Vasilia percebeu que estava perdendo o controle da situação, ainda mais do que já tinha, e seguiu para a borda do estrado, ainda mais relâmpagos crepitando em seus dedos.

— Que truque é este? — exigiu. — E quem é você para dizer o que aconteceu? Tudo que você tem é uma linda pedra. Todo mundo sabe que a magia pode ser manipulada, projetada para mostrar o que quisermos.

— Eu sei o que aconteceu, porque eu estava lá.

Vasilia respirou fundo e mais murmúrios inquietos soaram. Seu olhar se fechou em mim e eu poderia dizer que ela estava pensando naquele dia, tentando descobrir quem eu era e como eu poderia ter possivelmente sobrevivido. Esperei que o reconhecimento surgisse em seus olhos, mas isso nunca aconteceu. Mesmo agora Vasilia ainda não me via. Bem, ela logo perceberia seu erro.

Eu tirei a máscara de cisne negro e joguei na grama. Olhei para a multidão, virando-me de um lado e para o outro, e deixando que eles olhassem para mim. A maioria das pessoas nas arquibancadas franziu a testa, não me reconhecendo mais do que Vasilia, mas uma voz se elevou.

— Essa é a Lady Everleigh Blair! — gritou um homem.

Escondi meu sorriso. Isso foi Cho, fazendo a sua parte e usando sua voz em expansão para o pleno efeito.

Olhei para Vasilia novamente. Ela olhou para mim por vários segundos, piscando e piscando, como se não pudesse acreditar que eu ainda estava viva, como se ela estivesse desesperadamente esperando que seus olhos estivessem pregando truques nela. Mas eles não estavam, e seu rosto rapidamente endureceu em uma máscara apertada de mal contida de raiva, e mais relâmpagos brilhavam nas pontas dos dedos. Ela queria levantar as mãos e me explodir com isso, assim como havia tentado todos aqueles meses atrás.

— Meu nome é Lady Everleigh Saffira Winter Blair — gritei. — E eu, por meio deste, emito um desafio para você, Vasilia Victoria Summer Blair. Um desafio para determinar quem será a rainha de Bellona. Eu te desafio a uma luta até a morte.



Capítulo 30

Arfadas chocadas percorreram a multidão, mas eu as desliguei e foquei em Vasilia.

Eu passei os últimos quinze anos observando-a, e percebi o exato instante em que ela percebeu quão completamente eu havia fodido com o seu grande momento. Seus olhos queimaram, mais raiva forçou suas bochechas, e relâmpagos estalaram ao redor de seus punhos cerrados. Eu sorri pelo rosto cheio de sua raiva. Agora a cadela sabia exatamente como eu me sentira todos esses longos anos aqui.

A essa altura, todos na arena estavam de pé, incluindo Nox e Maeven no estrado.

— Guardas! — gritou Maeven. — Matem essa mulher! Matem a impostora!

Ergui minha espada, me preparando para uma luta.

Mas isso nunca aconteceu.

Serilda e Xenia se levantaram e bateram suas espadas nas costas dos guardas que Maeven havia ordenado me atacar. Paloma e Sullivan fizeram o mesmo com os guardas que me ameaçaram do outro lado da arena. Halvar e Bjarni levaram os guardas mais próximos aos membros da trupe, enquanto Cho segurou uma adaga na garganta de Felton.

Ainda mais guardas avançaram sobre os membros da trupe, mas Theroux, Aisha e os gladiadores ergueram suas espadas, adagas, lanças e

escudos e se aproximaram para encontrá-los. Os gladiadores cortaram facilmente os guardas que se atreveram a atacá-los, então se mudaram em um círculo apertado, protegendo os acrobatas, caminhantes e outros membros da tropa, e protegendo os seus próprios, como Serilda lhes pedira.

Uma vez pensei que nunca poderia machucar Vasilia, nem mesmo se tivesse um exército à minha disposição. Não percebi naquela época que eu não precisava de um exército.

Tudo que eu precisava era de uma tropa de gladiadores.

Nosso plano funcionou perfeitamente. Em menos de três minutos, meus amigos e os gladiadores despacharam mais de três dúzias de guardas, algo que fez os outros hesitarem.

— O que vocês estão esperando? — gritou Maeven em frustração. — Matem-na! Agora!

Os guardas olharam dos gladiadores para mim e de volta, mas não se moveram para atacar ninguém mais. Eles viram a facilidade com que seus compatriotas foram mortos e não queriam ser os próximos.

— Tudo bem — sibilou Maeven. — Eu farei isso sozinha.

Uma bola de raio roxo apareceu em sua mão, mas Xenia entrou na frente do estrado e tirou a máscara que escondia seu rosto.

— É Lady Xenia! — soou mais uma vez a voz de Cho, fazendo com que mais sussurros chocados ondulassem através da multidão.

Os olhos de Maeven se arregalaram de surpresa. Meu retorno dos mortos era perturbador o suficiente, mas ela não esperava que Xenia estivesse aqui também.

Xenia sorriu, mostrando à maga os dentes pontiagudos que de repente se projetavam da boca dela. Xenia não se transformou completamente, mas ela poderia facilmente fazer isso e atacar Maeven antes da maga conseguir lançar seu raio em mim.

— Você terá que passar por mim para chegar até ela — assobiou Xenia. — E eu ainda te devo pela última vez.

Os olhos de Maeven se estreitaram com fúria, mas ela abaixou a mão, embora aquele raio púrpura continuasse crepitando nas pontas dos dedos, esperando para ser usado.

Com Maeven incapacitada, pelo menos por enquanto, Vasilia voltou sua atenção para mim.

— Como você sobreviveu? — exigiu ela.

— Você quer dizer depois que você me jogou da lateral do palácio com o seu raio?

Mais suspiros e sussurros surgiram através da multidão, junto com alguns murmúrios baixos e zangados. As pessoas não gostavam dessas revelações feias sobre a nova rainha.

Dei de ombros. — Seu raio me jogou para longe das pedras e para o meio do rio. A corrente levou-me junto, mas consegui chegar à costa. Você realmente deveria ter enviado Nox e seus homens para verificar e ter certeza de que eu havia me afogado.

Vasilia olhou para Nox, que encolheu os ombros. Ela olhou para ele por mais um momento, depois se virou para mim.

— Então você sobreviveu. Então você está aqui. E daí? — zombou. — Você realmente acha que você e seus amigos vão me matar? Eu queimarei todos vocês como batatas fritas, cada um de vocês e qualquer outra pessoa que ficar no meu caminho.

Ainda mais relâmpagos crepitavam em torno de seus punhos, e murmúrios inquietos surgiram através da multidão.

— Meus amigos não matarão você... eu vou.

Vasilia zombou de mim novamente. — E como você fará isso, Everleigh? Você nem tem qualquer magia real.

— Parece que sua audição não é tão aguda quanto a sua língua — zombei dela. — Você não ouviu antes? Eu fiz um desafio real para você.

— E daí?

— Então você tem que lutar comigo aqui e agora, ou você perde o trono.

— Isso é ridículo! — assobiou Vasilia. — *Eu* sou a rainha, e ninguém tirará o trono de *mim*. Especialmente *você*.

Encolhi os ombros novamente. — Não é ridículo. É a lei. Você deveria ter prestado mais atenção na aula de história.

Vasilia abriu a boca para me insultar novamente, mas eu me afastei dela e estendi meus braços para os lados, levando o meu caso para a multidão.

— Bellona foi fundada por uma gladiadora — gritei. — E ainda amamos nossos gladiadores e seu esporte sangrento até hoje. Então vamos resolver isso como duas gladiadoras... em uma luta até a morte. O que você diz? Vocês não querem ver qual de nós é realmente forte o suficiente para ser a rainha?

Não planejei o discurso, mas foi muito mais eficaz do que eu esperava. Todos gritaram e assobiaram tão alto que as arquibancadas sacudiram com o rugido ensurdecedor. A comoção continuou até que baixei as mãos para os lados e encarei Vasilia novamente. Os sussurros fortes pararam, dizendo às pessoas para se aquietarem, e um silêncio pesado e expectante caiu sobre a arena novamente.

— As pessoas falaram — disse eu. — Mais uma vez, eu desafio você a uma competição de círculo negro. Bem aqui, agora mesmo.

Vasilia me encarou por vários segundos. Então ela começou a rir.

Sua risada ecoou pelo gramado, e o som ecoou em meus ouvidos da mesma maneira que fizera incontáveis vezes. Eu cerrei os dentes, mas Vasilia viu a raiva, a frustração e as velhas memórias em meus olhos, o que só a fez rir ainda mais alto. Várias pessoas na multidão riram também.

Finalmente, ela parou de rir. — Você realmente está falando sério, não é? — Um sorriso se estendeu por seu rosto. — *Você* realmente quer lutar *comigo* em uma competição de círculo negro pelo direito de ser rainha? Você deveria ir em frente e cortar sua própria garganta. Seria muito mais misericordioso do que o que eu farei com você.

Maeven e Nox se aproximaram dela e Maeven abriu a boca, provavelmente para aconselhar Vasilia a rejeitar minha oferta e ordenar os guardas a me assassinar novamente. Mas Vasilia levantou a mão, cortando a outra mulher.

— Se Everleigh quer me desafiar, então eu aceito — falou ela. — Minha querida prima está certa sobre uma coisa. Vamos ver quem é forte o suficiente para ser rainha.

A multidão rugiu em resposta.

Vasilia sorriu para mim, então se virou e começou a falar com Maeven e Nox. Minha prima obviamente pensava que poderia me vencer, mas eu não descartaria ela tentar trapacear. Ela provavelmente estava dizendo a Maeven

e Nox para me matarem se tiverem a chance, apesar do fato de Serilda e Xenia ainda estarem observando-os.

Mantive minha posição no meio do gramado, minha espada ainda na minha mão. Um por um, eu olhei para os meus amigos ao redor da arena. Halvar, Bjarni, Theroux, Aisha e os gladiadores que protegiam os membros da tropa. Paloma e Sullivan observando os guardas. Cho restringindo Felton. Serilda e Xenia ainda perto do palanque, de olho em Maeven e Nox. Todos assentiram, mostrando mais uma vez confiança em mim.

Agora era hora de eu realmente ganhar essa confiança.

Pensei que Vasilia poderia arrastar o processo, mas menos de dois minutos depois, ela saiu do tablado, caminhou pelo gramado e parou na minha frente, para o deleite da multidão aplaudindo.

Ela desembainhou a espada e girou em torno de sua mão. Eu fiz a mesma coisa com a minha arma, combinando com seu movimento.

Vasilia zombou de mim novamente. — Parece que alguém treinou com Serilda. Você realmente acha que um par de meses com essa pequena espada frágil te ajudará a me vencer?

Balancei a cabeça. — Não treino há apenas alguns meses. Tenho lutado com você toda a minha vida, desde que éramos crianças.

Vasilia riu novamente. — Não é muito uma batalha quando você sempre perde, Everleigh.

— Você pode estar certa sobre isso. Mas mesmo se eu perder hoje, eu ainda ganhei.

— Como assim?

— Eu expus você pelo que realmente é – uma vadia de coração frio que não se importa com nada além de sua própria ambição. As pessoas não vão adorar você. Não mais. Não quando eles sabem que você planeja mergulhá-los na guerra contra um reino inocente. Mesmo se me matar, você nunca ganhará com eles. Eu arruinei seu nome, sua reputação. Eu arruinei *você*. Você realmente acha que alguma dessas pessoas acreditará em uma palavra que você diz? Você realmente acha que algum deles torcerá por você novamente?

Vasilia olhou para as pessoas reunidas nas arquibancadas e ao redor do gramado. Os senadores, os banqueiros, os nobres lordes e ladys. Os servos

do palácio. Os guardas restantes. Antes, eles olhavam para ela com uma combinação de admiração e inveja. Agora, desgosto e escárnio enchiam seus rostos.

Vasilia franziu a testa, como se nunca tivesse ocorrido a ela que as pessoas a tratariam de maneira diferente depois que descobrissem a verdade. Mas quanto mais olhava ao redor, mais ela percebia que havia os perdidos completamente.

— Vamos, Evie! — gritou Paloma, quebrando o silêncio. — Chute sua bunda real!

Uma vez que aquele primeiro grito soou, mais soaram, cada um mais alto que o anterior. Vasilia pareceu confusa e até um pouco perdida. Pela primeira vez em sua vida, a princesa da coroa não era a favorita de todo mundo. Eu era e isso a enfureceu.

A raiva manchava suas bochechas, e seus lábios se voltaram em um grunhido. Seus olhos se estreitaram em fendas, e os dedos se apertaram ainda mais ao redor do cabo de sua espada. Eu estava assistindo Vasilia por um longo, longo tempo, e sabia exatamente o que estava por vir.

Com um grito alto, Vasilia pegou sua espada e me atacou.

* * *

Vasilia ergueu a espada e a abaixou, tentando me matar com o primeiro golpe.

E quase conseguiu.

Eu a deixei muito mais irritada do que eu esperava, e ela colocou todas as suas forças nesse ataque inicial. Mas levantei minha própria espada e consegui bloquear o golpe. Nós ficamos lá no meio do gramado, músculos esticando, balançando para frente e para trás. Nossas espadas rasparam e gritaram juntas em um refrão baixo e sinistro enquanto cada uma de nós tentava obter a vantagem.

— Sabe o que, prima? Fico feliz que você ainda esteja viva — grunhiu Vasilia. — Vou adorar te matar na frente de seus amigos e adorados fãs.

— Engraçado. Eu ia dizer a mesma coisa sobre você — assobiei.

Vasilia rosnou novamente e me jogou para trás, e começamos a dar voltas e voltas, cada uma de nós estudando a outra. Eu bloqueei todo o resto. A multidão gritando. Rostos tensos dos meus amigos. Maeven e Nox ainda estavam de pé no estrado, junto com o Capitão Auster em sua jaula cravejada. Eu bloqueei tudo e foquei em Vasilia.

Pela primeira vez em muito, muito tempo, fui à ofensiva, atacando Vasilia e tentando cortar através de sua defesa. Ela bloqueou cada um dos meus golpes e depois lançou seus próprios contra-ataques, cortando sua espada para mim uma e outra vez. Eu parei seus golpes com a mesma facilidade com que ela havia frustrado os meus e nosso duelo, nossa dança, continuou.

Quanto mais a luta demorava, mais Vasilia começava lentamente a se desgastar. Ela era uma boa guerreira que passou anos aperfeiçoando suas habilidades, mas ela não passou o dia todo, todos os dias, treinando como eu fiz nas últimas semanas. Serilda não estava apenas me ensinando a lutar – ela também estivera construindo minha força e resistência para este momento.

Vasilia era geralmente capaz de acabar com uma briga em alguns movimentos rápidos, e ela não sabia o que fazer quando continuei combinando o golpe dela com outro. Finalmente, suas defesas escorregaram e aproveitei. Eu avancei e tirei a espada da mão dela, lançando-a voando pelo gramado como uma enorme seta. Vasilia observou a espada afastar-se com os olhos arregalados de surpresa. E vi outra coisa em seu olhar, algo que eu nunca vi.

Medo.

Mas ela se recuperou rapidamente. Eu cortei minha espada no ar, tentando acabar com a luta, mas ela se jogou para o lado e rolou pelo gramado agilmente como um dos acrobatas da tropa, embora tenha perdido a coroa de ouro no processo. Eu ainda consegui acertar minha lâmina em seu braço, fazendo com que ela soltasse um grito surpreso, mas ela continuou.

Vasilia pegou a espada da grama e se agachou. Ela olhou para o sangue escorrendo pelo bíceps esquerdo e pingando no gramado. Ela empalideceu um pouco, mas a multidão teve uma reação totalmente diferente.

Eles aplaudiram ainda mais alto.

Medo brilhou em seus olhos novamente, um pouco mais forte e mais brilhante do que antes, mas ela rosnou e foi para a ofensiva.

Vasilia levantou e bateu a espada na minha uma e outra vez, tentando quebrar minhas defesas. E ela finalmente fez. A borda de sua lâmina mordeu meu antebraço esquerdo, me fazendo assobiar com dor. O sangue deslizou pelo meu braço e pingou no gramado, assim como o dela ainda pingava. Mais uma vez, a multidão rugiu em resposta. Eles podem ter se voltado contra Vasilia, mas eles ainda queriam ver um bom jogo sangrento, em todos os sentidos das palavras.

— Você ouviu isso? — gritou Vasilia sobre os gritos estridentes. — Eles querem que eu te mate. Estão me *implorando* para te matar. Você não ganhou nada, Everleigh. Nenhuma coisa!

Não desperdicei respiração preciosa respondendo a sua provocação. Em vez disso, eu me virei, levantei minha espada e ataquei-a novamente.

A ferida no meu braço continuava pingando sangue, mas ignorei a dor pungente e continuei lutando. Vasilia ignorou a sua lesão também, e nós lutamos. Nossas espadas caíram uma e outra vez, embora os aplausos, gritos, rugidos e assobios afogassem os sons ásperos.

Mas quanto mais tempo a luta se arrastava, mais certa eu estava de que ia ganhar.

Pela primeira vez desde que eu vim ao palácio todos esses anos atrás, Vasilia realmente parecia um pouco desalinhada. Sangue, grama e sujeira cobriam suas roupas finas, o esforço manchava suas bochechas de um vermelho brilhante, e o suor escorria pelos lados de seu rosto e encharcava seu cabelo loiro agora liso. Ela manteve engolindo respiração após respiração, como se não conseguisse ar suficiente em seus pulmões, e talvez o pior de tudo, ela perdeu sua linda coroa, que agora estava em algum lugar no gramado.

Eu era uma bagunça suja, ensanguentada e suada, exatamente como ela, mas minha respiração ainda era suave e uniforme, graças ao meu treinamento com Serilda e os outros. Então eu pressionei minha vantagem, passando pelas etapas que eu conhecia tão bem agora. Aquela música fantasma tocava na minha cabeça o tempo todo em que nós estávamos

lutando, mas a batida, o ritmo acelerou e eu aumentei meu ritmo, meus ataques, para combinar com ela. Eu sabia que a música, os movimentos, estavam chegando ao grande final da peça – a morte de Vasilia.

Vasilia continuou engolindo respiração após a respiração, mas ela não conseguia acompanhar o ritmo brutal que eu defini, e mal conseguia bloquear meus ataques. Menos de dois minutos depois, eu derrubei a espada da mão dela pela segunda vez.

Suspiros subiram pela multidão, e Vasilia e eu paramos, só por um momento, para assistir a espada. Desta vez, a arma navegou ainda mais pelo gramado do que antes, muito longe para Vasilia agarrá-la antes de eu cortá-la por trás. Ela também sabia disso, e ela rosnou e recuou. Minha resolução endureceu e eu avancei, determinada a finalmente acabar com isso...

E foi aí que Vasilia desencadeou sua magia.

Relâmpago brilhou nas pontas dos seus dedos, e ela ergueu a mão para trás e então a jogou para frente, lançando um raio branco de magia para mim. Mal tive tempo de me jogar no chão e sair do caminho. Mesmo que eu tenha evitado a explosão, eu ainda podia notar e sentir o cheiro forte pelo ar.

O raio zuniu pela arena, e as pessoas gritaram ao atingir um dos mastros plantados no gramado, cortando a madeira em dois, e fazendo com que a bandeira no topo caísse no chão. Esta bandeira apresentava as cores fúcsia e o brasão de espada e louros de Vasilia, e o tecido fumegava de onde a magia queimara.

Levantei lentamente, minha espada ainda apertada na minha mão.

Vasilia zombou de mim, enquanto mais relâmpagos estalavam em sua palma. O brilho de seu poder combinava com a raiva assassina brilhando em seus olhos. — Eu não preciso de uma arma para matar você, Everleigh. Posso fazer isso apenas com a minha magia.

Ela recuou e jogou outro raio em mim. Mais uma vez, saí do caminho, evitando-o. Desta vez, o raio atingiu a base de uma das arquibancadas, fazendo a madeira queimar. As pessoas sentadas naquela seção gritaram de surpresa e começaram a pular de seus assentos e pelos lados dos bancos, tentando chegar a segurança.

Vasilia jogou a cabeça para trás e riu. Ela queria tanto me matar que não se importava se o seu relâmpago queimasse a multidão também. Eu não queria que os membros da tropa se machucassem, mas não percebi que todo mundo estaria em perigo também. Havia apenas uma maneira de terminar a luta agora.

Eu precisava deixá-la me atingir com seu raio.

Eu não sabia se poderia sobreviver uma segunda vez, dada a raiva dela. Essas duas últimas explosões foram muito mais fortes do que a que ela usou em mim durante o massacre. Mas eu não podia deixar Vasilia machucar qualquer outra pessoa, especialmente as pessoas que eu deveria proteger. Então eu voltei a levantar e movi, de modo que eu estava em pé na frente dela. Ainda segurando minha espada, eu estendi meus braços, assim como fiz quando me dirigi pela primeira vez à multidão. Todos imediatamente se aquietaram, embora eu ainda pudesse ouvir o som de passos enquanto as pessoas continuavam a deixar a arquibancada queimada.

— Continue. Me atinja com sua maga. Me faça cair no esquecimento se você acha que pode.

Vasilia soltou uma risada alta e zombeteira. — Você realmente acha que pode sobreviver ao meu raio? Você pode ter tido sorte uma vez, mas você se tornou bastante arrogante se pensa que pode sair pela segunda vez.

— Você quer matar alguém, então me mate — gritei. — Deixe todo mundo em paz. Eles não têm nada a ver com você e eu. Eles nunca tiveram.

Vasilia olhou para a multidão, que ficou estranhamente quieta e silenciosa. Sua boca torceu com desgosto. — Eles são todos um bando de tolos. Torcendo por você. Pensando que você pode me vencer. Pensando que *eles* podem ficar contra *mim*. Eu vou te matar, e então eu mostrarei a eles exatamente quem é a rainha deles.

Todo mundo ouviu suas ameaças. Algumas pessoas ofegaram, mas as pessoas permaneceram em seus lugares. Eles também tinham medo de se mexer agora por medo de chamar sua atenção e ira.

Levantei meus braços ainda mais alto. — Eu não vou parar você. Vá em frente, prima. Atreva-se.

Se havia uma coisa que Vasilia nunca poderia recusar, era um desafio. Mesmo quando éramos crianças. Era o único jeito que eu sempre soube que ainda podia ficar sob sua pele. Vasilia zombou de mim uma última vez, em seguida, recuou e jogou o relâmpago em mim.

Eu fiquei lá e deixei o raio me atingir no peito.

Por um momento, minha visão ficou completamente branca, como se eu estivesse no meio do raio de Vasilia, vendo-o tremular ao meu redor. Então sua magia me atingiu e comecei a gritar.

E eu não consegui parar.

Vasilia havia me atingido com seu raio antes, quando ela me derrubou do muro para o rio, mas foi apenas uma pequena picada de seu poder. Mas isso – isso foi um total, total ataque frontal por um mago poderoso.

Aquele primeiro golpe me derrubou no chão. Mais uma vez, eu estava deitada de costas com o meu oponente pairando sobre mim, e mais uma vez, não havia nada que eu pudesse fazer para bloquear o ataque que eu sabia que viria a seguir.

Vasilia se adiantou e me acertou com outro relâmpago. E depois outro, e depois outro, até que eu senti como se estivesse no centro de uma nuvem de tempestade. O raio acertou meus braços, do outro lado meu peito e minhas pernas, antes de voltar na direção oposta. Meus dedos tremeram, meus dedos dos pés enrolaram, e todo o meu corpo estremeceu e se agitou. Eu abri minha boca para gritar novamente, e o relâmpago chiou na minha garganta e queimou em meus pulmões.

Através das explosões, pude ver Vasilia se elevando sobre mim, sorrindo amplamente. Eu estava errada antes. Ela não estivera feliz apenas sentada no trono. Não realmente, não completamente. Não, isso, me matar era o que a fez verdadeiramente *feliz*.

A visão de seu rosto presunçoso fez minha própria raiva fria se elevar em resposta. Eu sempre pressionei a emoção, junto com minha imunidade. Fora mais fácil, mais seguro assim. Mas as coisas não eram fáceis no momento, e definitivamente não eram seguras. E eu não queria que elas fossem. Não mais. Pela primeira vez, eu queria que Vasilia – e todos os outros – vissem exatamente quão forte e poderosa eu era.

Então eu peguei a única coisa que poderia me salvar – minha imunidade.

Ignorei a dor ardente pulsando através do meu corpo e me concentrei em minha própria força, meu próprio poder. Alcancei profundamente dentro de mim, trazendo toda aquela raiva fria para a superfície, junto com a minha imunidade. Imaginei envolvendo esse poder em torno dos meus punhos, como se fosse um escudo gelado e inquebrável cobrindo minhas duas mãos. Então, quando eu tinha uma boa pegada na minha magia, usei esse poder em meus punhos para começar a bater no raio, perfurando-o pedaço por pedaço, embora minhas mãos não estivessem realmente se movendo.

Joguei fora o raio zumbindo pelos meus pulmões, e minha respiração ficou mais fácil. Eu martelei nos relâmpagos que envolveram meus braços e pernas, e meu corpo parou de se debater. Eu dirigi através do raio pungente envolvendo minha cabeça, e minha visão clareou.

Oh, o raio ainda estava brilhando, estalando e crepitando ao meu redor, mas na verdade não me tocava mais, graças à minha imunidade. Agora vinha a parte difícil.

Finalmente terminar isso.

Olhei além do raio em Vasilia, que ainda pairava sobre mim, derramando toda a sua magia e energia em me matar. Deixei o ódio enchendo seus olhos alimentar minha raiva.

Ainda segurando minha imunidade, eu rolei de joelhos. Minha espada havia escorregado dos meus dedos quando eu caí no chão, e me arrastei até ela, passando a mão ao redor do punho. Serilda estava certa. A tearstone desviou um pouco da magia de Vasilia, e a sensação da espada na minha mão reforçou minha própria imunidade e ainda me estabilizou, assim como a pulseira de Alvis, que ainda estava em meu pulso. Usando a arma como uma muleta, eu apunhalei a lâmina no chão e me levantei.

Eu estava vagamente ciente da multidão ofegando de surpresa, mas afastei o barulho. Com cada movimento que eu fazia, o raio de Vasilia ameaçava romper o escudo frio e protetor do meu poder, e levou tudo o que eu tinha para empurrar contra sua magia.

Lentamente, muito, muito devagar, eu me virei e a encarei novamente. Vasilia rosnou e me atacou ainda mais com o seu raio, mas eu cerrei meus dentes, enfiei minhas botas na grama e permaneci de pé.

Então, quando me senti firme o suficiente, comecei a andar na direção dela.

Um passo, depois dois, depois três. Minhas botas arrastaram pela grama, junto com a sujeira por baixo, mas consegui colocar um pé na frente do outro, mesmo que ela ainda estivesse me explodindo com magia o tempo todo. Paloma estava certa. Era a coisa mais difícil que já fiz, e a cada passo, eu estava ciente do raio de Vasilia batendo no meu corpo, tentando romper o escudo gelado da minha imunidade e me queimar viva.

Mas não deixei.

Eu não cedi a ela como tantas vezes antes, e não deixei minha magia vacilar, nem mesmo por um segundo. Desta vez, eu continuei lutando do jeito que eu queria por tanto tempo.

Eu me aproximei de Vasilia. Ela piscou surpresa, e mais medo brilhou em seu olhar enquanto um relâmpago saía de seus dedos. Ela rosnou e me acertou com outra explosão, me forçando a parar. Mas minha imunidade extinguiu seu poder e eu prossegui.

Vasilia recuou, ainda lançando raios em mim, mas eu a segui, a cada passo. Finalmente, ela soltou um grito alto e frustrado, puxou as duas mãos para trás e me acertou com cada fragmento de magia que havia lhe restado. Mas minha imunidade extinguiu essa explosão como fez com todas as outras, e mantive caminhando até ela.

Desesperada, Vasilia tentou chamar outro relâmpago, mas apenas algumas faíscas fracas estalaram nas pontas dos dedos. Ela estava sem força, sem magia. Ela tomou uma respiração chocada, mas lentamente abaixou as mãos para os lados.

— Por que… por que você não está morta? — sussurrou.

— Você se lembra do dia do meu teste? Quando o mago disse que eu não tinha magia? Quando você me disse que eu era inútil e bateu a porta da sua sala de jogos na minha cara?

Confusão encheu suas feições. — O que isso tem a ver com alguma coisa?

Eu me aproximei ainda mais dela, abaixando a voz para que só ela pudesse ouvir. — Porque o mago estava errado, e você também. Eu sou imune a magia. Sempre fui.

Seus olhos se estreitaram. — Não importa. Você ainda é inútil, Everleigh. Sua preciosa imunidade não te salvará disso.

Ela estendeu a mão para o punhal no cinto, sua última linha de defesa, seu último recurso. Sua ação desesperada poderia ter funcionado contra qualquer outra pessoa, mas eu havia estudado a traição da minha prima por muito, muito tempo, então eu esperava o truque, e não dei a ela a chance de me machucar novamente.

Eu ergui minha espada e enterrei em seu coração.

Vasilia gritou então, gritou com toda a vida e raiva que lhe havia restado. Olhei nos olhos dela e torci a lâmina mais fundo.

— Você se lembra do que disse ao Capitão Auster depois do massacre? — perguntei. — Porque eu pensei muito nisso nos últimos meses.

Vasilia olhou para mim, dor e lágrimas enchendo seus olhos azul-acinzentados – olhos que eram muito parecidos com os meus.

— Os traidores sempre pagam pelos seus pecados — assobiei.

Eu torci a lâmina ainda mais fundo. Vasilia ofegou, e um grito agonizante escapou de seus lábios, junto com um fino fio de sangue. Ela olhou para mim por mais um momento, depois tombou no gramado com a minha espada ainda enterrada em seu coração.

A rainha estava morta.

Novamente.



Capítulo 31

Eu olhei para Vasilia por um momento mais longo, em seguida, abaixei a mão e arranquei minha espada de seu peito.

Algumas pessoas no meio da multidão ofegaram, e um silêncio tenso e carregado caiu sobre o gramado novamente. Segurei minha espada bem alto, onde todos pudessem ver, assim como o sangue de Vasilia descendo pela lâmina e pingando em mim. Então eu girei a arma na minha mão e abaixei para o meu lado.

Olhei para as arquibancadas, meu olhar se movendo de uma seção para a outra. Cada pessoa estava em seus pés e olhando para mim, uma mistura de horror, medo e admiração enchendo seus rostos. A coroação da rainha não foi como eles previram. De modo nenhum.

— Posso não ser a rainha que vocês esperavam, que vocês queriam — disse eu. — Mas eu sou o que vocês têm. E se qualquer outra pessoa quiser me desafiar pelo trono, fale.

Ninguém disse uma palavra e aquele silêncio tenso e pesado se prolongou e continuou. Mas foi finalmente quebrado por uma fonte surpreendente.

Maeven.

Ela deu um passo à frente do estrado e começou a bater palmas. Nox olhou para ela como se estivesse com raiva. Assim como todo mundo.

— Bravo. — Ela inclinou a cabeça para mim. — Verdadeiramente. Muito bem, Rainha Everleigh.

Eu não sabia dizer se ela estava zombando de mim ou não. — Por que você está me parabenizando? Sua rainha marionete está morta. Não haverá guerra com Andvari agora.

— Veremos. Isto está longe de terminar. Além disso, existem outras maneiras de conseguir o que queremos.

— E o que você quer?

Ela me deu um sorriso fraco. — O que sempre quisemos... tudo.

Suas palavras enviaram um arrepio através de mim. Com o canto do olho, pude ver Serilda e Xenia andando para mais perto do estrado, prontas para atacar Maeven e Nox.

Maeven as viu também, e raios roxos brilharam na ponta dos dedos, muito mais poderosos do que o que Vasilia jogara em mim. Serilda e Xenia pararam e olharam para mim. Eu balancei a cabeça. Eu não sabia o que Maeven estava fazendo, mas não queria que elas se machucassem.

— Você não é a primeira rainha Winter com quem eu lutei — disse Maeven. — Mas você será a última. E quando você estiver morta, Bellona pertencerá a Morta, assim como o resto do continente. Até nos encontrarmos novamente, Rainha Everleigh.

Maeven bateu as mãos juntas. Relâmpago entrou em erupção, junto com grossas nuvens de fumaça roxo escuro que obscureceu o estrado inteiro. As pessoas gritavam de medo e confusão. Eu levantei minha mão contra o clarão brilhante e corri, mesmo que eu não conseguisse ver onde estava indo.

Vários segundos depois, o brilho desapareceu e a fumaça se dissipou. O estrado estava vazio, exceto pelo Capitão Auster, que ainda estava preso em sua jaula cravejada.

Maeven se foi e Nox também.

Minha cabeça virou para frente e para trás, mas não os vi em lugar nenhum. Serilda e Xenia circularam ao redor do tablado e depois correram pelo gramado, mas alguns minutos depois, elas voltaram e sacudiram as cabeças, me dizendo que Maeven e Nox escaparam.

Raiva surgiu através de mim, e eu não queria nada mais do que jogar minha espada na terra. Mas a multidão finalmente se acalmou, e todos me encaravam novamente. Eu parei na frente do estrado, mudando de posição, sem saber o que deveria fazer agora. Eu estava tão focada em matar Vasilia que não pensei no que aconteceria depois disso.

Mas Sullivan pensou.

O mago atravessou o gramado, seu longo casaco cinza girando em torno de seu corpo. Ele parou na minha frente, em seguida, caiu em um joelho. Sullivan inclinou a cabeça para cima, os olhos azuis calorosos e estendeu sua mão para mim.

— Seu povo está esperando que a nova rainha ocupe seu lugar de direito. Por favor, deixe-me fazer a honra de escoltá-la. — Sua boca se curvou em um pequeno sorriso. — Alteza.

Eu assenti e peguei a mão dele. Sullivan levantou e me acompanhou até o estrado. Pensei que ele andaria todo o caminho até lá comigo, mas ele parou no final da escada. Ele curvou-se para mim no estilo andvariano, com o punho pressionado contra o coração, depois se endireitou. Eu sorri para ele. Então, antes que eu pudesse pensar muito sobre o que eu estava fazendo, subi os degraus e caminhei para o meio do estrado.

Eu olhei para o trono, meu olhar focado naqueles sete fragmentos que compunham a coroa no topo da cadeira.

Você tem que viver, a voz de Cordelia sussurrou em minha mente. *Você tem que sobreviver, não importa o que você tem que fazer, não importa quem você tem que enganar e ferir e matar, não importa qual seja o custo para o seu coração e alma. Você me ouve, Everleigh? Você tem que viver. Você tem que proteger Bellona. Prometa-me que você fará isso.*

— Eu prometo — sussurrei, e esperava que ela pudesse me ouvir, onde quer que estivesse.

Olhei para a coroa um momento a mais, depois me virei e encarei a multidão novamente. Todo mundo ainda estava quieto e em pé. Todos aqueles rostos olhando para mim era um pouco opressivo, então me concentrei nos meus amigos.

Halvar e Bjarni, sorrindo amplamente e em pé na frente de Theroux, Aisha e o outros membros do Cisne Negro, que tinham olhares de espanto e confusão em seus rostos. Paloma, também sorrindo, enquanto erguia sua maça cravejada um pouco mais acima em seu ombro. Cho, sorrindo para mim, seu punhal ainda contra a garganta de Felton. Xenia, que havia libertado o Capitão Auster de sua gaiola e o ajudava a ficar em pé. Sullivan em pé no final do estrado, seu olhar fixo no meu.

E finalmente Serilda, também parada no final do tablado, com um olhar satisfeito no rosto e o brilho de lágrimas nos olhos. Eu me perguntava o que ela via agora, que possibilidades, boas e ruins, piscavam diante dela. Parte de mim não queria saber.

Eu não teria chegado tão longe, não estaria aqui esta noite, sem todos eles. Serilda estava certa quando disse que minha raiva me fortalecia, mas meus amigos também. Eu não ia esquecer isso – nunca.

— Evie! — gritou Paloma, e esfaqueou sua maça cravejada no ar. — Rainha Evie! Vida longa a rainha!

O resto da multidão rapidamente pegou seu canto de *Evie! Evie! Evie!*, e logo, meus ouvidos estavam zumbindo com o barulho. Era algo que nunca pensei ouvir, que nunca quis ouvir, mas eu era a única que restava, e eu cumpriria meu dever, assim como o resto dos Blairs, assim como o resto da minha família havia feito.

Até o fim.

Levantei minha espada ensanguentada, depois a abaixei em um floreio e executei a reverência perfeita de Bellonan. Isso realmente fez a multidão rugir.

Segurei a reverência por muito mais tempo do que o necessário, mostrando-lhes o mesmo respeito que eles estavam me mostrando. Então me endireitei, virei-me e sentei no trono, com a espada apoiada no colo.

As pessoas continuavam gritando, aplaudindo, cantando e assobiando, os sons mais altos e mais fortes que nunca. No centro da arena, o corpo de Vasilia estava caído no chão, sua mão ensanguentada esticava-se em direção a sua coroa de ouro, que descansava na grama ao lado dela. Eu

olhei para ela por mais um momento, em seguida, concentrei-me na multidão novamente.

Todo mundo ainda estava aplaudindo, mas algumas pessoas estavam apenas passando pelas comemorações, e eu já podia ver o cálculo rastejando nos rostos de certos lordes e ladys nobres enquanto eles pensavam em como a morte de Vasilia e eu assumir o trono os impactaria.

Maeven estava certa. Isso estava longe de terminar. Estava apenas começando. Maeven, Nox, Felton e Morta não eram meus únicos inimigos. Haveria muito mais, tanto no exterior como aqui em casa.

Hoje à noite, eu aproveitaria esse momento e tudo que eu ganhei. Espremeria até a última gota de prazer e felicidade que eu poderia e os guardaria no meu coração para sempre lembrar. Então, amanhã, eu começaria com o trabalho duro e sujo de garantir o meu trono, arrancar os traidores de Seven Spire e consertar as relações com Andvari.

Eu era uma Bellonan, e era tão boa em jogar quanto todos os outros. E através disso tudo, gostaria de manter uma coisa em mente, a coisa mais importante que Vasilia já me ensinou, e talvez a única coisa que me manteria viva em todas as provações e tribulações vindouras.

Alguém *sempre* queria matar a rainha.